

# SATHYAM SIVAM SUNDARAM

Parte I

A Vida de Bhagavan Sri Sathya Sai Baba  
(1926 a 1961)

N. Kasturi, M.A., B.L.



Tradução e revisão:  
Coordenação de Publicação / Conselho Central / 2007  
Organização Sri Sathya Sai do Brasil

# **SATHYAM SIVAM SUNDARAM**

## **Parte I**

Copyright 2008 © by **Fundação Bhagavan Sri Sathya Sai Baba do Brasil**

Todos os direitos reservados:

**Os direitos autorais e de tradução em qualquer língua são de direito dos publicadores. Nenhuma parte, passagem, texto, fotografia ou trabalho de arte pode ser reproduzido, transmitido ou utilizado, seja no original ou em traduções sob qualquer forma ou por qualquer meios, eletrônicos, mecânicos, foto cópia, gravação ou por qualquer meio de armazenamento, exceto com devida permissão por escrito de Sri Sathya Sai Books & Publications Trust, Prasanthi Nilayam (Andhra Pradesh) Índia.**

Publicado por:

**Fundação Bhagavan Sri Sathya Sai Baba do Brasil**

Rua Pereira Nunes, 310 – Vila Isabel  
CEP: 20511-120 – Rio de Janeiro – RJ  
Televendas: (21) 2288-9508

E-mail: [fundacao@fundacaosai.org.br](mailto:fundacao@fundacaosai.org.br)  
Loja virtual: [www.fundacaosai.org.br](http://www.fundacaosai.org.br)  
Site Oficial no Brasil: [www.sathyasai.org.br](http://www.sathyasai.org.br)

Tradução:

**Coordenação de Publicação /Conselho Central  
Organização Sri Sathya Sai do Brasil**

## SUMÁRIO

1. Sob a Forma Humana
2. *Balagopala*
3. *Natanamanohara*
4. *Gana-Lola*
5. A Colina da Serpente
6. Bala Sai
7. Prasanthi Nilayam
8. Do Cabo até Kilanmarg
9. O Gesto da Mão
10. O Mesmo Baba
11. Nuvem de Chuva
12. Sai, O Mestre Verdadeiro (*Sai Sad Guru*)
13. 'Eu Estou Aqui'
14. O Condutor da Carruagem (*Sarathi*)
15. A Missão Começou
16. Para Você e Para Mim

## NOTA À EDIÇÃO BRASILEIRA

Kasturi utilizou, neste livro, várias citações de personagens e lugares famosos da Índia. Para ajudar o leitor, inserimos notas de rodapé e também no texto.

Os demais termos de uso comum, quando forem intraduzíveis, serão preservados e receberão notas explicativas no pé da página, o mesmo acontecendo com passagens que, mesmo vertidas para o português, demandem explicações adicionais para serem compreendidas.

Dentre os diversos personagens citados, destaca-se *Sri Shirdi Baba* ou *Sai Baba de Shirdi*, que foi a encarnação anterior de Sri Sathya Sai Baba. Ele também terá sua nota biográfica, mas é importante que o leitor saiba desde já de sua existência.

Outra característica importante é atribuir aos primeiros capítulos, títulos referentes à infância do *Avatar Krishna*, sugerindo identidade de comportamento entre Sathya Sai e o Divino Menino. Preservamos esses títulos e oferecemos sua tradução como subtítulos.

***Coordenação de Publicação - 2007***

## ESTE LIVRO

Nasci em uma aldeia desconhecida no Travancore Norte, quando ainda faltavam dois anos e alguns dias para o final do século XIX. Frequentei a escola no Estado de Cochin, administrada por um grande diretor que conheceu o Swami Vivekananda e que acendeu em nossas pequenas lamparinas a chama da oração e da contrição. Fiz a Faculdade em Trivandrum e, após concluir o mestrado em artes e o bacharelado em literatura, consegui um emprego como conferencista em História em uma Universidade de Mysore.

O barco rústico no qual eu, minha esposa e minha mãe viajávamos ao longo dos canais e remansos da Costa Ocidental, na primeira etapa da viagem para pegar o trem em Ernakulam, foi detido depois da meia-noite no meio de águas azuis escuras, por um vigia que gritava ordens da margem. “Para onde vão?”, perguntou na escuridão e esperou pela resposta. O barqueiro, com ótimo senso de humor, gritou de volta: “Vamos para Mysore”. O guarda não estava disposto a reprimir aquela impertinência, pois também tinha senso de humor. Riu e disse: “Por que Mysore? Não conhece nada além de Mysore<sup>1</sup>?”

Mal sabíamos então que, *de fato*, havia um lugar além de Mysore, há algumas centenas de quilômetros ao norte daquela cidade, chamado Puttaparthi, que nos forneceria abrigo das águas turbulentas do mar, onde eu encontraria o Mestre que procurava quando minha carreira como professor e diretor universitário estivesse para terminar. O *yogi* Sudhananda Bharathi, famoso poeta e místico de Tamilnadul (estado ao sul da Índia), afirmou o seguinte, em abril de 1959, dirigindo-se ao público da Conferência Adiátmica na cidade de Venkatagiri, presidida por Sri Sathya Sai Baba: “Pratiquei ioga por mais de 50 anos; observei voto de silêncio durante 20 anos; tive contato com Sri Shirdi Baba, Sri Ramana Maharshi, Sri Aurobindo, Sri Meher Baba e outros. Agora, como resultado de toda essa disciplina espiritual, encontrei Sri Sathya Sai Baba (...)”. Servi como secretário na Missão Sri Ramakrishna em Mysore por mais de dezessete anos; tive contato com Sri Siddharuda Swami, Sri Ramana Maharshi, Sri Meher e Sri Narayana Guru; fui iniciado na repetição de *mantras (japa)* por Mahapurushji, discípulo direto de Sri Ramakrishna Paramahansa e Presidente da Missão; e estou convencido agora de que, como resultado de tudo isso, sentei-me aos Pés de Sri Sathya Sai Baba, em 1948.

Depois de me aposentar da Universidade de Mysore, venho desfrutando da presença de Baba, exceto por um pequeno período quando trabalhei na Rádio All Índia como produtor. Tive a felicidade de estar entre muitos devotos de Baba que tiveram uma ligação mais prolongada e íntima com Ele; aproveitei cada oportunidade de testemunhar Seus Milagres e ouvir Seus Discursos.

Este livro passou por um longo preparo e estou feliz por poder colocá-lo agora em suas mãos. Baba sempre fala da experiência pessoal, e não de livros, como a melhor forma de conhecê-Lo, e esta foi a principal causa dessa demora. No entanto, mesmo inadequado, este livro pode ser útil para revelar ao leitor as razões para a lealdade extraordinariamente íntima que liga a mim e outras pessoas a Ele. O próprio Baba é um livro aberto, sem mistério, pompa ou ambigüidade sobre Si mesmo, e todos podem se aproximar Dele e obter Sua Graça.

Os devotos de Baba podem colocar este livro de lado achando-o supérfluo, porque já conhecem boa parte do que é citado aqui e muito mais. Além disso, podem me culpar pelo tom frio da narrativa, o que é inevitável quando Baba é descrito em palavras impressas. Podem observar também que deixei várias histórias incompletas e omiti vários milagres que, na opinião deles, seriam mais significativos dos que os que selecionei. Peço humildemente a sua compreensão.

Aqueles que não conhecem Baba poderão, por outro lado, me tachar de excêntrico ou coisa até pior. Tenho grande simpatia por essas pessoas, pois eu também contestei, duvidei e desacreditei de todo o sarcasmo encontrado nas novelas, dramas e ensaios que escrevi e publiquei no idioma kanada. Por vários anos, eu também, em meu orgulho estúpido, não fiz nenhum esforço para encontrá-lo. Convido a cada um, agora, para vir e compartilhar comigo a Sua graça e ternura e dar testemunho, como eu, do Divino Poder que Ele personifica. Que este livro seja um marco, guiando toda a humanidade para a nova vida, imersa em *SATHYAM SIVAM SUNDARAM!*

**Dia do Advento: 23/11/1961**

**N. Kasturi**

---

<sup>1</sup> Os canais citados pelo autor devem ser as lagunas existentes entre a aldeia de Kochi (ou Cochin) e Ernakulam, a capital do Distrito de mesmo nome, no Estado indiano de Kerala. A cidade de Mysore se situa centenas de quilômetros ao Norte, no vizinho Estado de Karnataka. A resposta do barqueiro, referindo-se ao destino final dos passageiros, era uma insubordinação que o oficial não levou a sério

"*Sathyam Sivam Sundaram*" Parte I (1926-1960) foi publicado pela primeira vez em 1961. As partes II, III e IV foram escritas e publicadas em anos posteriores, trazendo a história de Bhagavan até 1975. A Parte V tratará dos anos seguintes. Deverão surgir depois as outras partes. Esta primeira está sendo colocada nas mãos dos leitores na forma como foi publicada em 1961.

*Prasanthi Nilayam, 23 de novembro de 1982*

**N. Kasturi**

*Aquele que compreende o significado do Meu Divino Nascimento  
e dos Meus Atos Divinos superará o ciclo de nascimentos e mortes e Me alcançará.*

*Gita, IV-9.*

Ele é o substrato, a substância; a parcela e a soma – *Sat* - Existência; **SATHYAM**.  
Ele é a conscientização, a atividade, a consciência, a sensação;  
a vontade e o realizar – *Chit* - o Conhecimento; **SIVAM**.  
Ele é a luz, o esplendor; a harmonia, a melodia – *Ananda* - a bem-aventurança; **SUNDARAM**.

*Sathyam Sivam Sundaram*, três termos em sânscrito que significam, respectivamente: Verdade, Bondade e Beleza. São atributos divinos que Baba declara serem a Sua própria Natureza e que Kasturi adotou como título desta biografia. Ao longo do livro a razão da escolha será melhor compreendida.

## SOB A FORMA HUMANA

Esta é a história do Senhor, que encarnou em forma humana. Ele nasceu em uma pequena e sossegada aldeia, de nome Puttapparthi, há trinta e cinco anos.

Puttapparthi é um povoado que construiu para si um nicho nos corações do povo local, através de lendas que santificam a memória e histórias que inspiram os jovens. O nome advém de “Putta”, que significa formigueiro onde as cobras constroem sua toca, e “Parthi”, que é uma forma modificada de Vardhini, que significa Multiplicada. Uma lenda assustadora procura explicar a origem deste nome ao pesquisador curioso.

Há muito, muito tempo atrás, a aldeia era conhecida como Gollapalli, ou Casa de Vaqueiros, uma designação remanescente das brincadeiras de Sri Krishna e encantos da música de Sua Flauta. Era a morada de vaqueiros prósperos, e o gado da região era manso, forte e bonito de se ver. As vacas produziam grande quantidade de leite forte e adocicado, de sabor incomparável. Em todas as casas, havia muita manteiga e *ghee*<sup>2</sup>!

Certo dia, um vaqueiro percebeu que sua vaca favorita não tinha leite no úbere quando voltou das pastagens nas colinas. Mais tarde, espreitando de longe seus movimentos, ficou atônito com seu comportamento. Ela saiu do abrigo, deixou seu pequeno bezerro sozinho com as irmãs e se dirigiu em linha reta até um formigueiro nas cercanias da aldeia. Ele a seguiu nessa escapada para testemunhar um espetáculo ainda mais surpreendente! Uma serpente surgiu do montículo e, de pé sobre a própria cauda, gentilmente pôs a boca em torno de suas tetos e sugou todo o leite. Enraivecido com a perda infringida por esse truque, o aldeão arremessou uma pedra e, com mira perfeita, acertou bem na cabeça da serpente. Contorcendo-se de dor, ela lançou uma maldição contra todos os vaqueiros da aldeia, dizendo que aquele lugar seria infestado por formigueiros que se multiplicariam até a vista se perder no infinito. E foi isso que aconteceu. O gado minguou e adoeceu; não conseguia mais ser criado em Gollapalli. Havia formigueiros espalhados por todo o lugar, e o nome logo foi trocado para Valmikipura<sup>3</sup>, pois *valmika*, em sânscrito, significa formigueiro, ou Puttapparthi, em linguajar comum. Naturalmente, isso trouxe alguma satisfação para os membros mais velhos da aldeia, pois Valmiki não é outro senão o santo imortal que cantou a história de Sri Rama e mostrou para a humanidade o Caminho da Perfeição.

Os aldeões ainda mostram, como prova dessa trágica lenda, a própria pedra, pesada e redonda, com uma pequena depressão em um dos lados, com a qual o vaqueiro enraivecido atingiu a serpente enfeitiçada. A pedra possui uma longa lista vermelha, apontada como a marca do sangue da serpente. Na verdade, a pedra é adorada como Gopalaswami, a figura do Senhor Vaqueiro, provavelmente em um esforço para reverter a maldição e ajudar o gado a prosperar. Existe um templo na aldeia construído pelos antigos moradores onde a pedra foi guardada, e gerações de homens e mulheres têm se inclinado, em reverência, diante dela.

O estranho é que essa pedra sofreu um fenômeno revelado por Bhagavan Sri Sathya Sai Baba há alguns anos. Ele ordenou a algumas pessoas que lavassem a pedra e espalhassem pasta de sândalo no lado arremessado; quando isso foi feito, elas conseguiram discernir claramente a figura de Sri Gopalaswami, com a encantadora flauta em Seus lábios, recostado em uma vaca. Alguns camponeses rudes juram, até hoje, ouvir a melodia do sopro de Krishna atravessando o junco reto e oco. A partir daquele dia, a maldição perdeu seu poder maligno e o gado começou a se desenvolver em Puttapparthi!

O baluarte do antigo Forte, que ainda mantém ereta a sua efígie encanecida na parte oriental da aldeia, é a evidência de seu domínio sobre a área circundante e do poder e majestade dos Rajus do lugar. “Com o Chitravathi descendo pelos desfiladeiros e fluindo como um fosso em um dos lados, como uma gema verde em um anel de colinas, com os sinos dos templos ressoando sobre todas as elevações à volta, enriquecida pelo reservatório construído por Chikkaraya, adjacente à cidade que tem o nome de Bukka<sup>4</sup>, famoso Imperador de Vijayanagara, Puttapparthi é a morada tanto de Lakshmi como de Sarasvati, Deusas da Prosperidade e da Sabedoria (...)”. Este é o louvor cantado para esse lugar por um poeta anônimo do passado. Na verdade, Puttapparthi foi o berço de sábios e estudiosos, de heróis e benfeitores. A própria família Raju ficou conhecida por sua religiosidade desde a época do conhecido sábio Venkavadhuta. Eles não apenas construíram e adornaram o Templo de Gopalaswami; está viva na memória a figura do piedoso Sri Ratnakaram Kondama Raju (avô de Sathya Sai), que dedicou um templo a Sathyabhama, consorte do Senhor Krishna, deidade a quem este tipo de homenagem é raramente ofertada em toda a Índia. Ele costumava explicar este tributo incomum a Sathyabhama, dizendo que fora persuadido a erigir o templo por eventos ocorridos durante um sonho estranho.

Sri Kondama Raju viveu mais de cem anos e o autor lembra-se de quantas lágrimas de alegria desciam por aquela face enrugada, sempre que ele se recordava daquela encantadora experiência. No sonho, Kondama Raju viu “Sathyabhama, sozinha, vigilante e desesperada, esperando ansiosamente pelo Senhor, que saíra para lhe trazer as flores *Parijatha*, tão queridas. Os minutos se transformaram em horas e as horas se acumularam em dias, sem sinal

<sup>2</sup> Manteiga clarificada, quando preparada e purificada, que é uma das bases da culinária indiana, também usada como remédio e considerada um alimento sagrado, associado a Krishna.

<sup>3</sup> “Cidade das Formigas” ou “Cidade de Valmiki” (ver texto).

<sup>4</sup> A cidade de Bukkapatnam, vizinha a Puttapparthi. Será citada outras vezes.

de Krishna. Então, Sathyabhama começou a chorar. As lágrimas se transformaram em uma grande tempestade acompanhada de raios e trovões. Felizmente, Seus olhos pousaram sobre Kondama Raju, que passava pelo local, e ela pediu para ele lhe conseguir um abrigo”. Com isso surgiu a determinação de construir um grande templo para a Consorte do Senhor.

Tratava-se de uma alma piedosa, que viveu seus cento e dez anos de existência terrena na contemplação incessante ao Senhor. Era um mestre da música e da arte teatral. Sabia o Ramayana de cor, na versão conhecida como *Lepakshi*, uma série de canções compostas por um poeta procedente dessa localidade, representando os incidentes com imagens dramáticas e luxo artístico. Fazia o papel de Lakshmana<sup>5</sup> em todas as peças do Ramayana representadas em Puttapparthi e em outras aldeias do subdistrito; na verdade, ele era convidado a representar esse papel até em aldeias distantes, pois sua representação da devoção inabalável e da entrega total de Lakshmana tocava os corações de todos que o viam. Ele encenou a peça centenas de vezes, em vários palcos, até que a idade o incapacitou para o papel. Era vegetariano convicto, inclinado a observar todos os votos sagrados do calendário hindu; vivia em uma choupana, perto dos filhos e netos, e sua morada era um verdadeiro *ashram*, onde ecoavam os cantos do Ramayana. Ele se alegrava ao reunir os netos em torno de sua cama para lhes contar as histórias de Deuses e semi-deuses; as crianças também nunca saíam de perto dele, pois ele tornava vivos, diante de seus olhos, todos os personagens e aventuras que encenava para eles, através de maravilhosas peças e cantos!

Podemos ter certeza de que, entre essas crianças, estava Sathyanarayana, que era o favorito do velho avô, pois o pequeno cantava com uma voz afinada e musical e conseguia ensinar, até mesmo ao velho senhor, uma ou duas lições de arte dramática. Havia também uma outra razão pela qual Kondama Raju mostrava uma afeição especial por Sathyanarayana. O pequeno detestava comida não-vegetariana e se afastava quando esses alimentos estavam sendo preparados. O menino, mesmo com seis ou sete anos, também já sabia cozinhar bem. Era tão inteligente e habilidoso que fazia, sempre com alegria e rapidez, os mais saborosos pratos com os escassos produtos da despensa do avô. Baba diz que ia para a cozinha do avô e preparava arroz, legumes e molhos mais rapidamente do que a mãe, que tinha duas filhas para ajudá-la na cozinha.

Nos seus últimos dias, Kondama Raju foi visitado por todos os devotos que apareciam para receber as bênçãos de Sri Sathya Sai Baba, e, quando se esforçava para ficar de pé e aceitar suas reverências, podia-se ver uma ponta de agradecimento por o Senhor ter nascido em sua família. Viveu até a década de 1950 e fez sua passagem de modo pacífico, cantando em voz alta para si mesmo os versos que descrevem o consolo que Sri Rama deu a Vali, o Rei dos Vanaras, quando este estava morrendo. Verdadeiramente, uma vida digna de ser registrada entre as crônicas dos santos.

Sua esposa, Sri Lakshamma, o precedeu na morte em cerca de vinte anos. Era uma senhora muito piedosa, cuja vida era dedicada a seguir o calendário religioso, com sua sucessão de jejuns sagrados, promessas e vigílias. Ela os observava com escrúpulos, apesar das preocupações, das despesas e dos inconvenientes, preocupada somente em acumular as bênçãos das forças divinas, que as escrituras prometiam como retorno dessa disciplina.

Sri Kondama Raju teve dois filhos, e ambos receberam o nome do sábio Venkavadhutha, Pedda Venkapa Raju e Chinna Venkapa Raju. Os dois herdaram o talento para a representação, literatura e música, assim como sua religiosidade e simplicidade. Entre os dois irmãos, o mais moço tinha muitas habilidades tanto nos campos da composição literária quanto no preparo de medicamentos e talismãs seguindo as fórmulas tradicionais.

Uma vez, Pedda Venkapa Raju foi levado pelos pais até a aldeia Kolimigundla, no subdistrito de Koilkuntla, Distrito de Kurnool. A família tinha terras ali, que haviam sido cedidas em arrendamento prolongado, por 20, 30 e até 40 anos, e a visita servia, em um primeiro momento, para se conhecer a área e os inquilinos; mas Kondama Raju tinha também outro objetivo. Havia alguns parentes distantes vivendo naquele local isolado e ele queria trazê-los para mais perto de Puttapparthi. Na verdade, a algumas milhas de Kolimigundla, eles já haviam ouvido falar dos perigos diários que enfrentavam para viver, pois, quando iam entrar na floresta de Parlepalli, alguns bons homens os aconselharam a levar uma escolta: a floresta se tornara um esconderijo de bandoleiros, que, dois dias antes, mataram a sangue frio uma família de seis pessoas que inocentemente cruzara seu caminho. Assim, Sri Subba Raju de Kolimigundla foi persuadido a se mudar para a aldeia de Karnatanagapalli, na outra margem do rio Chithravathi, em frente a Puttapparthi, com uma oferta substancial, que Kondama Raju tinha diante dos olhos. Era nada menos do que o dote de Eswaramma, filha de Subba Raju, como noiva de seu filho mais velho, Venkapa. E assim aconteceu o auspicioso casamento de Pedda Venkapa Raju com Eswaramma.

Esse feliz casal foi abençoado com um filho e duas filhas: Seshama Raju, Venkamma e Parvathamma. Alguns anos se passaram e Eswaramma desejou ter outro filho. Rezou aos deuses da aldeia e realizou rituais de adoração a Sathyanarayana<sup>6</sup>, seguidos de promessas rigorosas e que necessitavam de vigília e abstenção de alimentos.

<sup>5</sup> Irmão e companheiro inseparável de Rama, o personagem principal.

<sup>6</sup> Literalmente: “Espírito da Verdade”. É um aspecto do Deus Vishnu, da Trindade Hindu, a Divindade responsável pela proteção e conservação de toda a Criação.



[Sri Sathya Sai Baba disse certa vez a uma pessoa que lhe pediu para visitar sua casa: “Certamente. Tendo descido até aqui, vindo de Vaikunta - Céu, como não faria uma viagem tão curta?”]

O Senhor no Céu ouviu as orações daquela mãe e decidiu o lugar onde assumiria a forma humana. Ele veio!

## **BALA GOPALA**

### **(O Pastorzinho)**

O corpo físico que o Senhor, uma vez mais, desejou utilizar se formava; ele crescia semana após semana. Insinuações misteriosas da encarnação iminente perturbavam a vida familiar comum de Pedda Venkapa. Por exemplo, havia o som da *tambura*<sup>7</sup>! Como os irmãos e o pai eram muito interessados nas óperas sobre incidentes dos Puranas<sup>8</sup> realizadas na aldeia, e como havia sempre algum ensaio acontecendo em casa, eles tinham uma *tambura* bem grande recostada em uma parede e um *maddala*, ou tambor, no chão, ali perto. Esses dois instrumentos só silenciavam quando os moradores da casa se retiravam para dormir à noite. Mas, quando o nascimento do filho pelo qual Sri Eswarama pedira se tornou iminente, a casa era despertada à meia-noite, e algumas vezes até mais tarde, pela *tambura* soando automaticamente, com o *maddala* marcando o ritmo como se estivessem sendo tocados por mãos de mestre! Foram formuladas várias teorias pelos homens sábios da aldeia para explicar esse fenômeno, mas, como o mistério só aumentasse, Pedda Venkapa Raju foi até Bukkapatnam, onde havia um homem culto em cuja interpretação ele poderia confiar. O sábio disse que era uma ocorrência auspiciosa; significava a presença de uma Shakti, um poder benéfico que conferiria harmonia, melodia, ordem, simetria, elevação espiritual e alegria.

No vigésimo terceiro dia de novembro de 1926, o filho nasceu. Era nascer do sol, e os aldeões cantavam os nomes de Shiva, lembrando que o dia era também *Karthika Somavara*, uma segunda-feira do mês sagrado de Karthika, dedicado ao ritual de adoração a Shiva. Aquele dia se tornara ainda mais auspicioso para a adoração de Shiva, porque a estrela que ascendia era *Ardra*<sup>9</sup>: nessas raras ocasiões, quando o mês, o dia e a estrela coincidiam, eram realizados rituais especiais nos templos do Senhor. O ano era *Akshaya*, “O Que Nunca Declina”, o “Sempre Pleno”.

A mãe tinha acabado de realizar, com alguma pressa, sua adoração a Sathyanarayana de acordo com as promessas feitas, pois, enquanto concluía os rituais, as dores a avisaram de que a hora chegara. Quando Eswarama anunciou as dores do parto, foi enviado um recado a sua sogra, Lakshamma, a piedosa dona da casa; ficou-se sabendo, no entanto, que ela tinha ido até a casa do sacerdote para realizar o ritual de Sathyanarayana. Os mensageiros a encontraram e pediram para ela voltar logo, mas ela tinha tanta confiança na graça de Sathyanarayana, tão firme era a sua devoção, tão disciplinadas eram suas práticas religiosas, que se recusou a se apressar! Mandou avisar que levaria consigo as oferendas sagradas para Eswarama após o ritual, e que de forma alguma interromperia as orações. Terminado o ritual, cumprido com total concentração, voltou para casa e deu para a nora as flores e a água sagrada; Eswarama compartilhou das bênçãos do Senhor. No momento seguinte, o Senhor nasceu. E o Sol surgiu acima do horizonte!

Baba disse que existe um ponto especial a ser observado em relação a esta Manifestação: a encarnação não foi transplantada para o local onde o corpo nasceu, pois Ele escolhera aquele lugar como o centro de Sua missão redentora. Por isso, sem sombra de dúvida, Puttaparathi deve ter ficado duplamente feliz naquela manhã de novembro, pois o *Avatar* (descida da Divindade à forma humana) escolhera aquela aldeia para o Seu nascimento, e também como Sua morada.

De fato, a aldeia que tem o nome de “Prosperidade dos Formigueiros” deu à criança uma recepção apropriada! Havia uma serpente no chão do quarto do menino! As mulheres não a perceberam, mas, quando o bebê, que descansava sobre as cobertas, começou a se mover para cima e para baixo por causa de algo embaixo dele, elas procuraram, encontraram e viram, com a respiração suspensa, uma cobra debaixo do leito. A serpente encenava o papel de *Sesha* - a Serpente Primordial – para *Seshasayi*, Aquele que Se Assenta Sobre Ela<sup>10</sup>!

O bebê superava toda e qualquer descrição de beleza, e não era de admirar! Ele manifestava, ainda no berço, todos os poderes *yogis* que Patânjali diz virem juntos com o nascimento. Baba declarou que sabia onde iria nascer, mesmo antes de Seu nascimento, afirmando que viera ao mundo com todos os poderes milagrosos, que, por Sua Vontade, se manifestariam mais tarde, um a um, quando sentisse que cada um pudesse ser anunciado. Daí que o bebê tinha um halo de esplendor ao redor da cabeça, e seu sorriso exibia uma beleza sobrenatural e um poder celestial que cativavam o coração.

Há alguns anos atrás, Baba afirmou o seguinte: “Não durmo à noite; lembro-me de minhas aparições anteriores e rio comigo mesmo com essas lembranças”. Podemos supor então que os pequenos lírios em forma de sorrisos e os botões de rosas vermelhas de alegria que iluminavam o berço do bebê brotavam das reminiscências de adventos e aventuras anteriores!

---

<sup>7</sup> Instrumento musical indiano, espécie de contrabaixo, de som característico, ondulante, cuja nota grave e sustentada serve de fundo para cantores e instrumentistas.

<sup>8</sup> Narrativas épicas envolvendo homens, deuses e demônios em sua eterna luta do bem contra o mal.

<sup>9</sup> Casa zodiacal da Astrologia Védica que tem 27 *Nakshatras* ou “signos”. *Ardra* corresponde aproximadamente ao signo de Gêmeos.

<sup>10</sup> Referência à imagem de Vishnu como o Senhor do Universo, reclinado sobre a Serpente Cósmica, que Ele utiliza como leito. Essa serpente é uma clara referência ao setor da Via Láctea que pode ser visto da Terra.

O bebê recebeu o nome de Sathyanarayana, pois a relação entre o ritual para aquela forma de Deus e a realização do seu esperado desejo pareceram muito importantes para a mãe. Quando se realizou o ritual *namakaranam*<sup>11</sup>, e o nome foi murmurado no ouvido do bebê, parece que Ele sorriu, porque a sugestão daquele nome deve ter emanado diretamente Dele mesmo! De que outra forma se poderia explicar o fato de que o primeiro requisito para o avanço espiritual agora proposto por Baba seja *Sathya*, a própria Verdade? A personificação e o expoente da Verdade não poderiam ter dado a Si mesmo um nome mais apropriado.

A criança se tornou querida em toda a aldeia de Puttaparthi, e os camponeses e vaqueiros competiam entre si, cuidando, alimentando e brincando com seus cachos sedosos. Seu sorriso cativante atraía a todos. A casa de Pedda Venkapa Raju estava sempre cheia de visitantes que vinham sob algum pretexto e ali permaneciam, em volta do berço, cantando canções de ninar e fazendo carinhos, esquecendo-se de suas vidas monótonas.

Logo a fragrância de jasmim preenchia o ar. Como uma lâmpada acesa, Sathya andava pela casa e os risos ecoavam nas ruas quando Ele balbuciava seu doce vocabulário de sons. Todos notaram, maravilhados, que Ele gostava de ostentar largas faixas de *vibhuti*<sup>12</sup> em sua testa e que insistia em renová-las se e quando elas se apagavam. Preferia também usar um ponto circular de *kumkum*<sup>13</sup> no centro de sua larga testa, embora, por receio de “mau olhado”, sua mãe raramente satisfizesse Seu desejo; por isso o menino tinha que procurar a caixa de pós de Suas irmãs para Ele mesmo fazer a marca.

Ele é Shiva, Ele é Shakti<sup>14</sup>; deve ter tanto o *vibhuti* quanto *kumkum*.

Ele se mantinha sempre longe dos lugares onde os porcos, os carneiros, o gado ou as galinhas eram mortos ou torturados, ou onde os peixes eram apanhados. Evitava as cozinhas e os recipientes usados para cozinhar as carnes. Quando se escolhia uma ave e comentavam que era para o jantar, Sathyanarayana corria e a abraçava junto ao peito como se essa dose extra de amor que Ele dava pudesse induzir os mais velhos a esquecer e poupar a ave. Era chamado pelos vizinhos de *Brahmajñani*, o Conhecedor de Brahma (Deus). por causa desse tipo de aversão e por seu amor por toda a criação. Nesses momentos, o menino costumava se refugiar na casa dos Karnam, pois eram brâmanes e vegetarianos, e comia a comida de Subbamma, a velha senhora que lá residia.

Raramente retaliava quando era maltratado pelos colegas. Informações sobre esses maus tratos chegavam até Seus pais, levadas por colegas que testemunhavam os incidentes, mas nunca por Sathya, que parecia não sentir o menor sofrimento ou desconforto. Falava sempre a verdade e nunca lançava mão dos subterfúgios com que as crianças assustadas tentam encobrir seus erros. Seu comportamento era tão distinto que um brincalhão uma vez o apelidou de “criança brâmane”. Sim, aquela era uma descrição adequada. Mal sabia ele que, enquanto estava em Seu corpo anterior, essa criança, da qual ria agora, declarara em Shirdi: “Este brâmane pode trazer milhares de homens para o ‘Caminho Branco’ e conduzi-los ao seu destino”.

Com a tenra idade de três ou quatro anos, “esse brâmane” se comportava com um coração compassivo que se derretia com o sofrimento humano. Sempre que um mendigo aparecia na porta e pedia esmolas, Sathya parava de brincar e corria para dentro de casa, forçando as irmãs a doar grãos ou alimentos preparados. Os adultos ficavam naturalmente irritados com a procissão interminável de mãos estendidas e perdiam a calma com facilidade. Algumas vezes expulsavam os mendigos aos gritos antes que Sathya pudesse lhes oferecer ajuda. Isso fazia a criança chorar tão alto que somente os mais velhos, trazendo o mendigo de volta, conseguiam fazê-lo ficar quieto. Às vezes, para interromper o que os mais velhos chamavam de “caridade cara e mal utilizada”, a mãe pegava a criança e, com o dedo em riste, dizia: “Veja, você pode dar comida para ele, mas terá que passar fome”. Isso não assustava o menino, que entrava em casa e trazia comida para o faminto parado diante da porta, ficando Ele mesmo sem jantar ou almoçar. Nada nem ninguém conseguia persuadi-lo a pegar o prato, que era deixado intocado!

Mas o pequeno tinha um certo visitante misterioso que o alimentava! Quando se recusava a comer durante dias, seus movimentos e atividades não demonstravam sinais de fome. Declarava que tinha comido, dizia Eswarama. Dizia que um vovô, um homem idoso, o alimentara fartamente com bolas de arroz e leite. O estômago cheio era uma comprovação disso. Além disso, a criança se dispunha a dar uma outra evidência indiscutível: levantava a mão direita para que a mãe cheirasse. E ela inalava daquela pequena palma a fragrância de *ghee*, leite e coalhada, de um tipo que nunca sentira antes. Mas o mistério perdurava. Quem era esse vovô, o visitante invisível que alimentava a pequena criança?

Quando Sathya começou a correr pelas ruas, buscava os aleijados, cegos, enfraquecidos e doentes, e os levava pela mão até a porta da casa dos pais, e as irmãs tinham que descobrir alguns grãos ou iguarias na despensa ou na cozinha para colocar na tigela dos mendigos, enquanto o “pequeno mestre” observava contente.

<sup>11</sup> Ritual realizado na Índia, quando se dá o nome ao bebê; em geral, escreve-se o mesmo sobre sua língua, com mel.

<sup>12</sup> Cinza sagrada. As faixas em questão são horizontais, em número de três, características dos devotos de Shiva.

<sup>13</sup> Cúrcuma. Pó vermelho cujo uso também tem conotações religiosas para os Hindus. É uma marca distintiva das mulheres casadas e também simboliza a Mãe Divina (ver nota seguinte).

<sup>14</sup> Shiva e Shakti são o Divino Casal, o Pai e a Mãe Celestiais. O autor interpreta que os símbolos ostentados pelo pequeno eram uma forma Dele indicar Sua origem divina.

Sathyanarayana era tão usado por todos os pais e mães como exemplo para as crianças que elas começaram a chamá-lo de “Guru”. Os pais souberam disso através de estranhas circunstâncias. Era Ramanavami<sup>15</sup> e, já tarde da noite, a procissão seguia seu caminho em torno da aldeia. Uma grande pintura de Sri Rama foi colocada sobre um carro de bois enfeitado com flores, e o sacerdote sentava-se nele para que as guirlandas de flores oferecidas pelos moradores enfeitassem a pintura, e a cânfora ofertada fosse devidamente queimada e incensada diante do quadro. Os flautistas e percussionistas acordavam os aldeões sonolentos e o cortejo prosseguia pelas ruas tortuosas.

De repente, as duas irmãs descobriram que o pequeno Sathya não estava em casa, e mandaram procurá-lo. Os homens correram apressados, pois já passava da meia-noite. Mas sua atenção foi distraída naquele exato momento, pela passagem à sua porta do carro de bois com Sri Rama! Quando os parentes de Pedda Venkapa Raju chegaram à porta, ficaram surpresos ao ver Sathya, então com cinco anos, sentado sobre o carro, debaixo do quadro, muito bem vestido e com uma autoridade evidente! Perguntaram às pessoas por que Ele estava sentado ali, no alto, e não acompanhando os outros na rua. A resposta veio rápida: “Ele é o nosso Guru!” Sim... Ele é o Guru das crianças de todos os climas e de todas as idades!

Havia uma pequena escola primária na aldeia de Puttaparthi, e Sathya a freqüentava com os colegas por algo mais nobre do que aprender a soletrar e escrever. A escola, naquela época, adotava um esquema interessante de punição para assegurar a pontualidade. A criança que tivesse a sorte de chegar primeiro e saudar o professor, assim como a que chegava em seguida, estavam livres da punição, mas os alunos, por qualquer que fosse a razão, legítima ou não, que chegassem depois sentiam o peso da vara: o número de vergões dependia do lugar na lista dos retardatários. Quanto mais tarde, pior. Para escapar dessa tortura, as crianças se reuniam sob os beirais do prédio da escola muito antes de o sol nascer, sob chuva ou nevoeiro. Sathya viu essa situação difícil e se solidarizou com os colegas que tremiam de frio. Ele lhes trazia camisas, toalhas e *dhotis*<sup>16</sup> de casa, e os cobria, deixando-os confortáveis. Os adultos em casa descobriram e, como nada podiam fazer, trancaram nos baús as roupas que não podiam se dar ao luxo de perder.

Sathyanarayana era uma criança precoce, que aprendia mais do que qualquer um pudesse ensinar, e de modo muito mais rápido do que a maioria. Podia cantar todas as canções e hinos ensaiados em casa para as encenações na aldeia e até compôs, com a idade de sete ou oito anos, canções comoventes, que foram incorporadas, de bom grado, pelo elenco, às suas apresentações em público!

---

<sup>15</sup> Dia em que se comemora o nascimento do *Avatar Rama*.

<sup>16</sup> Corte de tecido usado como vestimenta pelos homens, atado à cintura de forma elaborada, como uma espécie de equivalente masculino do *sari*.

## **NATANAMANOHARA**

### **(O Dançarino Arrebatador)**

Com a idade de oito anos, Sathya foi declarado pronto para ir para a Escola Elementar Superior em Bukkapatnam, cerca de quatro quilômetros de distância de Puttaparthi. Tinha que enfrentar com dificuldade a distância, sob sol ou chuva, passando por morros pedregosos ou campos alagados, ou atravessando caminhos com água até o pescoço e com a sacola de livros na cabeça, conforme a estação do ano. Precisava sair cedo, logo após uma refeição de arroz frio e coalhada ou de arroz e *ragi* (cereal rústico típico da região) cozidos, e chutney (delícias que Ele ainda lembra). Levava na mochila a refeição da tarde e caminhava regularmente até Bukkapatnam com os colegas.

“Foi meu aluno na oitava série”, conta Sri B. Subbannachar, em um livro publicado em 1944. “Como aluno, era um menino simples, sem ostentação, honesto e bem comportado”, acrescenta. “Sem ostentação!” Com que enorme autocontrole Baba deve ter suprimido Seus inúmeros poderes divinos, aguardando que o mundo estivesse pronto para o Anúncio! Sri V.C. Kondappa, outro professor, que mais tarde reverenciou o aluno como o *Avatar* Divino, conta no mesmo livro: “Era muito obediente e simples. Nunca falava mais do que o mínimo necessário. Chegando mais cedo na escola, ele costumava reunir as crianças, instalava alguma imagem ou quadro e, com flores que trazia consigo, conduzia uma cerimônia, fazia o *arathi*<sup>17</sup> e distribuía *prasada*<sup>18</sup>. Os meninos se reuniam em torno Dele para ver as coisas que “tirava” da sacola vazia. Quando lhe perguntavam, dizia que uma certa *Gramma Shakti*, ou Energia ou Poder da Natureza, obedecia à sua vontade e lhe dava tudo o que queria!”

Uma vez, um dos professores experimentou a força desta “*Gramma Shakti*” (!). Em geral, Baba permanecia desatento durante as aulas, ocupado principalmente no que mais tarde descreveu como composição de *bhajans* e *Ashtotharasathanamavalis*<sup>19</sup>, copiando-os para distribuir entre os colegas. Um dia, o professor descobriu que Sathya não estava anotando o que ele ditava: “Ele está dando um mau exemplo para a turma toda”, pensou, e então gritou: “De pé todos os que não estão tomando notas”. Bem, Sathya foi o solitário culpado que se levantou. O professor lhe perguntou por que não estava anotando e Sathya respondeu de modo direto e inocente: “Senhor, para que anotar? Compreendi o que você disse. Faça qualquer pergunta e eu responderei corretamente”. Mas o orgulho do professor foi ferido. O menino deve ser punido por isso, pensou ele. Então, ordenou que Sathya ficasse de pé sobre o tablado até soar a última campainha do dia. Sathya obedeceu e toda a turma baixou a cabeça em tristeza. Nenhum menino queria ficar sentado na classe com o “*Guru*” de pé, desconfortável, na mesma sala. O sinal de término da aula tocou e o professor da aula seguinte chegou.

Era Janab Mahbub Khan, que amava e respeitava acima de tudo o menino Sathya. Baba até hoje chama Mahbub Khan de *Pavithra Atma*, uma alma altamente evoluída! Ele ensinava inglês e seu modo de agir e ensinar era tão cuidadoso e atraente que parecia que todos os alunos sabiam as lições de cor. Era um velho solteirão e tratava Sathya com uma afeição especial, lembrando o faquir que cuidou de Shirdi Sai<sup>20</sup>.

Ele oferecia doces e iguarias ao menino, persuadindo-o com vários artifícios. Dizia que a sua casa era especialmente limpa no preparo das refeições, porque sabia que Sathya não comeria nada que tivesse contato, ainda que remotamente, com pratos não-vegetarianos. Dizia que ele mesmo ainda não havia comido porque desejava que Sathya provasse antes. Sentava-se por longos períodos em silêncio, acariciando o cabelo de Sathya e murmurando para si: “Ó, Sathya, você é um menino maravilhoso. Ajudará milhares de pessoas, tem grande poder”.

Quando Mahbub Khan entrou na sala, ficou chocado ao encontrar Sathyanarayana sobre o tablado e o outro professor ainda sentado na cadeira. Perguntou ao outro mestre por que não tinha saído ainda. O professor sussurrou que, quando se levantava, a cadeira se levantava junto. Na verdade, ela estava grudada nele, e ele não sabia como nem por quê. O sussurro foi compreendido pelos alunos, que riram do embaraço do professor e disseram que isso tinha acontecido devido ao “encanto mágico” de Sathya. O professor também suspeitava disso e Mahbub confirmou as suspeitas. Pediram que o menino descesse e imediatamente a cadeira se soltou, e o professor pôde se mover sem o embaraço de ter uma mobília presa a ele! Anos mais tarde, enquanto contava a história, Baba disse que não desejou fazer aquilo por raiva do professor, uma vez que Ele não sentia raiva, mas apenas para demonstrar a Si mesmo e, gradualmente, preparar as mentes dos homens para o anúncio da Sua Missão e Identidade.

O pequeno “Príncipe Encantado”, mesmo com pouca idade, já era o “guru” das crianças da aldeia. Fiel ao apelido de “Conhecedor de Brahma”, que recebera devido à sua natureza *sátvica*, demonstrava, por preceitos e exemplos, que as pequenas alegrias deste mundo limitado são bem inferiores à bem-aventurança que a oração e a concentração

---

<sup>17</sup> Ritual do fogo, acompanhado de cântico de louvor à Deidade à qual é oferecido. A oferenda consiste em girar um recipiente contendo tabletes de cânfora em chamas ou lamparinas de óleo em torno da estátua ou pintura do ídolo reverenciado.

<sup>18</sup> Alimento Consagrado – iguarias oferecidas a Deus em um altar durante um ritual de adoração e, depois, partilhadas entre os participantes.

<sup>19</sup> Coletâneas de 108 Nomes ou Louvores a Deus. Seu cântico relembra ao devoto 108 qualidades ou atributos da Deidade adorada (o Compassivo, o Onipresente, o Protetor, etc.)

<sup>20</sup> Provável referência ao mestre de Shirdi Sai Baba que o adotou como discípulo e o abrigou em sua residência, da infância ao início da maioridade.

podem oferecer, e que a renúncia e o contentamento podem dar. Ele gostava apenas das histórias de santos que desfrutavam essas experiências.

Os filhos de Kondama Raju e uma de suas filhas viviam todos juntos, e Sathya, com isso, cresceu em meio a dezoito ou vinte crianças, como Krishna, em Brindavan. Era necessário ser uma criança asseada e honesta para ganhar o apreço de Sathya e as balas que ele tirava de sacolas vazias. O próprio Sathya era o exemplo. Kondama Raju contou certa vez a este escritor que, quando um alfaiate foi chamado para fazer camisas para todas as crianças, utilizando vários tecidos coloridos trazidos de Bukkapatnam, Sathya teria dito: “Que todos escolham o tecido que quiserem. O que sobrar está bom para mim”.

Lembro-me agora de outra frase que Ele disse há alguns anos em Prasanthi Nilayam. “Não possuo terras que possa chamar de minhas nem onde plantar Meu alimento; cada pedaço já está registrado em nome de alguém. Assim como as pessoas sem-terra esperam que o açude da aldeia seque para que possam arar e rapidamente plantar alguma coisa para si, Eu também cultivo Meu alimento, ou seja, a alegria, nos canteiros secos dos corações aflitos”. Kondama Raju, naturalmente, não compreendeu na época o significado da atitude de renúncia de Sathya – simplesmente sentiu-se orgulhoso!

Mesmo criança, Sathya era contra todos os esportes e jogos que provocassem crueldade ou dor. Não permitia que seus companheiros testemunhassem a corrida de carros de boi nas areias do leito do rio, realizada anualmente no festival conhecido como Grande Ekadasi, pois não podia aceitar que as pessoas puxassem as caudas dos animais e os espetassem com varas, feitos somente para glória do dono dos animais. Eu me lembro, anos mais tarde, Dele chamando de volta para Prasanthi Nilayam, durante a noite, um grupo de devotos que tinha partido em um carro de bois. Estavam atravessando o rio para pegar os carros estacionados em Karnatanagapalli, na outra margem. Baba acenou dando-lhes Sua bênção e eles entraram no carro, saíram pelo portão principal e entraram na estrada. Então, ele enviou alguém para trazer de volta o devoto. Eu O ouvi ordenar ao devoto: “Escute! Quando vocês chegarem à margem, devem descer e caminhar; os bois não devem ser forçados a transportar todo esse peso pelo rio, compreendeu?”. Baba condenava as armadilhas para capturar ursos, brigas de galos e outros entretenimentos vis semelhantes, como o “*guru*” de Seu grupo.

Quando um cinema itinerante armava sua tenda, naquela época, em Bukkapatnam ou Kothacheruvu, causava uma agitação que se espalhava por quilômetros de distância, e o povo da aldeia sacrificava suas magras economias para pagar as entradas e ver o máximo de filmes possível. Pedda Venkapa Raju se ofereceu várias vezes para levar Sathya junto com outras crianças, mas Ele protestava e se recusava. Falava dos ideais degradados dos filmes, de como vulgarizavam os deuses e tornavam a música uma desordem. Que exibiam somente o lado desagradável da vida em família e louvavam a crueldade, a esperteza e o crime. Até hoje Baba é um crítico incansável das artes, especialmente da literatura e do cinema, que, propositalmente, lançam ideais por terra para ganhar dinheiro.

Quando tinha mais ou menos dez anos, Sathya formou, na aldeia de Puttaparthi, um grupo *Pandari* de bhajans, como os que existiam nas aldeias vizinhas. O grupo consistia em dezesseis a dezoito meninos, uniformizados com roupas de cor ocre, portando uma bandeira em uma das mãos e tornozeleiras com sinos. Todos dançavam ao som de músicas folclóricas e baladas que descreviam, de forma simples e poeticamente tocante, o anseio dos peregrinos pela Bênção de *Panduranga*<sup>21</sup>, os sacrifícios da longa peregrinação, sua ansiedade para chegar ao santuário, sua alegria com a visão do pináculo do templo, etc. Sathya ensinou às crianças essas e outras canções. Adicionou algumas canções devocionais Suas, nas quais as *gopis* se queixavam a *Yasoda* das constantes travessuras de Krishna<sup>22</sup>. *Yasoda* repreendeu Krishna pelo roubo e pelo mau comportamento, e Krishna jurou inocência. Com *Yasoda* e Krishna no centro do círculo e as *gopis* dançando em volta, a peça era uma grande atração na aldeia. O próprio Baba fez o papel tanto da mãe quanto do filho, e Suas danças, texto e música aumentavam o encanto com o desempenho do grupo.

Observou-se também que Ele acrescentava a esses temas tradicionais canções falando de uma peregrinação a um novo santuário do qual ninguém tinha ouvido falar, e sobre a majestade de uma nova Deidade que ninguém fazia a menor idéia de quem fosse: Shirdi e Sai!

“Sai Baba? Sai Baba de Shirdi? Quem seria? Como esse menino fora inspirado por aquele faquir muçulmano?”, se perguntavam os mais velhos, enquanto as crianças dançavam nas ruas.

O grupo recolhia uma contribuição mensal de um centavo de cada casa, gastando a quantia na compra de óleo para a lamparina que carregavam consigo enquanto desfilavam pela aldeia, em arroz tostado, que davam a todos como alimento sagrado, e em varetas de incenso, cânfora e outros artigos necessários à cerimônia. Nas noites de Festival, conseguiam quantias maiores, digamos dois centavos e, com orgulho, traziam uma lamparina de querosene desde Bukkapatnam. Os filhos de Chinna Venkapa Raju e outras crianças providenciavam o acompanhamento musical.

<sup>21</sup> Um dos muitos nomes de Krishna.

<sup>22</sup> Referência a um episódio da infância de Krishna em que Ele invadia as casas das pastoras (*gopis*) e derrubava os potes de manteiga para comer até se faltar, e as donas-de-casa vinham se queixar à mãe adotiva do menino. Esta é uma passagem muito popular da história do *Avatar* Krishna.

Naturalmente, Sathya era a figura central do grupo, como organizador, tesoureiro, professor, compositor e cantor principal. Encenava todos os papéis de maneira tão maravilhosa que os aldeões podiam ver Mathura e Brindavan<sup>23</sup> reproduzidos diante dos olhos, e o Menino Pastor com sua flauta, encantando as *gopis*, as vacas e os bezerros, as árvores e até o rio Yamuna.

Uma vez, enquanto descrevia, segundo a tradição do folclore local, a coragem e as realizações do Senhor Narasimha de Kadiri<sup>24</sup>, o verso “Do pilar de aço saltou Deus como um Leão” foi recitado pelo grupo de meninos. Sathya, repentinamente, deu um salto representando a Manifestação do Senhor como Homem-Leão e Sua face transmitia tamanha ferocidade, indignação e bênção que toda a aldeia ficou assustada; ninguém, nem mesmo os especialistas em artes marciais, puderam controlar o menino. Finalmente, após várias pessoas terem realizado ritos, queimado cânfora e quebrado cocos diante do Senhor manifestado, Sathya retornou ao normal e recomeçaram os cantos de Kadiri. Outra insinuação!

Esse incidente espalhou a fama do Grupo de Cantos Devocionais Pandari, pois diziam que, onde esse grupo cantava e dançava, o próprio Deus se manifestava, como tinham testemunhado os aldeões de Puttaparthi. Além disso, observou-se que, quando uma epidemia de cólera se espalhou como veneno sobre a área e matou famílias inteiras nas aldeias próximas, Puttaparthi não sentiu o sopro da morte. Os sábios comentavam entre si que a atmosfera divina gerada pelo grupo era a responsável. Por isso, os meninos eram convidados a visitar várias aldeias para salvá-las da ira dos Deuses! Com frequência, enviavam carros de boi para levar o grupo, mas algumas vezes os pequenos salvadores tinham que caminhar dez ou doze milhas levando junto os alimentos, parando nas horas mais quentes do dia em alguma sombra no caminho. Essas aldeias também tomaram conhecimento de nomes estranhos: Shirdi e Sai. Ficavam intrigadas com quem eram eles, mas se esqueciam após alguns dias e retornavam aos seus afazeres.

Então vieram as peças, as óperas ao ar livre onde os Puranas eram encenados em diálogos e danças com trajes típicos; nas quais *rakshasas*, *asuras*, duas raças demoníacas e os poderes do mal eram derrotados pelos Deuses, *Avatares* e forças do bem. Eram escritas, ensaiadas e produzidas na casa onde Sathya vivia. O próprio Pedda Venkapa Raju tornou-se uma celebridade no palco, popular no papel de Banasura, e também pela sua inimitável representação de Yudhishtira, o seguidor *sátvico* do *dharma* e do Senhor. Várias peças foram encenadas neste período para angariar fundos para combater a fome. *Bansuram*, *Ushaparinayam Draupadi Manasamrakshanam* e *Kamsa Vadha*<sup>25</sup> eram as preferidas. O incansável Sathya também assumia alguns papéis, especialmente Krishna e Mohini<sup>26</sup>, e as platéias aplaudiam seu desempenho, seus cantos e, acima de tudo, sua dança, pois Ele tinha ritmo nos pés, um sentido de tempo e tom raramente vistos e uma leveza e doçura que os fazia sentir que “Ele nunca tocava o chão e pertencia a alguma região etérea”.

Após alguns meses, Ele passou a assumir também outros papéis. Mesmo depois de ir para a escola secundária em Kamalapur e Uravakonda, representava esses papéis durante as férias, quando voltava a Puttaparthi. Na popular história de *Kanaka-thara*, Ele encenou o papel de *Thara* de modo tão eficaz que uma noite, Eswarama, que estava sentada na platéia, esquecendo-se que era somente uma encenação, correu até o palco para evitar o que acreditava que seria a “execução” de *Thara*. Ela esquecera que era tudo de mentirinha! Algumas vezes, Baba chegou a assumir mais de um papel na peça *Krishna Lila* – ele era Devaki, o menino Krishna e também a dançarina que entretinha o Rei Kamsa dançando no Salão Durbar!<sup>27</sup> Fazia também o papel de Draupadi e até hoje descreve, algumas vezes divertindo-se com isso, como tinha que usar sete longos *saris*<sup>28</sup>, um sobre o outro, parecendo que usava somente um<sup>29</sup>.

Não passou muito tempo e um grupo profissional de atores visitou a área, encenando algumas peças musicais que atraíam uma enorme platéia. Montaram o palco em Bukkapatnam e depois foram para Puttaparthi, Kothacheruvu, Elumalapalli e para outras aldeias, tornando-se o assunto de toda a região. Tinham uma dançarina com o nome artístico de Rishyendramani, que combinava ginástica com música em uma série de movimentos. A apresentação principal era uma coreografia na qual, mantendo o ritmo e a harmonia, ela dançava com uma garrafa sobre a cabeça, curvava-se, sentava-se e deitava no chão; de costas, pegava com os dentes um lenço colocado em uma caixa de fósforos. Depois, com o lenço entre os dentes, sentava-se novamente e erguia-se ainda com a garrafa equilibrada sobre a cabeça! Algo bem difícil de se fazer! Ela treinara muito para realizar essa apresentação e não era de admirar que conquistasse os aplausos do público, onde quer que realizasse a proeza.

<sup>23</sup> Cidades onde viveu o *Avatar* Krishna.

<sup>24</sup> *Avatar* híbrido de homem e leão que surgiu para defender o devoto Prahlada da fúria assassina de um demônio invencível, Hiranyakashipu. A combinação de fera com ser humano era necessária para derrotar o demônio.

<sup>25</sup> Todos episódios da vida de Krishna. Os dois personagens citados anteriormente: Banasura ou Bana e Yudhishtira participam de alguns desses episódios.

<sup>26</sup> Um *Avatar* ou manifestação feminina de Vishnu.

<sup>27</sup> Referência à infância de Krishna: Devaki era a mãe de Krishna e Kamsa, seu tio.

<sup>28</sup> Traje tipicamente indiano usado pelas mulheres. Sai mais ou menos 6 metros de tecido, que envolve o corpo, usado com uma anágua da mesma cor.

<sup>29</sup> Episódio em que a princesa Draupadi escapa de ser despida em pleno salão da corte, por um milagre de Krishna, que tornou seu *sari* interminável.

Sathyanarayana foi com os outros assistir às peças encenadas por esses profissionais e também viu essa apresentação. Mais tarde, depois de voltar para casa, ele tentou repetir o número e, para surpresa de todos, conseguiu fazê-lo sem muito esforço! Quando os mais velhos pediram que mostrasse essa nova dança, Ele se recolheu e hesitou, mas a notícia se espalhou e alguns jovens audaciosos O persuadiram a dançar o ritmo famoso em Kothacheravu, durante o *Rathotsavam* e a Feira de Gado. Tiveram a ousadia de anunciar que a famosa Rishyendramani em pessoa apareceria para ver a apresentação, pois estavam muito confiantes de que Sathya não os desapontaria, nem à platéia. As irmãs vestiram o garoto como uma menina, arrumaram o cabelo, a pintura e o levaram para Kothacheravu. Pedda Venkapa Raju, que ouvira falar da audácia, ficou repentinamente temeroso das conseqüências da tola aventura na qual Sathya se envolvera. A cortina subiu; Rishyendramani entrou no Salão Durbar de Kamsa; o público estava por demais ansioso para notar qualquer diferença. A famosa dança começou; Sathya melhorara o desempenho e substituíra o lenço por uma agulha que era levantada pelas pálpebras! Sim, a “Rishyendramani” daquele dia foi um sucesso!

Mas não sem sérias conseqüências! O Presidente insistiu em conferir uma medalha à dançarina. A mãe e os outros, que tinham exultado com os louvores dirigidos a Sathya, os convites que recebera para repetir o feito em outros lugares e as taças de prata e as medalhas de ouro colocadas em suas mãos, ficaram temerosos do “mau olhado” que o menino provocara. E os receios se mostraram verdadeiros. Seus olhos ficaram misteriosamente inflamados. Incharam, ficaram vermelhos e lacrimejaram muito. Sua temperatura também subiu. Uma noite, a mãe ouviu passos “que usavam pesadas sandálias de madeira” entrando em casa e indo direto para onde estava Sathya. Ela teve um pressentimento. Levantou-se e se aproximou do menino, colocando sua mão sobre a testa para verificar a temperatura. A febre tinha baixado! E os olhos? Ela pegou uma lâmpada e viu que eles também tinham melhorado, contra todas as expectativas. Sathya estava ótimo no dia seguinte!



## GANNA-LOLA

### (O Amante da Música)

Seshama Raju, irmão mais velho de Sathyanarayana, casou-se com a filha de Sri Pasupathi Subba Raju, de Kamalapur, distrito de Cuddappah. Como Sathya teria que sair de Bukkapatnam para prosseguir com sua educação secundária, propuseram que Ele também fosse para Kamalapur. O irmão ficaria com ele por algum tempo, e essa idéia pareceu satisfatória para os pais, que concordaram. Eles planejavam dar a Sathya uma educação superior, para que ele pudesse se tornar funcionário público. Por isso, prepararam-se para deixá-lo ir até para lugares mais distantes que Kamalapur, desde que prosseguisse com os estudos.

Sathya freqüentou regularmente a escola; tanto em Kamalapur como em Bukkapatnam, era um “menino quieto e bem comportado”, o favorito dos professores. Por ocasião de uma encenação na cidade, cantou a Oração de abertura antes que a cortina subisse, e os que ouviram aquela doce voz espalharam a notícia de que um “ótimo músico” tinha chegado à cidade. Desde então, as orações cantadas se tornaram monopólio Seu em todas as cerimônias públicas.

Até hoje Baba fala de um professor de educação física respeitado em toda a escola por seu amor ilimitado às crianças. Também era escoteiro e ansiava para ter Sathya em sua tropa. Por isso, tentava convencer o menino diretamente e através dos amigos a participar do grupo de escoteiros. Havia dois meninos, filhos do administrador da Corte de Justiça local, que se sentavam juntos na escola e eram muito amigos de Sathya. Eles também insistiam e até deixaram em Sua carteira duas camisas de escoteiro e um par de tênis, para que Ele pudesse se unir ao grupo. Todos sabiam que Sathya seria a alma da tropa e que, se entrasse, os membros mais antigos da cidade concordariam em patrociná-la. Do contrário, poderiam ser confundidos com um “grupo de preguiçosos, sem outra intenção senão fazer caminhadas e organizar jantares”.

Sathya finalmente concordou, a tempo de ir até a Feira de Gado em Pushpagiri, para onde o professor planejara levar a tropa. Havia muito trabalho para os meninos em Pushpagiri: as grandes multidões que se reuniam, crianças que podiam se perder, o suprimento de água aos peregrinos, a supervisão dos cuidados sanitários e a necessidade de oferecer primeiros socorros. A taxa do acampamento foi de dez rúpias por escoteiro. Sathya não tinha nenhuma moeda!

Ele precisava demonstrar que o Serviço era sua própria recompensa e que o Amor Divino superaria tudo. Decidiu que não deveria perder a oportunidade de ensinar e inspirar Seus companheiros, e estava determinado a andar até Pushpagiri, economizando o dinheiro da passagem. Disse ao chefe da tropa que Seus parentes iriam à Feira e que tomariam conta dele. (Claro que as pessoas que se reunissem para qualquer evento seriam parentes Seus!) Dessa forma, evitou a confusão do acampamento e a taxa que teria que pagar para ficar lá. Calculou que cinco rúpias seriam suficientes para seu sustento em Pushpagiri e contou que deu os livros do ano anterior para um menino necessitado, os quais raramente lera e que, por isso, estavam como novos. Aceitou não as doze rúpias que este oferecera, mas as cinco de que precisava. Então, caminhou toda a distância até Pushpagiri, chegando ao local por volta das nove horas da noite, no dia anterior à inauguração da feira.

Estava muito cansado e, ao lado da bolsa que continha suas roupas e o dinheiro, adormeceu à margem do rio, junto às inúmeras pessoas já lá reunidas. Na manhã seguinte, quando despertou, a carteira com o dinheiro se fora, junto com a sacola.

Quando descreve esses acontecimentos, Baba diz aos que estão à Sua volta que não ficou preocupado, mas que caminhou pelo local com calma e descobriu, em uma gamela de pedra, uma moeda e um maço de cigarros. Pegou a moeda e foi até o mercado. Lá encontrou um homem, sentado diante de uma engenhoca, que prometia lucro a quem tivesse sorte. Em um círculo desenhado sobre um pano preto havia alguns hieróglifos; ele atribuíra certo valor monetário a algumas figuras e nenhum para as restantes. Havia uma vareta de ferro presa no centro com uma agulha móvel na ponta. Pedia aos presentes para colocar uma moeda ao seu lado e girar a agulha. Se ela parasse em uma das partes onde houvesse um valor como 2, 3 ou 4 daria ao jogador duas, três ou quatro vezes a quantia; caso contrário, ele se apropriaria do dinheiro. Sathyanarayana foi direto até o homem, girou a agulha algumas vezes e, com a sorte a Seu favor, ganhou doze moedas. Disse que poderia ter conseguido mais, mas simpatizara com o pobre homem cujos ganhos eram pequenos.

Aquelas doze moedas foram suficientes para uma semana! Como já mencionado, Ele tinha o poder milagroso não só de alimentar a Si mesmo (na verdade, a felicidade dos que estão à Sua volta é o Seu alimento, como costuma dizer) como de comprovar o fato esticando Sua mão para ser cheirada<sup>30</sup>. Mesmo recentemente, Ele diz algumas vezes “já almocei” e, quando as pessoas duvidam, deixa-as cheirar Sua mão para que tirem as dúvidas.

Assim, o chefe dos escoteiros acreditou que, durante a feira, Sathyanarayana era alimentado pelos parentes! Ele não fazia distinção entre Sathya ou o restante do grupo para designar um trabalho. Sathya assumiu suas tarefas com entusiasmo, inspirando os colegas a prestar serviço desinteressado. Até hoje este é o tema central de Seu

<sup>30</sup> Na Índia, é costume comer com as mãos, não se usando talheres)

ensinamento: servir aos outros, diz Ele, é servir a si mesmo, pois o outro é somente o próprio indivíduo sob outra forma e outro nome!

Nem é preciso dizer que Sathya sumiu sorrateiramente do acampamento quando os outros propuseram levá-lo de volta no ônibus, já que não tinha pagado a passagem. Caminhou de volta toda a distância por uma questão de princípios.

Sathya, em Kamalapur, estava longe dos pais, e Seu irmão havia partido para fazer um curso de treinamento. Sempre que precisava de dinheiro extra, escrevia canções para um comerciante chamado Kote Subbanna, que tinha uma loja onde vendia remédios, tônicos, utensílios de vidro, artigos de perfumaria, guarda-chuvas, etc. Sempre que ele queria lançar um novo artigo no mercado ou aumentar as vendas de um medicamento de boa qualidade, esperava Sathya na estrada que levava à escola e Lhe passava as informações técnicas necessárias. À noite, Sathya já tinha pronta uma bonita canção, em télugo, que louvava a mercadoria com versos realmente bons, cheios de rimas e ritmo, fáceis de aprender quando cantadas em coro pelos rapazes que Subbanna contratava para esse propósito. Eles marchavam pelas ruas, levando o nome do produto em cartazes, cantando a canção de Sathya e divertindo-se com o trabalho! Até hoje Baba diverte Seus devotos recitando ocasionalmente aquelas canções antigas.

Como pagamento pelas canções, que logo se tornaram populares, Kote Subbanna dava a Sathya roupas, livros e outros artigos de que Ele precisava.

Existe um ditado entre os devotos mais antigos de Baba: “Ele Se manifestou em Uravakonda, mas disseminou Sua glória a partir de Kamalapur”. Essa frase é um tributo à rapidez com que as pessoas de Kamalapur responderam, mais tarde, ao Chamado, sem o cinismo da vaidade ignorante, e ao grande número de recepções públicas e cerimônias que organizaram para o “Menino Sai” após Seu retorno a Puttaparthi.

Enquanto isso, nós também temos que ir correndo para Uravakonda, onde o próximo capítulo desta Divina Saga está para ser encenado. Seshama Raju completou o treinamento que o qualificou como professor de télugo e foi enviado para o Colégio Secundário de Uravakonda. Ele deu as boas-vindas a este fato com gratidão, pois poderia ter Sathya consigo e dar atenção direta e pessoal ao progresso de Seus estudos secundários.

## A COLINA DA SERPENTE

O nome Uravakonda vem da colina que domina o lugar. Antes era *Uragakonda*, com *uraga* significando serpente e *konda*, colina. O promontório da colina, formado por um único penedo de cerca de trinta metros de altura, tem a forma de uma serpente com várias cabeças; por isso o nome é tão apropriado.

Sem dúvida, Uravakonda teve sorte por Sathyanarayana Raju acompanhar o irmão, o novo professor de tégulo, e se matricular na escola secundária, pois, com isso, tornou-se candidata à imortalidade! A fama do menino o precedeu na cidade. Os garotos comentavam entre si que Ele escrevia bem em tégulo, era bom músico, um gênio na dança e mais sábio do que os professores; capaz de investigar o passado e mergulhar no futuro. Histórias autênticas de Suas realizações e poderes divinos estavam nos lábios de todos, divulgadas pelas pessoas que vinham de Bukkapatnam, Penukonda, Dharmavaram e Kamalapur. Contava-se e ouvia-se com admiração que Ele, ainda bebê, tinha o poder de tirar do nada frutas, flores e doces com um simples gesto de mão! “Não é uma maravilha?”, diziam uns aos outros.

Eles se reuniam em torno do novo professor de tégulo, ansiosos para ouvir mais histórias sobre os dons do menino. Todos os professores desejavam ser designados para fazer algum trabalho na classe em que Ele fora admitido; alguns por curiosidade, outros por veneração e outros ainda pelo impulso maldoso de provar que tudo não passava de um absurdo.

Sathya logo se tornou o mascote de toda a escola, o colírio de todos os olhos da cidade. Era o líder do grupo escolar de oração. Subia no tablado todos os dias, com toda a escola reunida, para fazer as orações antes de iniciar o dia de trabalho, e era a Sua voz que santificava o ar e inspirava tanto os professores quanto os alunos em suas tarefas. Era a vida e a alma das peças teatrais, o pilar do time de atletismo da escola, pois conseguia correr bem rápido, jogava excelentemente bem o *gudu-gudu*<sup>31</sup>, era esplêndido na corrida de sacos e o melhor entre os escoteiros.

Há algo a ser dito sobre Sathya e as atividades teatrais da escola. Sri Thammi Raju uma vez pediu para Sathya escrever e produzir uma peça em tégulo, e Sathya mergulhou no trabalho com entusiasmo. A peça foi um grande sucesso, não somente porque o herói era um menino, vivido pelo próprio Sathya, mas principalmente porque o tema era o eterno pecado do homem: a hipocrisia, “não agir como sentimos que devemos”. *Cheppinattu Chesthara?*, ou “Os Atos Concordam com as Palavras?”, em bom português.

A peça começa mostrando uma senhora lendo o Bhagavata<sup>32</sup> para outras mulheres e explicando o significado dos versos. Ela diz que é dever da dona de casa fazer caridade aos que merecem, os deficientes que não conseguem trabalhar para sobreviver, e não aos saudáveis que levam a vida como parasitas. As mulheres se vão após algum tempo e a senhora é deixada a sós com seu filho pequeno, que, todo o tempo, tinha sido um ouvinte atento. Logo, um mendigo cego chega e faz bastante barulho para chamar a atenção, mas é repreendido e posto para fora. Então, aparece um mendicante<sup>33</sup> atarracado, com uma barriga roliça, uma tigela polida cheia de grãos e um tambor ricamente ornado<sup>34</sup>. A mãe o recebe respeitosamente e oferece arroz e moedas, caindo a seus pés e pedindo suas bênçãos. O filho não compreende. Pergunta à mãe por que ela não segue o que explicara há alguns minutos, mas é afastado com uma resposta rude: *Cheppinattu Chesthara?* (“Podemos agir do mesmo modo que falamos?”) A mãe fica irritada com a impertinência do filho, que ousa questionar a ética do comportamento adulto e arrasta o menino até a sala onde o pai, funcionário graduado de algum escritório, está ocupado com seus arquivos.

Ele repreende o filho com um sermão sobre o valor da educação e sobre como as pessoas devem estudar e passar de ano apesar das dificuldades. De repente, um estudante entra e pede uma rúpia para pagar taxas escolares, ou terá o seu nome retirado da matrícula e não conseguirá a frequência para ser promovido. O pai diz que não tem dinheiro no momento e, como prova, lhe mostra a carteira vazia. Poucos minutos depois, um grupo de jovens, todos funcionários do escritório, aparece com uma lista de contribuições para um jantar de boas-vindas para um chefe que assumirá o escritório em alguns dias! O pai fica muito contente com a idéia, diz que tudo deve ser feito de forma muito elegante para que o novato fique feliz, oferece-se para fazer um discurso e, abrindo a gaveta da escrivaninha, contribui com a soma de vinte rúpias.

A criança fica surpresa com esse comportamento e pergunta ao pai por que agiu contra suas próprias palavras; por que disse uma mentira para o outro menino? O pai se irrita com o filho e diz *Cheppinattu Chesthara?* (“Os atos devem acompanhar as palavras?”). E expulsa o filho aos gritos, mandando que vá logo para a escola.

O cenário agora muda para a escola. O personagem de Sathya, que se chama “Krishna”, chega à escola. O professor está muito agitado porque o inspetor geral os visitará no dia seguinte. Ele treina intensamente as crianças

<sup>31</sup> Espécie de jogo de pegador, também conhecido como Kabaddi, provavelmente originário do Sul da Índia e popular em toda a Ásia. Dois times se enfrentam; um pegador avança em direção ao time contrário, com mais ou menos sete oponentes formando uma corrente de braços dados. O pegador deve tentar tirar alguém do grupo, sem respirar. Ele prova que não está respirando cantando ou gritando o nome do jogo sem parar. Há regras e estrutura sofisticadas, como um campo especial e tempos de jogo.

<sup>32</sup> Épico Hindu sobre a vida de Krishna.

<sup>33</sup> Na Índia, existem renunciantes, considerados santos, que mendigam seu alimento

<sup>34</sup> Entre os Hindus, é tradição servir bem aos mendicantes que optam por essa vida como busca espiritual e, certamente, muitos se aproveitam desse costume para obter favores.

para a inspeção. Diz a elas que o inspetor poderá perguntar quantas lições elas fizeram e que elas não devem responder 23, mas 32. Diz que estudarão hoje a número 33, sobre Harischandra<sup>35</sup>; então, ensina a lição para que as respostas sejam convincentes no dia seguinte. Ele as ameaça com punições severas se alguém disser que a lição 33 já foi feita em aula. “Tudo deve parecer como se eu a apresentasse pela primeira vez amanhã”, e continua a falar sobre os sacrifícios de Harischandra pelo bem da verdade. Quando a aula termina, todos os outros meninos saem e somente Krishna permanece; Ele faz ao professor a mesma pergunta que já fizera duas outras vezes naquele dia: por que não é fiel às suas próprias palavras? E recebe a mesma resposta: *Cheppinattu Chesthara?* “Você quer dizer que aquele que aconselha deve seguir o conselho?” Hipocrisia, hipocrisia em toda parte!

O cenário agora muda para a casa de Krishna. É o dia seguinte, na hora de ir para a escola, mas o menino se recusa a sair. Joga fora os livros e diz que ir à escola é perda de tempo, mantendo-se firme na resolução de não sair para estudar. Os pais, perturbados, chamam o professor, que chega apressado. Então Krishna diz: “Se tudo o que vocês ensinam como mãe, pai e mestre é somente para ser falado e escrito, se tudo que é aprendido deve ser descartado na hora de agir, não compreendo por que devo aprender tudo isso”. Isso abre os olhos dos três, que louvam o menino como *Guru*, e decidem, a partir de então, falar e agir conforme a Verdade.

Este é o tema da peça que Sathya escreveu com a idade de doze anos! Citei alguns detalhes para que o leitor pudesse ter uma idéia clara da inteligência abrangente e do entusiasmo educacional do jovem Sai.

Sathya logo começou a ser procurado por pessoas que tinham perdido artigos de valor, pois trouxera para Uravakonda a reputação de uma percepção intuitiva que Lhe revelava o lugar onde as coisas estavam. Baba diz que, naquela época, costumava dar a Seus amigos somente a primeira e a última letra dos nomes das pessoas que podiam recuperar os artigos. Deixava que eles os recuperassem através de seus próprios esforços.

Um caso em particular é digno de nota. Um dos professores perdeu uma caneta valiosa e persuadiu Sathya a revelar a identidade da pessoa que a “levou sem o seu consentimento”. Sathya deu o nome de um empregado, mas o professor não acreditou, porque a pessoa era muito fiel e “honesto”. Além disso, uma busca no quarto do empregado, quando este estava fora, nada revelara. Mas Sathya persistiu em sua afirmação; disse que o homem enviara a caneta para o filho, que estava estudando em Anantapur, e se ofereceu para provar o fato. Então Sathya escreveu uma carta para o filho, como se fosse o empregado (este não sabia escrever e sempre usava os serviços de um escritor de cartas para esse fim), na qual, após perguntar sobre a saúde do filho, perguntava se a caneta que ele enviara estava escrevendo bem e aconselhava o menino a tratá-la com cuidado, pois era muito cara e poderia ser “roubada”! Junto, foi também um envelope selado para a resposta. Em quatro dias a resposta chegou às mãos do professor. A caneta estava escrevendo muito bem; estava sendo bem cuidada, devido ao seu alto preço e também ao valor sentimental, por ser um presente de seu amado pai. O poder milagroso de Sathya fora comprovado. Todos o reconheceram.

Sathya conquistou o respeito dos homens simples de Uravakonda com um incidente, que nos lembra de outro, ocorrido na vida de Shirdi Sai Baba. Um muçulmano do lugar procurava freneticamente pelo seu cavalo que se perdera ou fora roubado, sabia-se lá onde ou por quem. Era sua única fonte de renda, pois tinha uma carroça com a qual ganhava uma ou duas rúpias por dia transportando passageiros e objetos. Estava desesperado, pois já havia procurado por toda a vizinhança. Seus amigos também tinham vasculhado todo o local e em lugares mais distantes, mas não encontraram nenhuma pista do animal. Finalmente, alguém Lhe contou sobre Sathya, o menino da escola secundária local. Ele O procurou e contou seu infortúnio.

Sathanarayana Raju imediatamente Lhe disse para ir a uma certa colina, a dois quilômetros da cidade e, quando lá chegou, o cavalo estava calmamente pastando sozinho, alheio a todo o reboliço que causara. Isso deixou Sathya famoso, como um garoto prodígio na comunidade muçulmana e, várias vezes depois disso, as carroças paravam ao vê-lo. Os donos insistiam em dar uma carona para Sathya até a escola, na ida ou na volta, e também para que um pouco de Sua sorte fosse deixada nos veículos.

As coisas caminhavam assim, com um brilho ocasional de espanto, um pequeno vislumbre do poder e majestade que se encontravam no frágil corpo do pequeno menino de treze anos. Em 8 de março de 1940, toda a cidade ficou chocada ao ouvir que um grande escorpião negro picara Sathya. Existe uma crença corrente em Uravakonda e arredores de que ali ninguém sobrevive a uma picada de cobra ou escorpião, devido à pedra da serpente de várias cabeças que deu nome ao lugar. A rocha parece uma serpente que levanta sua cabeça para cravar as presas venenosas e, por isso, a temida superstição ganhara força. Eram cerca de sete horas da tarde, e Sathya pulava gritando de dor, segurando o dedão do pé direito.

Mas não se encontrou nenhum escorpião, e Sathya dormiu naquela noite sem nenhum sinal de dor. Todos ficaram aliviados, mas voltaram a se sentirem angustiados quando, exatamente às sete horas da noite seguinte, Sathya caiu inconsciente e ficou rígido; não falava e Sua respiração parecia fraca.

---

<sup>35</sup> Ironicamente, é a história de um rei que perde tudo e se torna escravo por sua inabalável fidelidade à verdade.

Se uma coisa dessas acontecesse agora, os devotos não ficariam chocados, pois estão acostumados a ver Baba deixar o corpo e sair em corpo sutil para outros lugares. Mas, naquela época, desconhecendo essas viagens, o irmão Seshama Raju e os demais ficaram alarmados; inferiram que poderia ser o veneno do escorpião, que leva 24 horas para afetar o coração.

Seshama Raju trouxe um médico, que deu uma injeção e deixou um remédio. Sathya ficou inconsciente, segundo dizem, durante a noite toda. O médico voltou pela manhã e declarou que o menino estava fora de perigo!

Um incidente durante a noite mostrou que Sathya não estava “inconsciente”, mas, sim, superconsciente! Alguém sugeriu que Muthyalamma, a divindade da colina, fosse reverenciada, porque o estado do menino poderia ser devido a algum espírito maligno que O tivesse possuído. Então, alguns voluntários correram ao templo, foram até o altar principal e ofereceram adoração, colocando flores e incenso e abrindo um coco. Quando fizeram isso na colina, Sathya, que estava, para todos os efeitos, “inconsciente”, disse; “O coco se partiu em três pedaços” e, quando os voluntários voltaram com as oferendas, traziam consigo três pedaços de coco e não dois como de costume!

Em um ou dois dias, Sathya se levantou e começou a se comportar de maneira extraordinária. Às vezes, descreve-se isso como “transformação completa de personalidade”, como a “ocupação do corpo físico de Sathya por Shirdi Sai Baba”. Nada pode estar mais longe da verdade. Baba disse que Ele mesmo iniciou o processo da manifestação, pois não podia esperar mais, agindo como um simples menino, com “irmão”, “irmã”, “colegas de classe” e outras relações seculares. Queria demonstrar, como revelou, que estava “além do mundo e seus prazeres”, sem ser afetado por nenhum veneno ou pelo mundo objetivo. Não havia escorpião que pudesse atingi-lo.

Enquanto isso, Seshama Raju informara Puttapparthi sobre os acontecimentos em Uravakonda. Tinha escrito que Sathya não respondia a ninguém que falasse com ele, que era uma tarefa hercúlea fazê-lo aceitar qualquer alimento, que passava quase todo o tempo em silêncio, ocasionalmente interrompido por cânticos e declamações, outras vezes recitando longos versos em sânscrito ou citações de filosofia Vedanta. Os pais levaram cerca de uma semana para chegar, devido a dificuldades imprevistas e inexplicáveis, que causaram atrasos e aumentaram a ansiedade.

Seshama Raju ficou nervoso porque os pais não chegavam; conseguiu um homem que concordou em viajar até Anantapur de bicicleta e dali prosseguir para Bukkapatnam e Puttapparthi; quando descrevia ao homem o caminho para chegar até os pais, Sathya os interrompeu e disse: “Você não precisa enviá-lo porque eles estarão aqui em cerca de meia hora” e, confirmando essas palavras, eles chegaram exatamente trinta minutos depois.

Os pais temiam pela condição de Sathya. Ele cantava, falava e se comportava de maneira estranha, pensavam eles. Também ficava rígido de vez em quando e parecia deixar o corpo, indo para outro lugar. Tudo era muito misterioso.

Um dia, como de costume, Sathya estava deitado sem tomar consciência do ambiente ao redor, quando pediu que alguém trouxesse o erudito da casa vizinha. “Ele está lendo o Bhagavata de maneira errada, está explicando de maneira errada! Vá e traga-o até aqui”, ordenou! Naturalmente, o homem não foi. “O que este pirralho sabe sobre este Bhagavata em sânscrito e sobre as explicações que dei agora para estas pessoas aqui? E como ele conseguiu ouvir? Diga a Ele para cuidar de sua própria vida”, disse o erudito, que continuou com a sua exposição. Mas Sathya insistiu e o homem teve de ir até ele, pelo menos para satisfazer os pais, que disseram: “Venha e ensine ao menino uma lição de humildade. Ele tem estado incontrolável ultimamente”.

Quando o homem chegou, Sathya pediu-lhe que repetisse a exposição e mostrou onde ele tinha errado; fez uma série de perguntas, tais como: Quem é o pai de Vali? Quando Ravana nasceu? Quem é a irmã de Garuda? O erudito ficou surpreso e finalmente caiu aos pés de Sathya, pedindo Seu perdão por não ter obedecido de imediato ao Seu chamado.

O médico responsável pelo posto de saúde de Anantapur, que estava acampando em Uravakonda na época, foi abordado pelo médico que tratava de Sathyanarayana. Ele diagnosticou que a doença estava ligada a ataques e era uma variedade de histeria, não tendo nada a ver com o dito escorpião. Com sua experiência, aconselhou um certo tratamento, que foi seguido à risca por três dias. No entanto, os sintomas de risos e choros alternados, eloquência e silêncio continuaram como antes. Ele cantava e falava sobre Deus, descrevia lugares de peregrinação aos quais ninguém fora antes e declarou que toda a vida era uma peça teatral! Os astrólogos disseram que um fantasma, um ocupante anterior da casa, seu primeiro inquilino, tinha se apossado do menino! Repreenderam Seshama Raju por não ter tido mais cuidado na escolha da casa na qual viveria. Os magos atribuíram aquilo a um susto repentino, que devia ter danificado Seus nervos. Os sacerdotes aconselharam que o irmão providenciasse um *Rudrabhishekam*<sup>36</sup> no templo. Os homens sábios balançaram a cabeça e murmuraram que os caminhos de Deus eram inescrutáveis.

Seshama foi assediado por uma multidão solidária, todos com recomendações para a cura da aflição de seu irmão mais novo. Por fim, ele trouxe um exorcista a casa. Ao vê-lo, Sathyanarayana o desafiou face a face: “Venha! Você tem me adorado todo dia e, agora que veio, sua tarefa será Me adorar e ir embora”. O exorcista ouviu o aviso

---

<sup>36</sup> Banho ritual aplicado a um ídolo, no caso *Rudra*, com propósito de purificação pessoal.

administrado pelo seu próprio *Ishtadevatha*<sup>37</sup> e saiu correndo, esquecendo-se de receber o pagamento. Aconselhou o irmão a tratar o menino com reverência, pois Ele estava “em contato com Deus” e não atormentado pelo demônio.

Os pais estavam desconsolados. Levaram Sathya para Puttaparthi e observavam Seu comportamento com temor crescente! O próprio menino aumentava esse efeito, com surtos ocasionais de quietude, cânticos ou discursos. De repente, pedia à irmã: “Aqui, faça o *arathi*; os deuses estão atravessando o céu”. Disse que o ensino que recebera no colégio fora prejudicado e cantou uma canção composta de improviso sobre o valor da leitura e da escrita e de como os aldeões seriam ludibriados pelos agiotas espertos se permanecessem analfabetos. Enquanto vinham de Uravakonda, levaram Sathya a um médico em Bellary e a outro em Dharmavaram. Mas o que poderiam os coitados diagnosticar? Seus estetoscópios não podiam decifrar o sopro de Deus, nem revelar os batimentos de uma alma, menos ainda da Alma Divina determinada a transcender os limites das convenções humanas. O próprio Sathya disse uma vez aos pais: “Por que se preocupam tanto? Não há médico nesse lugar aonde vão; mesmo que haja, ele não poderá Me curar”.

Em Puttaparthi, também foram chamados exorcistas, porque, geralmente, a primeira reação nas aldeias a qualquer doença era que se tratava de resultado da magia negra de alguém ou de algum espírito maligno que se apoderara do paciente. Quando o homem chegou, sentou-se na sala e prescreveu uma lista de artigos necessários para invocar o espírito e transferir as conseqüências malignas para um cordeiro ou ave. Sathya riu e mencionou os itens que ele tinha esquecido. Parecia determinado a se submeter a todos os sofrimentos resultantes da ignorância e superstição, encarando-os como diversão!

Seria impossível entender de outra forma como um garoto de quatorze anos se sujeitaria aos terrores do tratamento a que foi submetido em Brahmanapalli, próximo a Kadiri. Foi uma saga de resistência que merece ser contada em detalhes. Alguém informou aos pais do menino, tão preocupados, que havia um adorador de Shakti<sup>38</sup> diante de quem nenhum espírito maligno ousava levantar sua cauda venenosa! Disseram que ele curaria Sathya totalmente, deixando-o pronto para voltar para a escola. O carro de boi foi preparado, mas os animais se recusaram a andar! Houve todo tipo de dificuldade no caminho: indisposição, febre, diarreia, etc. Finalmente chegaram ao local e o “caso” foi levado ao famoso especialista em tratar das obras do diabo.

Era uma figura gigantesca, terrível de se olhar, com olhos avermelhados e maneiras grosseiras. Ele tentou de tudo. Primeiro sacrificou uma ave, depois um cordeiro, fazendo Sathya se sentar no centro de um círculo de sangue. Entoou todos os encantamentos que conhecia. Não permitiu que os pais levassem o menino, pois assumiu que era um caso confiado a ele e que era uma prova de força entre ele, seus poderes espirituais e o menino, que sorria de seus fracassos! Tentou até usar técnicas desesperadas, que não ousava experimentar mesmo em pacientes adultos e fortes. Raspou a cabeça do menino e, com um instrumento afiado, fez três marcas em X no crânio, do alto para a testa. Sathya agüentou a dor sem gritar. Mais tarde perguntou: “Mesmo tendo visto toda aquela fortaleza e todos esses milagres em um menino, e este atravessar incólume todo esse terror, vocês ainda não estão convencidos de que sou Baba; como então teriam reagido se Eu apenas anunciasse isso, em um belo dia? Quero tornar público que Eu sou Matéria Divina, inacessível ao sofrimento humano, à dor ou à alegria”.

Nas feridas abertas que sangravam no crânio machucado, o feiticeiro colocou suco de alho, de limão e de outras frutas ácidas. Os pais, que observavam os procedimentos em grande desespero, ficaram surpresos, pois não houve nenhuma lágrima ou esgar de dor naquele corpo. Contudo, o adorador de *Shakti* estava furioso e instruiu que todos os dias, por um certo tempo, 108 potes de água fria fossem despejados nas marcas. Isso também foi feito, mas seu arsenal já estava quase esgotado. O espírito maligno que possuía o menino não admitira a derrota nem gritara que o largaria, partindo para outro lugar. Ele batia com uma vara grossa nas juntas do garoto, quando este se mexia, para tirar o que chamou de “febre do veado” e, quando ficava quieto, para tirar a “febre da rocha”!

Então, o feiticeiro decidiu usar sua arma mais poderosa, o *Kalikam*, ao qual o espírito mais forte não conseguiria resistir. Tratava-se de um colírio mágico, uma mistura de todas as poções acidíferas do repertório de torturas. Ele o aplicou nos olhos de Sathya, e os pais ficaram horrorizados com as conseqüências. A cabeça e o rosto incharam a ponto de ficar irreconhecíveis e vermelhos, e a sensação de queimação podia ser “sentida” até pelos que estavam próximos. Os olhos verteram lágrimas e todo o corpo foi sacudido com o impacto da dor. O mestre dos demônios ficou feliz com o sucesso, esperando que o espírito logo deixasse o corpo. Sathya não disse uma palavra, não moveu sequer um dedo. Os que estavam próximos, em especial Seus pais e Sua irmã mais velha, sentiram-se culpados por serem espectadores impotentes de todo aquele tormento. Choravam com uma angústia descontrolada e tentaram consolar Sathya sem o conhecimento do mago, que não permitia que ninguém se aproximasse do paciente. Sathya fazia alguns sinais para eles, pedindo que ficassem quietos. Por meio de gestos, disse que sairia do quarto sob algum pretexto e que ficassem atentos, esperando por Ele do lado de fora. Lá, pediu que lhe trouxessem um remédio que conhecia e que foi aplicado nos dois olhos, que estavam reduzidos a pequenas fendas, que se abriram à medida que o inchaço cedia!

<sup>37</sup> Forma ou Aspecto de Deus escolhido para adoração pessoal, pelo devoto.

<sup>38</sup> A Consorte de Shiva, o Aspecto Transformador de Deus. Ela representa a Natureza em todo o seu esplendor criador e também destruidor. As Deusas do panteão Hindu representam as forças naturais das quais seus “maridos” são a essência.

O “médico” ficou fora de si com essa interferência no curso normal de seu “tratamento”. Isso o irritou e enfureceu, deixando-o como um animal selvagem afastado de sua presa. “Estava próximo da vitória”, rugiu.

Os pais queriam salvar o menino das garras daquele Deus da Morte em forma humana, pois já tinham visto e sofrido o suficiente. Pagaram todos os honorários e também lhe deram alguns presentes que não tinham sido pedidos, agradecendo-lhe por todo o “conhecimento” que tinha utilizado. Lamentaram a própria sorte e prometeram fortalecer o menino um pouco mais para que Ele pudesse suportar todo aquele maravilhoso exorcismo, trazendo-o de volta para continuar o tratamento. De alguma forma, conseguiram convencê-lo! O carro de bois se afastou daquela casa de horrores e chegaram a Puttaparthi.

Mas Sathya estava ainda longe do “normal”. Com frequência, parecia ter outra “personalidade”. Recitava versos sagrados e poemas bem além do alcance de um adolescente. Algumas vezes, demonstrava a força de dez pessoas; em outras, ficava fraco como o talo de um lótus. Discutia com os adultos sobre a correção da sua conduta e comportamento e os deixava envergonhados quando provava que estavam errados.

Um amigo da família recomendou que o menino fosse levado a uma aldeia um pouco distante, onde um curandeiro administrava folhas como medicamento para curar exatamente aquele tipo de caso. Os bois foram trazidos, a carroça foi aprontada. Sathya foi colocado nela e os sinos soaram ao longo do caminho. Cerca de meia hora mais tarde, Sathya pareceu perceber que estava sendo levado para algum lugar e disse: “Não quero ir a lugar algum, vamos voltar”. E então os bois pararam e nada conseguia persuadi-los a dar um passo adiante. A luta se arrastou por mais de uma hora! Os animais se recusaram a andar até que os condutores voltaram os rostos na direção de casa e os sinos repicaram novamente. Sri Krishnamachari, um advogado amigo de Penukonda, ouviu falar desses acontecimentos na casa de Raju e veio à aldeia para estudar a situação e oferecer a ajuda que pudesse. Deu uma boa olhada no menino; andou ao longo do rio, pensando sozinho e, depois disse para Venkapa Raju: “É realmente mais sério do que pensei. Leve-o imediatamente ao templo de Narasimha<sup>39</sup> em Ghatikachalam. É a Sua última chance”. Sathyanarayana ouviu essas palavras e, de repente, virou-se para ele e disse: “Engraçado, Eu já estou lá em Ghatikachalam e você quer Me levar para Mim!” O advogado não se sentiu disposto a prosseguir com o interrogatório.

Em 23 de maio de 1940, Sathya se levantou da cama como de costume, mas logo depois chamou as pessoas da casa para perto de si e lhes deu açúcar cândi e flores tiradas de “lugar nenhum”. Logo os vizinhos acorreram. Deu a cada um uma tigela de arroz cozido em leite, flores e açúcar cândi materializados com um mero gesto de mão. Sathya parecia estar de ótimo humor, e Venkapa Raju foi chamado para vê-lo daquela maneira. Ele chegou correndo, espremendo-se por entre a multidão. As pessoas pediram que fosse lavar as mãos, os pés e o rosto antes de se aproximar do Doador de Bênçãos e Graças. Isso o irritou ainda mais. Não estava impressionado, achava que tudo era um truque, que as coisas eram escondidas em algum lugar, para aparecer com um gesto da mão, como confessou, recentemente, a este autor. Queria que aquele capítulo se encerrasse antes que se transformasse em uma tragédia. Então, deu uma gargalhada amarga e questionou o menino de modo que todos ouvissem. “Isso está indo longe demais e deve ser interrompido”. Armando-se com uma vara, deu um passo à frente e ameaçou bater Nele. “Você é um Deus, um fantasma ou um maluco? Diga-me!”, gritou ele. A resposta veio imediatamente; o anúncio que tinha sido guardado por tanto tempo: “Eu sou Sai Baba”.

Contestar era impossível. Venkapa Raju ficou em silêncio, aturdido. A vara caiu de sua mão. Ficou ali, olhando para Sathya, tentando compreender as implicações daquela notícia: “Eu sou Sai Baba”. Mas Sathya prosseguiu: “Pertencço à linhagem do Santo Apasthamba; sou do clã de Bharadvaja<sup>40</sup>. Sou Sai Baba. Vim para afastar todos os seus problemas; mantenham suas casas limpas e puras”. Ele repetiu os nomes do *Suthra* (linhagem) e do *Gothra* (clã) várias e várias vezes naquela tarde. O irmão mais velho, Seshama Raju, se aproximou e perguntou: “O que quer dizer com Sai Baba?”. Ele apenas disse: “Seu *Venkavadhutha* rezou para que Eu nascesse na sua família, então Eu vim”.

Quem era esse *Venkavadhutha*? Quando perguntei a Seshama Raju, ele me informou que havia uma tradição na família de um grande sábio ancestral chamado *Venkavadhutha*, tido como *guru* em centenas de aldeias próximas e que terminara os seus dias em Huseinpura, no estado de Mysore<sup>41</sup>.

O pai, achando que Sai Baba fosse um muçulmano falando através do menino, perguntou: “O que devemos fazer com você?” A resposta veio imediata: “Adorem-Me!” “Quando?” “Toda quinta-feira. Mantenham suas mentes e casas puras”.

<sup>39</sup> Manifestação de Vishnu em forma híbrida de leão e homem, que surge para aniquilar um poderoso demônio da antiguidade. Narasimha simboliza o “lado terrível de Deus” que se manifesta para destruir o ódio extremo.

<sup>40</sup> *Apasthamba Sutra* e *Bharadvaja Gothra* foram as expressões usadas pelo Menino. Trata-se de santos e sábios dos tempos Védicos. É uma tradição na Índia, entre os *brâmanes*, identificarem-se como descendentes desses antigos *rishis* ou profetas da era Védica.

<sup>41</sup> A cidade de Mysore não poderia ser alcançada descendo aquele rio; era a capital do Estado, muito distante dali. A resposta era um “desaforo” do barqueiro para com o oficial, que não o levou a sério.

Os aldeões ouviram o nome Sai Baba com medo e surpresa. Após fazerem indagações, souberam que um certo funcionário do governo, que viera para Penukonda há algum tempo, era um ardente adorador de um faquir chamado Sai Baba. Então, propuseram que Sathya fosse levado até ele, já que era versado na tradição de Sai Baba. Ele deveria saber do que Sathya estava sofrendo e poderia sugerir uma solução. Ele aceitou ver o menino, mas não estava disposto a dar maiores esclarecimentos. Disse que era um caso claro de transtorno mental e os aconselhou a levá-lo para um hospício! Sathya o interrompeu e disse: “Sim, é um transtorno mental, mas de quem? Você é apenas um adorador que não consegue reconhecer o próprio Sai a quem diz adorar!” E, dizendo isso, encheu as mãos com *vibhuti* vindo ninguém sabia de onde e o espalhou em todas as direções, na sala onde estavam.

Após seu retorno, em uma quinta-feira, uma das pessoas desafiou Sathyanarayana: “Se você é Sai Baba, dê-nos alguma prova agora!”, da mesma forma que os incultos interpelam os sacerdotes do templo da aldeia quando estes dançam em êxtase, aparentemente possuídos. Baba respondeu: “Sim, eu darei”, e todos se aproximaram. “Coloquem em minhas mãos aqueles jasmims”, ordenou, e assim foi feito. Com um gesto rápido, Ele os atirou ao chão e mandou que olhassem. Eles viram que as flores caídas no chão formavam as palavras *Sai Baba* no alfabeto télugo!

Logo ficará claro que Sathyanarayana estava preparando as pessoas, passo a passo, para a Nova Era de Sathya Sai. Sua frieza despreocupada durante toda aquela tortura nas mãos do mago fez todos sentirem que Ele não era um menino comum, que Ele era uma manifestação superior. Através de vislumbres ocasionais de Sua Divindade, na precocidade extraordinária das canções, da dança, da música e da poesia, Ele demonstrara Seu poder de sair do corpo, Seu domínio sobre a dor e o sofrimento e, agora, resolvera anunciar ao mundo a Sua realidade.

Seshama Raju ainda abrigava seu frágil plano de atrair Sathyanarayana para a escola secundária, tornando-o apto para o “serviço público”, como constava no certificado de conclusão da escola secundária. Então, em junho, ele O levou de volta para Uravakonda e matriculou-O na escola. Sathya atraía a atenção de todos, pois tinham ouvido sobre a loucura e os esforços frenéticos dos pais para “curá-lo”; o menino era aclamado como um prodígio misterioso, um pequeno profeta, ou visto como uma curiosidade rara. Nas quintas-feiras, a casa ficava cheia de peregrinos até as primeiras horas da madrugada, vindos das várias aldeias próximas, que O faziam se sentar para Lhe oferecer flores e doces. Ele costumava mostrar Seshama Raju aos outros, dizendo: “Homem insensível, ele não crê!” O diretor da escola se inclinava diante do jovem aluno; os professores-assistentes Thammiraju e Sesha Iyengar viam além da cortina da ilusão e ouviam Suas palavras inspiradoras.

As quintas-feiras tornaram-se grandes eventos em Uravakonda. Sathya surpreendia a todos quando “produzia” fotos de Shirdi Sai Baba, pedaços de tecido cor de ocre, que dizia serem do *kafni*<sup>42</sup> usado por Shirdi Baba, tâmaras que haviam sido oferendas em Shirdi e também flores, frutas, açúcar cândi e *udl*<sup>43</sup> (este Baba tirava do nada e não do fogo, como Shirdi Sai Baba fazia). Um dia os professores da escola secundária vieram em grupo, para testá-lo com várias perguntas sobre Vedanta, *sadhana*, etc. Fizeram todas juntas, causando confusão. Após terem terminado, Ele deu as respostas na mesma ordem em que tinham sido feitas, aconselhando cada professor a ouvir com cuidado a resposta que Ele daria à sua pergunta. Além da adequação e correção das respostas, isso se tornou um feito intelectual memorável.

Então, o convite de alguns cidadãos de Hospet deu uma idéia a Seshama Raju. O Inspetor Escolar, o Funcionário do Serviço de Saúde, o Engenheiro, alguns Conselheiros Municipais e Comerciantes queriam que Sathyanarayana fosse levado até eles. Hospet fica a alguns quilômetros de distância das ruínas de Hampi, capital do antigo império Vijayanagara. O irmão viu naquilo a oportunidade de um piquenique que poderia melhorar a saúde mental do menino. Os feriados de *Dássara*<sup>44</sup> vieram a calhar.

Acamparam entre as ruínas. Caminharam ao longo das ruas que antigamente estavam cheias de joalherias e barracas de flores, percorridas por homens e mulheres de todas as nações do Oriente, e por viajantes e comerciantes do Oriente Médio e da costa do Mediterrâneo. Viram os estábulos de elefantes, o Palácio das Rainhas, o Monte Vijayadasami e depois foram ao Templo de Vittalanathaswami. Foram até a carruagem de pedra, ao monólito de Narasimha e ao gigantesco Ganapathi. Finalmente, foram ao Templo do Senhor Virupaksha, deidade protetora dos Imperadores Vijayanagara, que protegeram e cuidaram da cultura hindu por cerca de três séculos, entre 1336 e 1635.

Observaram que, durante toda a manhã, Sathya caminhou indiferente entre as ruínas, como se estivesse em um sonho. Um respeitado sábio, sentado à porta de um dos templos, disse a Seu respeito: “Este menino, acreditem-me, é divino”. Quando o grupo se dirigiu ao templo de Virupaksha, Sathya também foi com eles, mas estava mais interessado na altura e na majestade do portal do templo do que na adoração dentro do santuário. Ficou do lado de

---

<sup>42</sup> Espécie de saia comprida masculina.

<sup>43</sup> Nome que Sai Baba de Shirdi dava à cinza que tirava de uma pira que mantinha constantemente acesa, e que ofertava aos devotos como talismã ou remédio.

<sup>44</sup> Festival de dez dias, dedicado às Mães Divinas Durga, Lakshmi e Sarasvati esposas dos Deuses da Trindade Hindu: Shiva, Vishnu e Brahma, respectivamente.



fora e ninguém insistiu para que entrasse. Após algum tempo, o sacerdote reverenciou o *lingam*<sup>45</sup> com a chama de cânfora e convidou os peregrinos a observar o nicho iluminado pela chama que clareava o interior. Lá, dentro do altar, para sua grande surpresa, eles viram Sathya! Ele estava de pé no lugar do *lingam*, sorrindo, aceitando as reverências. Tudo a respeito do menino era tão impressionante e inesperado que Seshama Raju quis verificar se Ele realmente tinha se esgueirado para dentro do altar sem que ninguém notasse. Correu para fora e encontrou Sathya encostado em uma parede fitando o horizonte.

A surpresa dos membros do grupo pode ser mais bem imaginada do que descrita. Eles fizeram uma cerimônia especial para Ele naquele dia, embora não fosse uma quinta-feira, pois sua fé Nele como Manifestação estava confirmada. O local ficou em alerta, cheia de expectativa e excitação. A história Dele visto como Virupaksha espalhou-se também pela cidade, antes mesmo que a alcançassem. No dia seguinte, quinta-feira, Sathya, como Sai Baba, curou um paciente de tuberculose crônica com o Seu toque e o fez levantar e caminhar um quilômetro. Também “criou” vários objetos para os devotos, e o entusiasmo das pessoas não tinha limites. Os *bhajans* e o *nagar sankirtan* continuaram noite adentro, pois ninguém queria parar.

Podia-se sentir que Sathyanarayana ficava cada vez mais relutante em seguir alguma rotina; Ele lutava contra as limitações porque a História murmurava em Seu ouvido para se soltar e ultrapassar os limites! O período de comprovação que Sai Baba oferecera às pessoas à sua volta estava encerrado; Ele viu que o momento de emergir chegara, de ser sempre Sai, para todos.

Em 20 de outubro de 1940, um dia após todos retornarem de Hampi em ônibus especial, Sathyanarayana, como de costume, voltou para a escola. O inspetor, Sri Anjaneyulu, que era muito ligado ao pequeno Baba, O acompanhou até o portão da escola e voltou para casa muito relutante. Ele pensou ter visto um lindo halo em torno do rosto de Baba naquele dia, e não conseguiu desviar os olhos daquele encantamento. Poucos minutos depois, Baba também voltou para casa. Parou no degrau do lado de fora da porta e, colocando os livros de lado, disse: “Não sou mais o seu Sathya. Eu sou Sai”. A cunhada veio da cozinha para espiar e quase ficou cega com o esplendor do halo que viu em torno da cabeça de Baba. Fechou os olhos e gritou. Baba lhe disse: “Estou indo. Não pertenço a vocês. *Maya* acabou. Meus devotos estão Me chamando; Tenho o Meu trabalho; não posso mais ficar”. E, assim dizendo, deu as costas e foi embora, apesar dos chamados da cunhada. Ao ouvir a notícia, o irmão correu para casa, mas Baba lhe disse apenas: “Desista de todos os esforços para Me ‘curar’; Eu sou Sai; não Me considero ligado a você”. Ouvindo o barulho, o vizinho Sri Narayana Sastri percebeu que era algo sério. Correu para lá e, ao ver o esplendor do halo, caiu aos pés de Baba. Ele também ouviu a declaração histórica: “*Maya* acabou; estou indo; Meu trabalho Me espera”. Seshama Raju estava perplexo; mal podia raciocinar sobre esta nova situação. Um menino, de apenas quatorze anos, falando em devotos, trabalho, *maya* e a Filosofia do Pertencer! Só conseguia pensar em um plano: Sathya fora confiado a ele pelos pais e, por isso, era tarefa sua informá-los. Sathya só poderia sair de sua casa depois que eles viessem para Uravakonda.

Mas Sathya não pisaria novamente naquele lugar. Foi até o jardim da casa do inspetor e se sentou sobre uma pedra entre as árvores. Pessoas vieram até o jardim, de todas as direções, trazendo flores e frutas. A atmosfera ressoava com a voz de centenas de pessoas que cantavam os versos que Sathya as ensinara. A primeira oração que Ele ensinou a elas naquele dia foi, como vários se lembram:

*Manasa Bhaja Re Guru Charanam  
Dustara Bhava Sagara Taranam*

*“Medita em sua mente sobre os Pés do Guru;  
isso o fará cruzar o difícil oceano de samsara - a ilusão da Vida e da Morte”.*

Seus colegas choraram quando souberam que Sathya não voltaria para a escola, que Ele estava muito além do alcance e que a Sua companhia seria somente daqueles sobre os quais Ele derramasse Sua graça. Muitos foram ao jardim levando incenso e cânfora para adorá-lo. Alguns foram por solidariedade à família, outros, para parabenizá-la. Alguns foram para aprender e outros até para rir!

Três dias se passaram naquele jardim, com *bhajans* e *narga sankirtan*. Um fotógrafo chegou com uma câmara; queria que Baba removesse uma pedra grande que estava bem diante Dele, mas Baba não prestou atenção àquele pedido. Mesmo assim, ele tirou uma foto. E que maravilha! Uma reprodução daquela foto, apresentada neste livro, mostra que aquela pedra se transformou em uma imagem de Shirdi Sai Baba! Mas só na fotografia, e não para as pessoas lá reunidas.

---

<sup>45</sup> Objeto de forma oval ou elíptica, associado a Shiva e representativo da Criação. O Ovo Cósmico do qual o Universo emanou. Sendo um ídolo abstrato de Deus, é objeto de adoração em inúmeros templos por toda a Índia.

Um dia, em meio aos cânticos, Baba disse “Ó, *maya* voltou” e apontou para Eswarama, sua mãe, que tinha chegado apressada de Puttaparthi. Quando os pais Lhe imploraram para que voltasse para casa, Ele retrucou: “Quem pertence a quem?”. A mãe chorou e suplicou, mas não conseguiu convencer o menino. Ele repetia constantemente a frase “tudo é *maya*”. Finalmente, pediu à mãe que Lhe servisse uma refeição. Quando ela serviu alguns pratos, Ele misturou tudo e fez algumas bolas<sup>46</sup>. Ela deu três a Ele, que, engolindo-as, disse: “Sim, agora *maya* partiu. Não há necessidade de se preocupar”, e voltou para o jardim.

Poucos dias depois, Baba deixou Uravakonda. Os pais conseguiram persuadi-lo a voltar para Puttaparthi, assegurando que dali por diante eles se absteriam de importuná-lo com impropriedades ou perturbações à Sua tarefa de se encontrar com os devotos. Sri Anjaneyulu ofereceu adoração aos Seus Pés. Sri Subbanna e Ramaraju de Kamalapur supervisionaram os preparativos. O povo montou uma procissão com música até os limites da cidade e o *arathi* foi oferecido em vários pontos do caminho.

Baba foi bem recebido em Puttaparthi, primeiro na casa de Karnam por Subbamma. Por algum tempo, Baba permaneceu na pequena casa de Pedda Venkapa Raju e depois se mudou para a residência de Subbaraju, irmão de Eswarama. Mas logo foi para a casa de Subbamma, que cuidou Dele com amor e afeição, e recebeu bem todos os devotos em sua espaçosa casa. Ela não poupou esforços para tornar Sua estada feliz e proveitosa.

---

<sup>46</sup> É a descrição de uma típica refeição indiana, com pratos como arroz, legumes cozidos e lentilha, por exemplo. Como se come com as mãos, é comum que se faça bolas, misturando os alimentos, para ingerir depois.

## **BALA SAI**

### **(O Menino Sai)**

Tendo declarado que era Sai Baba, da família de Bharadwaja e de Apasthamba, Sathyanarayana Raju ficou, dali em diante, sendo conhecido como Bala Sai ou Sathya Sai Baba, um apelido que Ele próprio aceitou. Cânticos devocionais eram realizados em Sua presença, não somente nas tardes de quinta-feira, mas, gradualmente, todos os dias, havendo, às vezes, até duas sessões por dia: os peregrinos que começaram a chegar não podiam esperar até a quinta-feira seguinte para Lhe prestar homenagens. A princípio, foi utilizada uma pequena sala quadrada de dois metros e meio de lado, voltada para a rua que levava à casa de Pedda Venkapa Raju, como *Bhajana Mandir*<sup>47</sup>, mas podia acomodar somente uma dezena de pessoas no máximo, e a rua toda estava ficando cheia até não poder mais. Um funcionário público veio de Hindupur em um jipe para assistir a um *darshan*<sup>48</sup> de Baba, proporcionando aos aldeões seu primeiro contato com um veículo motorizado. Outros se sucederam em grande número. Então a família de Karnam construiu um galpão que foi ampliado com o passar dos meses. Até uma tenda foi montada e alguns devotos que vinham de Bangalore e Anantapur traziam suas próprias tendas. A espaçosa casa de Karnam também se tornou insuficiente, porque Baba insistia em alimentar todos os que vinham vê-Lo, sendo necessários refeitórios enormes.

Com muita freqüência, quando havia a ameaça de que os alimentos preparados fossem insuficientes, Baba era discretamente informado e, nas palavras de uma velha senhora que estava na casa de Karam durante aqueles meses, “Ele pedia que Lhe trouxessem dois cocos e, quando os recebia, batia um contra o outro e ambos se quebravam exatamente na metade. Ele então aspergia a água de coco sobre os inúmeros pratos de arroz, sobre as vasilhas que continham outros alimentos e nos dava um sinal para que prosseguíssemos com a tarefa de servir a todos que tinham vindo ou que pudessem vir até o anoitecer!”.

O próprio Baba falou sobre a infatigável devoção de Sri Subbamma, esposa de Karam, uma senhora que se encarregou de dar assistência aos peregrinos, e abrigou o próprio Baba em sua casa por alguns anos, até a construção do agora chamado “*Velho mandir*” em 1944. Baba compôs vários cantos e hinos de louvor para serem usados nessas sessões de cânticos, pois Sai Baba<sup>49</sup> era desconhecido naquela área e os cânticos se referiam a Dvarakamayi, Puti Mandiram, Udi, a Árvore Margosa<sup>50</sup> e outros temas que eram estranhos para os devotos que se reuniam em Puttaparthi. Muitos deles são cantados até hoje em Prasanthi Nilayam<sup>51</sup>.

Baba costumava se queixar da “atmosfera caseira” dos locais onde ficava e, embora com pouca idade, costumava desaparecer durante o dia ou à noite, indo para as montanhas que rodeavam a aldeia. Sempre que sentiam Sua ausência, Subbamma e outras pessoas costumavam procurar em todas as colinas e várzeas próximas; geralmente, encontravam-No sentado em silêncio sobre uma pedra, olhando para o vale, ou em algum buraco que lembrasse uma caverna ou fenda, nas areias, às margens do rio ou em algum barranco na margem oposta. Essas ausências e andanças deixavam as pessoas que cuidavam Dele muito ansiosas, pois não conheciam seu verdadeiro significado. Algumas temiam que Ele fosse para os Himalaias ou que se perdesse no ascetismo, já que não compreendiam a Natureza da Encarnação ou o propósito para o qual viera. Até hoje algumas dessas pessoas ainda comentam sobre as práticas *yogis* (!) do jovem nas colinas, sem saber que Ele veio para “suportar o *yogakshema*<sup>52</sup> de todos nós!”

Um dia, quando um grupo de devotos acompanhava Baba em uma caravana de carros de boi para Uravakonda, Ele desceu do carro e desapareceu nas colinas. Toda a área foi vasculhada, mas não havia sinal Dele. Todos ficaram muito aflitos – até que Baba surgiu, por volta das seis horas da tarde, revigorado, sorrindo e apaziguando o coração de todos.

Falando de carros de boi e jornadas para Uravakonda, sinto-me tentado a relatar um incidente que é descrito até hoje por Baba com alegria nos olhos. Apesar de ocasionais momentos de solidão que afastavam Baba dos devotos e O levavam para as colinas e várzeas, Baba sempre foi um menino alegre e feliz, que brincava e divertia a todos. Uma vez, quando cerca de vinte devotos seguiam pela estrada para Dharmavaram, Baba e um grupo de rapazes caminhavam atrás dos carros de boi sob a luz do luar. De repente Ele se afastou um pouco, sem ser notado pelo restante do grupo, e correu até a frente do carro que liderava os demais. Lá, Ele surgiu como uma moça de dezesseis anos que pediu uma carona aos que estavam no carro, pois Seus pés doíam. Lá para Dharmavaram, onde o marido tinha dado entrada no hospital. Ele representou seu papel com tantos suspiros, esfregar de olhos e até lágrimas, que as senhoras que estavam no carro tiveram pena da pobre “moça” e a levaram. Dois quilômetros depois, chegou, do final da fila, a notícia de que Baba tinha desaparecido e todos os carros pararam. Todos os ocupantes desceram e ajudaram na busca. Eles finalmente O encontraram um pouco à frente do primeiro carro e os

<sup>47</sup> Templo ou Salão onde são entoados os cânticos devocionais, ou *bhajans*.

<sup>48</sup> Literalmente: *visão do Divino*, o *darshan* é uma bênção pública concedida pelo *Avatar*, através de Sua Presença, para a alegria dos devotos.

<sup>49</sup> No caso, Sai Baba de Shirdi, a Sua Encarnação anterior.

<sup>50</sup> Também conhecida como *Neem*; uma das mais famosas e reverenciadas plantas medicinais da Índia por suas características antibióticas e desinfetantes.

<sup>51</sup> “Morada da Paz Suprema” – principal residência de Sathya Sai Baba e de abrigo para os Seus visitantes. Sua história será contada neste livro.

<sup>52</sup> Referência à promessa de Krishna, registrada na Bhagavad-Gita, de carregar o fardo de todos os que se entreguem a Ele.

mais velhos ousaram chamar a atenção de Baba por brincar de esconder em local desconhecido, no meio da noite! A jornada recomeçou, mas agora faltava outra pessoa. Onde estava a moça cujo marido era paciente no hospital de Dharmavaram? Para onde poderia ter ido? Talvez, em sua ansiedade para estar ao lado do marido, ela tivesse prosseguido quando os carros pararam para procurar Bala Sai. Então, alguns jovens bem dispostos correram adiante, mas voltaram dizendo que a estrada estava vazia pelo menos nos próximos três quilômetros. Finalmente perguntaram ao próprio Baba, pois sabiam que Ele certamente conhecia o paradeiro de qualquer pessoa desaparecida. É claro que Ele sabia! A “moça” estava ali, diante deles, sob a forma do próprio Baba, o Grande Ator.

Venkamma, a “irmã”, vivia importunando Baba, pedindo uma foto de Shirdi Sai Baba, sobre quem tantas cantigas Ele havia composto. Baba respondeu, ao que tudo indica, que faria a foto em uma determinada quinta-feira. Mas Baba foi para Uravakonda no dia anterior à quinta-feira prometida, e ela também se esquecera do assunto, pois tinha certeza de que teria a lembrança algum dia, embora não soubesse exatamente quando. A noite chegou e todos dormiam em Puttaparthi. Alguém chamou: “*Ammayi Ammayi*” (Mãezinha, mãezinha) do lado de fora da porta, mas ela não se levantou para atender, pois o chamado cessou. Imaginou que deveria ter sido alguém na casa vizinha. Quando se deitou novamente, após ter se sentado por um instante, ouviu um som áspero por trás de um dos sacos de *jowar*<sup>53</sup> no mesmo quarto; imaginou que fosse um rato ou uma cobra – o som era distinto e alto. Então ela acendeu uma lamparina e procurou. Havia uma coisa grudada atrás da saca, algo branco, fino, um pedaço de papel enrolado, uma imagem de Shirdi Sai Baba misteriosamente presenteada por Baba, que estava em Uravakonda naquele momento! Ela tem a imagem até hoje.

Naquela época, Baba geralmente ia todas as noites até as margens do rio com os devotos e os *bhajans* eram realizados geralmente ali, porque não havia uma sala nem local grande o suficiente onde todos pudessem se acomodar. O próprio Baba disse várias vezes que os primeiros dezesseis anos de Sua vida seriam marcados principalmente pelas *lilas* (brincadeiras Divinas), os dezesseis seguintes por *mahimas* ou Milagres e os anos subseqüentes por *upadesha* (ensinamentos). Naturalmente, tinha afirmado que *lilas*, *mahimas* e *upadesha* seriam a característica principal, mas as demais não estariam ausentes durante cada um dos estágios. Fiel a esta declaração, Ele fez muitos milagres para os devotos que participavam daqueles *bhajans* noturnos. Foi ali que o tamarineiro que crescia solitário no alto da colina sobre a margem esquerda do Chitravathi, perto de onde a estrada chega até o rio, ganhou a reputação de ser uma *kalpatharu*<sup>54</sup>, embora o nome de *Sankalpatharu*<sup>55</sup> fosse mais apropriado, porque Baba costumava levar os devotos até lá onde colhia frutas variadas, como maçãs de um ramo, mangas de outro, laranjas de um terceiro e figos de um quarto ou quinto. Naturalmente, como diz Baba, Ele pode fazer de qualquer árvore uma *kalpatharu* quando quiser, pois Ele mesmo é O *Kalpatharu*!

Ele subia nas pedras com rapidez, deixando as pessoas surpresas. Na verdade, não subia. Em um momento, Ele falava com os devotos e no seguinte os chamava, do lado do tamarineiro. Em geral, ajudava os devotos mais velhos e mais gordos: quando seguravam Sua mão, levantava-os como se não tivessem peso.

Existem alguns devotos afortunados daquela época que mal conseguem se conter de alegria quando descrevem os milagres que tiveram o privilégio de testemunhar. No alto da colina, ao lado da *kalpatharu* mencionada, Ele lhes pedia, com uma voz clara de comando, “Olhem para cima”, e eles viam um halo de luz em volta da cabeça de Baba, ou um raio de luz ofuscante que emanava de Sua testa, “do Terceiro Olho de Shiva”, dizem. Há relatos de alguns devotos que desmaiaram à visão daqueles estranhos fenômenos. Alguns, olhando para cima, desde as margens, viram um enorme Shirdi Sai Baba iluminado por um brilho misterioso; outros viram o rosto de Sathya Sai Baba dentro da Lua cheia e milagres como um pilar de fogo, etc.

Um universitário, que estava presente em uma noite em que Baba ascendeu à colina na qual ainda se pode ver o tamarineiro, escreve o seguinte: “No dia seguinte, Baba nos levou novamente para o rio. Na verdade, Ele saía para passear todos os dias, indo às vezes para um topo próximo de Sahebcheruvu, um reservatório do outro lado do rio onde se deliciava nadando e mergulhando, ou para as areias às margens do rio. Após conversar por algum tempo, Ele desafiou alguns jovens com Sua idade física, ou seja, alguns adolescentes, a correr com Ele pelo caminho pedregoso das margens até o tamarineiro. Eles partiram, mas, antes de um piscar de olhos, Baba nos chamava lá do topo, com enorme alegria. Pediu aos demais que parassem onde estavam e disse a cada um: “Olhem para Mim; estou lhes dando a *Visão da Luz Divina*”. De repente, como um Sol rasgando aquela penumbra de Lua Nova, surgiu uma grande bola de fogo. Era impossível abrir os olhos e olhar. Cerca de três ou quatro devotos desmaiaram. Passava um pouco das sete horas da noite”.

Ao mencionar o morro próximo a Sahebcheruvu, podemos recordar outro incidente. Um dia, Baba atou um balanço a um dos ramos da árvore, no qual balançava bem alto, com grande rapidez e alegria, para o prazer de todos. De repente, disse aos devotos que estavam sentados no chão: “Olhem!”. Eles olharam para cima e viram o encantador Menino Vaqueiro de Brindavan (Krishna) sentado em um *jhula* (espécie de balanço) magnificamente decorado com flores. Alguns também perderam a consciência e tiveram que ser reanimados por Baba, que aspergiu sobre eles

<sup>53</sup> Sorgo – espécie de grão cultivado no sul da Índia.

<sup>54</sup> Lendária Árvore Celestial que concede todos os desejos.

<sup>55</sup> Trocadilho feito por Kasturi. *Sankalpa* significa vontade (no caso, a Vontade de Baba) e *tharu*, significa árvore.

grãos de *akshatha*<sup>56</sup> materializados por um “gesto” de mão. Quando voltaram a si, surpresos e em lágrimas, Baba lhes disse: “Acalmem-se, não fiquem perturbados. É por isso que não concedo a vocês essas Visões!”.

Da mesma forma, o *purohit*<sup>57</sup> de uma família que hospedou Baba em Mysore foi inesperadamente agraciado com uma visão de Narasimha. Srivaishnava *brahmin*<sup>58</sup> desmaiou e permaneceu inconsciente por várias horas. Um inspetor de saúde aposentado, a quem Baba mostrou a Luz Divina emanando de Sua testa enquanto conversavam sobre Deus e a Divindade, ficou tão excitado com o estranho esplendor da experiência que não conseguiu recuperar a consciência por setenta horas, e seus filhos reclamaram com Baba por tê-lo levado tão próximo das portas da morte!

Um devoto de Kamalapuram vivia pedindo para Baba lhe mostrar algum milagre. Um dia, Baba o chamou e também à sua mãe e outros membros da família, oferecendo-se para lhes mostrar os Dasavataras<sup>59</sup>, as Dez Encarnações de Vishnu! Matsya, Kurma e Varaha passaram sem incidentes, mas, quando a terrível forma de Narasimha surgiu, eles gritaram e se contorceram de medo, temendo que a casa caísse sobre suas cabeças; disseram “basta, basta!”, e Baba os acalmou após o *Mangalarathi* ter sido realizado por pessoas que, embora estivessem ali, não tiveram a visão porque o milagre não se destinava a elas. A visão dos Dez *Avatares* foi concedida a outro senhor, já falecido, parente da família Karnam. Na verdade, ele faleceu porque sua estrutura física era muito fraca para suportar a alegria da aparição. Baba o levou ao rio e pediu-lhe que olhasse para o reflexo, Seu próprio reflexo na água. O homem revelou mais tarde que, a princípio, viu o próprio Sathya Sai Baba, depois somente o halo de cabelos que circunda Sua Cabeça e, em seguida, todos os dez *Avatares* na ordem em que são mencionados nos Puranas; o *Avatar* Kalki, montado a cavalo, tinha a forma do próprio Baba!

Podemos avaliar a hesitação de Baba em dar essas visões quando nos lembramos do caso de Sri Krishnamurthy, um funcionário do Secretariado de Mysore. Naturalmente, Baba abençoaria somente aqueles que tivessem atingido o estágio no qual merecessem a visão que Ele concede. Ele é o Juiz do momento, do beneficiário e da natureza da Visão e, se a pessoa aquinhoada ficar tão dominada pela alegria que não consiga sobreviver nessa condição física, muito frágil para suportar esse tipo de bem-aventurança, só lhe restará agradecer pela glória e pela bênção de tal morte.

Baba estava então em Bangalore e era um rapaz de dezessete anos. Costumava usar uma camisa branca de manga curta e um *doti* em torno da cintura. O senhor Krishnamurthy, mencionado acima, era um visitante freqüente e um membro entusiasta do grupo de cânticos. Ele observava Baba de perto e O seguia há alguns dias. Então, certa vez, por volta das oito horas da manhã, encontrou Baba e disse, um tanto excitado: “Sei que Você é Deus; mostre-me a Sua verdadeira forma!”. Baba tentou evitar, mas não conseguiu. Então, deu a ele um retrato de Shirdi Sai Baba, que “materializou” na hora, e o orientou a meditar sobre aquela imagem, pregando-a na parede. “Fique olhando para este retrato”, ordenou Ele e saiu da casa para dar o *darshan* a alguns devotos, em suas próprias casas.

Baba retornou quando o relógio marcava doze horas. Assim que atravessou a soleira, Krishnamurthy surgiu chorando de alegria e desmaiou na sala! Quando voltou a si, tremia e respirava com dificuldade; mantendo seus olhos bem fechados, seguindo Baba de sala em sala, pedindo, algumas vezes em tom de lamento, em outras com veemência: “Dê-me o Seu *Pada!* Deixe-me tocar Seus Pés”. Parecia saber exatamente onde Baba estava, pelo olfato, pois farejava o caminho até Ele. Mas Baba o afastava com gentileza, esquivando-se ou mantendo Seus Pés firmemente recolhidos quando se sentava, sem jamais aceitar suas impertinências.

Quando pediram para Krishnamurthy abrir os olhos, ele se recusou dizendo que não desejava pousá-los sobre qualquer outra coisa; queria somente tocar e ver os pés de Baba. Sua excitação e alegria continuaram inabaláveis por dias, e Baba disse que ele morreria se tocasse Seus pés naquele êxtase. Calmamente, Baba o persuadiu a ir para casa, dizendo que lhe daria Seu *darshan* lá. Baba se mudou para uma hospedaria do governo. No entanto, Krishnamurthy não conseguia se conter; com os olhos ainda fechados, de alguma forma ele farejou o caminho. Pegou uma carroça e indicou ao condutor a direção da casa onde Baba estava! Saltou e correu em torno do prédio. Deu uma volta e começou a bater na janela do quarto onde Baba estava naquele momento! Baba falou novamente do perigo que sua vida corria devido à alegria esmagadora da sua experiência. O homem foi arrastado de volta para casa pelos parentes, que o seguiram. Ainda mantinha os olhos fechados e implorava pelos pés de Baba.

Foi levado para o hospital por algumas pessoas, pois ficara fraco devido ao jejum e por se recusar até mesmo a beber água. Baba lhe enviou um pouco de *padathirtha*, ou seja, água com a qual Seus Pés tinham sido lavados e, ao bebê-la, ficou forte o suficiente para ser levado para casa. Lá, deitado sobre um catre na sala, pediu para todos

<sup>56</sup> Grãos de arroz inteiros coloridos com cúrcuma e água, geralmente usados como oferenda.

<sup>57</sup> No contexto, trata-se de um sacerdote particular que serve com exclusividade a uma família nobre ou real. O termo também se aplica aos sacerdotes hindus em geral.

<sup>58</sup> Brâmane da linha de Vishnu

<sup>59</sup> Dez *Avatares* ou Encarnações Divinas. Pela ordem: Matsya (o Peixe), Kurma (a Tartaruga), Varaha (o Javali), Narasimha (híbrido de homem e leão) e os *Avatares* humanos: Vamana, Parasurama, Rama, Balarama, Krishna (alguns autores consideram Buddha, depois de Krishna, excluindo Balarama) e, por último, Kalki, que virá no Fim dos Tempos.

realizar os cânticos. Quando a cerimônia terminou, viram que ele não se levantou. Tinha tocado os pés do Senhor. O Rio alcançara o Mar. Ele deve ter sido uma alma altamente elevada para merecer bem-aventurança tão inefável.

Nos anos seguintes, Baba também concedeu as visões de *Ishtadevatas*<sup>60</sup> e de Suas próprias Formas a várias pessoas. Elas compartilham da lembrança daquele momento de bem-aventurança.

O próprio Baba tem dito com freqüência que o Senhor precisa assumir a forma humana para ser compreendido pelos homens, para falar com eles em sua própria língua, do mesmo jeito que uma pessoa que quer salvar um homem que está se afogando precisa pular no mesmo lago que ele. Ninguém pode aproveitar um *Avatar* se o Senhor vier à Terra tal como é, com Seu inigualável Esplendor. Em outra ocasião Ele perguntou a algumas pessoas vindas de Kamalapur se gostariam de ouvir a melodiosa Flauta de Sri Krishna. Quem diria que não? Pediu-lhes para colocar as cabeças sobre Seu peito e elas conseguiram ouvir a melodia encantadora da flauta de Krishna que fazia até o rio Yamuna parar. Eswarama fala de outra experiência arrebatadora, quando Baba disse: “Ouçam! Shirdi Sai Ram está aqui”. Ela e todos na sala conseguiram ouvir passos que avançavam em sua direção, pesados, de pés calçados com sandálias de madeira, que cessaram quando chegaram onde Baba estava sentado. Parece que, quando se ouviu o primeiro som, a mãe perguntou, um pouco zangada, “Quem está entrando calçado com sandálias?”, de tão real e verdadeira que era a sensação.

Esta foi a experiência da “mãe”; o “pai”, Pedda Venkapa Raju, tem outro incidente para narrar. Uma noite, algumas pessoas vieram de Penukonda para Puttaparthi e, entre elas, estava um velho amigo da família, Sri Krishnamachari, que, embora nativo de Puttaparthi, havia muito se estabelecera em Penukonda como advogado. Ele e outras pessoas foram à casa de Karnam, e a senhora Subbamma lhes serviu café. A conversa naturalmente girou sobre o último fenômeno de Sathyanarayana Raju, e eles perguntaram a Pedda Venkapa Raju, por acaso ali presente, o que acontecia e quanto de verdade havia. Ele respondeu que tudo era um mistério para ele, que se sentia igualmente no escuro. Então, ao que tudo indica, o advogado chamou Venkapa Raju de “trapaceiro” e o acusou de enganar o povo inocente da aldeia com histórias inacreditáveis. Isso o enfureceu de tal maneira que ele foi até onde Baba estava naquele momento e O desafiou a convencer os que duvidavam de Sua Divindade, para que não o ofendessem como o advogado fizera. Baba pediu friamente para trazer todos os que duvidavam diretamente até Ele.

Com isso, Subbamma e o grupo de convidados de Penukonda foram levados à casa de Pedda Venkapa Raju, onde Baba se encontrava no momento. Baba perguntou a Subbamma se ela gostaria de ver o Túmulo de Shirdi<sup>61</sup> e, ao receber uma resposta afirmativa, Ele a levou para um quarto dentro da casa e disse: “Veja!”. E ela pôde ver o Túmulo com todas as flores, varetas de incenso exalando fumaça e fragrância e um servo sentado em um canto, murmurando algum *mantra* para si mesmo! Baba lhe disse: “Neste lado, veja o templo de Anjaneya<sup>62</sup> e, mais adiante, veja o pé de *margosa*”; e a ela pareceu como se estivesse em um vasto espaço ao ar livre, olhando para a cena em Shirdi, com toda a paisagem se expandindo diante dela por muitos quilômetros, até o horizonte distante.

Quando saiu da sala, após essa emocionante experiência, convenceu Sri Krishnamachari a seguir Baba até o mesmo quarto. Baba levou a todos, um por um, e deu a mesma visão: uma panorâmica do Túmulo em Shirdi e suas vizinhanças. Pedda Venkapa Raju conta que ele foi levado para dentro depois de todos e que, quando saiu, era outro homem; suas dúvidas tinham desaparecido. Os amigos de Penukonda se desculparam pelos comentários desdenhosos e disseram que, com um Fenômeno Divino como Baba, o comentário mais sadio a se fazer seria o de que era “um mistério totalmente incompreensível”. Eles, Subbamma e Pedda Venkapa Raju ficaram convencidos, naquele dia, que o jovem de dezesseis anos era realmente uma encarnação de Baba. Pedda Venkapa Raju diz que instruiu a família a considerar Baba Divino e não aborrecê-lo mais com coisas sem importância, negligência ou mau humor.

Baba já estava empenhado, mesmo durante aqueles primeiros dias, em transmitir ensinamentos espirituais; na verdade, Sua vida é uma lição contínua. Um exemplo claro disso é o *upadesha* (conselho espiritual) que Ele deu a Digambara Swami quando este veio a Puttaparthi em 1941. A cidade de Bukkapatnam estava ansiosa com a visita desse asceta, um homem idoso que tinha perdido o uso das duas pernas, que havia descartado o uso de roupas e que era visto pelas pessoas como um exemplo completo de sabedoria. Seus admiradores estavam impacientes para verificar as reações de Baba quando confrontado com um veterano de tantos sacrifícios. Digambara Swami também tinha feito um voto de silêncio e, por isso, a curiosidade das pessoas ficou ainda maior. A pequena e doce Criança Divina encontrou o herói de peso que foi carregado pela aldeia e depositado diante da casa de Karanam. Baba deu ao sábio nu uma grande toalha (!) e alguns conselhos, que ele não havia recebido em nenhum outro lugar.

“Se você cortou todo o relacionamento com a sociedade, como a sua nudez indica, por que não foi então para uma caverna na floresta, distante da sociedade humana? Por que tem medo? Por outro lado, se deseja ter discípulos, por causa da reputação e dos alimentos disponíveis nas cidades e aldeias, por que se permite ser confundido com um

<sup>60</sup> Deidades às quais o indivíduo ou toda a sua família dedica devoção especial.

<sup>61</sup> O túmulo ou *samadhi* da encarnação anterior de Sai Baba é um templo e um local de peregrinação localizado na cidade de Shirdi, onde Ele viveu.

<sup>62</sup> Mais conhecido como Hanuman, o homem-macaco super poderoso que lutou ao lado do *Avatar* Rama para resgatar Sua esposa Sita, contra os exércitos do demônio Ravana, para resgatar Sita.

homem sem apegos?” Foram essas as palavras proferidas pelo jovem Baba. Elas tocaram a todos, deixando-os maravilhados e admirados.

Digambara Swami olhou desconcertado, pois evidentemente não era sincero o suficiente para assumir sua “nudez” e seu voto de silêncio. Entretanto, Baba não foi sarcástico; longe disso, Ele estava pronto a ajudar, asseverar, apoiar! Com um afago na corcunda, declarou: “Eu conheço sua dificuldade. Você tem medo de não conseguir comida e abrigo se for para longe da companhia dos homens, não é? Bem, Eu lhe asseguro que aquele que toma o Nome do Senhor, onde quer que esteja, terá alimento. Eu garanto isso. Você pode estar nas profundezas dos Himalaias ou na selva mais fechada, Eu lhe darei de comer regularmente ali! Mas, se não tiver essa fé e essa coragem, pode meditar sobre Ele aqui mesmo; então, não ande nu, nem dê todo esse trabalho para essas pessoas que lhe carregam de um lugar a outro”. Que grande ensinamento! Se as pessoas compreendessem seu significado! Aquela era a Voz Autêntica; somente um *Avatar* poderia falar com aquela convicção!

Neste ponto, é melhor mencionar que essa convicção é transmitida até hoje por Baba a todos os aspirantes espirituais. Três anos atrás, quando Swami Satchidananda O encontrou, Baba lhe disse para cultivar sua prática de ioga e não a desperdiçar nas múltiplas atividades de secretariado de uma Organização<sup>63</sup>; e acrescentou, dando um tapinha nas costas do velho *sanyasi*<sup>64</sup>: “Suas realizações no ioga, por si só, penetrarão na rocha da caverna onde você se sentar e trarão boa sorte ao mundo; retire-se para a solidão dos Himalaias; Eu providenciarei alimento e abrigo onde você estiver!” A mesma Voz Autêntica, a Voz do *Avatar* que veio para guiar e cuidar de todos os aspirantes espirituais, de qualquer religião, raça ou lugar!

Com a chegada dos devotos de todas as partes após a notícia da manifestação de Sai Baba em Puttaparthi, Baba ficou ocupado com a cura das doenças físicas e mentais dessas pessoas. Ele diz que isso faz parte de Sua missão, pois ninguém consegue ouvir um chamado para ter uma disciplina espiritual se estiver afligido por problemas físicos e mentais. Por isso, vários casos de doenças crônicas, demência, histeria, possessão por espíritos malignos e fantasmas, etc. foram trazidos à presença do Grande Curador. Pessoas que eram adoradoras de Shirdi Baba também vieram, por curiosidade, para examinar a nova Manifestação do seu Senhor. Muitos persuadiram Baba a visitar seu local de origem e, assim, Baba foi a Bangalore e esteve em algumas casas que tinham contatos com Mirzapur, Kolapuram, Pithapuram, Sandur, Madras e outros lugares. Alguns devotos vieram também de famílias *Ursu* ligadas à linhagem real de Mysore. Em Bangalore, Baba “operou” uma úlcera duodenal persistente e o paciente ficou completamente curado; os “instrumentos” foram todos “materializados” de forma misteriosa e com isso a corrente de peregrinos aumentou consideravelmente.

Tudo isso deixou clara a necessidade de haver um *mandir* maior, onde Baba pudesse morar e os devotos ficassem acomodados. Foi assim que o *velho mandir* foi planejado por Thirumala Rao, de Bangalore, e outros, em 1945. O local selecionado ficava um pouco afastado da aldeia, entre os templos de Sathyamma e Gopalakrishna, no mesmo lugar onde eram montados tendas e galpões havia alguns anos, durante o Dasara e outros festivais, pela família Karnam e por outros devotos.

Quando a servente, chamada Guni Venkata (ou seja, Venkata Corcunda), cavou no local indicado por Baba para que as pedras consagradas pudessem ser lançadas como fundação, surgiram vários *pithams*, bases para *lingans*. Mas o estranho foi que nenhum *lingam* foi encontrado, apesar de uma busca intensa. Dezenas de *pithams*, mas nem um único *lingam*! As pessoas se reuniram em torno de Baba, pedindo uma resposta. Ele lhes disse enigmaticamente, apontando para o Seu estômago: “Os *lingans* estão todos aqui”. Aqueles que já testemunharam a emergência de *Ingans* da Boca de Baba em todas as noites de Mahashivaratri<sup>65</sup> devem estar convencidos da exatidão da resposta; os demais terão que se satisfazer com o consolo de que os desígnios do Senhor estão além das categorias com as quais os medimos, pesamos, inferimos e julgamos.

Após o término da construção, Baba saiu da casa de Karnam e passou a residir no quarto à esquerda da varanda da frente, um pequeno cômodo, com cerca de 2,5 metros de comprimento por dois metros de largura.

Nessa época, Baba foi a Madras e deu o *darshan* a milhares de pessoas lá. Foi também até *Masulipatam*. Onde fosse, concedia às pessoas paz mental, conselhos espirituais e a garantia de que as orientaria e protegeria. Um dia, enquanto estava nas areias da praia próxima a Masulipatam, Baba caminhou direto para o mar. Os devotos levaram algum tempo para compreender a situação. Então ouviram uma voz e se voltaram para as ondas, de onde tiveram uma visão de *Sesha Sai*, o Senhor da Serpente *Sesha*<sup>66</sup>, reclinado sobre as ondas. Em um piscar de olhos, Baba estava de volta ao lado de todos, que ficaram chocados com o fato de Suas roupas sequer estarem molhadas! Em outro dia, Ele caminhou até o mar, parando bem à margem das águas, e atirou longe uma xícara de prata nas ondas.

<sup>63</sup> Baba se referia à *Divine Life Society*, fundada por Swami Shivananda Sarasvati, da qual Satchidananda era Secretário. O encontro entre os dois ocorreu no final da década de 1950 (Ver o capítulo seguinte: “Do Cabo até Kilanmarg”).

<sup>64</sup> Asceta que renuncia ao mundo para viver uma vida monástica.

<sup>65</sup> Noite de vigília em adoração a Shiva, que ocorre todos os anos nos meses de fevereiro ou março, conforme o calendário lunar indiano.

<sup>66</sup> Originalmente, Vishnu é o Senhor da Serpente *Sesha*, que Lhe serve de leito. A imagem do Deus reclinada sobre uma enorme cobra, que muitos dizem ser inspirada na Via Láctea, representa o Senhor descansando sobre o Universo. No contexto, os devotos devem ter visto o próprio Baba nessa posição reclinada.

Todos se perguntaram por quê, mas, em um instante, a xícara voltou e foi depositada próxima deles. Baba levantou-a com a “água salgada” que estava dentro. Despejou-a na palma das mãos dos devotos, algumas gotas para cada um, que foram engolidas com reverência; e cada pessoa saboreou uma fragrância e uma doçura além de qualquer comparação. O mar Lhe oferecera *amrita*<sup>67</sup>, assim como, anos depois, envolveria Seus Pés com uma guirlanda de pérolas.

As pessoas que presenciaram essas *lilas* e provaram do néctar estão agora em Prasanthi Nilayam como devotos fervorosos de Baba.

Seria um erro inferir através desses incidentes que Baba estava tentando impressionar as pessoas à Sua volta com a manifestação de Sua Divindade. O miraculoso faz parte da própria natureza do Senhor; Seus atos se encontram além de nossa aritmética, física e química. Platão chamou a investigação da natureza da relação entre o “aqui e agora” e o “depois e sempre” de *metafísica*, ou “após a física”. Os atos de Baba são todos *meta*! Ele realiza milagres porque Ele é Ele e não por algum desejo, propósito ou necessidade, pois o que Ele poderia precisar ou desejar?

Sempre que uma pessoa chegava à Sua presença, mesmo naquela época, Baba imediatamente a conduzia pela mão e, com um conselho, uma sugestão, uma sátira, um sarcasmo ou mesmo com uma clara repreensão, Ele lentamente transformava o indivíduo em um membro humilde, silencioso, piedoso, porém eficiente e entusiasta, da sociedade. Essa é a alquimia de Seu toque. Mesmo quando se dirigia a grupos de devotos, Ele enfatizava a necessidade da transformação interior. Dizia para todos ter coragem e explicava que a coragem só podia surgir da fé no poder infinito, na misericórdia infinita do Senhor. Naturalmente, quem estava inclinado à dúvida só necessitava se aproximar Dele e provar de Seu poder e misericórdia infinitos.

Falando da Sua compaixão, lembrei-me de um incidente que aconteceu em Bangalore quando Ele ainda era um adolescente. Um sapateiro, que trabalhava com afinco em uma esquina da rua onde ficava a *Estação Civil*<sup>68</sup>, viu Baba em um bangalô do outro lado. Muitos carros entravam e saíam da casa; flores e frutas eram trazidas e os rostos dos que saíam à rua brilhavam de alegria e contentamento. Falavam de um *Avatar*, de Sri Krishna, de Bhagavan, de Baba, etc. Então, ele também se aventurou a entrar pelo portão e, nervosamente, espreitou o salão onde Baba se sentava em uma cadeira especial, com homens de um lado e mulheres do outro. Seus olhos pousaram em Baba no mesmo momento em que Ele o viu. Imediatamente, Baba se levantou e veio na direção da porta onde ele estava. Aproximou-se dele, pegou a pequena guirlanda meio ressecada que o sapateiro levava nas mãos, antes mesmo que o homem a oferecesse, e perguntou-lhe em *tamil*<sup>69</sup> o que desejava Dele.

A ousadia de formular seu desejo e expressá-lo em tantas palavras deve ter sido concedida ao velho sapateiro pelo próprio Baba, pois de que outra forma poderia se explicar o pedido que ele ousou fazer? Para surpresa de todos que o ouviram, disse, confiante e sem hesitação: “Por favor, venha também à minha casa e aceite alguma coisa!” Baba deu um tapinha carinhoso em suas costas e respondeu: “Está bem, Eu irei”, e voltou para o Seu lugar do outro lado do salão.

O sapateiro esperou muito tempo, pois queria dizer a Baba onde era a sua casa e saber quando Ele o visitaria, para que pudesse limpá-la e estar pronto para recebê-Lo, mas tinha que voltar correndo para a esquina, para cuidar das peças de couro e dos sapatos velhos. Foi empurrado e sacudido pelos visitantes que saíam, e ninguém Lhe deu ouvidos quando disse que Baba prometera visitá-lo em sua choupana e pediu para as pessoas perguntar a Ele quando iria. Alguns riram de sua audácia; outros disseram que estava bêbado ou louco. Os dias se sucederam. Baba passava os dias com outros devotos e não visitou mais o bangalô que ficava na esquina oposta à do sapateiro, que perdeu todas as esperanças de encontrar Baba novamente.

Certo dia, um carro elegante parou em frente ao ancião. Ele levou um susto e receou que fosse um carro da polícia ou de fiscal que viera para prendê-lo. Mas era Baba! Ele convidou o sapateiro para entrar no carro. O homem ficou tão confuso que nem conseguiu abrir a boca e orientar o motorista até sua casa. Mas Baba parecia saber! Quando o carro parou à beira da estrada, Ele desceu e correu pelas pedras da ruazinha até o barraco certo, no meio de várias habitações miseráveis. O homem correu na frente para avisar a família; Baba “pegou” alguns doces e frutas, dando-as como alimento abençoado à família do sapateiro e se sentou sobre uma tábua próxima à parede. Abençoou o ancião, que derramava lágrimas de alegria, partilhou de algumas bananas que ele trouxe de uma loja próxima e deixou o barraco, que, após Sua visita, se transformou em um local de peregrinação para toda a vizinhança! Assim é o Amor de Baba.

No entanto, em sua ignorância, algumas pessoas tentaram até envenenar Baba! Como o incidente revela mais do que uma faceta da divindade de Baba, é melhor contá-lo em detalhes. Até hoje Baba não permite que seja chamado de “tentativa de assassinato” e, como Suas palavras são a verdade, repetiremos que foi somente uma tentativa de testar se Ele sobreviveria à ingestão de veneno. Foi mais um ato de ceticismo do que de maldade.

<sup>67</sup> O Néctar Celestial que concede a imortalidade.

<sup>68</sup> *Civil Station*. É um complexo que concentra prédios administrativos públicos, existente em várias cidades indianas, cujas casas costumam hospedar autoridades de passagem pelo local.

<sup>69</sup> Um dos idiomas principais falados na Índia, originário do Sul.



Era um dia festivo e, junto com dois devotos, Baba visitou algumas casas em Sua aldeia. Em cada casa, Ele provou alguma coisa e, quando entrou na casa em que se havia preparado comida envenenada, mostrou um entusiasmo extra, exigiu maior quantidade da iguaria mortal e cuidou para que Seus companheiros não a consumissem. Quando voltou para a casa de Karnam, confidenciou a algumas pessoas o segredo do convite especial daquela casa em particular e falou sobre a estranha futilidade e tolice de tudo aquilo, rindo sinceramente do incidente. Após um tempo, vomitou tudo, e as pessoas à sua volta, em segredo, testaram a comida para ver se era ou não venenosa para os seres vivos. E era!

Na verdade, Baba sente prazer em fazer o que os mortais não ousariam. Por exemplo, na noite da picada da cobra! Esse incidente está descrito no capítulo *O Gesto da Mão*. Naquela noite, após Sua recuperação através da aplicação de um talismã produzido milagrosamente por Sua graça, todos na aldeia pediram que Ele não ingerisse o jantar, pois o alimento poderia agravar o veneno; no entanto, com audácia, Ele comeu até um pouco mais do que o comum. Aconselharam que Ele não dormisse, sem saberem que Seu sono é somente *nidramudra*<sup>70</sup>, ou seja, dedicado à vigilante proteção do mundo; mas Ele “dormiu” mais do que de costume. Na manhã seguinte, os mais velhos Lhe pediram para evitar a água fria, mas, de propósito, Ele mergulhou em um poço e nadou somente para contrariar o nervosismo e as precauções humanas! Apesar dessas constantes lembranças de Sua Divindade, confinamos Suas Alturas às nossas próprias estaturas e circunscrevemos o Ilógico Supremo à nossa precária porém simétrica lógica humana!

Subbamma era a pessoa mais preocupada com a saúde de Baba e mais ainda com as centenas de peregrinos que se reuniam em Puttaparthi. Até hoje Baba diz que o moinho de pedra de sua casa estava sempre em uso, preparando *chutney* com as pilhas de cocos que os peregrinos ofereciam. Subbamma ralava coco, infundavelmente, quase oito horas todos os dias! Tinha imenso amor e devoção pelo Senhor, e Baba disse que satisfaria seu desejo de receber *darshan* em seus últimos momentos. É comovente a história daqueles momentos e do *darshan*.

Subbamma ficou doente e foi levada para Bukkapatnam. Porém, apesar da doença, um dia ela veio de carro de boi para ver Prasanthi Nilayam, que estava sendo construído. Logo ficou presa ao leito, sem poder se mover. Seu estado piorou e Baba estava em Bangalore. Em seu delírio, Subbamma falava sobre Baba e sobre a visão de Shirdi Sai Baba que tivera o privilégio de ver, sobre as inúmeras *lilas* daquele Krishna que testemunhara; quando voltou a si, sua conversa foi sobre os mesmos incidentes e a mesma Pessoa. Estava entre parentes que não tinham muita simpatia por esses sentimentos, pois achavam que o amor dela pelo estranho e milagroso Menino a tinha afastado dos amigos e parentes e, por isso, disseram-lhe que Baba estava a centenas de quilômetros de distância e que seria melhor para ela concentrar sua escassa atenção nas pessoas e assuntos mais próximos e mais íntimos. Mas sua Fé não vacilou.

Enquanto isso, Baba deixou Bangalore e foi para Tirupathi, onde passou algum tempo com os devotos de Sua própria Imagem Concreta e Consagrada. Naturalmente, Ele sabia que a alma de Subbamma lutava para se libertar do corpo perecível e que ela estava em seu leito de morte em Bukkapatnam. As pessoas à sua volta anunciaram que ela dera seu último suspiro, mas uma luminosidade peculiar no rosto Lhes impedia de levar o corpo para ser cremado. Algumas pessoas mais sábias balançaram a cabeça quando se sugeriu que ela havia morrido. Aconselharam paciência e disseram aos parentes: “o pássaro ainda não voou”. Como poderia aquele pássaro voar, embora a porta da gaiola já estivesse aberta? Ela tinha que receber o *darshan* e precisava esperar que Baba chegasse. E Baba também estava correndo para junto dela. Deixou Tirupathi de carro e, chegando a Puttaparthi, prosseguiu para Bukkapatnam, três dias depois do primeiro anúncio do fim de Subbamma! Ela havia sido colocada no chão, seus olhos tinham perdido o brilho e as pessoas demonstravam um impaciente desconforto com aquilo. Baba se sentou ao seu lado e, em voz baixa, chamou “Subbamma, Subbamma”. Apenas duas vezes e não foi preciso mais! Então, para espanto de todos ali reunidos, Subbamma abriu os olhos, estendeu a mão para Baba, agarrou com firmeza a mão Dele e começou a apertá-la amorosamente. Baba colocou Seus dedos sobre os lábios dela, e sua boca se abriu um pouco, como se soubesse que Baba estava Lhe dando algo para mitigar a sede de sua alma. Dos dedos de Baba escorreram as águas do Ganges Imortal e Subbamma se uniu às hostes dos Libertados!

Nessa época, Baba foi procurado por alguns muçulmanos de uma aldeia vizinha para tratar de um assunto de importância para eles. Seu grupo fora reduzido devido a uma doença cruel. A adoração do que chamam de *Pirs* é tradicional naquela área durante o mês de Moharram, quando hindus e muçulmanos celebram a instalação, adoração, procissão e imersão cerimonial dos *Pirs*, que são objetos de latão e outros materiais, moldados à mão e considerados sagrados como lembranças do sacrifício de Hassan e Hussein no memorável campo de batalha de Kerbela. Baba disse aos muçulmanos que O procuraram que os *Pirs* eram celebrados na aldeia há centenas de anos, mas que, ultimamente, a cerimônia tinha sido interrompida. Pediu para eles continuar com a adoração e revelou que, se cavassem em um determinado lugar que Ele indicou, encontrariam os mesmos *Pirs* que seus antepassados reverenciavam. Eles cavaram o local e os *Pirs* apareceram! Todos ficaram tão surpresos com a onisciência de Baba e com o súbito aparecimento dos objetos sagrados que ninguém teve a coragem de descer e

---

<sup>70</sup> Literalmente: “Gesto do Sono”. Uma referência ao fato, revelado pelo próprio Baba, que Ele jamais dorme, utilizando os momentos de sono aparente para visitar outros lugares, protegendo o mundo constantemente.

pegar os *Pirs*. Então o próprio Baba desceu e pegou os objetos. Havia quatro no local. Por vários anos, foram guardados no próprio *mandir*, sobre uma almofada, cuidadosamente acondicionados. Ficavam sob a custódia daqueles aldeões somente para as celebrações de Mohurram e retornavam após o término das festividades.

Aqui se pode acrescentar uma circunstância curiosa que foi testemunhada por este escritor. Quando os muçulmanos vinham do *mandir*, após receberem os *Pirs* das Mãos de Baba, a pessoa que os carregava começou a se comportar como se estivesse “possuída”, e todos se juntaram à sua volta para observar o santo homem naquele estado elevado. Ele dançou alguns passos, rodou em círculos, murmurou alguns versos do santo Alcorão e voltou para onde Baba estava! Então Baba disse: “Vá, vá e volte após o festival”. Rápida e tranqüilamente, o homem “possuído” continuou levando os *Pirs* no mesmo estado de fervorosa alegria. Somente aqueles que tiveram o privilégio de vivenciar momentos como esses podem apreender uma ínfima parcela do mistério que Baba é.

Muitos devotos vinham a Puttapparthi naquela época, de diversos lugares, próximos e distantes. Cada um era trazido por alguma circunstância inexplicável e sua devoção era mantida por algum lampejo da onisciência, onipresença ou onipotência de Baba. Um homem de Udumalpet, que primeiro se recusara a fazer parte do grupo de peregrinos, mas que mais tarde foi persuadido a ir, ofereceu uma guirlanda de flores a Baba assim que chegou a Puttapparthi, como faziam todos os outros, mas Baba não aceitou a oferta e disse: “Você não queria vir”, e aquela observação criou um vínculo entre Ele e o incrédulo.

Outro homem de Madurai veio porque sua irmã em Vellore concordaria em se submeter a uma cirurgia somente se e quando Baba dissesse que era essencial. Ele veio a Puttapparthi, mas Baba não falou com ele por alguns dias; quando finalmente falou, pediu apenas para ele voltar para Vellore no próximo ônibus disponível. A médica, em Vellore, estava cada vez mais furiosa porque sua tola paciente punha a própria vida em perigo, na esperada palavra de um menino que ela dizia ser seu *Guru* e Deus. O irmão finalmente chegou; foi feito um novo exame e... maravilha das maravilhas! Não havia necessidade da operação. “Seria ela a mesma pessoa?” A médica esfregava os olhos!

Seria uma leitura muito inspiradora se houvesse um livro composto de respostas dos devotos à pergunta: “Como você veio pela primeira vez a Puttapparthi e por quê?” Se esta obra for produzida, a história da vinda de Sakamma, a famosa plantadora de café e filantropa de Curg, laureada com o título de *Dharmaparayani*<sup>71</sup> pelo Marajá de Mysore, seria um interessante capítulo. Não por ela ser rica e famosa nos negócios e na indústria, visto que Baba não se importa se uma pessoa é rica ou pobre. Ele visa à riqueza do caráter, ao valor da disciplina espiritual, aos tesouros do espírito, qualquer que seja o saldo bancário!

Sakamma, que já não se encontra mais entre nós, costumava contar essa estranha história que aconteceu com ela. Um dia, em seu bangalô em Somewarpet, Curg, durante uma cerimônia de adoração, um serviçal a interrompeu e disse que um automóvel chegara à propriedade e que o passageiro insistia em vê-la imediatamente. Ela ficou aborrecida, mas foi ver quem tinha tomado a liberdade de interromper sua rotina. Encontrou no automóvel um senhor idoso, alto, bonito e com uma imponente barba, sentado sobre uma pele de veado, com o corpo todo coberto de cinzas. Ela também ficou impressionada com a idade do automóvel, que devia ser a mesma do ocupante. O carro era dirigido por um adolescente, pequeno e franzino; Sakamma se perguntou como ele obtivera a licença para dirigir, se é que tivesse alguma. O automóvel portava uma placa: COMITÊ KAILAS<sup>72</sup>. Ela convidou o senhor para entrar, fez *pranam*<sup>73</sup>, depositou uma rosa recém-colhida em seus pés e lhe ofereceu frutas. Ele respondeu que não comeria as frutas ali, que não se atendia aos anseios da língua em qualquer lugar ou hora – *jihvachapalya*<sup>74</sup> foi a palavra que ele usou. Queria que ela contribuísse para o Comitê Kailas e se associasse através de uma doação de mil rúpias. Ela assinou um papel no qual já constava seu nome e a quantia e, quando ela lhe deu o dinheiro, o ancião disse: “Guarda isso com você. Eu voltarei mais tarde para pegar”. Com essas palavras, pegou o papel assinado, entrou no carro e partiu. O motorista adolescente foi muito eficiente, pois o carro logo sumiu de vista.

Anos mais tarde, quando viu Baba em uma casa que visitava, por um momento Ele lhe pareceu ser o motorista daquele carro misterioso e, no momento seguinte, o ocupante grisalho que se esforçara para que ela contribuísse para o Comitê Kailas e depois lhe pedira para guardar a doação. E então Baba a surpreendeu: “Venha, entregue as mil rúpias que você prometeu naquele dia”, descrevendo-lhe, corretamente e em minúcias, tudo que acontecera.

Uma vez, Baba foi à cidade de Mysore durante o Festival Dipavali<sup>75</sup> e ficou com um devoto *Ursu* (Etnia indiana). Enquanto estava lá, concedeu aos devotos em Puttapparthi a visão de uma *naga* (cobra, naja), fenômeno que era conhecido dos devotos da forma de Shirdi, como podem confirmar os cidadãos de Coimbatore e de vários outros lugares. O fato interessante sobre essa visão é que, ao mesmo tempo, ou melhor, por todo o tempo que ela durou, Baba estava “fora” de Sua forma física, que estava em Mysore. O *bhajan* no velho *mandir* era realizado durante a ausência de Baba, diante de um altar temporário nos degraus que levam à porta de entrada, onde havia uma

<sup>71</sup> “Último Baluarte da Virtude” é uma tradução possível.

<sup>72</sup> “Comitê do Paraíso”. Kailas ou Kailasa é o nome de um monte sagrado, considerado como morada de Shiva.

<sup>73</sup> Reverência com as mãos postas em prece.

<sup>74</sup> O termo significa “apetite”, “anseio pelos sabores”.

<sup>75</sup> Festival das Luzes. Festeja a volta de Sri Rama a Ayodhya, capital de Seu reino, após findo o seu exílio na selva. Há, também, outros motivos alternativos: o casamento de Vishnu e Lakshmi ou a vitória de Krishna sobre o demônio Narakasura. O nome Dipavali significa “Fileira de Luzes”.

fotografia enfeitada, com um par de lamparinas acesas dia e noite. A noite do Dipavali passou e, na madrugada seguinte, alguns devotos em Puttaparthi viram as luzes de um automóvel subindo a curva da colina atrás de Karnatanagapalli; mais tarde, descobriram que tinha sido somente uma impressão. Quando as pessoas que viram a luz e correram até o rio retornaram ao *mandir*, ficaram surpresas ao ouvir dizer que uma cobra tinha se enrolado em torno do retrato de Baba naquele altar temporário. Ela foi vista por centenas de aldeões e outras pessoas até as três horas da tarde. Eles lhe ofereceram um *puja*<sup>76</sup>, cantaram os *bhajans* do meio-dia e partiram cocos para agradá-la, mas ela não se mexeu. Animadas, algumas mulheres atiraram pó de *kumkum* e açafão sobre ela, pronunciando o nome do Senhor e chamando Baba. Colocaram tigelas com leite diante dela, que só girou o capelo aberto de um lado para o outro. Uma venerável senhora da aldeia, quando lhe foram devolvidas as duas metades de um coco após a cerimônia de oferenda, protestou em altos brados, dizendo que o coco que levava era definitivamente maior em tamanho e que ela teria prejuízo se aceitasse sem reclamar as metades de outro menor; com isso, a cobra, como se estivesse acompanhando atenta os procedimentos voltou-se rapidamente em sua direção e silvou bem alto! Todos riram do seu pavor! Às três horas da tarde, a serpente deslizou para o chão e se tornou invisível uns dois metros mais adiante. E Baba, em Mysore, alegrou a todos, quando se levantou.

Assim como Baba visitou Mysore, foi também a Hydebarad e, como reconheceu vários lugares como se já os tivesse visitado, a Rani (esposa do Rajá) de Chincholi convenceu-se de que Ele era o *Avatar* de Shirdi Baba em pessoa. Baba também foi a Kuppam e depois a Karur e Trichinopoly. Em todos os lugares, foi recebido com grande entusiasmo por devotos e cidadãos. Em Trichinopoly, a procissão foi conduzida por um elefante ricamente adornado, seguida por grupos que recitavam *mantras* védicos e levavam água consagrada, em tigelas de prata, como uma oferenda e homenagem. Em todos os lugares, Ele aconselhava as pessoas: “Daqui para frente, purifiquem seus corações transformando-os em tabernáculos para o Senhor. Não se deixem afundar cada vez mais no mal, cedendo às tentações. Tenham coragem. Acreditem no Senhor que está dentro de vocês; Ele é o seu maior e mais próximo parente e amigo”.

Enquanto os automóveis da comitiva de Baba passavam pelas ruas de Trichinopoly, um dos veículos atropelou um menino pequeno e o feriu gravemente; uma multidão se reuniu em torno da criança, que foi deitada na varanda de uma casa próxima, ferida e sangrando. A polícia apareceu para investigar, mas, nesse meio tempo, Baba veio e tocou a criança. Quando os policiais chegaram, não tiveram nada para registrar, pois o menino ferido corria para contar a todos como apenas um toque o havia curado. Muito tempo após a partida de Baba, o menino continuou sendo mimado e alimentado por uma multidão admirada que o invejava por sua milagrosa experiência.

Houve também outro menino que recebeu o mesmo tipo de honrarias de uma multidão admirada e que, talvez até hoje, ainda seja agradecido ao Senhor pela intervenção no seu destino. Em um encontro público realizado próximo de Trichinopoly, em homenagem a Baba, alguém duvidou de Sua Divindade. Sentindo isso da plataforma onde estava, Baba imediatamente chamou um jovem surdo-mudo que estava próximo da pessoa incrédula. Mandou que ele ficasse de pé na frente do microfone e lhe perguntou: “Qual é o seu nome?” Imediatamente, o surdo-mudo falou ao microfone de forma que todos ouvissem: Venkatanarayanam! O incrédulo engoliu a língua e baixou a cabeça envergonhado, mas essa não foi a única consequência. Baba muitas vezes ri ao se referir a este incidente. Quando a manhã terminou, toda a extensão da rua onde Ele estava hospedado ficou lotada de surdos-mudos. A rua havia se tornado uma fila silenciosa de dor. Até então, ninguém sabia que Trichinopoly tinha uma população tão grande daquele tipo de deficientes. Baba teve que sair do bangalô por uma porta lateral para evitar o clamor dos familiares.

Os devotos em Karur e Trichinopoly competiam entre si na decoração das casas e ruas e na magnificência da recepção. Mas Baba não se importava com toda aquela ostentação. Misturava-se livremente entre as pessoas, ricas e pobres, algumas vezes mais entre os pobres do que entre os que O hospedavam, porque valoriza mais um coração fervoroso ou que está cheio de remorsos, do que aqueles inchados pelo orgulho e contaminados pela ganância. Os palanques adornados com flores de matizes variados, que eram montados para que Ele se sentasse e recebesse as oferendas de adoração, eram verdadeiras obras de arte. Mas Baba sempre repetia para as pessoas, incontáveis vezes, que Ele valorizava somente o desabrochar imaculado de um coração puro e as oferendas dos frutos de bons atos, *Hridaya pushpa* e *Karma-phala* (Flor do Coração e Fruto da Ação), como Ele chama.

Uma vez, em Mysore, sentado em um desses palanques, Baba recebia o *puja* de um devoto *Ursu*, quando uma cobra apareceu de algum lugar e rastejou até o monte de flores a seus Pés. Ela estava acompanhada por outra e as duas se posicionaram de cada lado do palanque. Baba garantiu à família Ursu que não havia nada a temer; após algum tempo, as cobras desapareceram, sem deixar rastro!

Baba não se contenta em instilar a fé em Seus devotos meramente através desses milagres. É um mestre rigoroso, que não se satisfaz com nada menos do que cem por cento de integridade e um esforço sincero pela disciplina espiritual. Isso explica por que, dentre o grande número de homens e mulheres atraídos a Ele pelas narrativas de Seus milagres e que confirmam as primeiras impressões que têm de Sua Divindade através de milagres

---

<sup>76</sup> Ritual de adoração elaborado, composto principalmente de oferendas, que visa agradar a Divindade, convidando-a e recebendo-a como a uma visita ilustre.

subseqüentes, muitos se afastam Dele, incapazes de seguir Suas exigências em relação à mudança de caráter, renúncia, disciplina espiritual, repetição constante do nome do Senhor e meditação. Baba reiterava, mesmo naqueles primeiros tempos, que Ele afastava as calamidades, curava as doenças do corpo, consolava e aconselhava somente como um primeiro passo para a disciplina espiritual que deveria ser automaticamente observada após Seu *darshan*. Muitos *sadhus* e *maharishis* (astecas e grandes profetas) falharam devido à ansiedade em se manterem nas listas de donativos de patronos ricos e influentes, mas Baba, que veio para iluminar os caminhos dos *sadhus* e *maharishis*, nunca misturou os assuntos quando se tratava de corrigir as falhas dos que O rodeavam. Na verdade, Sua Graça é tão poderosa que descarta os obstáculos da idade, escolaridade ou grau de aproximação; Ele abençoa a todos com Suas correções e avaliações. Somente a total resignação à Sua vontade pode tornar a pessoa plena e livre.

Dasara logo se tornou o festival mais importante em Puttaparthi, pois, embora Baba pudesse estar fora em Madras, Trichinopoly ou Masulipatam para outros festivais, sempre estava no *mandir* para o Dasara. Por vários anos, a senhora Sakamma e outros devotos tiveram o privilégio de fazer os preparativos para esse festival da Mãe Divina. Na verdade, Baba é a Mãe Suprema, manifestando-Se como Sarasvati, Lakshmi, Sarada, Annapurna e até Kali (Deusas ou Aspectos da Mãe Divina). Baba tem dito que o *Sanathana Dharma*<sup>77</sup> é a Mãe Divina da humanidade. Com Sua mensagem de *sathya*, *dharma*, *shanti* e *prema* (verdade, retidão, paz e amor) os quatro princípios básicos do próprio *dharma*, Ele mesmo é a Mãe, Eterna Condutora (*Sanathana Sarathi*)<sup>78</sup>. Seus devotos sentem que Ele é a Mãe, acima de tudo, existindo assim uma razão especial para o Dasara ser o maior festival de Puttaparthi. Vários devotos foram abençoados com a Sua visão como Mãe. Na verdade, um deles insiste em se dirigir a Ele como *Shivathayi*, *Shiva*, a Mãe. Ele gosta da companhia das crianças e até as mais tímidas são atraídas por um repertório inesgotável de truques, brincadeiras de ventríloqua, figuras formadas com sombras e até presentes de doces materializados com um gesto da mão. Ele gira e vira os dedos e, quando a sombra se forma na parede, as crianças se maravilham vendo cobras, águias, cavalos, veados, cães, pavões, corvos, gatos e búfalos saltitando alegres. Ele oferece uma bola de areia à criança, que, relutante, estende a pequena mão para receber o “*laddu*”<sup>79</sup>, como Ele o chama e a areia realmente se transforma no *laddu* doce e perfumado, no momento que toca a palma da mão da criança. Ele diz que as crianças têm muita sorte, pois tiveram o privilégio do Seu *darshan* bem mais cedo do que os adultos e ainda O terão como professor, protetor, guia e guardião nas próximas décadas. Quando Baba concorda em escolher os nomes dos filhos de Seus devotos, os nomes dados são como fragrâncias de Sua graça e misericórdia. Ele também inicia os pequenos em *Akshara*, ou seja, Ele segura os pequeninos dedos em Sua Mão e rabisca com eles as letras do alfabeto no mel, leite ou arroz.

Mas *Akshara* significa também o imperecível, o eterno; e Baba, quando inaugura o *Aksharabhyasa*<sup>80</sup> os inicia também no Imperecível, pois faz com que as crianças pronunciem o *Mahamantra*, *Om Namō Narayana* ou *Om Namashivaya*, *Om Srinivasaya* ou algo semelhante, de acordo com as tradições da família da criança, fornecendo-lhe a chave para o supremo destino espiritual. Existe uma canção tâmil sobre Baba que O chama de *Sayimatha*, a Mãe que amamenta Seus filhos com o leite da sabedoria espiritual – *jñāna* - e o *Aksharabhyasa* é a ocasião em que a afortunada criança recebe essa oportunidade. No Dasara, Baba brilha como patrono da Música e das Letras e como o Doador do Alimento e do Sustento, tornando este um festival memorável, desde o início de Sua manifestação. Os devotos se deliciam com discursos, apresentações musicais, peças e boa comida. A cada noite, durante aqueles anos, havia também uma procissão que percorria as ruelas da aldeia. Baba, em um andor, decorado de modo diferente a cada dia, era levado nos ombros por animados grupos de devotos. Durante o percurso da procissão, este escritor viu Baba retirando flores diferentes das guirlandas que O rodeavam e, com a palma cheia de pétalas, as espalhava sobre a multidão. Cada pétala caía com um tinido porque se transformava em um pequeno medalhão com o retrato de Baba de um lado e de Shirdi Sai Baba do outro! Ou então as pétalas se transformavam em balas derramadas sobre as pessoas próximas. Enquanto Baba permanecia no andor, Sua frente ficava freqüentemente coberta com o *vibhuti* que emanava de Seu interior. Os devotos podiam ver isso, como também marcas de *kumkum*.

Logo se constatou que o *mandir* era muito pequeno para reunir os devotos. Vários adoradores de Shirdi Sai Baba acorreram ao ouvir que Ele encarnara sob a forma humana na aldeia de Puttaparthi. Muitos faziam, de costume, a peregrinação a Shirdi e eram “dirigidos” a Puttaparthi. Outros conheciam Baba de Shirdi através do próprio Sathya Sai Baba. “*Artho jijñāsurarthartha jñāni cha*”, diz Sri Krishna na Bhagavad Gita: “Reúnam-se ao Senhor”, ou seja, os aflitos, os céticos, os que desejam uma vida confortável e os sábios, esses quatro tipos se aproximam do Senhor por seus diversos motivos, mas o Senhor os acolhe e satisfaz a todos. Aos aflitos, Ele alivia. Seu *vibhuti* age como um amuleto que afasta os maus espíritos e os efeitos da magia negra a centenas de desafortunados. Aos críticos e curioso, aos que duvidam, aos céticos e agnósticos, Ele satisfaz, atrai e liga-os a si. Às pessoas ávidas por uma vida confortável, Ele abençoa, desde que sejam educadas o suficiente para utilizar a paz interior alcançada no cultivo do espírito e na contemplação do supremo objeto da própria vida. Ao sábio – *jñāni*, o que Lhe é mais querido –, Ele se revela, em Sua Glória total, em sua visão, purificada e aclarada através de uma constante disciplina. Pessoas

<sup>77</sup> Conjunto de práticas e filosofias que o Ocidente chama de Hinduísmo. O termo pode ser traduzido como Religião Eterna.

<sup>78</sup> Eterno Condutor. Referência a Krishna como condutor da carruagem de batalha do seu amigo e devoto, Arjuna.

<sup>79</sup> Doce muito conhecido na Índia, de formato esférico, feito com farinha de grão de bico.

<sup>80</sup> A cerimônia de alfabetização descrita logo acima.

pertencentes a todos esses grupos chegam a Puttapparthi; o primeiro e terceiro grupos naturalmente são os maiores. Ele revoluciona as vidas de todos os que vêm a Ele.

Faz-se digna de nota a transformação de um bando de ladrões em agricultores pacatos e tementes a Deus. Certa noite, quando Baba estava na colina, na outra margem do Chitravathi, encontrou um grupo de bandoleiros ocupados na estimulante tarefa de dividir os roubos. Mas, quando O viram e aceitaram de Sua Mão o divino *vibhuti*, perceberam que estavam diante da Eterna Testemunha. Baba falou aos dezessete corações desvirtuados e, com Sua alquimia, os levou para a aldeia de Puttapparthi. Todos adotaram modos de vida pacíficos e Baba costumava apresentar um deles como exemplo, um homem forte, de meia idade, a quem Ele empregou como guarda-noturno!

Foi preciso construir um grande galpão coberto com telhas corrugadas em poucos anos, na frente do *mandir*, para acomodar os devotos. Mas até isso se mostrou insuficiente. Um bloco separado, com uma sala e banheiro, foi construído para Baba atrás do *mandir*. Foi nessa sala que Baba operou a hérnia do irmão do doutor Padmanabhan. Foi naquele galpão, por trás da cortina em frente do altar, que Baba operou *Appiah*, de Puttapparthi, de apendicite.

Foi enquanto dormia ao ar livre, no espaço entre o *mandir* e a construção atrás dele, que Baba, uma noite, anunciou que um de Seus devotos tinha perdido um talismã que Ele lhe dera, pois o objeto voltara para Baba. Disse que Ele deveria partir para Madras, imediatamente, para atá-lo ao pulso do paciente, mas todos à Sua volta pediram que Ele não empreendesse tal “viagem” naquela hora, saindo de Seu corpo e voltando. Ele então concordou em mandá-lo através de alguém que fosse para Madras e entregou o talismã à custódia de Sri Seshagiri Rao, um antigo devoto, com a recomendação: “Mantenha-o firme; ate-o a uma toalha e enrole em sua cintura”. Este obedeceu implicitamente ao comando e dormiu com o talismã enrolado na toalha. Cerca de duas horas depois, todos nós despertamos com uma gargalhada de Baba, que estava sentado na cama. Reunimo-nos em volta Dele e esperamos que Ele nos permitisse saber o motivo. Seshagiri Rao ainda não sabia o que estava acontecendo. Baba acordou-o e pediu o talismã. Ele desenrolou a toalha e viu que tinha desaparecido! Baba o censurou de brincadeira e disse que Ele havia “partido” e o colocara em torno do pulso da pessoa que deveria ser continuamente protegida por ele. Sim! Ele fora a Madras e retornara!

Os devotos nunca se esquecerão do velho *mandir*, pois lá Baba sempre circulava entre as pessoas. Compôs vários *bhajans* e *kirtans* e os ensinou ali. Ensaiou-os e corrigiu-os com grande amor e atenção. Como o número de devotos presentes não era muito grande, Baba costumava ir com mais frequência até as margens do rio ou até as colinas ou jardins da outra margem e, enquanto estavam ocupados cozinhando o banquete, viam vários “milagres” ou sinais de Sua divindade.

Recebi pela primeira vez o *darshan* de Baba no velho *mandir* e, naquela tarde, Ele foi até o rio. Lá eu O ouvi repreender alguns devotos por deixarem suas mentes ficarem agitadas com todos os tipos de pequenos problemas. Dizia para eles se concentrarem na repetição do Nome de Deus como o melhor meio de alcançar a paz, e, de repente, se voltou para uma senhora e fez a pergunta: “Você não faz *japa*<sup>81</sup>?” Ela deu uma resposta, mas Baba não esperou para ouvir. “Ah, você perdeu o seu *japamala*?” Perguntou. Então, enterrando a mão na areia retirou de lá um rosário dizendo: “Venha, pegue este”. A senhora se levantou e, com cerimônia, se dirigiu a Ele com as mãos estendidas. Baba sinalizou para que ela parasse e disse, com um sorriso iluminando Seu rosto: “Espere, primeiro Me diga que rosário é este”. Ela olhou e murmurou: “É o meu, Senhor, ou melhor, da minha mãe”. Ela ficou muito feliz por recuperar o *japamala* que lhe tinha sido dado por sua mãe agonizante. Baba nos falou de sua piedosa mãe, das penitências rigorosas de seu irmão e da sua própria disciplina espiritual, e lhe perguntou quando tinha perdido o precioso *japamala*. Ela nos deixou sem fala ao declarar que o perdera quatro anos atrás, em Bangalore. Que estupendo milagre a ser testemunhado em minha primeira noite em Puttapparthi!

A congregação de devotos aumentava em número, mês após mês. O *Velho Mandir* tornou-se inadequado. Não era possível realizar encontros todos os dias nas margens do rio. Os devotos sentiram que a sala de Baba também era muito acanhada e baixa. Ele estava sendo forçado a viver em meio a barulho, poeira e confusão. Nas ocasiões dos festivais, a área em torno do *mandir* era muito pequena para acomodar as pessoas que chegavam. Então alguns devotos pediram para Baba concordar com a construção de um prédio grande, ao qual Baba deu o nome de “Prasanthi Nilayam”.

---

<sup>81</sup> Repetição do Nome de Deus, *mantra* ou oração com o auxílio de um rosário denominado *japamala*.

## PRASANTHI NILAYAM

Que belo nome para a morada do Senhor! Que brisas refrescantes e que isolamento tranqüilo ele evoca! As montanhas que formam um anel em torno do Nilayam parecem sábios veneráveis, perdidos em contemplação. O vasto céu inspira devaneios na imensidão sem fim; as rochas no topo dos morros convidam o aspirante espiritual à meditação. Baba plantou um *Thapovana*<sup>82</sup> ao lado da colina, por trás do Nilayam, e naquele *Vana* cresceu uma árvore chamada *banyan*, uma figueira indiana, que está destinada a ser a mais sagrada dessas árvores, pelo menos no que tange aos que buscam a elevação espiritual.

A árvore *banyan*, conhecida como Figueira Sagrada e Árvore dos Ventos, é famosa na literatura e na história sagrada da Índia. Diz-se que Mahavishnu dorme em uma folha de figueira quando Pralaya invade o Mundo e as águas inundam toda a terra<sup>83</sup>. Dakshinamurthi, ou Shiva sob a forma de Guru, é descrito como alguém sentado sob uma árvore *banyan* que transmite todo o conhecimento a Seus discípulos através do próprio silêncio, assim como Mahavishnu, através de seu *yoganidra* (sono *yogi*), guarda vigilante os três mundos! Pode-se dizer que essa árvore simboliza o *Sanathana Dharma* (Religião Eterna), pois seus galhos crescem em todas as direções e retiram seu sustento de todos os tipos de fé e esforço espiritual. Também é chamada em sânscrito de *bahupada*, ou muitos pés, pela série de raízes que seus galhos soltam em direção à terra, para buscar alimento e se tornarem independentes do tronco principal. A árvore é, portanto, imortal e existem *banyans* na Índia que vêm sendo adoradas há milhares de anos, como a de Triveni em Prayag ou a chamada *Akshaya-vata*<sup>84</sup> em Gaya.

A *Vata* que cresce no *Thapovana* possui uma santidade própria. Em abril de 1959, enquanto conversava durante uma reunião de devotos às margens do rio Chitravathi, Baba falou sobre Buddha, a árvore *Bodhi*<sup>85</sup> e sobre os aspirantes espirituais que buscam alguns locais especialmente favoráveis para suas práticas ascéticas. Enquanto falava, Ele “tirou” das areias um pesado prato de cobre, medindo cerca de 40 por 25 centímetros, contendo sinais e letras místicas de alfabetos conhecidos e desconhecidos! Disse que *Sasanas*<sup>86</sup> como aquelas estão enterradas sob as árvores onde os aspirantes espirituais realizam austeridades, para que os ajudem a desenvolver a concentração da mente e o controle dos sentidos. Anunciou que colocaria aquela *Sasana* sob uma árvore *banyan* que Ele Se dispôs a plantar no *Thapovana*. Isso foi feito em 29 de junho e Baba declarou que os *yogis* que tinham atingido certo estágio de austeridade automaticamente tomariam conhecimento daquela árvore e daquela *Sasana*, sendo atraídos por uma força misteriosa para o *Thapovana*, justificando assim o seu nome!

Prasanthi Nilayam foi inaugurada em 23 de novembro de 1950, no 25º aniversário<sup>87</sup> de Bhagavan Sri Sathya Sai Baba. Levou cerca de dois anos para ser construído. Pode-se dizer que Baba foi o arquiteto e o engenheiro que dirigiu todo o trabalho da construção. Suas sugestões acabavam sendo aceitas pelos engenheiros, pois eles descobriam que eram bem melhores que os projetos. Perceberam que Baba tinha um grande senso de perspectiva e um ponto de vista mais estético do que o deles. Baba era um realizador exigente, mas com uma incomensurável compaixão. E Sua Graça superava os obstáculos mais intransponíveis! Por exemplo, as vigas mestras para o salão central de orações, grandes e pesadas, vieram de trem, sem problemas, até Penukonda, de um lugar perto de Trichinopoly. Mas como poderiam ser transportadas pela estrada da fronteira do distrito, com vinte e seis quilômetros de extensão, com um trecho de areia no quilômetro onze? Como um caminhão com aquelas longas vigas pendentes poderia fazer as curvas fechadas da aldeia de Locherla, no quilômetro quatorze? Após chegar a Bukkapatnam, havia um trecho de cinco quilômetros que só com muito boa vontade poderia ser chamado de estrada e, mais adiante, uma larga faixa de areia que o rio Chitravathi espalhava por uma distância de seiscentos metros entre Puttaparthi e Karnatanagapalli! Havia valas a serem superadas, lamaçais a serem atravessados e, se e quando as vigas chegassem, a tarefa de içá-las até o topo das altas paredes! Os engenheiros desistiram de trazer as vigas para a aldeia e pediram a Baba uma alternativa para o telhado do Salão de Orações.

Uma noite, antes do alvorecer, o engenheiro foi despertado por um enorme barulho na frente da sua casa em Anantapur. Ele procurou na escuridão e se surpreendeu ao se deparar com um guindaste proveniente das obras da barragem de Tungabhadra, enguiçado, incapaz de se mexer! Ele correu até Puttaparthi e disse a Baba que, se ele pudesse ser consertado, os donos poderiam ser persuadidos a viajar até Penukonda e transportar as vigas. Baba materializou uma pequena quantidade de *Vibhuti* para o engenheiro, que, piedosamente, espalhou sobre o motor do guindaste, pedindo ao maquinista que tentasse dar partida. Após um ou dois arranques, o motor funcionou, as rodas giraram, o guindaste andou... e avançou em direção às vigas! Levantando-as com seu braço gigantesco, de alguma forma ultrapassou as valas, fez as curvas em Locherla, atravessou o charco de Vankaperu e subiu a colina em

<sup>82</sup> Bosque (*vana*) destinado ao ascetismo (*tapas*); ermida.

<sup>83</sup> Grande Protetor. É a figura do Senhor Vishnu reclinado, em repouso. Pralaya é o período de destruição de um mundo ou do Universo. A citação relaciona-se com o Dilúvio Bíblico.

<sup>84</sup> Árvore (dos ventos) imperecível.

<sup>85</sup> Uma figueira sob a qual Buddha meditou até alcançar a Iluminação.

<sup>86</sup> Vocábulo do antigo idioma *Pali*, aparentado ao Sânscrito, no qual estão registrados os ensinamentos do Buddha. A palavra significa, literalmente, “mensagem”.

<sup>87</sup> Quem fizer as contas verá que, pela contagem ocidental, Baba estaria, então, comemorando 24 anos! Isto ocorre porque os indianos contam o nascimento a partir do início da gestação e, assim, a pessoa já nasce com 1 ano de idade.

Karnatanagapalli! Lá, os engenheiros constataram que sua potência estava praticamente esgotada. Não seria possível passar com todo aquele peso pela areia. Então, o próprio Baba se sentou ao lado do maquinista, assumiu o volante e o guindaste descarregou as vigas perto do local da obra.

As reclamações dos engenheiros não cessaram após essa proeza. Na verdade, tornaram-se mais exasperados, pois se perguntavam qual a utilidade de todo aquele esforço, quando era humanamente impossível içá-las acima das paredes? Humanamente, sim. Mas onde existe a Vontade Divina existe o Caminho. Foram trazidos trabalhadores de Tungabhadra, as cordas foram esticadas, as roldanas montadas para tornar as vigas mais leves e, uma a uma, foram erguidas em meio a gritos de “Jay Sai Ram”, vindos das gargantas de centenas de devotos, na presença de Baba. As vigas foram colocadas no lugar e tudo deu certo!

O salão central de orações, com uma plataforma engastada de cada lado, é a parte principal do Nilayam. Na plataforma oeste, fica o altar, onde estão dois retratos a óleo em tamanho natural pendurados na parede, um de Shirdi Sai Baba e outro de Sri Sathya Sai Baba. Existe também uma estátua em prata de Shirdi Sai Baba no centro e um pequeno retrato de Sathya Sai Baba debaixo dela. Eles são mantidos para ajudar na meditação e no *japa*, pois com exceção dos *bhajans* duas vezes ao dia, pela manhã e nas primeiras horas da noite, não existe uma cerimônia regular, como geralmente há em locais onde se instala e consagra um ídolo. Não existem rituais fixos a serem executados em dias santos nem preces ou rituais esquematizados! Não há sequer uma regra para que a figura de Shirdi Sai Baba esteja ali. O salão é um local de orações, nada além disso, com pinturas de todas as várias manifestações da Divindade, de todos os grandes Ascetas e Grandes Almas como Ramakrishna, Vivekananda, Ramanuja, Mahwacharya, Sankaracharya, Buddha e Jesus Cristo, Sur Das, Meera, Tukaram, etc. afixadas nas paredes.

As salas no térreo são usadas principalmente para guardar objetos, recipientes, etc., além de dois quartos separados para as entrevistas particulares que Baba concede aos devotos que chegam para o Seu *darshan*. As salas do segundo andar são as habitações de Baba. Há um grande pórtico acima do qual está um balcão, de onde Ele dá o *darshan* aos devotos reunidos em multidões à frente do prédio e de onde fala em ocasiões como o *Pathakothsavam*<sup>88</sup>, na inauguração das festividades do Navarathri ou Shivaratri, ou na festa do Seu aniversário. Uma encantadora imagem em mármore, de Sri Krishna tocando flauta, fica bem ao centro do pórtico, sobre o piso do primeiro andar, e todos têm a atenção atraída para a beleza envolvente daquela obra de arte.

Há um lance de escada que conduz ao terraço, no centro do qual, voltado para a via de acesso, está um busto de Baba mantido em um pedestal, defronte do mastro da bandeira. Baba concede o *darshan* próximo ao busto nos dias em que a bandeira está içada e abençoa a enorme multidão com o Seu *Abhayahastha*<sup>89</sup>. A bandeira carrega a representação do mesmo símbolo que Baba concretizou em um círculo que está no chão, bem diante do Prédio.

Ali, no centro de uma série de círculos concêntricos, está um pilar que representa o *Yoga*, com vários anéis para indicar os estágios da disciplina *yogi*. Este *Yoga* leva ao desabrochar do Lótus do Coração, cujas pétalas nascem no topo do pilar. O próximo estágio desta consumação da devoção e do desabrochar do Coração é a Chama de *jñana*, a Iluminação,  *jyotih*, representada no ápice da coluna. Os círculos concêntricos e os espaços intermediários, o primeiro árido e arenoso, o segundo plantado com um tipo de arbusto que cresce em grandes cachos, que ocasionalmente são aparados, são explicados por Baba como a representação das qualidades do Desejo e da Ira, que precisam ser superadas para que o estágio *yogi* seja alcançado. O primeiro círculo, o arenoso é o deserto de *kama*, o desejo, a terra estéril, a luta sem propósito por coisas evanescentes; o segundo, com arbustos é *krodha*, a Ira, que é difícil de destruir, pois, assim que é podada, brota novamente. Então existem dois degraus, de cor vermelha, um baixo e o outro um pouco mais elevado, simbolizando a aversão, ou *dvesha*, que o aspirante espiritual também deve superar. Há uma aversão quando o esforço para atingir o objeto desejado é frustrado e outro tipo, quando a dor é causada pelos atos de alguém. Depois que esses três são superados, chega-se ao espaço circular com grama verde, agradável aos olhos, reminiscência do contentamento e da prosperidade, representando o amor - *prema*; esse é o estágio em que a mente do homem é preenchida com bem-aventurança – *ananda*, devido à ausência de *kama*, *krodha* e *dvesha*, e com a atitude de *equanimidade para com tudo* (*sarvasamanabhava*), que é a própria base de *prema*. Logo o aspirante avança para o espaço aberto de Prasanthi, onde pode se sentar à vontade e saborear os frutos da disciplina que ele adquiriu. O *Yoga* frutifica e o leva de um plano para o seguinte, até que o Lótus do Coração desabroche e o Brilho da Iluminação seja finalmente concedido. Em torno da circunferência do círculo, existem oito potes pintados com flores, que Baba explica como símbolos dos *Oito Poderes*<sup>90</sup>, que protegem o *yogi* e que devem ser mantidos a distância, na periferia.

<sup>88</sup> Espécie de cerimônia solene inaugural para os eventos citados em seguida.

<sup>89</sup> Gesto que simboliza proteção, com a palma da mão voltada para frente, em direção aos devotos. A palavra significa “mão (*hastha*) que concede o destemor (*abhaya*)”.

<sup>90</sup> *Ashtasiddhis* – oito poderes *yogis* adquiridos com a prática, mas que devem ser mantidos como acessórios a serem descartados no final, sem que o aspirante se deixe iludir por eles. Uma lista possível para esses poderes é a seguinte: *buddhi* (inteligência), *balam* (força física), *yasho* (fama), *dhairya* (firmeza), *nirbhayatva* (destemor), *arogata* (saúde), *ajadhya* (vivacidade, ausência de preguiça), *vakpatutva* (eloquência – saber falar as palavras certas na hora certa).

Na ocasião do cerimonial de hasteamento da Bandeira de Prasanthi, Baba geralmente amplia o significado interior deste “Círculo de Lótus” na frente do Nilayam e explica por que o colocou também na bandeira. Aconselha e exige que os devotos hasteiem a bandeira em suas mentes e a mantenham desfraldada ali, lembrando sempre as lições que ela pretende ensinar. Baba fala também do significado mais profundo dos três portões do salão de orações. O primeiro, que conduz ao complexo, que tem no seu arco a inscrição do nome Nilayam, é o Portão da Inércia - *tamoguna*. A pessoa que o cruza, deixa a inércia para trás. Ela acalentou o pensamento sagrado de vir à Sua presença e, portanto *tamas*, ou o espírito da Escuridão e Ignorância, ficou para trás. Os que estão imersos em *tamas* nem terão curiosidade para entrar. Chega-se ao segundo portão, onde começa o jardim em torno do “Círculo do Lótus”. A pessoa é então atraída pela magnificência do prédio, as luzes, os candelabros coloridos, os potes decorados com flores, isto é, os aspectos que atraem os indivíduos ambiciosos ou *rajásicos*. Agora chega-se à verdadeira porta do salão de orações, o portão equilibrado – *sátvico*, que conduz à Morada da Paz.

O jardim defronte de Nilayam é um tributo à devoção dos aspirantes espirituais, pois é regado por longas filas de devotos que passam os potes de mão em mão, trazendo alegria para as plantas desde o poço que fica atrás de Nilayam, ou de mais distante, de um local adiante do prédio. Baba o tornou um genuíno jardim botânico, pois contém árvores frutíferas, flores de diferentes partes do país e árvores que normalmente não crescem nessa região climática, como o eucalipto, o carvalho prateado, laranjeiras e pés de café.

Em Prasanthi Nilayam, o dia começa com o toque do sino do salão de orações, às quatro e meia da madrugada, anunciando o *Brahma Muhurtham*<sup>91</sup>, quando os devotos devem se aprontar para *dhyana* e *japa* (meditação e repetição do Nome de Deus) Às 4h45, tem início a repetição do *pranava*, que dura cerca de meia hora, seguido do *namasmarana* ou *japa* silencioso pelos devotos até as seis horas da manhã.

A sílaba *OM* é exaltada nas Upanishads<sup>92</sup> como o símbolo melhor e mais eficaz de Brahman, “*Om ithyanaivaivaksharena param purusham abhidhyayathi*”, “O Ser Supremo deve ser conhecido através do estudo e da contemplação do *OM*” (Prasnopanishad). Ela contém três letras, A, U, M e também o *amathra* ou sem limite, o *asabda* ou estágio sem som, onde o *OM* ecoa sem som e faz com que o aspirante se sinta em comunhão com o Absoluto. Como a consumação do aprendizado do *pranava*<sup>93</sup> é a Consciência Pura, as letras devem ser vistas pelo aprendiz como símbolos dos estados de consciência. *Jagrat* é o estado de vigília, no qual a alma, no estágio *visva* (universal ou material), é dominada por *tamas* e ligada ao *sthula sarira* (corpo físico); a letra A o simboliza. *Svapna*, ou estado do sonho, no qual a alma, no estágio *Tajjasa* (astral ou luminoso), é dominada por *rajas*<sup>115</sup> e envolta pelo *sukshma sarira* (corpo sutil) e é representado pela letra U, que também é usada para indicar *ubhayathva*, ou intermediação. *Sushupthi*, ou estado do sono profundo, encontra a alma no estágio *prajña* (Consciência ou Sabedoria), dominada por *satva*<sup>115</sup>, e se torna o ponto de fusão. Os estados de vigília e do sonho se fundem no sono; A ou Brahma e U ou Vishnu mergulham em M ou Rudra. *Tamoguna* e *rajoguna* mergulham em *satva*. *thuriya* ou quarto estágio, de silêncio sem limite, é o estado do próprio ser. O *OM* também representa outras tríades como masculino, feminino e neutro; passado, presente e futuro.

O significado do *OM* é muitas vezes explicado por Baba em pronunciamentos públicos e conversas particulares. É também repetido antes e depois de cada sessão de *bhajans*, já que é a representação mais abrangente do Absoluto, não sectária e universalmente aceita.

Baba enfatiza constantemente a necessidade de *dhyana* acompanhada de *japa* como uma disciplina essencial a todos e que deve ser iniciada o mais cedo possível. Fornece instruções e orientações detalhadas a todos que desejam praticá-la, em Nilayam e em outros lugares. Por isso, existem muitos devotos em Prasanthi Nilayam que fazem *namasmarana*, *dhyana* ou *japa* por várias horas ao dia. Quando está em Prasanthi Nilayam, Baba dedica todo o tempo à tarefa de abençoar os devotos, proporcionando-lhes *darshan*, *sparsan* e *sambhashan*, que são as três Graças que Deus nos concede, quando em forma humana: poder vê-lo, tocá-lo (saudá-lo ou ser tocado por Ele) e ouvi-lo. . Ele come a mais simples comida dos mais pobres da terra, cozida e trazida com devoção pelos devotos a Nilayam. Dorme em uma cama estendida sobre o chão! Durante os *bhajans*, Ele ocupa uma cadeira, geralmente sobre uma plataforma no lado noroeste do salão, e dá o *darshan* a todos os presentes. Permite que toquem Seus Pés sempre que chega para os *bhajans*.

As horas da manhã ressoam com os *mantras* védicos que são repetidos no salão de orações durante o *Abhishekam* e *Sahasranamapuja* (Banho cerimonial, acompanhado do ritual de repetição dos “mil Nomes” de Deus) para o Shivalingam que foi “tirado” das areias do rio Chithravathi para este propósito em novembro de 1958. À tarde, durante a maior parte dos meses do ano, eruditos dão palestras sobre o Bhagavata, o Ramayana ou outros importantes textos religiosos, por cerca de duas horas.

Muitos dos que vêm a Nilayam têm a suprema sorte de conseguir uma entrevista com Baba, em Sua sala particular, antes de deixar Puttapparthi, individualmente, se veio sozinho, ou com a família. Talvez nenhum outro *Avatar* tenha vertido Sua Graça com tamanha profusão! Nessas ocasiões, Baba é o Médico Divino, diagnosticando as doenças de que se queixam os suplicantes, revelando as imperfeições de caráter ou conduta com suprema gentileza e aplicando

<sup>91</sup> Horário de Brahma, equivalente às primeiras horas que antecedem o alvorecer e consideradas como propícias para práticas espirituais.

<sup>92</sup> Textos filosóficos anexos aos Vedas.

<sup>93</sup> Outro nome para a sílaba *OM*.



o suave bálsamo da Sua Graça na prescrição dos medicamentos apropriados. A sala de entrevistas em Puttaparthi tem sido cenário de incontáveis transformações de caráter, revoluções de crença, confirmações de fé, curas de doenças, moderação de temperamentos, descarte do ódio, salvação de almas e reunião de corações. Raramente uma pessoa sai de uma entrevista com os olhos secos. Baba dá a todos esperança e coragem, contentamento e fé, segurança e consolo, porque diz: “Por que temer se Eu estou aqui?”; “Depositem toda a sua fé em Mim; Eu os guiarei e protegerei”.

As sessões de *bhajans* no salão de orações são experiências sublimes, pois a atmosfera é de serena reverência. O próprio Baba geralmente está presente no salão e, em algumas raras ocasiões, quando sente vontade, senta-se junto com os devotos e os ensina alguns *Namavalis* e canções com Seu modo encantador. “O pai pode ser um doutor, mas, quando ensina o alfabeto a seu filho, precisa pegar a lousa e escrever as letras A, B, C; no entanto, não conclua que, agindo assim, seja ele que está aprendendo o alfabeto”, diz Baba. Os *Namavalis* e canções não são todas sobre Bhagavan Sri Sathya Sai Baba ou Seu corpo anterior, Shirdi Sai Baba. Cobrem a maior extensão possível, desde *Sathya Jñana Anantha Brahman* (O Absoluto é a Verdade e a Sabedoria Eternas), a todos os *Avatares* de Vishnu, Shiva, Ganesha, Vittala, Venkatesa e outras formas da Divindade, e os versos são cantados em télugo, tâmil, kannada, hindi e sânscrito. A ênfase está no significado, na “emoção da entrega” e em todos cantarem juntos, em uníssono e no ritmo correto. Baba já enalteceu muitas vezes o valor do canto do nome do Senhor, em voz alta e em uníssono, como um ato de serviço aos demais; comparou as palmas durante os *bhajans* ao bater de mãos sob uma árvore coberta de corvos para assustar os pássaros e fazê-los voar. Baba diz que os corvos barulhentos dos *gunas*<sup>94</sup>, desejos e ódios que perturbam as mentes podem ser afastados com o forte bater de palmas, como um acompanhamento ao êxtase da repetição do nome do Senhor. Ele incita todos a realizar a repetição do nome do Senhor. Qualquer nome que seja agradável ao indivíduo é bom e eficaz a Seus Olhos.

O próprio Baba compôs alguns *bhajans* para enlevo dos devotos. Vários deles resumem em télugo, kannada ou tâmil as disciplinas espirituais que todo mortal deve adotar para que o propósito da vida humana possa se realizar. Por exemplo, existe um que pede para todos realizar a peregrinação da vida com *sathya*, *dharma*, *santhi* e *prema* como seus companheiros e guias inseparáveis. “Esforço e empreendimento são os deveres do homem; o sucesso ou fracasso dependem da Graça do Senhor. Comprometam-se com suas tarefas diárias com a consciência da presença viva do Senhor sempre ao seu lado. Não anseiem pelos oito *sidhis* ou serão arremessados por eles na pura ilusão. Nesta selva feroz da vida, ater-se ao Seu nome é o suficiente. Cultivem bem o coração, que é a sua fazenda; a mente é o arado; os *gunas* são os bois; ergam o chicote do discernimento e comecem a arar o seu coração! A coragem é o melhor de todos os adubos; as sementes que plantarem devem ser as sementes do Amor; a devoção é a chuva; as emoções são as ervas daninhas; a colheita é a própria Bem-aventurança Divina!” O *bhajan* em Prasanthi Nilayam é um *satsang* que purifica pela instrução e reforça pela inspiração.

Antigamente Baba costumava levar os devotos, quase diariamente, até as margens do Chitravathi e os *bhajans* eram realizados lá, sob as estrelas, com as colinas como ouvintes veneráveis e o rio murmurando em resposta. Ele agora também faz isso, ocasionalmente. Sentado sobre as areias, Baba ensinava aos devotos as canções que Ele compunha para sua elevação e edificação e os encorajava a esclarecer dúvidas sobre as questões espirituais, às quais fornecia respostas satisfatórias. Talvez o leitor possa ter uma idéia clara da cena e da importância da ocasião se eu descrever uma tarde nas areias, a que tive o privilégio de participar.

Era novembro de 1949. Cheguei a Puttaparthi por volta das nove e meia da manhã e uma atmosfera de exaltação permeava o *mandir* (a construção de Prasanthi Nilayam estava então na metade) e todos comentavam que Baba iria ao rio naquela tarde. Alguns amigos me parabenizaram pela minha boa sorte, pois a visita ao rio, ou às areias, já havia se tornado rara. Por volta das cinco e meia, Baba saiu do quarto e caminhou rapidamente até o início de um grande grupo de devotos, derramando alegria à Sua volta, com muitos gracejos, brincadeiras, encantos e perguntas.

Margeando o fio de água no qual o rio se transformara, Ele caminhou com dificuldade pelas areias, em busca de um lugar limpo e seco para que o grupo se sentasse; finalmente, após ter caminhado por uns cem ou duzentos metros, escolheu um local e nos sentamos à Sua volta, homens de um lado e mulheres do outro, como fazemos sempre no *mandir*. Baba esperou pacientemente até que o mais idoso e o mais fraco dos devotos chegassem e se sentassem confortavelmente.

Então, em resposta à pergunta de um devoto se o *karma* (ação) deve ser descartado para que se atinja a Libertação, Ele forneceu uma doce e simples exposição sobre a sublimação de todo *karma* pela atitude de total dedicação pessoal ao Senhor e de como esta dedicação afasta o desejo pelos frutos do *karma*. Além disso, explicou, quando isso acontece, o *karma* perde seu poder de apertar os laços dos apegos que produzem a tristeza e a reencarnação. Devoção sem ação (*karma*) é como uma fundação sem parede; *karma* sem devoção é como uma parede sem fundação. Fui tocado pela universalidade da Sua Missão e Mensagem, pois disse, durante Seu discurso: “Sou o Servidor de todos”; “Vocês podem Me chamar por qualquer nome que Eu responderei, pois todos os nomes são

---

<sup>94</sup> *Gunas* são os atributos da criação material. Tudo que existe é composto da combinação de três *gunas*: *tamas* = inércia, preguiça, *inatividade*; *rajas* = atividade, ambição, paixão, sede de viver; *satva* = equilíbrio, equanimidade.

Meus. Ou melhor, Eu não tenho um nome em particular”; “Mesmo que seja desprezado por vocês, estarei com vocês”; “No Meu ponto de vista, não existem crentes; todos existem pelo e para o Senhor; negar o Sol não o faz desaparecer”. Na verdade, estar com Ele acalma todos os questionamentos e ilumina todas as sombras.

Após Seu discurso, Baba nos ensinou algumas canções e então outra pergunta propiciou outro discurso, desta vez sobre Shirdi Sai Baba, o “corpo anterior” como Ele diz. Ele descreveu as características de Sai Baba e zombou de todos os tipos de retratos que circulavam, como caricaturas incorretas; enquanto pronunciava essas palavras, mergulhou os dedos na areia e de lá surgiu uma bela pintura em Sua Mão, que Ele mostrou para todos os presentes como um retrato autêntico, representando Sai Baba como Ele era realmente. Ele o deu a um devoto para que o usasse em seu *puja*. A conversa naturalmente dirigiu-se para o assunto de ser Baba uma manifestação de Dattatreya<sup>95</sup> e, novamente, os dedos de Baba penetraram a areia, e em Sua Mão surgiu uma encantadora figura de metal de Dattatreya, o símbolo da Unidade da Trindade, na mitologia hindu. Empolgados, todos se aproximaram mais de Baba e Ele sentiu que cada um deveria receber algo Dele e retornar feliz, ao invés de apenas os dois que receberam a pintura e a imagem. Então, “tirou” da areia um bloco grosso e achatado de açúcar cândi que Ele mesmo quebrou em pequenos pedaços e distribuiu a todos, homens, mulheres e crianças (pois, disse, se outro distribuísse, não haveria o suficiente para dar um pedaço a cada um!). Depois, pegou um punhado de areia e, quando a despejou sobre um prato, ela se transformou em *vibhuti*. Ele o deu a todos os presentes.

Baba gosta tanto dessas sessões de *bhajans* e discursos ao ar livre que leva os devotos para o leito do rio ou para a beira do mar sempre que pode. Baba realizou sessões de orações e grupos de discussão dessa natureza nas areias do Godavari, Kaivalaya, Swarnamukhi, Vaigai e outros rios, bem como às margens do Ganges, Jhelum e Yamuna. Também já levou os devotos até a costa em Madras, Tranquebar, Masulipatam, Cabo Comorim e Kovalam e realizou milagres como transformar areia em retratos, imagens, *Vibhuti* ou qualquer outro artigo, segundo Sua vontade!

Em geral, Baba leva os devotos para as areias nos dias de festivais que não atraem multidões gigantescas, onde há apenas uma quantidade controlável de devotos. No Dia de *Gokulashtami*, ou talvez no dia anterior, Ele com frequência visita as areias e algumas vezes “tira” delas uma imagem de Krishna que é mantida no salão durante o aniversário do Senhor Krishna e depois é dada a algum devoto para ser adorada em seu altar doméstico. Ou também no Ramanavami ou na véspera, Baba tira da praia ou do leito do rio, dependendo de onde estiver no momento, imagens de Rama, Sita, Lakshmana e Anjaneya ou somente de Rama e as distribui para adoração. Próximo a *Kalahasthi*, de Swarnamukhi, Ele “tirou” imagens de tamanho maior do que o comum e elas agora são guardadas em Venkatagiri e adoradas regularmente. Novamente, no anoitecer do *Vaikunta Ekadasi*<sup>96</sup>, Ele “produz” o Divino Néctar para distribuir entre os devotos durante o *bhajan* ou discurso no rio ou na praia!

No *Vaikunta Ekadasi* de 1958, por exemplo, que caiu num dia 21 de dezembro, em meio à Sua turnê pelo Estado de Kerala, Baba foi até a Praia de Kovalam, a cerca de dez quilômetros de Trivandrum, acompanhado de vários devotos. Em um local calmo na praia, a pouco mais de um quilômetro de onde se toma banho, Baba se sentou com os devotos. Cantou algumas canções antes dos *bhajans*. Então, Baba retirou das areias uma encantadora imagem em sândalo de Krishna tocando flauta e, em seguida, um anel de ouro com *Radha-Krishna* estampados em relevo. Todos esperavam que Baba distribuísse *amritha* “produzido” por Ele, como faz geralmente no *Vaikunta Ekadasi*, e não ficaram desapontados, pois ainda durante os *bhajans* a fragrância do néctar foi claramente sentida, ninguém sabia de onde! As palmas das mãos de Baba ficaram grudentas, como se saturadas do néctar, ainda quando Ele marcava o ritmo. Todos se deram conta de que a fragrância emanava de Suas mãos. Então Ele as uniu e apontou para um recipiente de prata e, oh!, o divino “mel” fluiu de Suas mãos. Ele o distribuiu a todos os presentes, incluindo alguns pescadores que tinham se aproximado. A doçura e a fragrância do néctar não se comparavam a coisa alguma que já tivessem provado.

No Dia do Ano Novo télugo, Baba geralmente distribui a tradicional mistura agridoce de açúcar com *margosa*. No Dia de Pongal, o gado de Nilayam é enfeitado e levado em procissão; os aldeões vêm ao *mandir* para o *puja* no início da estação de extração do caldo da cana, quando as moendas entram em operação. Os devotos também se deliciam quando têm a oportunidade de celebrar *Upanayanams*, casamentos, *Shashtiabdapurthi Shantis*, *Kanakabhishekams*, *Namakaranams* e outros *samskaras*<sup>97</sup>, na presença de Baba e no próprio Nilayam. A plataforma leste do salão de orações é geralmente utilizada para essas funções religiosas.

No Dia de Dipavali, Baba gosta da iluminação e do barulho das bombinhas, distribuindo maços delas junto com fósforos coloridos, em Prasanthi Nilayam, para os filhos dos devotos e também para as crianças da aldeia. Envia

<sup>95</sup> Imagem de Deus com três cabeças, representando a união de Brahma, Vishnu e Shiva, respectivamente o Criador, o Mantenedor e o Destruidor da Trindade Hindu.

<sup>96</sup> Literalmente portão do paraíso, este é o mais importante Ekadasi do ano, que ocorre antes da lua nova, geralmente no mês de janeiro. Os *Ekadasi* acontecem dois ou três dias antes de cada lua nova e lua cheia, todos os meses, e são considerados muito auspiciosos para a meditação. Foram astrológicamente calculados pelos antigos *rishis* – sábios. Geralmente são passados em meditação e jejum.

<sup>97</sup> Os *samskaras*, aqui, são os atos meritórios tradicionais na cultura hindu. Pela ordem: *Upanayanam* – ritual no qual a criança é formalmente admitida como um estudante e um aprendiz do caminho para o Absoluto; *Shashtiabdapurthi Shanti* é a comemoração especial do aniversário de 60 anos; *Kanakabhishekam*, literalmente, “banho de ouro” é uma cerimônia especial para casais e *Namakaranam* é o ritual de escolha do nome de um recém-nascido.

mensagens de Ano Novo, palavras de confiança e aconselhamento, em primeiro de janeiro, a devotos que almejam essa bênção, assim como em Seu aniversário, com frequência, envia bênçãos de aniversário aos afortunados.

Três festivais são celebrados todos os anos em Puttapparthi e atraem multidões cada vez maiores de lugares cada vez mais distantes: Dasara, Mahashivaratri e o Aniversário de Baba, celebrado em 23 de novembro, para conveniência de vários devotos que encontram dificuldade em calcular a data segundo o calendário hindu.

O Dasara tem sido celebrado desde o anúncio da Manifestação. No princípio, eram realizados *bhajan* e *puja* diariamente, e o próprio Baba era enfeitado com anéis, cordões e coroas e levado em procissão sobre liteiras decoradas de forma diferente a cada dia, sendo Vijayadasami<sup>98</sup> o clímax, quando eram celebrados também *Sami Puja* e *Simolanghana*<sup>99</sup>. Mas, após alguns anos, Baba passou a enfatizar o significado religioso e espiritual da adoração a Deus como Mãe, e o caráter das celebrações foi modificado. A adoração realizada por todas as devotas, duas vezes ao dia, com a oferenda de *kumkum*; o *Abhishekam* da imagem de Shirdi Sai Baba com o *kumkum* ofertado durante os nove dias; música, poesia, teatro, etc., todos conquistaram um lugar na adoração da Mãe.

Pode-se ter uma idéia dos festivais através do programa, impresso e enviado aos devotos. Vamos tomar, por exemplo, o programa do Dasara de 1958. As celebrações começaram com a cerimônia de hasteamento da bandeira na manhã do primeiro dia. Os devotos se reuniram em silêncio solene em torno do Círculo do Lótus e, ao som de sinos, gongos, muita música e orações, Baba desfraldou a bandeira. Em várias ocasiões, Ele já explicou o significado do símbolo do Lótus que é visto defronte de Nilayam e também na bandeira. O *puja* diário, especialmente o *Kumkumarchana* por todas as devotas, começou ao meio-dia e realiza-se duas vezes ao dia, durante os dez dias. O segundo dia foi dedicado ao trabalho social pelos devotos: reparos na estrada de acesso, limpeza do local onde os pobres são alimentados no dia subsequente, etc. À tardinha, os devotos ouviram discursos proferidos por Baba e por alguns especialistas em trabalho social, sobre a atitude adequada dos trabalhadores sociais e a necessidade de realizarem a ação cheios de devoção. O terceiro dia foi o Dia das Crianças, com jogos, crianças fantasiadas, encenação de peças e recitações, realizados pelos filhos dos devotos e também pelas crianças das escolas de aldeias próximas. Baba deixa todas as crianças felizes e à vontade, persuadindo-as a prosseguir quando falham e perdem a confiança. Ele dá prêmios a toda criança participante, que se torna o orgulho da família por anos. No quarto dia, foi realizada na presença de Baba a Assembléia dos Poetas, e poetas de lugares próximos e distantes leram e expuseram seus trabalhos em télugo, tâmil, sânscrito, kannada ou inglês. Eles também se orgulham de receber presentes, que são altamente valorizados, pois são entregues com muita gentileza e por Aquele que é O Poeta em Pessoa. Baba abençoou os devotos com Seu discurso em dois ou três dias do Dasara, proporcionando às milhares de pessoas algo pelo qual viver e levar para casa e investir na vida diária. Duas tardes, a sexta e a oitava, foram dedicadas aos *bhajans*, uma aos *Mira Bhajans* e a outra aos *Brindavan Bhajans*<sup>100</sup>. No sétimo dia, os pobres foram alimentados e houve distribuição de roupas para os aleijados e deficientes. Alguém uma vez perguntou a Baba por que um ato de tão grande proporção, no qual cerca de 4 a 5 mil pessoas são fartamente alimentadas e outras mil recebem roupas ou *saris*, não aparece em nenhum jornal. Baba respondeu: “Pergunto-Me por que deveria aparecer! Quando os seus parentes vêm visitá-los e você os alimenta, por acaso convida a imprensa e dá publicidade ao fato?”

Baba parecia mais feliz naquele dia dentre todos os dias do Dasara e pode-se dizer que foi o Seu dia mais ocupado. Examinou os alimentos e seu preparo, e supervisionou os locais onde os comensais iriam se sentar. Ele próprio serve o doce *laddu* a quase todos, parando diante de cada folha<sup>101</sup> e colocando em cada uma o máximo que a pessoa pode comer. Caminha pela fileira de pessoas carentes e seleciona as que receberão roupas; cada uma ganha um tiquete e seus nomes são chamados depois, para que se aproximem de Baba e recebam de Suas mãos o presente designado. É uma visão inspiradora e muito educativa observar Baba doando as roupas. Ele tem uma doce palavra para cada um. Trata os deficientes visuais, os aleijados, os muito idosos e os trôpegos com consideração especial, solicitando voluntários para auxiliá-los e guiá-los e aconselha-os a ter cuidado e cautela no escuro. Gentilmente faz perguntas sobre cada um e torna aquele momento uma lembrança preciosa para todos.

Este escritor se lembra de como, há alguns anos, as chuvas derreteram o brilho das decorações em Nilayam durante os primeiros três ou quatro dias de Dasara. Então, Baba quis que elas fossem renovadas para o Dia da Alimentação aos Pobres e disse: “São os nossos convidados mais distintos e o *mandir* deve estar bonito e alegre para a sua chegada”. Essa é a atitude que Ele ensina para que todos os devotos adotem.

Os outros dias são dedicados aos recitais de música, vocal, instrumental ou orquestral. Um grande número de músicos compete para participar porque o próprio Baba é o Grande Músico, que canta de forma cativante e todos

<sup>98</sup> “Dia da Vitória” – décimo dia do Festival Dasara.

<sup>99</sup> *Sami Puja* e *Simolanghana* são associados. O último significa “cruzar as fronteiras” e lembra os reis medievais que, antes das batalhas, reverenciavam a árvore *Sami* (*prosopis cineraria*) considerada a própria “árvore dos desejos” – *Kalpataru* e, também, a “rainha do deserto”, por sua espantosa resistência ao clima árido. A adoração visava à vitória, emulando as características da árvore e o ritual simboliza a busca da Graça Divina para a vitória na busca espiritual, no *Vijayadasami*.

<sup>100</sup> O autor deve estar se referindo a estilos específicos. Os *bhajans* de Mira são composições famosas dessa devota de Krishna. Não se sabe se os de Brindavan referem-se a algum estilo musical da localidade onde Krishna passou sua infância, há mais de 5000 anos, ou se correspondem a algum estilo praticado no *ashram* de Sai Baba, também denominado Brindavan, situado em um subúrbio, próximo a Bangalore.

<sup>101</sup> Nessas refeições coletivas, os convidados são servidos em pratos feitos de folhas de bananeira, um costume indiano.

ficam ansiosos para receber Suas Bênçãos. No Dia de *Vijayadasami*, é realizado o *abhishekam* na imagem de Shirdi Baba, e Baba geralmente “materializa” um *lingam* que coloca na cabeça da imagem, antes do *abhishekam*.

Shiva recebe em tâmil o nome de *Thayumanavar*, que significa “Aquele que também se tornou Mãe”, devido à história de que Ele, certa vez, auxiliou uma mulher durante o trabalho de parto do filho, pois sua mãe verdadeira, que corria para ajudá-la, não pôde chegar devido à enchente do rio Cauvery. Por essa razão, Shiva assumiu a forma daquela mãe e chegou ao local a tempo de cuidar da gestante, como uma parteira.

Freqüentemente, Baba tem sido *Thayumanavar*. Várias vezes Ele assumiu para si as dores do parto. Tem “saído” do corpo para ajudar inúmeros partos. Mulheres em lugares distantes sentem Sua mão, e Ele comentou a respeito disso em Puttapparthi, explicando que coloca o bebê na posição certa antes do parto para que o nascimento não seja desconfortável. Este autor sabe de um incidente ocorrido com uma senhora, em um hospital, cujo bebê morreria no sexto dia, porque, entre outras razões, o cordão umbilical fora cortado de forma errada e o ferimento infeccionou, sem chance de cura. A mãe estava desenganada, porque não foi possível remover a placenta devido à infecção, e as pessoas calmamente aguardavam o pior. Baba “deixou” Seu corpo em Puttapparthi e ficou ausente por uma hora. A quatrocentos quilômetros de distância, no hospital, a placenta saiu, a febre baixou e a mãe iniciou a recuperação, trazendo alegria aos rostos em volta da cama. Baba, quando retornou ao corpo, disse que estivera no hospital e que proporcionara a visão da Sua Mão à paciente; no terceiro dia, chegou uma carta da família descrevendo a visão e a cura!

Em um Dia de *Varamahalakshmi Vratam*<sup>102</sup>, há dez anos, Ele aceitou o *puja* como *Varamahalakshmi* e recebeu as oferendas feitas pelas mulheres que tinham feito os votos daquele *Vratam*. Aquelas que tiveram esta boa sorte única dizem que Ele realmente apareceu para elas vestido com um *sari* e uma blusa, resplandecente com pulseiras, colares, enfeites no nariz, brincos, etc. Sem dúvida, o *Navarathri*, quando *Devi* é adorada como Durga, Lakshmi, Sarasvati, Annapurna, Thripurasundari, Lalitha e outras formas, tem atraído milhares a Puttapparthi, onde *Sai Matha* (A Mãe Sai) é tão beneficente e generosa.

O Mahashivaratri é um festival igualmente importante, e os devotos realizam uma vigília com *bhajans* que dura a noite inteira, na presença imediata do *Avatar*, que, a todo instante, lembra-os o próprio Shiva, tal a profusão de *Vibhuti* que emana de Suas mãos, testa, dedos dos pés e rosto, e tal a liberalidade com que concede Suas bênçãos a toda humanidade errante. Nos últimos dez ou doze anos, o Shivaratri tem sido celebrado em Puttapparthi, mas, mesmo anteriormente, desde a Declaração da Manifestação, são materializados *Shivalingans* dentro de Seu Corpo. Baba tem dito, quase sempre, ser muito difícil adiar ou evitar a formação dos *lingans* que se materializam dentro Dele. À tardinha, Baba concede o *darshan* durante os *bhajans* e, após uma hora ou mais, inicia Seu discurso. Com freqüência, é interrompido na metade pelo que parecem ser contrações espasmódicas na área do estômago, mas Ele continua a falar até que a região dos espasmos vai para a parte superior do peito e pescoço, quando parece que Ele atravessa algum tipo de tensão física. E, de repente, para assombro e alegria de todos, os *lingans* caem de Sua Boca! São, em geral, colocados na imagem de Shirdi Baba e, após o término das celebrações, são doados por Baba a algum devoto, para ser reverenciado, segundo Suas instruções. Esses *lingans* são adorados por alguns devotos por mais de dezesseis anos!

Os *lingans* que emanam em vários Shivaratris diferem em número, tamanho e composição. Algumas vezes, surge somente um *lingam* e o material parece ser cristal, ouro ou prata; muitas vezes, são mais de um, chegando a três, cinco, sete ou nove! Cada um com cerca de cinco centímetros de altura e todos completos com o *Pitham*, a base, e o *lingam* marcado com as três linhas horizontais simbolizando o *vibhuti*. Esse *Lingodbhavam*<sup>103</sup> é, sem dúvida, uma manifestação única e misteriosa da Vontade Divina.

Naturalmente, se descrevemos com tanto entusiasmo as manifestações da Vontade, não devemos nos esquecer de prestar a devida homenagem à Personificação daquela Vontade, o próprio Baba. Ele é a Morada da Paz Suprema onde estiver e onde quer que seja adorado, lembrado ou invocado com devoção. Quando um devoto convocou os membros de uma assembléia, à qual Baba acabara de se dirigir, no Salão Gokhale, em Madras, a “ir a Puttapparthi e participar dos maravilhosos *bhajans* em Prasanthi Nilayam”, Baba imediatamente o corrigiu e disse: “Não, não. Podem ficar onde estão; Eu virei até vocês. Não contraiam despesas que talvez não possam pagar. Se Me chamarem, Eu estarei a seu lado”. Um poeta medieval da etnia *kannada* cantou que a distância entre nós e Shiva é apenas a distância que o nosso chamado alcança; acreditem Nele e invoquem-No; Ele responderá: “Eu estou aqui”. E vocês também podem chamá-lo por qualquer um de Seus nomes.

Em outubro de 1957, foi inaugurado, na colina atrás de Nilayam, um hospital com seis leitos para mulheres e seis para homens, totalmente equipado para cirurgias e maternidade, inclusive com unidade de raios X. De lá se descortina um cenário magnífico, com montanhas veneráveis, escarpas e penhascos chegando até as margens do Chithravathi. Baba escolheu o local, apesar dos comentários dos engenheiros, porque disse que os pacientes seriam inspirados pelo maravilhoso trabalho do Senhor, exposto diante de seus olhos. Ele conseguiu uma máquina de

<sup>102</sup> Ritual de adoração a Lakshmi, como a Doadora de Presentes (*Vara*) aos que lhe apresentam seus votos (*vratam*).

<sup>103</sup> Manifestação ou “nascimento” do *lingam*.

terraplanagem, cortou e nivelou os três terraços onde havia anteriormente o flanco rochoso de uma colina e planejou o hospital no terraço superior. Falando durante a cerimônia da fundação, disse que não há descrentes. Há somente alguns que ignoram ou que não têm a oportunidade de vivenciar o Senhor. Todos, pobres ou ricos, eruditos, piedosos ou não, estão sujeitos a doenças e, portanto, como exemplo de Serviço ao Homem que o próprio Deus realiza para que o Homem possa imitar e ganhar a Graça do Senhor. Disse que planejou o hospital em Puttapparthi, porque não havia um bom hospital nas proximidades. Disse também que aqueles que viessem ao hospital devido às suas doenças físicas, voltar-se-iam, naturalmente, para Prasanthi Nilayam, para o tratamento e a cura de suas aflições espirituais.

O hospital foi erguido na presença inspiradora de Baba, que supervisionou cada detalhe do trabalho de construção e montagem do equipamento. Os devotos, perfilados ao longo da colina, passaram de mão em mão metais, pedras, tijolos, água, argamassa e tudo que foi necessário para levantar a estrutura que domina atualmente o cenário. No primeiro aniversário do hospital, quando o Diretor Médico falou sobre as várias curas milagrosas que tinham acontecido através de Suas bênçãos, Baba disse que elas se devem mais ao espírito de Amor e Serviço que saturam cada pedra e tijolo da construção. O próprio Baba visita o hospital, passando pelas enfermarias, convencendo os aldeões a tomar os remédios ou a se submeterem a uma injeção ou corte. A doçura de Suas palavras e a influência curadora de Seu olhar aceleram a recuperação. Baba sempre tem muito a ensinar aos médicos, pois Ele é o Grande Médico e o Grande Cirurgião. Dá conselhos práticos sobre a manutenção da equanimidade mental e integridade física por meio de *japa* e *dhyana*, que mantêm o corpo e o espírito em bom estado.

Os casos freqüentemente publicados na “*Sanathana Sarathi*”<sup>104</sup> são valiosos para os praticantes da medicina, pois revelam como são curadas doenças graves e crônicas através da influência curadora da Graça Divina que preside aquele hospital. Enquanto alguns devotos fervorosos de Baba confiam seu bem-estar físico à Sua vontade, outros, sob Seus conselhos, tomam *vibhuti* como medicamento que Ele “fornece” ou seguem o tratamento médico que Ele recomenda, pois, como diz, Ele não tem uma única prescrição para todos. Assim como um médico pode recomendar para quatro pacientes que sofrem de dor de estômago quatro tipos diferentes de tratamento, como sais para a dor devido a constipação, uma mistura para a dor decorrente de desordem gástrica, um óleo ou cataplasma para outro e uma operação imediata para uma dor causada por apendicite, Baba também recomenda remédios diferentes para pacientes diferentes. Ele é o maior de todos os médicos.

À direita e à esquerda do Nilayam, em torno do jardim e atrás do edifício principal, existem vários prédios, com quartos simples e duplos onde ficam os devotos. Quando as pessoas a quem os aposentos são designados não estão, eles podem ser usados por outras pessoas que vêm a Puttapparthi. Mas Baba dirige e orienta cada detalhe do trabalho em Nilayam. Seu comando é aguardado com ansiedade por todos, pois é melhor que assim seja.

Baba é, naturalmente, um jardineiro experiente, como evidencia Seu interesse pessoal pelas plantas e árvores do jardim de Nilayam. Enquanto viaja de carro e busca algum lugar para lanchar ou almoçar, Ele escolhe locais que são jóias de beleza, entre os eucaliptos das colinas de Nilgiri ou Kodaikanal, as alamedas de pinheiros da Cashemira, as planícies áridas de Bellary, o tapete verdejante de Serigapatam, os jardins de palmeiras da costa de Kerala, as avenidas de palmeiras de Tinnevelly, a margem do canal próximo a Samalkot ou os campos cor de fogo de Raichur. Ele chamará a atenção dos que estiverem próximos para um belo pôr-do-sol ou alvorecer, para o panorama cativante de um céu enevoado ou para um anel em torno da lua. “*Andame Anandam*” é uma frase freqüente em Seus lábios, que significa “Beleza é bem-aventurança”.

Ele também gosta muito do gado, e os estábulos de Prasanthi Nilayam são um modelo para os camponeses das aldeias próximas. Ele passa várias horas com as vacas, alimentando-as e cuidando delas. Enfeita-as no Dia de *Pongal*<sup>105</sup> e mantém um estoque reluzente de peças ornamentais para esse propósito. Tem também um cavalo para algumas ocasiões, assim como cervos, pavões e coelhos, que são abençoados por receberem Seu toque amoroso e suave.

Ele também possuiu vários cães de estimação. As histórias desses animais são episódios interessantes do cuidado e da misericórdia do Senhor. Jack e Jill, dois lulus da Pomerânia de Ootacamund, foram os primeiros desses mascotes caninos. Baba diz que eles costumavam jejuar toda quinta-feira, devido a algum hábito sagrado que trouxeram de um nascimento anterior. E nunca se pôde persuadi-los a comer carne! Jack costumava dormir na cabeceira da cama de Baba e Jill, nos pés. Após três anos dessa *samipyra*<sup>106</sup>, Jack deu seu último suspiro no colo de Baba.

Seu final também foi digno da vida que teve. Na noite anterior, Jack seguira o motorista de um carro que estacionara na outra margem do rio, em Karnatanagapalli. Ele quietamente se deitou debaixo do carro, sem o conhecimento dos ocupantes, pois Jack gostava de se oferecer como voluntário para tomar conta dos carros, que, naquela época, tinham que estacionar longe do *mandir*. Seu latido costumava manter à distância os ladrões da aldeia. Mas, naquela

<sup>104</sup> “O Eterno Condutor” – nome da revista mensal oficial das Organizações Sathya Sai, publicada desde 1958, cujo primeiro editor foi o próprio N. Kasturi, autor deste livro. O nome é uma referência ao papel desempenhado pelo *Avatar* Krishna, que conduziu a carruagem de seu devoto Arjuna em batalha. Ver também a nota nº 92.

<sup>105</sup> Festival da Colheita do Estado de Tamil Nadu.

<sup>106</sup> Convivência íntima com o Divino.

manhã, quando o carro andou, Jack quase foi morto; ele teve força suficiente, diz Baba, para se arrastar ao longo do leito do rio, de volta ao *mandir*, reunir forças para pular no colo de Baba e, com os olhos grudados em Seu rosto, e a cauda vibrando de alegria, Jack concluiu sua breve, porém abençoada, carreira terrena. Jill não conseguiu viver sozinha. Ela o seguiu em poucas semanas. Ambos estão enterrados no centro da praça, atrás do “Velho *mandir*” e uma Brindavan, ou estrutura em forma de *tulsi*<sup>107</sup>, foi construída sobre seus restos mortais.

Chitty e Bitty, Lilly e Billy foram dois outros casais de lulus pomeranos que os seguiram. Então vieram os *cocker spaniels* Minnie e Mickie e também Honey e Goldie. Baba cuidou deles por alguns anos e depois os deu a devotos, mas, até hoje<sup>108</sup>, pergunta como eles estão. Baba teve também uns alsacianos, como Rover e Rita e, depois deles, por algum tempo, Tommy e Henry. Esses animais devotos receberam abundante ternura e amor de Baba. Nós, a quem o mundo animal é tão estranho quanto mudo, precisamos aprender essa lição, observando Seu afeto por eles: nunca maltratem qualquer irmão animal, para lhes tirar o sustento ou o prazer e sempre encarem todas as coisas criadas como pertencentes a uma única Família.

Baba sempre fala do destino, ou *prapthi*<sup>109</sup>, como Ele chama, e diz que, se um animal ou homem merece Sua graça, é devido a *prapthi*. Mas sempre acrescenta que Sua Graça pode ser conquistada através de *sadhana* ou vida disciplinada, do autocontrole, do serviço desinteressado a todos, considerando as pessoas o próprio Deus em pessoa. Assim como um examinador avalia as respostas dos candidatos, o Senhor também avalia nossas realizações. Mas, se as respostas revelam um estudo dedicado e um interesse ativo pelo assunto, bem como a apreensão da metodologia da ciência envolvida, o examinador desculpará o fraco desempenho das respostas. Essa tem sido a experiência de vários indivíduos que fizeram tremendos esforços, mas não conseguiram ir a Puttaparthi, e que, surpreendentemente, planejam outra visita e tudo se torna disponível rapidamente e todos os obstáculos são automaticamente removidos. Baba diz que, sem Sua Vontade, ninguém consegue viajar ou, tendo começado a viagem, chegar ao local onde Ele está.

Sua onisciência e onipresença são reveladas a todos que O encontram na sala de entrevistas. Ele lhes diz sobre o que falaram, fizeram ou sentiram, com quem e sobre o que falaram, o que temem e o que planejam, o que perderam ou sofreram. Se você quer consultá-Lo em dez quesitos, Ele responderá, antes mesmo que você abra a boca, sobre doze ou quinze! Revelará até o que você sonhou e repetirá as mesmas palavras que O ouviu dizer no sonho. Desnudará sua história nos mínimos detalhes e, onde houver tristeza ou fraqueza, Ele preencherá com Alegria e Força.

“Ele é incansável em Seu Ministério da Compaixão”, diz o diretor H.S. Rao. “As palavras de Baba não somente suavizam como abrem novos níveis de consciência e revelam a força e a bondade escondidas na natureza da pessoa. O devoto torna-se capaz, por Sua Graça, de se conhecer, de reconhecer com maior entusiasmo suas obrigações e responsabilidades e até suas próprias deficiências. Tudo isso Ele faz de modo natural, dando-lhe tapinhas afetuosos nas costas, Seus olhos brilhando em um alegre piscar e dizendo palavras que você possa entender. Ainda assim, existe tal poder naquilo que Ele pronuncia, tamanha profundidade de convicção que se fica sem fala diante da onisciência de Baba e de Sua milagrosa percepção dos problemas e necessidades individuais de cada um”.

Assim, Prasanthi Nilayam reconstrói a humanidade e assim a presença de Baba incita a humanidade a prosseguir.

-----  
NOTA: Pode-se chegar a Prasanthi Nilayam, nas imediações da aldeia de Puttaparthi, por uma estrada que parte da estação ferroviária de Mudigubba, seguindo de ônibus, por 26 quilômetros até Bukkapatnam e mais 5 quilômetros depois de Bukkapatnam, de carroça ou carro de boi. Outra opção é sair de Kadiri, percorrendo 29 quilômetros até Gorantla de ônibus, mais 24 quilômetros até Bukkapatnam, novamente de ônibus e, a partir dali, o trecho final, de carro de boi. As duas estações pertencem à Linha Dharmavaram-Pakala. Também se pode sair de ônibus da Estação Ferroviária de Penukonda, seguindo 26 quilômetros até Bukkapatnam, ou sair da Estação de Dharmavaram e percorrer 29 quilômetros de ônibus até Bukkapatnam, ambas da Linha Bangalore-Guntakal. Carros e ônibus especiais podem ir a Nilayam tomando o desvio de Kothacheruvu, na Estrada Penukonda-Bukkapatnam, 3 quilômetros depois da Cidade de Bukkapatnam<sup>110</sup>.

<sup>107</sup> Planta medicinal que nasce em toda a Índia, venerada por suas propriedades; também conhecida como *tulasi*, seu nome significa “a incomparável”.

<sup>108</sup> O a referência remonta à década de 1950 ou 1960.

<sup>109</sup> Conquista do objetivo, poder (*yogi*) de realizar seus desejos. No contexto, poderia ser “merecimento”.

<sup>110</sup> Hoje em dia (2007), o acesso é bem mais fácil, pois até um aeroporto já foi construído em Puttaparthi, que recebe vôos regulares. Um transporte leva os visitantes ao *ashram* em minutos, desde o aeroporto. A descrição de Prasanthi Nilayam como “próximo da aldeia de Puttaparthi” também não mais se aplica, pois a região se transformou numa complexa cidade.

## DO CABO ATÉ KILANMARG

A Nona Convenção da Vida Divina<sup>111</sup> de toda a Índia, realizada em Venkatagiri em 1957, foi um marco na campanha *dhármica* de Bhagavan. Ele presidiu as deliberações e soou o clarim de chamada para o *sadhana* e a regeneração espiritual. Swami Satchidananda, Secretário Organizador das Filiais da Sociedade da Vida Divina, confessou mais tarde que ele levou um choque quando a notícia de que Baba seria o presidente chegou a Thiruvannamalai, pois, em suas sondagens lá, soube que Ele era versado somente em magia (!) e que era um orador pobre, na melhor das hipóteses. “Mas logo descobri que meu informante era profundamente ignorante”, disse Swami Satchidananda.

Na abertura da convenção, a cidade estava repleta de delegados, visitantes e devotos, incluindo um grande número de *sanyasi* vindos de lugares distantes como Rishikesh, Rajahmundry, Kalahasti e Madras. Uma bela liteira, majestosamente enfeitada com flores, foi colocada no portão principal do Palácio Venkatagiri para que Baba fosse levado até o teatro onde haveria a sessão inaugural. Mas, quando Ele viu aquele símbolo de pompa, recusou a honra, apesar dos pedidos do marajá, dizendo: “Há tantos *sanyasi* aqui e Eu gostaria de andar com eles”. Era realmente uma distinta plêiade de monges, como Sadananda, Satchidananda, Athmasvarupananada e Srinivasananda.

Swami Satchidananda hasteou a bandeira da Sociedade da Vida Divina e Swami Sadananda, autor de “*Sanmarga Dipam*”, “*Maha Shakti*” e livros com os comentários sobre a *Yoga Darshana* de Patânjali, inaugurou a convenção. Algumas pessoas equivocadas tinham distribuído panfletos nos quais acusavam Baba de favorecer os ricos e aristocratas, sem saber que, no instante em que enfiavam esse escândalo nos bolsos das pessoas, Baba havia recusado a ostentação de uma procissão e caminhava pela mesma rua na qual haviam espalhado suas falsidades. Na verdade, Swami Sadananda referiu-se a esse folheto, classificando-o como absurdo, em vista do que acontecera naquela manhã. Parabenizou os delegados e organizadores pela sorte de conseguir que Baba os guiasse no caminho da Vida Divina.

Em sua fala inaugural, Baba disse que a Vida Divina era a inspiração, a força motriz, o princípio e o fim de tudo na criação, do microcosmo ao macrocosmo, do átomo ao Infinito. A Vida Divina é a chuva que cai das nuvens da Verdade, do Amor e da Não-Violência. Compreende todos os atos praticados na busca da Realidade que está além dessa diversidade ilusória. A divindade, disse Ele, é inerente e imanente em cada indivíduo, assim como a manteiga no leite. Do mesmo modo como se bate o leite para se separar a manteiga, o homem deve “bater” sua mente com bons atos e boa companhia. A mente do homem oscila entre o espírito eterno e o mundo evanescente e, por isso, é dever das organizações como a Sociedade da Vida Divina preencher as mentes de seus membros com santidade e ajudar a remover o entulho da paixão e da luxúria. Para essa transformação, todos são candidatos aptos, e o sabor dessa bem-aventurança é o mesmo para todos. A Sociedade, disse Baba, deveria se esforçar para estender esse processo de transformação a tantas pessoas quantas fossem possíveis, com humildade e amor igual por todos. Deveria lutar para extirpar as raízes da ansiedade, da tristeza e da ignorância.

Na manhã seguinte, no teatro, durante a Convenção, Baba afirmou o seguinte: “A religião hindu só pôde sobreviver à série de ataques violentos, revoluções culturais e invasões estrangeiras devido ao esforço de seus líderes espirituais, que preservaram os tesouros do Hinduísmo e restabeleceram os princípios criativos do *Sanathana Dharma* uma vez mais nos corações das pessoas”. Disse que gostaria de acender a luz do Amor em todos os corações e aconselhou todos a preservar um clima de reverência e amor. Ao falar sobre os *gunas*, ilustrou a natureza dos três através de uma comparação singela que esclareceu o assunto. Disse, apontando para uma lamparina de querosene, que a manga de vidro era *satvaguna*, a fuligem interna era *tamoguna* e a sujeira externa, *rajoguna*.

No dia seguinte, na reunião especial dos delegados, Baba lhes pediu para cultivar a devoção ao seu *Guru* com total concentração e demonstrar no cotidiano a Vida Divina à qual tinham dedicado suas existências. Quando, mais tarde, o encontro foi convertido em uma sessão pública, com a admissão de uma grande multidão de visitantes ansiosos, Baba falou por mais de uma hora, aconselhando a todos a levar uma vida de devoção e entrega. “O que gostariam de ser nas mãos do Senhor?” Perguntou e sugeriu a resposta: “A Flauta”! Queria que todos fossem corretos, honestos, desprovidos de qualquer orgulho, individualismo, vontade ou idéia de ego, a fim de inalarem somente o alento de Deus e transmutarem esse alento em música melodiosa que confere a cada momento fugaz a alegria da eternidade.

Swami Sadananda falou sobre a “Comunhão com Deus”, ou melhor, sua comunhão com Baba e sobre como essa comunhão o incitava a revelar, pois confessou que dizia somente o que Baba o fazia falar! Depois dele, levantou-se um grande erudito, afamado em toda Andra Pradesh pelos vários livros de Vedanta que escrevera e pela tradução para o télugo das Upanishads, Brahma Sutras e Bhagavad Gita. Falou sobre o problema mais obscuro da filosofia indiana: “Quem sou eu?”. Os críticos dizem que a atitude *advaitica* torna os homens estranhos e desprovidos de poesia, mas aquele erudito era poeta o suficiente para apreciar a imagem criada por Baba da Flauta nos lábios de Krishna, pois se estendeu, com prazer, sobre o ideal que Baba apresentara e citou alguns versos sânscritos sobre a

---

<sup>111</sup> *Divine Life Society*, fundada por Sri Swami Shivananda Sarasvati.

*murali* - nome da flauta do Senhor Krishna. Iniciou seu discurso com uma declaração pessoal. “Vim a Venkatagiri para essa conferência primeiramente para encontrar Sri Sathya Sai Baba, pois ouvi várias versões sobre Sua grandeza e cheguei ansioso pela oportunidade de testar todas elas. Resumindo, vim para desafiar. E volto beatificado. Estou feliz ao confessar isso diante de vocês e peço desculpas a Baba pelo meu erro”. Esta foi somente mais uma ocasião em que a névoa da incompreensão se desfez diante do calor da presença de Bhagavan.

Baba caminhou livremente entre *sadhus* e eruditos, e deu longas entrevistas a cada um antes de partir de Venkatagiri. Swami Satchidananda disse a este escritor: “Fui o segundo chamado. Assim que entrei, Baba me abraçou e disse que estava feliz em me ver. Falou então de uma rara visão *yogi* que tive a felicidade de viver, há trinta e sete anos, e me congratulou pela busca constante da disciplina *yogi* que culminou naquela visão. Imediatamente depois, mudou de atitude e me repreendeu por desperdiçar meu tempo e energia em esforços para estabelecer *ashrams*, angariar fundos, encontrar pessoas e discutir planos e programas. Quando tentei justificar minhas atividades atuais como uma contribuição para o bem-estar do mundo, Ele riu e perguntou: “Nunca ouviu dizer que bons pensamentos e ondas de sabedoria *yogi* têm um meio de emanar de uma grande alma e, superando todos os obstáculos, reformar e mudar as correntes de pensamento dos outros?” Aconselhou-me a me recolher em isolamento e retomar minhas disciplinas *yogis*, assegurando-me que proporcionaria auxílio e sustento onde quer que eu escolhesse ficar! Esse ponto de vista nunca fora exposto a mim de maneira tão clara e com palavras tão autênticas; fiquei tocado pelo Seu amor e misericórdia. Surpreendi-me de que Ele soubesse da minha experiência secreta, acontecida alguns anos antes de Sua Vinda e perguntei-Lhe humildemente sobre isso. Ele me respondeu com outra pergunta: “Por acaso Eu nasço e morro?”

Foi realmente uma experiência única para todos; as entrevistas, o diagnóstico de seus pensamentos mais profundos, a prescrição dos medicamentos apropriados, a confirmação da contínua Graça, o peso do esforço no equilíbrio do progresso, e a revelação da onisciência e onipresença. Quando Baba voltou para Puttaparthi, Swami Sadananda e Swami Satchidananda O seguiram. Todos estavam ansiosos para passar mais algum tempo na Divina Presença.

Lembro-me de uma tarde quando Baba levou Swami Sadananda até uma fonte natural entre as colinas que ficam atrás de Nilayam, pois eu também fazia parte do grupo. Sentado ao lado da fonte, Baba falou sobre a existência da Consciência Pura (*Chaitanya*) no homem, animal, vegetal e mineral, e Swami Sadananda citava passagens das Upanishads para mostrar que as mesmas idéias eram encontradas em nossos textos antigos. De repente, Baba assumiu um tom de autoridade e declarou: “Você pode chamá-los de antigos; Eu os conheço a todos; estou além do espaço e do tempo”. O assunto então mudou para o Shivaísmo, o *lingam* e o significado desse símbolo, pois Sadananda tinha escrito uma tese, “A Origem e a História do Início do Shivaísmo no Sul da Índia”, quando esteve na Universidade de Madras. Era o Dia do Ano Novo Tâmil e Baba deu a cada um o *poli*, um doce que toda dona de casa tâmil deve fazer naquele dia auspicioso. Ele os obteve com um mero oscilar da Mão! Quando Baba, após alguns dias, foi a Kodaikanal para uma curta estada, Swami Sadananda e Swami Satchidananda também O acompanharam. As seis semanas nas colinas proporcionaram muitas oportunidades para que os *sanyasi* recebessem a Graça de Baba de forma generosa. Puderam ter um vislumbre da incomparável Divindade de Baba.

Swami Satchidananda falou sobre isso em um encontro em Puttaparthi, por ocasião da inauguração da *Thapovana* (árvore da meditação), em 29 de junho de 1957. Disse que não importava o que os outros pensassem de Baba, ele estava convencido, a partir de sua experiência pessoal, que Ele era “A Encarnação da Consciência Divina, O Onisciente, o Eterno Residente em todos os Seres e em Toda a Criação<sup>112</sup>”. Descreveu então como se convencera. Estava, certa tarde, no quarto de Baba, no bangalô em Kodaikanal. Baba estava reclinado sobre a cama. De repente, levantou-se e gritou: “Não atire”, em télugo, caindo sobre a cama no que se poderia chamar de “transe”, mas que seria mais bem descrito como “saída em uma viagem extracorporal”. Seu corpo ficou rígido e permaneceu naquela condição por cerca de uma hora. Quando retornou e assumiu Sua forma física, olhou para os que estavam à volta e quis que um telegrama fosse enviado com urgência para um endereço em Bhopal. Ditou a mensagem e o endereço: “Não se preocupe; o revólver está comigo. Baba”. Swami Satchidananda expressou sua dúvida de que as autoridades postais não aceitassem transmitir essa mensagem, pois mencionava um revólver, o que infringia a lei. Outros concordaram e houve alguma argumentação pró e contra. Baba queria que a mensagem seguisse rapidamente para Bhopal e discutiram a respeito de palavras alternativas que não ferissem as regras. Swami Satchidananda sugeriu a palavra “instrumento” no lugar de “revólver” e Baba concordou que ela representava o significado pretendido. O telegrama seguiu rápido para Bhopal, a mais de mil quilômetros de distância dali!

Todos estavam ansiosos para saber qual a natureza da tragédia evitada, mas Baba escapou de todas as tentativas feitas de se extrair a informação Dele. Porém, no quarto dia, chegou uma carta de Bhopal, que foi lida para todos, revelando que Baba era realmente o Senhor que salvara *Gajendra* e *Prahlada* e viera para resgatar Draupadi<sup>113</sup>.

O autor da carta serviu na Segunda Guerra Mundial e ocupava um alto cargo no governo. Estava muito transtornado com as alterações administrativas ocorridas após a reorganização dos Estados, pois pessoas bem mais jovens foram

<sup>112</sup> As palavras de Swami Satchidananda para descrever Sai Baba foram: *Chidghanamurthi Sarvajna Sarvantharyamin e Sarvabhoothantharathma*.

<sup>113</sup> Menção a três episódios muito conhecidos de devotos (humanos ou não): *Gajendra* era um elefante) cuja vida ou cuja honra fora salva pelo Senhor nos momentos derradeiros.



promovidas para cargos acima do seu. Não tinha ninguém próximo para amenizar ou confortar, ou sequer ouvir sua pesadosa história. Sua esposa estava fora, visitando a aldeia dos pais. Perturbado pelo revés infeliz em sua carreira, decidiu acabar com sua humilhação usando um revólver. Havia um disponível; tentou um tiro para verificar se sua mão estava firme para disparar o segundo, que seria fatal, mas antes que pudesse atirar novamente (...) Baba gritou: “Não atire!” (...) E houve um forte batido na porta. Baba chegara! Não como Baba, claro, mas como um antigo colega de universidade, acompanhado (!) da esposa e de um carregador, com uma grande mala e mochila, tudo para compor a cena nos mínimos detalhes! O oficial correu, colocou o revólver sobre a cama, cobriu-o com um lençol, voltou para a sala, recompôs-se e abriu a porta.

Lá estavam, maravilha, três formas de Bhagavan, prontas a desempenhar seus papéis. O colega de faculdade era impetuoso e efusivo; Baba se tornara, por instantânea materialização, um amigo que possuía exatamente as qualidades capazes de eliminar a melancolia e dar ao oficial o tônico que o curaria do desespero. Ele reagiu bem ao tratamento e logo voltou a ser uma pessoa normal. Até sorriu e achou graça das brincadeiras do velho amigo e, com o progredir da conversa, todos os pensamentos sobre suicídio se dissiparam. A senhora também participou da conversa, mas, quando descobriram que a dona da casa não estava, o visitante assumiu um ar de profundo desapontamento e disse que preferia ficar com outro amigo. Apesar dos apelos daquele a quem salvara, o amigo partiu 45 minutos após ter se materializado, com a esposa, o carregador, a mala e a mochila, fechando as cortinas de uma excelente dramatização!

Após vê-los sair, o oficial correu até o quarto; ficou chocado ao descobrir que o revólver não estava lá e em nenhum outro lugar da casa. Quem poderia tê-lo apanhado? Ele tinha ido uma vez a Puttaparthi e sua esposa era uma devota ardente. Poderia ter sido... Baba? Ah, deve ter sido Ele! Então, será que os visitantes também “eram” Ele? Trancou a casa e dirigiu-se apressado para o endereço para o qual o colega dissera estar se dirigindo e teve sua dúvida confirmada: não havia ninguém no local, os três visitantes haviam desaparecido no ar, junto com a mala e a mochila! De volta a casa, repassava na memória os eventos daquele dia, quando ouviu outra batida na porta. Era o carteiro! O telegrama de Kodaikanal dizia: “Não se preocupe; o instrumento está comigo. Baba”.

Swami Satchidananda disse que esse incidente é muito mais estranho do que o *Parakayapravesam*<sup>114</sup>, exaltado nos Puranas. *Parakayapravesam* é a entrada de alguma coisa desencarnada em um corpo já existente; mas aquilo foi *Kayashriti*, a Criação, no próprio momento da vontade, de três *kayas* ou corpos, fazendo-os desempenhar seus papéis, isto é, a personificação de indivíduos, correta nos mínimos detalhes de voz e genuflexão, modo de andar e gestos, idioma e idiossincrasias, e na menção a incidentes e casos relativos a décadas passadas, quando ambos eram alunos na mesma faculdade. Isso, disse Swami Satchidananda, é possível somente a um *Avatar* do Senhor.

Não é de admirar que ele e Swami Sadananda tenham escrito ao seu *guru*, Swami Shivananda Sarasvati, em Rishikesh, sobre Baba e Seus Atributos Divinos. Os dois Swami também acompanharam Baba a Cabo Comorin quando Ele esteve lá, vindo de Kodaikanal. Tiveram um vislumbre da mensagem universal de Baba quando O viram “fazendo” um rosário com a cruz sagrada e a figura de Jesus Cristo, para abençoar um padre. Quando Baba caminhou pelas areias da praia em Kanyakumari, formavam-se contas de cristal a cada passo. Elas foram apanhadas pelos devotos e guardadas em uma caixa de sândalo; havia 84, mas Baba disse que deveriam ser 108 no total; quando contaram novamente, havia 108. Com essas contas de cristal, milagrosamente criadas, foi feito um rosário que Baba, pessoalmente, deu a Swami Sadananda.

Após visitar a represa de Periyar e o Santuário da Vida Selvagem ali existente, Baba prosseguiu até Madurai e Mayuram e retornou a Puttaparthi por Salem, local onde Swami Satchidananda morava há alguns anos. Então, Baba teve de responder à carta-convite de Swami Shivananda Sarasvati, Presidente da Sociedade da Vida Divina em Rishikesh, que foi seguida de vários lembretes e telegramas, em rápida sucessão, de modo que Baba finalmente concordou em viajar até o norte da Índia.

Naturalmente Baba não gosta de viagens para “ver lugares” ou admirar a Natureza nem tem necessidade de fazer peregrinações, pois Ele mesmo é o objetivo de todas elas! Quando uma mãe certa vez se queixou de que o filho não a acompanhara até Puttaparthi, mas fora para Tirupathi, Baba respondeu: “Ele também está vindo a Mim, pois não sou diferente daquele que está naquela colina”. Por Sua simples vontade, Baba pode ir ao recanto mais longínquo do mundo, pois está além do tempo e do espaço. “Não Me deixo levar pela atração a novidades, pela recreação ou pela viagem”, diz ele. “Mas onde houver um desejo de tranquilidade mental, apresso-Me em garantir essa tranquilidade; onde houver desânimo, corro para elevar o coração partido; onde não houver confiança mútua, dirijo-Me para restaurar a confiança; estou sempre em movimento para realizar a missão para a qual Eu vim”.

Swami Satchidananda preferiu partir antes para Rishikesh, pois, como revelou a este autor, “devo pôr um fim às histórias tolas sobre Baba, e meus irmãos *sanyasi* precisam ser informados a respeito de Sua Divindade”.

Baba partiu de Puttaparthi, de carro, em 14 de julho de 1957. Parou em Medkurthi, a 62 quilômetros de distância de Madanapalle, para inaugurar a imagem de prata de Shirdi Sai Baba no *ashram* de Ayodhya. Um grande número de

<sup>114</sup> Para – de fora; *kaya* – corpo; *pravesana* – entrada. Possessão espiritual.

peças da aldeia estava à espera desde o meio-dia, e Baba se dirigiu ao grupo por mais de uma hora. Disse que qualquer trabalho, como a construção de um *ashram*, realizado com espírito de devoção, sem preconceitos e sem visar a nenhum lucro que não seja um trabalho bem feito, é ascetismo (*tapas*) no sentido real da palavra. Baba condenou a negligência intencional com o corpo, como meio de chegar a Deus. “O corpo é o tabernáculo do Senhor; é o barco com o qual temos que atravessar o Oceano do Nascimento e da Morte, com os dois remos do Discernimento e do Desapego e que, por isso, precisa ser mantido em perfeitas condições”. Voltando-se para as mulheres ali reunidas, falou da necessidade de infundir nas crianças devoção, coragem, respeito a si mesmas e o hábito da verdade. “Ninguém precisa ir a lugar algum em busca de bem-aventurança”, disse. “Ela está em vocês como uma centelha que precisa apenas ser abanada para se transformar em uma grande chama”. Declarou que, embora pudesse transformar a terra em céu e o céu em terra, as pessoas que O procuravam recebiam somente o que pediam e escolhiam. Disse que discernimento e desapego podiam ser alcançados pelo que chamou de “*vicharana*”, ou seja, o exame constante de cada pensamento, sob o crivo da retidão e da verdade. “O verdadeiro devoto deve conquistar suas emoções; o verdadeiro recluso precisa cultivar a acuidade intelectual; o verdadeiro servidor deve desenvolver força mental”, explicou.

O grupo chegou a Madras em 15 de julho e, após uma estada de quatro dias, Baba e os devotos que Ele escolhera para acompanhá-Lo na viagem rumaram para Délhi no dia 20. Seu nome foi registrado na passagem como Sr. S. S. Baba! Ele deu uma risada ao ler o “Sr”. Entrou no avião e esteve com todos os passageiros para que desfrutassem do privilégio de Sua proximidade. Concedeu até uma “entrevista” nos ares, sobre os *Vindhyas*, atendendo aos rogos de um passageiro que O tinha “descoberto” naquela ocasião. O homem ficou muito surpreso quando Baba o aconselhou a se casar com sua professora, a quem amava, pois ninguém, assim pensava ele, sabia dessa parte de sua vida! Baba prometeu fazer com que seus pais concordassem com a união, desistindo de sua “oposição ferrenha”!

O avião pousou às 16h20. Uma hora após a chegada ao bangalô em Sundarnagar, reservado para Sua visita, Baba recebeu o “chamado” de um devoto em Bangalore e “deixou” o corpo, apressando-se para aliviar a pessoa do que mais tarde descreveu como um forte ataque de paralisia! Os *bhajans*, duas vezes ao dia, atraíram os devotos de Délhi e também seus amigos e parentes, a quem sempre descreviam a glória de seu *Guru*. Baba também concedeu “entrevistas” a um grande número de pessoas, durante as quais, como de costume, diagnosticou seus problemas e derramou Sua graça.

No dia 22 de julho, Baba deixou Nova Délhi e foi de carro para Rishikesh. Os discípulos *sanyasi* de Swami Shivananda escoltaram Baba, e, quando chegaram a Shivanandanagar às 18h30, Swami Shivananda havia convocado um grupo especial de residentes do *ashram*, que Lhe ofereceu uma calorosa recepção. Enquanto Shivananda cumprimentava Baba com as mãos postas, como era seu costume, Baba respondeu ao cumprimento com o *Abhayahastha*, um *mudra* que vem conferindo paz a milhares de almas atormentadas.

Shivanandanagar repousa entre montanhas sempre verdejantes, afetuosamente acarinhadas pelo gentil braço direito da Mãe *Ganga*<sup>115</sup>. A margem esquerda do rio é vista ocasionalmente, quando a cortina de névoa é dispersa por um vento passageiro, resplandece com uma sucessão de templos, ermidas e edificações que abrigam a Gita Bhavan, o Swargasram, o Paramartha Niketan<sup>116</sup>, etc. Porém, mais impressionantes que essas lembranças da saudade inata do homem por Deus são as montanhas revestidas de florestas por todos os lados, que parecem sábios super-humanos perdidos na silenciosa contemplação do Infinito. Eles voltaram os olhos para dentro e, em beatitude, estão alheios à história!

Há também Ganga, filha da Terra e do Céu, trazida ao solo da Índia pela penitência de um príncipe que, no esforço de agradar seus ancestrais, também assegurou prosperidade e salvação a seus filhos e aos filhos de seus filhos, para todo o sempre; o Ganges, afamado pela tradição e pela lenda, usado em cada lar hindu, há milhares de anos, para santificar todos os rituais, purificar todo rito, exorcizar todo mal e limpar todos os pecados. Imortalizado na poesia, símbolo na arte, representado na arquitetura, idealizado na escultura, humanizado na pintura, exaltado na música, reverenciado como veículo da bem-aventurança, cuja história maravilhosa é relatada por milhões de mães, a cada noite para seus filhos em seu regaço. O Ganges desliza majestoso, lembrando a todos a mensagem e a grandiosidade da Índia.

Quando os residentes do *ashram* planejaram um *satsang* para o dia seguinte e pediram para Baba lhes ofertar um ensinamento, Ele se referiu ao Ganges e o comparou a um *sanyasi* correndo para o mar. Disse que cada rio sabia, em seu íntimo, que provinha do mar e que era conduzido por aquele conhecimento na direção do mar, não importando os obstáculos do terreno. Comentou sobre a quietude de Shivanandanagar e disse que era um bom lugar para adquirir a tranqüilidade espiritual. Disse que *Bha* significa criação, *Ga*, proteção e *Va*, mudança ou transformação; “Bhagavan é capaz de realizar os três”, declarou. “Este é o Meu segredo!”

Falando sobre os objetos que Ele costuma “trazer” e dar, descartou todas as explicações espúrias e disse que Sua Vontade é imediatamente realizada. Ele os materializa para dar alegria a Seus devotos, assim como um pai traz

<sup>115</sup> Na Índia, o rio Ganges é a Divina Mãe Ganga.

<sup>116</sup> Centros de estudos e complexos de templos famosos na região.

doces para os filhos e não para fazer propaganda de Sua generosidade ou paternidade. Ele os concede para livrar as pessoas de preocupações e ansiedade, proporcionar paz mental, desenvolver concentração espiritual e, em muitos casos, manter Seu próprio “contato” com aqueles recebedores. Eles não se destinam a atrair ninguém; não são produtos nem de *mantra* nem do *tantra*<sup>117</sup>; produzidos da mesma maneira que todos os artigos são produzidos, apenas de modo bem mais rápido, isto é, instantaneamente. Eles duram tanto quanto duram os objetos materiais. “Meu melhor presente é o Amor; os devotos deveriam lutar para consegui-lo, assim como o discernimento e o desapego, que somente o *Guru* pode conferir”, explicou.

Baba, então, com um mero movimento circular da Mão, materializou um magnífico rosário de *rudraksha*<sup>118</sup> com 108 contas, artisticamente trabalhadas com engastes em ouro e unidas também por um fio de ouro, com a conta principal de cinco faces no centro. Ele o presenteou a Swami Shivananda Sarasvati. Ele também “fabricou” uma grande quantidade de *vibhuti* que Ele mesmo aplicou na fronte do sábio.

Naquela tarde, quando o Swami entrou no Salão de *Satsang* usando aquele rosário especial, todos ficaram maravilhados com o brilho e o trabalho de ourivesaria, bem como com o milagre que o produzira. Swami Shivananda falou sobre Bhagavan e Sua mensagem. Dissertou sobre a eficácia da Repetição do Nome de Deus e pediu, como médico, que cada pessoa tomasse uma dose diária de Desapego, junto com a dieta regular do Nome do Senhor. A Mãe Ganga foi citada no discurso que Baba fez naquela tarde. Começou dizendo que *naram* significava água; Ganga, deslizando majestosamente, era o próprio Narayana<sup>119</sup>. Na verdade, as colinas e vales, o céu acima, as florestas, as rochas, todas as coisas, em toda parte, são manifestações do Deus Único. Ele desejou – “*Ekoham Bahusyam*<sup>120</sup>” e Se tornou tudo isso. O Sol Único se reflete em milhares de potes, basta que contenham água, a água da devoção. A própria devoção conduz à Sabedoria, pois o devoto compreende rápida e facilmente que o Senhor é imanente em todas as coisas e que Ele é Único.

Os discursos e conversas de Baba eram tão repletos de rara e profunda sabedoria que, no dia seguinte, vários monges e celibatários mais idosos vieram até a residência de Baba e O crivaram de perguntas destinadas a esclarecer suas dúvidas. Elas variavam sobre diferentes tópicos como o lugar do *Dever Natural*, *Dever Espiritual* e do *Dever Mundano* no esquema da vida, a natureza do *Vazio* e da *Totalidade*, a eficácia e os limites do *Culto ao Indivíduo*, a existência de espíritos, a forma como opera a *Vontade Divina*<sup>121</sup>, etc. Swami Shivananda também conversou longamente com Baba durante todas as noites de Sua estada. Baba deu ao Swami frutas e *vibhuti* “materializados” especialmente para melhorar sua saúde, o que pôde ser observado dia após dia. Certa vez, Baba pegou água do Ganges na Mão e ela se transformou em doce e perfumado néctar, que Ele deu ao Swami para ser tomado como medicamento. Foi uma grata surpresa para muitos no *ashram* ver, no dia da partida de Baba, Swami Shivananda mostrando a Ele, animado, várias partes do *ashram* e até subindo e descendo alguns degraus, pois, no dia da chegada de Baba e nos seguintes, ele era conduzido em uma cadeira de rodas.

O dia 26 de julho foi repleto de lembranças agradáveis para os devotos e para os residentes do *Shivanandashram*, pois, naquele dia, Baba foi de ônibus, margeando o Ganges, até o palácio da Rani<sup>122</sup> de Garhwal para passar uma manhã tranqüila.

O cenário de todo o percurso foi muito inspirador. Aqui e ali, entre as montanhas, era possível discernir um casebre solitário, com uma bandeira cor de ocre (indicando alguém envolvido na luta do espírito) ou uma faixa de terra cultivada (indicando que alguém travava a batalha com os elementos). De repente, a estrada fez uma curva sobre si mesma e o ônibus resfolegou ao parar diante de um pequeno e artístico bangalô, cravado como uma gema preciosa no centro de um jardim bem cuidado, ao lado do próprio Ganges. Baba avistou uma árvore de jumbo<sup>123</sup> carregada de frutos e, como o *Muruga* da Santa *Avvayar*<sup>124</sup>, colheu-os e os distribuiu entre os membros da comitiva. Sentou-se debaixo de uma árvore às margens do Ganges e algumas pessoas Lhe fizeram perguntas que as preocupavam sobre a natureza dos ensinamentos das Upanishads e seu valor nos tempos modernos. Ele disse que tais ensinamentos são como sinais, indicando o caminho a ser transposto para se vivenciar a alegria de se alcançar a Meta. Houve uma questão sobre Céu e Inferno, ou *svarga* e *naraka*, que Baba disse existirem aqui mesmo, nesse

<sup>117</sup> *Tantra* é uma palavra composta, que significa “remoção da escuridão” e indica um conjunto de práticas espirituais que o leigo costuma associar apenas ao sexo, mas cujo objetivo é a liberação integral do ser humano: corpo, mente e espírito. Baseia-se no culto ao Divino Casal Shiva-Shakti, representando a harmonia entre espírito e matéria.

<sup>118</sup> Literalmente: “Olho de Rudra” ou “olho de Shiva”. É uma semente cheia de pontas, associada a Shiva.

<sup>119</sup> Uma espécie de trocadilho: *Nara* + *ayana* pode significar “fluxo de água”, ou seja, o rio, mas também é um dos Nomes de Deus.

<sup>120</sup> “Eu Sou Um. Que Eu Me torne Muitos”.

<sup>121</sup> Todos termos em itálico desse trecho substituem os equivalentes em Sânscrito, constantes do texto original: *Prakritidharma* = Dever Natural; *Paramarthadharma* = Dever Espiritual; *Karthavyadharm* = Dever Mundano; *Sunya* = Vazio; *Purna* = Totalidade; *Vigraha-aradhana* = Culto ao Indivíduo e *Bhagavatsankalpa* = Vontade Divina.

<sup>122</sup> Título nobre feminino, diminutivo de marani, esposa do marajá

<sup>123</sup> Uma árvore comum na Índia e também aqui, com frutos muito apreciados e também conhecidos como maçã d’água, de casca branca ou vermelha clara, cuja polpa é crocante, com odor agradável e contém bastante água, daí o seu nome. A casca é rica em vitamina A.

<sup>124</sup> *Avvayar* foi uma poetisa do povo Tamil, do Sul da Índia. Por sua vez, *Muruga*, também conhecido como Subramanya ou Kartikeya é uma deidade, um dos filhos de Shiva, representado como um belo jovem. A devoção do povo tamil a essa forma de Deus é muito forte. A citação deve se referir a alguma poesia da santa referida àquela divindade, que Baba personificou, na cena descrita.

mundo. As indagações dos *sanyasi* versaram sobre a Realização do Ser, ou *Atmasakshatka*, e a dissolução de *maya* no momento da Realização.

Na volta, Baba fez o ônibus parar em um local onde uma fina vareta de ferro segurava uma placa com um nome meio apagado: “*Vasishta Guha*” - caverna de Vasishta. Ele desceu uma ribanceira bastante inclinada até a margem do rio, como se lá já estivesse muitas vezes antes e se lembrasse de um compromisso marcado com o ocupante da caverna. Ganga faz uma grande curva próxima à gruta. Perto dali, um riacho despeja suas oferendas no rio, o que torna o cenário muito atraente. A *Vasishta Guha* carrega um nome abençoado, santificado pelas penitências realizadas ali por muitos dos grandiosos reclusos e monges do passado. Swami Purushothamananda, discípulo de Swami Brahmananda, da Ordem Ramakrishna, iniciado no *Sanyas* por Mahapurushji, outro discípulo direto de Sri Ramakrishna, que habitava aquela caverna desde os 30 anos, recebeu Baba calorosamente, como se também O aguardasse! Ele tinha mais de 70 anos e passara a maior parte de sua vida em um ascetismo dos mais rigorosos e no estuoso das escrituras. Seu rosto tinha o brilho genuíno da alegria espiritual, e a simples menção da glória Divina o remetia ao *samadhi*<sup>125</sup>. Quando ainda era um jovem de 27 anos, Brahmanandaji leu a palma da mão em Kanyakumari e predisse que ele viveria em uma caverna, meditando continuamente!

Baba o lembrou das batalhas que ele enfrentara quando chegou à caverna, dos leopardos, das cobras, dos três dias de viagem até Rishikesh e de sua luta desesperada por sal e uma caixa de fósforos! Falou sobre o socorro que chegou a ele, através da pura intervenção divina. Baba repetiu a visita no anoitecer do dia seguinte, apesar do céu ameaçador e das reclamações de algumas pessoas que O acompanhavam. Mas os trovões cessaram e os reclamantes emudeceram - pela graça de Baba, o céu ficou limpo e a chuva recuou. Ele próprio cantou algumas canções naquele dia na *Vasishta Guha* e, quando um dos Swami que atendia Swami Purushothamananda Lhe pediu para cantar uma canção de Thyagaraja<sup>126</sup>, Ele graciosamente perguntou qual dos *krithis* de Thyagaraja ele mais gostaria de ouvir. Swami Kalikananda disse que gostaria de ouvir “Sri Raghuvara Sugunalaya”. Baba cantou apenas para vê-lo feliz. Ninguém O ouvira cantar aquela música anteriormente e por isso agradecemos a Swami Kalikananda por aquela sorte inesperada. Ao ouvir que Swami sofria de uma dor de estômago crônica há vários anos, Ele trouxe um “doce” de algum lugar e lhe deu, instruindo-o sobre sua dieta. Deu também a Purushothamananda um *japamala* de cristal brilhante que se “manifestou” em Sua mão.

No entanto, bem mais misteriosa e significativa foi a visão que Ele proporcionou a Swami Purushothamananda naquela tarde. Em 1918, Purushothamananda escreveu a seu *guru*: “Tudo é falso e não posso descansar satisfeito enquanto não me encontrar face a face com a Verdade”. Depois de pedir que todos saíssem da caverna, Baba e o sábio foram para dentro. Sri Subbaramiah, Presidente da Sociedade da Vida Divina em Venkatagiri, descreve o que conseguiu ver do lado de fora da caverna: “Até agora aquela cena está impressa em minha memória. Eu estava perto da entrada da caverna e pude ver o que estava acontecendo. Baba pousou a Cabeça no colo de Swami Purushothamananda e Se deitou! De repente, todo Seu Corpo foi banhado por uma luz divina. Sua cabeça e Seu rosto me pareceram ter aumentado muito de tamanho. Raios de esplendor emanavam de Sua face. Fui tomado por uma alegria estranha e inexplicável. Eram cerca de dez horas da noite”. Quando pressionado mais tarde para contar a visão, Baba nos informou que foi uma visão de *Jyothir-Padmanabha*<sup>127</sup>! Que suprema compaixão! Que boa sorte incomensurável! Swami Purushothamananda deixou o corpo na noite de Shivarathri de 1961, durante o *Lingodbhava Muhurtham*<sup>128</sup>.

Ao retornar da caverna, Baba “deixou” o corpo por um curto período de tempo. Quando Lhe perguntaram, mais tarde, condescendeu em dizer onde havia estado. Tinha ido salvar um grande *yogi* de um túmulo aquático. Isso despertou a curiosidade de todos, que se acercaram mais Dele para ouvir os detalhes. Mas Ele ignorou as perguntas e disse que “Subrahmanyam” seria capaz de dizer quem era! Então, algumas pessoas foram procurar Subrahmanyam (um membro do grupo), que foi encontrado e trazido ao local. Baba Lhe perguntou o que tinha visto naquela tarde enquanto estava na *Vasishta Guha*. Ele pediu perdão por não haver informado imediatamente a Baba, pois tinha visto um cadáver flutuando no Ganges, mas, por ser um mau presságio, absteve-se de mencioná-lo na atmosfera sagrada da caverna. Baba riu e disse que não era exatamente um cadáver, embora o *yogi* que flutuava na correnteza estivesse tão morto para tudo que ocorria no exterior que nem mesmo tomaria conhecimento do perigo que o rondava. Ele fora varrido pela correnteza. Parece que estava imerso em meditação, sentado em uma pedra à margem do rio. A correnteza, nesse meio tempo, rapidamente arrancava a lama embaixo da pedra, que se inclinou e o atirou na água. “A princípio tudo foi como um sonho para ele”, disse Baba. Depois, quando descobriu que fora carregado pelo Ganges, começou a rezar ao Senhor. Baba ouviu seu chamado; Ele lentamente conduziu o “cadáver” flutuante até a margem, a alguns quilômetros acima de Shivanandanagar, onde havia uma casinha para Lhe dar calor e conforto!

<sup>125</sup> Nesse contexto, o Estado de Beatitude obtido pela meditação profunda no Senhor.

<sup>126</sup> Santo Poeta do Sul da Índia, famoso por sua devoção a Rama e tido como o pai do estilo de música daquela região, denominado Carnático ou Karnataka.

<sup>127</sup> “Luz Divina do Umbigo de Lótus”. Referência a Vishnu, Aspecto Preservador de Deus. A visão concedida ao sábio deve ter sido nessa Forma Divina.

<sup>128</sup> O instante em que Baba materializou um *lingam*.

Um devoto, que estava então em Rishikesh, escreveu o seguinte: “Nós O ouvimos narrar o incidente. Durante o transe, Ele manteve Suas Palmas uma sobre a outra, como se protegessem alguma coisa. Foi para proteger o coração do *sanyasi* que Baba as mantivera fechadas. O *sadhu* foi salvo após flutuar por quase cinqüenta quilômetros! Se isso não significa *Sishtarakshana*, Preservação, o que mais poderia ser? No entanto, deve ocorrer uma ou mais das três condições seguintes para que o pedido de socorro chame a atenção de Baba: a pessoa deve ter alguma coisa Dele, sob a forma de um amuleto, ou chamar pelo Senhor de todo seu coração e alma, sempre que um perigo a ameaçar. Se a pessoa em aflição não se encaixar nessas duas qualificações, deve, pelo menos, ser verdadeira e sincera. Não importa se é “devota” ou não. “E, ao chamar por Bhagavan, nenhum nome em particular é essencial, seja Rama, Krishna, Jesus, Alá ou Sai, qualquer um. Sendo Ele o Único, que é todas as Formas e todos os Nomes, estará sempre pronto a responder ao chamado de qualquer pessoa aflita para livrá-la do problema. O *sadhu* não era devoto de Baba e nunca O tinha visto. Mas sua vida não foi salva, mesmo assim?” Esse incidente do *yogi* desconhecido foi para muitos uma grande revelação do amor e da presença universais de Baba.

A casinha de Baba em Rishikesh ficou agitada durante Sua estadia, seja com os residentes do *ashram* e os alunos da academia que se reuniam ali, cobrindo-O de perguntas sobre *sadhana*, *japa* e *dhyana*, seja com a fila contínua de peregrinos que descobriram que Rishikesh adquirira um novo foco de Santidade. O conhecido erudito e santo Sri Shad-darshan-acharya Swami veio duas vezes com seus discípulos. Os Swami Sadananda e Satchidananda viram-se rodeados de curiosos ansiosos por saber cada vez mais informações sobre Baba, Sua vida, Sua glória e Prasanthi Nilayam em Puttparthi. Este escritor ouviu Swami Sadananda responder a um jovem *brahmachari* que “Baba podia vagar, à vontade, pelo *Reino do Espírito Divino, dos Elementos e dos Seres (Atmaloka, Pranaloka e Jivaloka)* e, por isso, revelar o que acontece em qualquer lugar e ocasião. Ele é *Onipotente (Sarvasaktha)*”. Ele mesmo disse ter visto Baba convertendo um grão de arroz em um pedaço de marfim do mesmo tamanho e transformando aquele pedaço de marfim em cento e oito figuras de elefantes, cada peça finamente esculpida e claramente reconhecível através de uma lente de aumento.

Baba deixou Swami Shivananda em 28 de julho e partiu para Nova Délhi. No dia 30, foi de carro para Mathura, em Brindavan, cenário de Suas *lilas* no passado. Seus devotos ansiavam, há muito, por uma oportunidade de vê-lo naquele lugar e estar com Ele naquela atmosfera carregada da fragrância do Maha Bhagavata<sup>129</sup>. Os devotos deixaram Nova Délhi de ônibus, que fez um desvio em Aligarh e quebrou perto de um pequeno povoado, 32 quilômetros mais adiante. Foi requisitado outro ônibus, e eles só chegaram em Mathura às 15h30. O grupo estava exausto, faminto e deprimido, mas Baba, gentil como uma mãe, recebeu-os, consolou-os e alimentou-os com tanta ternura e amor que, para muitos, o acidente, positivamente, valera a pena! Ele os confortou com Suas palavras caracteristicamente doces. “Chegue perto do ventilador; estique um pouco; não se levante quando Eu chego; veja, preparei esta bebida gelada para você; tome isso, você está muito cansado”, dizia Ele, enquanto confortava cada um; em um piscar de olhos, todos estavam novamente energizados.

Baba levou todos até as margens do Yamuna, como se conhecesse cada polegada do terreno, e apontava para locais sagrados. Quem pode dizer quais reminiscências ativavam a consciência de Baba enquanto Ele mostrava os lugares onde a Serpente foi humilhada, as *Gopis* repreendidas, a carroça virada, as árvores gêmeas arrancadas! Cada pequena onda do Yamuna parecia dançar com a música de Sua voz; cada vaca à vista parecia buscar o caloroso toque de Sua Divina Mão.

Ao retornar a Mathura, casualmente Baba entrou em um templo Radha-Syam<sup>130</sup>! Diante do templo, estavam preparando uma apresentação da *Rasallila*. Quando Baba entrou e parou diante do altar, as luzes se apagaram de repente e todos se perguntaram o motivo! Então Baba disse: “Não se preocupem, levaremos este Radha-Syam para Délhi e vocês poderão fazer os *bhajans* lá!” Fez um gesto com a mão através do portal do altar, onde se podia ver uma delicada imagem de mármore de Radha-Syam sob a fraca luz, e materializou na mão um ídolo, uma réplica exata do Radha-Syam instalado ali dentro!

No segundo dia de agosto de 1957, Baba foi para Srinagar de avião e chegou ao Vale da Cachemira ao meio-dia. De cima podia-se ver a complicada trama de canais que alimentam as planícies do Punjab, o templo dourado de Amritsar e os acessos irregulares para o Passo Banihal e o Vale da Cachemira. Uma vez ultrapassado o Passo, a beleza encantadora do vale, que despertou a cobiça de monarcas de lugares distantes como a Macedônia e a Mongólia, se revelou diante dos olhos. As águas murmurantes, as longas fileiras de pinheiros, o verde luxuriante da grama e os sinais da labuta silenciosa enchiam a mente de alegria. Embora o chefe do *Shankaracharya Mutt*<sup>131</sup> de Srinagar tivesse insistido para que Baba aceitasse sua hospitalidade, Ele preferiu permanecer em uma casa flutuante, junto a Seu grupo, ocupando dois barcos contíguos. Alexandra Palace foi o nome do barco que Ele ocupou; os outros permaneceram no Prince of Kashmir e no King’s Roses.

Baba encoraja todos a apreciar as belezas da natureza; Ele chama a atenção para o encanto de uma flor, as cores magníficas do alvorecer ou do crepúsculo, a grandeza intimidadora de um céu carregado, o piscar tímido das estrelas

<sup>129</sup> Escritura que narra a vida de Krishna, que nasceu em Mathura e viveu sua infância e juventude em Brindavan.

<sup>130</sup> Dedicado ao divino casal de jovens Radha e Krishna, símbolo da união entre Espírito e Matéria.

<sup>131</sup> Escola de filosofia Vedanta da ordem do Mestre Shankara.

no céu noturno ou as fileiras de garças azuis voando, que lembram guirlandas de jasmims. Então Ele levou o grupo para Shalimar e para os jardins Nishat Bagh à tarde, mas, como comentou ao retornar, os distantes Himalaias cobertos de neve eram um *bagh*<sup>132</sup> bem mais adorável, projetado pelo Senhor para atrair a atenção dos olhos humanos para longe dos vales nos quais se atolam.

Em 3 de agosto, Baba partiu para Gulmarg e Kilanmarg, para mostrar as neves da Cordilheira do Himalaia ao grupo, que consistia em mercadores, comerciantes, advogados, professores, escritores, poetas, músicos, administradores e fazendeiros. Alugaram cavalos em Tanmarg e, durante a longa e por vezes árdua subida de 20 quilômetros, a cerca de 4.200 metros acima do nível do mar, Baba manteve o grupo animado com Seus gracejos, brincadeiras e presentes ocasionais de *prasada* ou *vibhuti*. Conduzia Seu cavalo, o mais alto e atraente entre todos, chamado Rajá, com facilidade e destreza, como se tivesse nascido sobre uma sela. Não desceu nenhuma vez para descansar. A estrada tortuosa das montanhas era cheia de seixos, pedras arredondadas partidas e um emaranhado de raízes de pinheiros, mas os espertos cavalos procuravam caminhar pela linha da neve.

Lá, como Kumaraswami<sup>133</sup> nos declives do Kailasa<sup>134</sup>, Baba brincou descalço na neve, fazendo bolas e atirando-as sobre o grupo, rindo dos rostos assustados daqueles que escorregavam nos tobogãs improvisados pela neve, e repreendia os que se queixavam da friidade do vento. Todos estavam cansados e reclamavam de dores e machucados quando chegaram aos barcos onde estavam hospedados, por volta das 22h30 daquele dia, enquanto Baba estava feliz e descansado.

O Alexandra Palace logo se tornou uma réplica de Prasanthi Nilayam, pois muitas pessoas vieram de Srinagar para prestar homenagens a Ele e receber Suas bênçãos. Houve uma senhora que disse que tinha sido encaminhada para aquele barco por um certo mensageiro, em um sonho que tivera na noite anterior. Baba também aceitou o convite de algumas famílias de Srinagar para visitar suas casas. Em uma delas, Ele colocou uma guirlanda de cardamomos no pescoço de um bebê e disse: “Ele será um grande *yogi*”. Foi incrível, mas o avô da criança disse: “Swami, foi exatamente o que previu o astrólogo que preparou o horóscopo dessa criança quando ela nasceu”. Mas ele disse isso só quando Baba perguntou: “Já lhe disseram isso, não foi?” Era a casa do secretário da agência de turismo que tinha tomado as providências para a viagem de Baba pela Cachemira. Baba lhe deu um anel com pedras preciosas que materializou no momento. Durante a conversa, quando algumas pessoas perguntaram com que idade tinha “abdicado da família e do lar”, Ele respondeu: “Como posso Eu, cujo lar é este Universo, abdicar de família e lar?”

Suas respostas iluminaram a divindade de Seu ser para todos os que O ouviram. A fila de peregrinos para o Alexandra Palace se prolongou por dois dias inteiros. A despedida foi naturalmente demorada e penosa para a grande multidão de devotos que foi ao aeroporto no dia 6 de agosto. O avião finalmente decolou para Délhi. De Délhi, Baba voou para Madras e, depois de uma curta estada ali, voltou para Puttaparthi, no dia 14 de agosto.

---

<sup>132</sup> Jardim, no idioma Urdu, falado no Norte da Índia.

<sup>133</sup> Outra referência ao mesmo filho de Shiva citado anteriormente neste capítulo e também conhecido por vários outros nomes: Subramanya, Kartikeya ou Skanda. Tudo indica que o autor se referia constantemente a essa imagem divina por associá-la à juventude de Baba, na ocasião.

<sup>134</sup> Monte Sagrado do Himalaia e residência celestial de Shiva.

## O ONDULAR DA MÃO

Mesmo quando era uma criança, Baba tinha o poder milagroso de obter coisas do nada. Costumava surpreender os colegas retirando balas e doces de uma sacola vazia. Apesar dos pedidos que fazia para manter isso em segredo, as notícias logo se espalharam entre os mais velhos. Quando perguntavam como Ele conseguia, Baba mantinha silêncio por um longo tempo; mais tarde, pressionado pelos próprios amigos, dizia que uma certa deidade da aldeia, uma *Gramma Shakti* - poder que emana dos planetas, obedecia a Seus menores desejos. Isso naturalmente servia para evitar outras perguntas, porque os aldeões podiam se contentar facilmente com essa resposta. Começaram a admirá-lo como um menino especialmente abençoado, que merecia ser observado com cuidado e tratado com respeito. Até na escola Baba ajudava os colegas com uma borracha ou lápis que “materializava” com um ondular da mão. Quando um deles se queixava de alguma indisposição ou dor, Baba “trazia” folhas verdes dos “Himalaias”, como dizia aos meninos, e os fazia mastigá-las e engolir o suco. Os mais velhos chamavam isso de “magia” e até a caracterizavam como “negra”, aconselhando as crianças a não se aproximarem de Sathyanarayana, mas... quem pode reprimir Deus?

Foi somente depois do Anúncio de Sua Missão que Baba passou a “criar”, regularmente, o *vibhuti*, ou Cinza Sagrada, e ofertá-la com diversos propósitos a todos que O procuravam. Baba tem falado com freqüência sobre o significado desse *vibhuti*. Como a cinza se materializa a partir do nada e como é especificamente associada a Shiva, ela é reverentemente chamada pelos devotos de *Kailasa vibhuti*<sup>135</sup>. É chamada de *bhuthi* ou *vibhuti* porque confere prosperidade; *bhasma*, porque queima todos os pecados; *bhasitan*, porque aumenta o esplendor espiritual; *ksharam*, pois afasta o perigo; e *Raksha*, porque é uma armadura contra as maquinações dos maus espíritos. É dessa forma que o *vibhuti* é louvado no Brihad Jabala Upanishad. Baba diz que é também uma lembrança constante da transitoriedade do corpo, já que ele, no final, é reduzido a um pote de cinza pela cremação.

Desde o dia do Anúncio até hoje, milhares de devotos e visitantes já testemunharam esse milagre da criação do *vibhuti*, uma maravilha inexplicável, além da compreensão da ciência! É feito de modo tão casual, tão informal, tão gracioso, tranqüilo e natural que podemos até deixar escapar o significado dessa bênção. A palma direita voltada para baixo ou formando um pequeno ângulo, um ondular ou dois, quase imperceptíveis, os dedos fechados para impedir a queda do *vibhuti* já materializado, e esse maravilhoso produto é entregue a você e aplicado na testa. Considerando a média de meio quilo por dia, a quantidade de *vibhuti* produzida “a partir dos elementos”, pela Sua Vontade, já deve ter alcançado a assombrosa quantidade de mais de quatro toneladas<sup>136</sup>!

Dizem que cada idéia possui uma tendência inerente de se manifestar sob forma física; aquilo que alguém pensa pode realmente acontecer. Tudo depende da vontade, se ela é sua, minha ou de um Ser Divino. Tudo que Baba deseja se concretiza. O *vibhuti* que Ele distribui como sinal da Sua bênção é cuidadosamente guardado e usado na testa. É colocado sobre a língua ou misturado com água e ingerido contra algum mal específico. É carregado como talismã. Uma devota da América do Sul escreveu que todas as noites ela se sentava para meditar com um pacote de *vibhuti* na mão e, invariavelmente, tinha a visão de que suas mãos estavam repousando aos pés do Senhor Krishna. Na verdade, é difícil enumerar todas as finalidades de cura e de alívio para as quais os presenteados usam o *vibhuti* que Baba produz com um “ondular” da mão!

O *vibhuti* que ele dá também pode ser de uma centena de variedades diferentes, talvez segundo os propósitos para os quais Ele o cria. Às vezes tem a forma de um torrão ou, com freqüência, vem na forma de um pó, fino ou granulado, ou ainda em flocos. Pode ser perfumado ou de odor pungente; de gosto salgado, doce ou sem sabor; branco ou negro, ou de todos os tons intermediários. E, algumas vezes, quando Ele move a mão, pode surgir com recipiente e tudo! Quando uma pessoa foi para a Inglaterra cursar faculdade, Baba lhe deu o *vibhuti* em um recipiente de prata com a bênção adicional: “Este *vibhuti* nunca se esgotará!” Assim, Sua vontade pode prevalecer a milhares de quilômetros de distância, sobre um recipiente de prata que Ele reabastece por intermédio de uma expressão pré-datada de um desejo Seu. Algumas vezes, quando o *vibhuti* deve ser tomado como medicamento por um longo período, como durante uma gravidez, Baba pede para a pessoa trazer um recipiente vazio e, com um leve toque Seu, o pote se enche de *vibhuti*. Quando reúne os devotos nas areias, como no leito do Chitravathi, ou no rio Kaivalya em Venkatagiri, ou na praia de Kovalam em Kerala, no Kanyakumari em Tamil Nadu, ou no Godavari, Ele cava a areia alegremente com os dedos, e eis que surge um grande cubo de *vibhuti* que Ele apanha, reduz a pó e distribui a todos os presentes. Ou, ainda, pega a própria areia com ambas as Mãos e a despeja sobre um prato (...) mas não é areia o que cai e, sim, o perfumado *vibhuti*!

Pode-se dizer que toda a estrutura física de Baba parece estar repleta de *vibhuti*, pois, quando Ele segue em procissão, como no Dia de Vijayadasami ou em outras datas, milhares de pessoas já viram claramente o *vibhuti* caindo de suas pálpebras, bochechas e testa. Algumas vezes, quando deixa o corpo e parte para dar *darshan* a devotos, o *vibhuti* emana de Seu rosto, boca, polegar, dedo do pé ou testa. Com freqüência, quando deseja aplicar *vibhuti* na testa de um devoto, Ele meramente imprime o polegar fazendo uma marca, e o *vibhuti* aparece ali para que

<sup>135</sup> *Cinza do Paraíso*. Kailasa é um monte da cadeia do Himalaia, tido como morada de Shiva.

<sup>136</sup> Na década de 1960.

todos vejam. Há casos de devotos que sonham que Baba vem até eles e aplica *vibhuti* em suas sobancelhas e, no dia seguinte, ao acordar, descobrem que a cinza está realmente ali! Sonham que Baba coloca *vibhuti* em suas línguas e, quando acordam, encontram a cinza na boca! Baba revela Sua presença na casa dos devotos, espalhando *vibhuti* como uma pista, no chão do quarto de orações, diante de Seu retrato, ou deixando no chão um único pacote solitário da cinza sagrada. Quando Baba concede uma visão de Si mesmo para salvar alguém de uma calamidade iminente, Ele invariavelmente utiliza *vibhuti* para efetuar a cura.

Três anos atrás, durante o Dasara, um certo visitante de Telengana recebeu um telegrama urgente de casa, informando que seu sogro tivera um ataque e que o estado dele inspirava cuidados. Baba pediu para ele não se preocupar, mas no dia seguinte chegou um telegrama similar, e Baba concordou que ele partisse, deixando a esposa para participar das festividades, mesmo sendo ela a filha do homem doente que precisava de assistência. Quando o homem partiu, Ele lhe deu *vibhuti* materializado para aplicar na testa do paciente. Contudo, no dia seguinte, por volta das 8 horas da noite, Baba estava discutindo sobre o horário dos trens que o homem tomaria, quando, de repente, Ele se sentou e disse: “Vocês estão todos enganados. O trem não irá tão rápido. Ele não chegará ao local antes das nove horas da noite. Que pena!” E, com um piscar de olhos, deixou o corpo e partiu. Esteve “fora” por cerca de meia hora e, quando “retornou”, sentia-se feliz por ter Ele mesmo aplicado *vibhuti* no enfermo em Telengana. Perguntaram se Ele tinha usado o mesmo *vibhuti* que dera para o genro levar. “Sim”, respondeu, “vocês saberão disso quando ele voltar. Perguntem e ele dirá que o pacote estava vazio quando chegou no doente”. E assim foi. Na volta, o homem contou a história de como foi admoestado por ter sido descuidado, de como eles esfregaram os dedos sobre o papel dobrado para recolher o que tinha sobrado do *vibhuti* sagrado e de como nada conseguiram com aquele gesto desesperado!

Baba algumas vezes realiza o *Abhisheka*, ou banho cerimonial na figura de prata do Seu “corpo anterior”, que é guardado no *mandir*. Um pequeno pote de madeira, artisticamente esculpido e pintado, é enchido com *vibhuti* para esse propósito e, mantendo-o virado sobre a imagem, Baba coloca a Mão dentro do pote, agitando-a para garantir um fluxo contínuo da cinza sagrada. Em contato com Sua Mão, o fluxo de *vibhuti* continua bem depois de a quantidade original ter se esgotado. Cada gesto Seu faz com que caia *vibhuti* “fresco” do recipiente, até que a imagem fica submersa no pó perfumado e a pilha de cinza sobe a alturas inesperadas. Então, Baba afasta o pote de madeira em um gesto de puro esgotamento físico, se é que se pode dizer assim!

Falando de *vibhuti*, lembrei-me de outro incidente, embora ele não seja exatamente uma ilustração do ondular da mão. Sempre que um devoto sincero falece, Baba concede *darshan* no momento final, o que assegura à pessoa a paz eterna. Nessas ocasiões, simbolizando a morte, a destruição e o fim daquilo que é temporário e transitório, o *vibhuti* sagrado surge na boca do corpo que Baba deixa para trás, para os últimos rituais. Um desses incidentes está bem vivo em minha mente. Era sábado, 15 de novembro de 1958, por volta das 17h20, e Baba estava lendo uma carta para algumas pessoas ao Seu redor, quando gritou “Ha” e caiu no chão, praticamente sem vida. Após um lapso de exatamente dez minutos, Baba se mexeu um pouco e tossiu três vezes. Mas não era realmente tosse; foram três baforadas que emanaram de Sua Boca, projetando *vibhuti* a uma distância de mais ou menos 40 centímetros! Cinco minutos depois, às 17h35, Baba se levantou e, sem sinal de cansaço ou confusão, retomou a conversa de onde tinha parado. Quando insistiram para que revelasse onde estivera durante aquele tempo, Ele disse: “Estive em Dehra Dun. Vocês devem conhecer a mãe da Dra. K., que vem freqüentemente a este lugar. Ela faleceu às 17h30. A Dra. K. estava lá ao seu lado; na verdade, tinha os dedos sobre o pulso da mãe e anunciou a todos: ‘Esse foi seu último suspiro’; estavam cantando *bhajans* no quarto e ela teve uma morte pacífica. Eu lhe dei *darshan* em seu último momento”. O dia seguinte era um domingo e, na terça-feira, 18 de novembro, quando o carteiro chegou a Prasanthi Nilayam, trazia uma carta para Baba da Dra. K., que dizia: “Minha mãe deu o último suspiro no sábado, às 17h30. Estávamos cantando *bhajans* durante suas últimas horas, conforme o desejo dela. Ela se lembrava constantemente do Senhor”. Que milagre fora aquele! Baba se antecipou ao momento da morte respondendo às preces de uma alma ansiosa, descreveu os acontecimentos no quarto em Dehra Dun e emanou *vibhuti*, símbolo da destruição do material evanescente do corpo físico, quando a alma se liberta de seu confinamento!

O *vibhuti* nada mais é do que a continuação, neste *Avatar*, da *udi* ou cinza que Shirdi Sai Baba ofertava como lembrança abençoada àqueles que iam vê-Lo. Shirdi Sai Baba costumava pegar a cinza do fogareiro que ficava ao Seu lado, permanentemente aceso, “para que Ele pudesse ter brasas acesas para o *chilum* (cachimbo)”, diz Baba. Baba “materializa” tudo que deseja com um ondular da mão. Diz que tem tudo pronto nas “lojas Sai” e que Seus “operários” são tão rápidos que produzem, em uma fração de segundo, a obra mais complicada que Ele concebe e a entregam em Sua Mão!

Este autor se lembra de uma experiência particularmente extraordinária. Baba “materializou” um belo medalhão de ouro, de tamanho considerável, para ser dado a um conhecido violinista cujo recital estava terminando. Ele mostrou o medalhão para os que estavam próximos e, quando examinavam sua beleza, tamanho e brilho, Ele disse: “Oh, o nome precisa ser gravado”, e fechou a mão. Abrindo-a imediatamente, mostrou o medalhão a todos, que ficaram emudecidos com o milagre. A inscrição “Presente de Bhagavan Sri Sathya Sai Baba para Vidwan T. Chowdiah” estava gravada, em inglês, completa, com a data e o dia da semana! Mostrando o medalhão para nós, Baba disse: “Vejam como meus operários são rápidos!”



Baba abençoa os artistas que se apresentam em Prasanthi Nilayam, durante os festivais e em outras datas, com presentes criados com um gesto da mão: anéis, cordões, medalhas, broches e coisas do gênero. E existe uma adequação especial nesses presentes. A um *Nadasvaram Vidvan*<sup>137</sup> foi dado um anel com uma figura de Shiva. Soube-se depois que ele era o músico do templo de Tiruvengadu, profissão de sua família há várias gerações, que recebeu terras presenteadas em troca dos serviços hereditários prestados e que a forma do Senhor adorada naquele templo era *Aghoresvara*, Shiva, o *Luminoso*<sup>138</sup>; por isso o Shiva do anel era uma réplica do ícone da sua aldeia ancestral.

Um *mangalyam* que foi “criado” e ofertado a uma noiva *vaisya* tinha a figura de Parameswari; outro, dado a uma noiva *nadar*, tinha a figura de Venkataramana<sup>139</sup>. Parece que o casal de noivos tinha que ir a Tirupathi<sup>140</sup> após a cerimônia. “Eu lhe darei um Ganesha; leve para casa e ofereça-lhe adoração”, disse Ele a um visitante. Era uma imagem de Ganesha em pé. “Este é o Ganesha que você tem em sua sala de *puja*, não é?”, perguntou Baba, quando colocou a imagem nas mãos do visitante.

Uma pessoa, a quem Ele presenteara com uma imagem de Krishna, soube por um sacerdote que era necessário realizar um *rudrabhishekam* para afastar uma calamidade iminente. Ele o fez seguindo estritamente a orientação das Escrituras. Um mês depois, foi a Prasanthi Nilayam e, quando foi chamada para a entrevista, Baba disse: “Recebi o *puja* que você fez”. O devoto não se lembrava qual *puja* havia ofertado a Baba e piscou em dúvida. Então Baba disse: “O *puja* que você fez por intermédio do sacerdote” e, com um gesto da mão, materializou um *lingam*. Ao dá-lo, disse calmamente e sem nenhuma irritação: “O Krishna que Eu lhe dei voltou para mim! Não se preocupe”.<sup>141</sup>

Não é apropriado aos presenteados medir ou avaliar os presentes, pois eles não são deste mundo. Uma vez, um músico que recebeu um cordão enfeitado com pedras preciosas começou a discutir e depreciar seu valor na viagem de volta para casa. O cordão se perdeu misteriosamente; simplesmente não estava mais em seu pescoço! Aborrecido com a experiência, ele voltou imediatamente a Prasanthi Nilayam e Baba, repreendendo-o gentilmente, “trouxe” de volta o mesmo cordão diante de seus olhos e o presenteou novamente.

As coisas que Baba dá jamais podem ser perdidas. Uma devota, enquanto retornava para Hyderabad saindo de Puttaparthi, descobriu que seu baú fora roubado durante a noite em algum lugar perto de Mahbubnagar. Ela deu queixa na polícia e, dois dias depois, foi chamada para identificar e verificar seus pertences, pois o ladrão fora preso e a caixa, recuperada. Imagine a surpresa quando ela encontrou tudo intacto, exceto o *japamala* que Baba tinha materializado e lhe dado de presente. Ela enviou uma mensagem telegráfica para Baba e este respondeu que o *japamala* tinha voltado para Ele, pois nenhum ladrão poderia roubá-lo. Quem pode descrever a sua alegria ao receber o mesmo *japamala* pela segunda vez das mãos de Baba?

Uma devota, C.N.P., escreveu o seguinte: “Aconteceu há doze anos. Naquela noite, Baba levou todos que estavam no velho mandir para as margens do rio. Após os *bhajans*, Ele me chamou e, enquanto conversava comigo, consolando-me pelos meus problemas pessoais, fez um talismã, ou *raksha*, e o entregou para mim. Já tinha me dado um antes, que eu guardava em uma caixa de prata no altar em minha casa. Quando me deu outro, fiquei alarmada achando que a minha situação tinha piorado, já que Ele sentira a necessidade de uma proteção adicional. Então perguntei: “Por que, Swami, por que um segundo *raksha*?” E Ele respondeu: “Este é aquele que Eu lhe dei. Você o deixou em casa naquela caixa de prata e ele foi roubado ontem. Aqui está, guarde-o em segurança”. E era verdade. Quando voltei, descobri que a casa tinha sido arrombada e que a caixa de prata se fora junto com algumas outras peças”.

Ou então temos o caso do anel de diamante. Cerca de quinze anos atrás, Srimathi Sakamma correu para Puttaparthi para o Dasara e, na confusão de arrumar as malas, perdeu um anel de diamantes com sete pedras. Quando descobriu sua ausência, era tarde demais para tomar qualquer medida, mas informou a Baba sobre o ocorrido. Ele simplesmente brincou, fez algumas piadas e riu muito do assunto. Meses depois, Baba visitava a fábrica de propriedade dela e saboreava um café, sentado na cozinha de uma casa nos fundos. De repente Ele disse: “Sakamma, você quer aquele anel de diamantes, não é? Bem, aqui está ele”. E, com essas palavras, bateu na parede e, oh!, o anel apareceu naquela Mão! Esta Mão é certamente divina!

Se tal Mão for mergulhada na água, esta se transformará em combustível, com o qual um carro poderá rodar por quilômetros, como se estivesse com gasolina. Uma vez, em viagem para Bangalore, o tanque ficou vazio próximo a

<sup>137</sup> Músico do estilo *nadasvaram* (um modo especial de cantar).

<sup>138</sup> No original, *Aghoresvara* é denominado pelo autor como “Shiva o não-terrível” (*un-terrible*). Foram encontradas várias traduções distintas para o título (*aghor*, *aghora*) do Senhor (Eswara). *Aghor* pode significar ciência da transmutação da matéria, ausência ou negação do medo (*ghora* = espanto, susto) ou luminosidade como negação das trevas (*ghora* = escuridão). Na versão em português preferiu-se este último significado.

<sup>139</sup> *Mangalyam* é uma corrente ou fio com um medalhão, que a noiva recebe no encerramento da cerimônia de casamento Hindu. Seu significado é o mesmo da aliança nos casamentos ocidentais. No contexto, as noivas de diferentes castas receberam correntes com imagens de divindades de sua devoção especial. *Vaisya* é a casta dos comerciantes e *Nadar* é uma antiga casta guerreira dos povos dravidianos, do sul da Índia.

<sup>140</sup> Cidade onde há um templo dedicado a Venkaratamana ou Venkatesha, uma forma de Vishnu. A citação está vinculada ao texto anterior.

<sup>141</sup> Nesse caso, Baba recolheu o presente anterior e o substituiu por um *lingam*, porque o devoto (ou devota), ao precisar de proteção especial, seguiu as orientações do sacerdote e ofereceu culto àquela forma de Deus (Shiva, representado pelo *lingam*) em lugar de recorrer ao Krishna que havia recebido de presente. (Ver também a nota n.º 40).

Chickballapur e Ele mandou um indivíduo ir com uma lata até um poço ao lado da estrada. Ele trouxe a água, simples H<sub>2</sub>O! Baba mergulhou Sua mão, ou melhor, Seu dedo na lata e agitou um pouco. Depois a lata foi esvaziada no tanque de combustível e o carro rodou sem que o motor notasse diferença. Em outra ocasião, quando faltou óleo diesel para o gerador que produz energia elétrica para a iluminação durante os festivais, e era tarde para enviar alguém até Penukonda ou Dharmavaram, ambas a mais de 30 quilômetros de distância, Ele pôs a Mão dentro d'água e logo o diesel, com a correta especificação química, estava pronto!

Outro milagre parecido foi testemunhado por este autor. Aconteceu em Horsley Hills, onde um pequeno grupo de devotos teve o privilégio de passar alguns dias em Sua augusta companhia. Todas as manhãs, Baba atravessava a floresta em direção ao alto de uma grande rocha plana, onde se sentava e discursava para os devotos à Sua volta. Um dia, enquanto caminhava até o local, Ele apanhou um pedaço de pedra com uma formação geológica peculiar. Parecia um monte de macarrão seco. Manteve a pedra diante de Si enquanto discursava e disse ao final: “Vou adoçar um pouco suas línguas”, colocando a pedra na mão. Ela se transformou em açúcar cândi, com o formato de um monte de macarrão. Foi como se cada molécula daquela pedra, por Sua vontade, se transformasse em uma molécula de açúcar. Ninguém jamais tinha visto açúcar se cristalizar na forma de longos fios. Mas aquela não foi uma transformação química! Foi uma Alquimia Divina!

Srimathi Sakamma quebrou os óculos certa vez em Puttapparthi e passava grandes dificuldades. Então Baba “trouxelhe” outro par, com o mesmo grau, e o deu a ela!

Era aniversário de Sri Krishna e, como Baba estava com os devotos em Madras na ocasião, o festival foi considerado especialmente auspicioso. Eles capricharam nos preparativos. O Salão foi decorado e os convites foram enviados aos devotos das redondezas. Baba veio e se sentou, durante o puja, em um lugar especial próximo do altar, temporariamente erguido em uma das extremidades do salão. Então, antes do *arathi*, Ele se levantou e todos se levantaram também. Ergueu ambas as mãos bem acima da cabeça e a multidão de devotos, em expectativa, olhava para Suas mãos, pois nunca O tinham visto fazendo aquela pose durante nenhum festival. Pareceu estranho, mas, antes que se apercebessem, Ele tinha nas Mãos uma grande tigela de vidro que brilhava sob a luz elétrica, belamente desenhada, tendo um pássaro com as asas abertas nas duas extremidades. A tigela parecia pesada e Baba a colocou sobre a plataforma onde estava o altar. “*Prasada* especial de Brindavan!” anunciou. Na tigela, havia 43 variedades diferentes de doces, todos desconhecidos ao paladar do sul da Índia.

Certo dia, Baba atravessou o rio com dois jipes cheios de devotos e prosseguiu para a reserva florestal, até onde os jipes conseguiam chegar. Ele caminhou por nove quilômetros ao longo da margem superior do Chitravathi e finalmente chegaram a um belo local bem no meio da floresta, com falésias rochosas escarpadas em três lados, e uma grande laje de pedra achatada onde podiam se sentar junto ao rio murmurante. Todos partilharam dos alimentos trazidos e beberam o chá preparado ali mesmo por jovens habilidosos. Baba “produziu” um grande pedaço de açúcar cândi para adoçar as bocas. Então, ondulou a Mão e todos os olhos se assombraram com o milagre. “Pegou” um maço de fotografias Suas e distribuiu-as, uma a cada um. Havia exatas 16 fotos e 16 homens no local naquele dia! Há ocasiões em que Ele “produz” maços maiores, quando há grupos maiores, mas o número é sempre exato!

Outro incidente que ilustra o poder divino de Bhagavan aconteceu em Kanyakumari, em 1958. Sentado na praia, com um pequeno número de devotos, Baba perguntou a uma pessoa, que, naquele mesmo dia, tinha comprado e lido com atenção um livro sobre um centro de peregrinação, o que estava escrito sobre o templo. Ele contou a história de um diamante que, acredita-se, adornava o nariz da Deusa e que brilhava tanto que os piratas podiam vê-lo do mar. Descreveu como a pedra despertara a cobiça dos piratas e como eles a levaram durante um ataque. Baba perguntou para as pessoas à Sua volta: “Querem vê-lo? É só uma questão de minutos e poderei enviá-lo de volta antes que sua ausência seja notada”. Assim dizendo, bateu na areia à Sua frente e, oh!, logo surgiu um grande diamante em Sua Mão. Foi mostrado a todos os presentes, e então apenas desapareceu de Sua mão, voltando para o lugar de onde viera! Tudo é tão fácil, cada *lila* Sua, feita tão sem ostentação, com um sorriso de surpresa iluminando Seu rosto, enquanto algo desejado se materializa!

Havia um devoto que tinha uma nota de uma rúpia, a qual ele guardava separada das outras porque continha o autógrafo de um amigo. Só que, um dia, por descuido, ele a misturou com outras e a usou em uma compra. A constatação do fato lhe causou aborrecimento, tristeza e uma expressão deprimida. Quando Baba soube do acontecido, uma semana depois, disse: “Não se preocupe. Ela chegou a Bombaim. Posso ver onde está. Eu a trarei para você”. Sua Mão se moveu; a nota de uma rúpia, idêntica à outra, foi trazida para Puttapparthi para o jovem, cuja perda assumira tão grandes proporções em seu coração!

Para resumir a lista das várias coisas que Baba materializa com a Mão, devo mencionar o rosário de *rudraksha*, com o qual Ele presenteou Swami Shivananda Sarasvati. Ele deu também a outras pessoas *japamalas* de contas de Rudraksha ou *tulsi* para a recitação diária do Nome Divino. Para reflexão diária, Ele materializa cópias da Gita para os devotos. Ao “trazer” uma cópia para um devoto idoso, com dificuldade de visão, Baba afirmou: “Veja, foi impressa especialmente para seu bem, com letras grandes” e, estranhamente, era assim mesmo! Ao dar a um doutor uma cópia da Gita, “tirada das areias”, disse o seguinte: “Você não conhece o alfabeto devanagari, por isso está na escrita télugo. Pegue”. Ele deu, para o *puja* diário, *lingans* e imagens de Sri Krishna em várias poses, de

*Mahishasuramardini*<sup>142</sup>, de Dattatreya, de Rama e de outras formas geralmente adoradas nos lares hindus. Crucifixos, lanças, ícones sagrados, *rudrakshas*, pratos com *chakras* – tudo iconográfica e artisticamente perfeito e tudo “trazido” com um gesto da Mão! Baba deu a um devoto um par de sandálias de prata que se “materializou” milagrosamente em Seus pés!

Ele também entrega fotos Suas, ou com Shirdi Sai Baba, em várias poses, ou dos *Ishtadevathas* de seus devotos. Algumas dessas fotografias são únicas, porque a pose não tem precedente. Por exemplo, uma vez Ele materializou uma fotografia de Sri Ramakrishna Paramahansa com a forma de Shirdi Sai Baba na região do coração e Sri Sathya Sai Baba no centro da imagem de Shirdi Sai.

Baba gosta de dar às pessoas, como bênção, seu próprio *Ishtam*, ou o Nome e Forma do Senhor que mais as atrai. Ele não veio para suplantar ou destruir, mas para implementar e realizar. Por exemplo, ao ver um visitante usando um emblema com a representação de um casal de santos, certa tarde, nas areias da margem do rio, Ele deu aos devotos um breve relato da vida de Kusuma e Haranath<sup>143</sup> lá representados e disse-lhes que eles difundiram a mensagem do *narga sankirtan* e que Haranath fora uma encarnação de Gauranga. Enquanto falava, “retirou” das areias um belo ícone de prata, com Kusuma e Haranath de pé sobre uma serpente enrolada e sob seu capelo aberto. Havia também um sinal de *kumkum* na testa de Kusuma, a esposa. Em outra ocasião, deu a um devoto que o adorava como Shivasai, Sai Baba na forma de Shiva, uma grande concha colorida com a palavra Shivasai gravada. Incentivar todos a marchar com bravura no caminho escolhido: essa é a maneira como Baba expressa Seu Amor e Sabedoria.

Imagens de sândalo, ícones e sandálias de prata, figuras de marfim, ídolos em *panchaloha*<sup>144</sup>, *lingans* de cristal, *lingans* de rubi, pedra-sabão, topázio verde ou azul ou de safira – tudo é materializado e distribuído. Ele também distribui anéis ou medalhões com pedras preciosas de centenas de formas variadas, conforme a necessidade ou o sentimento do momento. Com freqüência, quando vê um devoto usando um anel de pedra preciosa, Ele o repreende pela vaidade e, tomando o anel, toca-o com a palma da mão, e, oh!, a gema desaparece, ficando no lugar um retrato de Shirdi Baba ou Sri Sathya Sai Baba, de ambos, de Sri Rama, de Sri Krishna ou de alguma outra forma de Deus.

Em Venkatagiri, existe uma folha de selos postais que passou por essa transformação milagrosa, há vários anos. Ao ver a folha de selos com a imagem de um antigo imperador, Baba disse brincando: “Por que vocês têm esse tipo de coisa?” Enquanto falava, passou a mão gentilmente sobre o impresso e, ao erguê-lo, constatou-se que todas as figuras tinham mudado milagrosamente; a denominação e o preço desapareceram, e a figura de Baba estava impressa em cada selo com a inscrição *Sri Sathya Sai*.

Se Ele tem a idéia de iniciar algum aspirante em um *mantra* sagrado, simplesmente enrola qualquer pedaço de papel que esteja à mão no momento, fazendo-o algo fino e pontudo como uma agulha que, em um segundo, é transformado em prata ou marfim, com uma imagem do *Adhistanadevatha*<sup>145</sup> do *mantra* enfeitando a ponta. Então, usa-o para escrever na língua do aspirante as sílabas místicas e até mesmo costuma presenteá-lo com o instrumento, que serve como recordação da Graça do Guru!

Suas Mãos possuem também outro poder milagroso, o de aumentar e multiplicar, por mero contato, tudo aquilo que Ele deseja. Por isso, Baba se encarrega da distribuição de qualquer coisa que não esteja em quantidade suficiente para todos os presentes. Ele deseja, Ele toca, está feito! O recipiente fica cheio. Posso descrever uma cena que testemunhei: era o Dia de Vijayadasami de 1950. Alguns devotos de Anantapur trouxeram duas cestas cheias de folhas frescas de *tulsi* e estavam agachados em volta delas fazendo longas e grossas guirlandas para decorar o local. Aconteceu de Baba passar por perto quando o trabalho estava quase terminado e as cestas quase vazias. Ele perguntou ao grupo, meio sério e meio brincalhão: “Acabaram? Aceitariam outras duas cestas de *tulsi*?” E, quando se entusiasmaram com a idéia, Ele colocou as mãos no fundo de cada uma das cestas e se levantou. Quando ficou de pé, as cestas estavam cheias até a borda com folhas frescas. Agora fica claro por que o próprio Baba serve doces e outros itens aos pobres, nas ocasiões em que são alimentados em Prasanthi Nilayam. Ele os distribui aos milhares que chegam e há sempre o suficiente e com sobra!

Na verdade, plenitude é a marca daquela Mão. Durante as procissões de Vijayadasami e Shivaratri, Baba se senta sobre a liteira ornada com flores ou em um jipe e toma nas mãos pétalas das flores das guirlandas que Lhe são oferecidas e as joga sobre as cabeças da multidão de devotos. Mas o que você acha que cai no chão? Às vezes, balas, outras vezes, moedas, fotos de Shirdi Sai ou de Sathya Sai em outras, nunca se pode prever o quê ou quando. Tal é o mistério daquela Mão! Vários devotos ainda guardam os artigos que ganharam dessa forma, no dia 23 de novembro de 1950, durante a procissão desde o Velho *mandir* até Prasanthi Nilayam, que foi inaugurado naquele dia.

<sup>142</sup> Imagem da Deusa Durga matando o Rei Demônio Mahisha.

<sup>143</sup> Santo nascido em 1865, considerado como reencarnação de Gauranga ou Sri Krishna Chaitanya, que viveu em 1592. Casou-se aos 14 anos com Srimati Kusuma, então com 9 anos de idade, segundo o costume hindu. Mais tarde, retomou a tradição da *yoga* devocional iniciada por Gauranga e que consiste no êxtase de cantar o nome do Senhor, no que hoje é mundialmente conhecido como Movimento Hare Krishna.

<sup>144</sup> Liga metálica de latão, bronze, cobre, ouro e prata considerada sagrada.

<sup>145</sup> Divindade-base ou fundamental, à qual o *mantra* se refere.



Algumas vezes, no Dia de Vijayadasami, realiza-se o Abhishekam na imagem de prata de Shirdi Sai Baba; Baba “produz” um *lingam* e o coloca na cabeça da imagem antes de verter o *vibhuti*. Isso também é realizado, às vezes, no Dia de Shivaratri. Na verdade, Baba já produziu vários tipos de *lingans* com o “movimento circular da Mão”, dando-os para que fossem adorados. Lembro-me de um desses momentos emocionantes. A cena aconteceu em Thipegondanahalli, próximo a Bangalore. Alguns devotos que desejavam passar uma manhã tranqüila com Baba O levaram para aquele lugar (após haverem obtido Seu gracioso consentimento, é claro). Lá, após uma discussão sobre o Karma, renascimento e natureza da alma, Baba “produziu” um pequeno recipiente de prata cheio de *amrita*<sup>148</sup> e o distribuiu entre as oito ou dez pessoas presentes. Depois, deu o recipiente a uma pessoa que logo partiria para a Inglaterra, com sua esposa. Quando notou o desapontamento no rosto do casal por receber um recipiente vazio, pegou-o de volta e o devolveu, sem sequer movimentar a mão! E o frasco estava novamente cheio com o precioso néctar!

Mais tarde, o grupo foi para o reservatório que supre de água a cidade de Bangalore. Enquanto o engenheiro descrevia a história do projeto e apontava para os leitos originais dos dois rios que se uniram naquele ponto e para o pináculo do templo de Sangamesvara, que fora inundado pela represa, Baba ouvia com Seus pés na borda da água. De repente, Ele mergulhou a mão no tanque e a levantou com um pouco de água, na direção de um membro *Virasaiva*<sup>149</sup> do grupo. Todos viram então, com surpresa, que a palma de Baba trazia um *lingam* de cristal, brilhando ao sol, com pasta de sândalo e folha de *bilva*, como se o tivesse erguido direto de um altar enquanto o *puja* estava sendo realizado. Disse ao homem: “Tome e faça *puja* para ele todos os dias. Você adora Kudala Sangamesvara, não é?” E, de fato, era verdade!

Quando Baba abençoa Seus devotos e concorda com a cerimônia de casamento de seus filhos em Prasanthi Nilayam, em Sua Presença, Ele costuma “produzir” o *mangalyam* e dá-lo ao noivo, para que prenda auspiciosamente ao pescoço de sua afortunada noiva. Um movimento circular da mão e o *thali* ou o *bottu*<sup>150</sup> completo, com o cordão cor de açafraão, aparecem instantaneamente. Às vezes, quando ocorre uma cerimônia de furar a orelha em sua presença, Baba materializa um dispositivo pontudo com o qual a orelha é furada e que é curvado para servir como brinco para a criança. É impossível enumerar todas as habilidades do “ondular daquela mão!” Quando Baba decide recorrer a cirurgia para curar alguém de uma doença ou defeito, Ele simplesmente move a mão e os instrumentos necessários aparecem em Sua palma. Quando deseja expressar Seu Amor e Afeição, a mão produz doces, até a partir da areia ou da atmosfera.

Cada capítulo precisa ter seu encerramento e, portanto, esse também deve terminar, penso eu, com a narração de outro incidente que demonstra como esse movimento circular de Sua Mão pode transmitir seu miraculoso Poder Divino também a outra mão! Aconteceu há aproximadamente dezesseis anos, quando Baba estava, como dizem, em sua “adolescência”. Ele e um grande número de devotos haviam atravessado o rio para visitar um jardim, próximo ao Tanque Saheb. A comida foi preparada e consumida no próprio local, e o grupo retornava ao vilarejo quando a escuridão avançava pelas margens do rio. De repente, ao ultrapassarem um arbusto, com Baba à frente e os demais guardando uma distância respeitosa, algo silvou e se enrolou no pé direito de Baba! “Uma cobra!”, gritaram. A serpente picou o dedão direito, desenrolou-se em um instante e correu como uma flecha pelas areias. “Deixem ela ir”, disse Baba, mas as pessoas ficaram com raiva da cobra e a perseguiram com a intenção de capturar e matar. Então, Baba gritou “Vá!”, em tom imperioso, e a cobra desapareceu na escuridão. Nisso, os efeitos da picada começaram a aparecer; Baba aparentemente desmaiou e caiu. Alguns homens correram à vila para informar a Pedda Venkapa Raju; um voluntário, que sabia o endereço de um mágico que residia cerca de dois quilômetros dali, correu naquela direção. Baba, no entanto, fez alguns gestos para um dos dois devotos que tentavam prestar os primeiros socorros, para que imitasse o gesto de Sua mão e, a seguir, o devoto sentiu um “golpe como se fosse um pistão dentro de minha mão”, como me relatou e dali surgiu um “talismã”, que Baba indicou que fosse aplicado, junto com Sua própria saliva, na ferida; o homem fez como lhe foi ordenado e, dentro de alguns segundos, Baba se levantou para grande alívio de todos, que exultaram quando Ele começou a falar, como se nada tivesse acontecido que quebrasse a bem-aventurança daquele dia.

Naquele exato momento, os pais e outros chegaram correndo, munidos de um pesado arsenal de remédios, ritos mágicos, raízes, discos fonográficos quebrados (!), garrafas de medicamentos vendidos nas feiras e, por fim,, com o célebre mágico, que vivia a um quilômetro e meio de distância. Baba os saudou e foi em sua direção fazendo piadas sobre o ocorrido.

Mais tarde, Baba explicou que Ele mesmo poderia ter “produzido” o talismã, mas, uma vez que jamais usa qualquer coisa que “produza” em Seu próprio benefício, teve de veicular Sua Graça através de outras mãos.

<sup>148</sup> O Néctar Celestial que concede a imortalidade

<sup>149</sup> Adorador de Shiva. Sangamesvara é Shiva manifestado como Bharata, o irmão de Rama, *Avatar* de Vishnu e herói do épico Ramayana.

<sup>150</sup> Outros nomes para o *mangalyam* ou *mangalasutra*, o cordão nupcial hindu citado anteriormente. *Bottu* também se refere à marca que os hindus fazem na testa ou entre as sobrancelhas, usando diversos materiais, como curcuma ou cinza, por exemplo, que também é um costume relacionado com o casamento.

Hemadpant<sup>151</sup> afirmou o seguinte sobre Shirdi Sai Baba: “Quando os devotos vinham se despedir, Baba lhes dava Udi como *prasada*, esfregando um pouco em suas testas com a Mão, em um gesto de bênção”. Sri Sathya Sai Baba também faz o mesmo: Suas mãos concedem as graças que os devotos merecem. Aquela mão possui o toque curador; pode remover a doença, afastar o mal, exorcizar o Demônio e reescrever o Destino!

---

<sup>151</sup> Devoto de Shirdi Sai Baba que escreveu o livro *Sai Satcharita*, a biografia de Shirdi Sai, em forma de leitura devocional, para ser lida em sete dias.

## O MESMO BABA

É significativo que Sathyanarayana tenha dado, desde sua infância, indicações sobre seu parentesco, ou melhor, sua identificação com o Santo de Shirdi. Quando ensinou aos amigos cantigas sobre um Babaji (mestre) que ninguém jamais vira ou ouvira falar, ou sobre um local de peregrinação aonde, ouvindo suas canções, ninguém tivesse ido, as pessoas se surpreendiam! Onde fica essa Shirdi?, perguntavam uns aos outros. Quem era esse faquir muçulmano? Quem diria que aquela criança que estava entre eles, tão cativante com seus cantos e danças, em alguns anos faria de sua aldeia uma outra Shirdi, para onde acorreriam centenas e milhares de pessoas em busca do *mesmo* Baba?

Quando finalmente o anúncio formal foi feito por Sathyanarayana de que Ele era Sai Baba, de Bharadwaja Gothra, Apasthamba Sutra e de Shirdi, algumas pessoas Lhe pediram: “Se você é Sai Baba, mostre-nos alguns milagres agora!”, e o menino respondeu: “Tragam-Me alguns jasmims”. Quando colocaram as flores em Suas mãos, Ele as lançou ao chão e, oh!, elas formaram, em télugo, as letras das palavras *Sai Baba*; uma flor após a outra, meticulosamente arranjadas, com todas as curvas e circunvoluções do alfabeto perfeitamente reproduzidas! O irmão mais velho, Seshama Raju, que aprendera através de longa prática a conviver com o menino milagroso, também ficou surpreso com a ênfase da revelação. “Naturalmente, dei a eles o nome do *Avatar* que Me precedera”, diz Baba, quando questionado sobre esse incidente. “Simplesmente significa que Ele, que veio como Sai Baba, voltou agora como Sathya Sai Baba. E mais, os *Sais* vêm em série! Depois deste haverá outro, Prema Sai, que nascerá na região de Mysore”, acrescentou.

Apesar de tudo isso, os pais e o irmão deram ouvidos a homens que balançavam a cabeça e os advertiam contra o fantasma muçulmano que possuía o menino. Então, eles o levaram a Penukonda, a vinte e oito quilômetros de distância, onde havia um grande devoto que atraía multidões toda quinta-feira, para seu *puja* a Sai Baba. Ele olhou para Sathya e disse que duvidava de sua sanidade! O menino se levantou desgostoso, chamando o adorador de louco e, lançando-lhe grande quantidade de *vibhuti* que saía de Suas mãos vazias, aconselhou-o a ser mais sincero e cuidadoso no *puja*. “Você é só um buscador, um aspirante, um servo. Eu sou a Pessoa que você busca, o Mestre!”, declarou.

Nessa mesma época, dois professores, que tinham conhecido Sathya como seu aluno em Bukkapatnam, visitaram Puttaparthi. Felizmente para nós, eles registraram o que aconteceu. Um deles, Sri B. Subbannachar, conta o seguinte: “Minha primeira impressão sobre Ele foi de que era um grande devoto, como Prahlada. Eu o vi realizar atos milagrosos. Convenci-me de que não era um ser humano comum, mas um menino dotado de poderes sobrenaturais. Para nosso encantamento, este Menino Louco de Puttaparthi revelou-nos que “não era outro” senão Sai Baba de Shirdi! Também nos pediu que esperássemos até a noite quando narraria a história de Sua vida. Queríamos ouvi-la, pois os livros disponíveis sobre Sai Baba não davam nenhuma informação sobre Sua infância e juventude, até os 16 anos. Ele nos concedeu essa bênção antes mesmo que a pedíssemos! Nossa alegria não tinha limites. Chegou a noite e ouvimos Sua história. Vimos o próprio Sri Sai, em forma humana, com nossos olhos. Que felicidade inigualável! Que graça ilimitada!” O outro professor, Sri V.C. Kondappa, narrou a história do nascimento e da infância de Shirdi Baba como fora contada por Sathya Sai Baba, em 102 versos em télugo, no livro *Sri Sayisuni Charithra* publicado em 1944.

Essa história será certamente de grande interesse para todos os devotos:

*“Na aldeia de Pathri, às margens do Godavari, viviam um brâmane piedoso, caridoso e ortodoxo chamado Gangabhava, e sua esposa, Devagiramma, uma mulher virtuosa, que realizava, diariamente, a adoração a Gauri, consorte de Shiva. Não tinham filhos, o que talvez fosse a única tristeza deles, pois estavam sempre imersos no serviço ao Senhor ou aos hóspedes que o Senhor enviava à sua porta. Um dia, surgiu um desses, de aparência espantosa, com vestígios de um halo em torno da cabeça! Ao se retirar para dormir, fez um pedido surpreendente, de uma companhia feminina. A pobre Devagiramma ficou tão chocada que mal pôde falar. Gangabhava também ficou indignado, mas de que valia a indignação contra alguém que pedia hospitalidade? Devagiramma foi até o quarto de adoração e chorou diante da imagem de Gauri, buscando sua intervenção e conselho. De repente, ouviram uma batida na porta da frente. Ao abrirem, entrou na casa uma moça com toda a artificialidade de uma mulher da vida. “Parece que vocês mandaram me chamar. Onde está o hóspede? Levem-me até ele”, pediu a recém-chegada. Mas ela não era outra senão Gauri, que viera se encontrar com o hóspede, ninguém menos do que Shiva!*

*Uma vez juntos no mesmo quarto, Shiva e Gauri deram uma boa gargalhada. Falaram sobre a devoção do casal e de como aderiam ao dharma. Decidiram dar aos dois seu darshan e também uma dádiva. Nem é preciso mencionar que Gangabhava e Devagiramma ficaram maravilhados com o darshan e, quando pressionados a fazer um pedido, pediram um filho, “para quitar o débito devido aos ancestrais” e uma “filha para ser ofertada”, pois a oferenda de uma virgem (Kanyadan) é, segundo as Escrituras, a oferenda mais eficaz que um dono de casa pode fazer. As dádivas foram concedidas. Então Shiva, por Sua graça, deu ao casal um dom que não fora pedido. Disse a eles que Ele mesmo assumiria a forma humana e nasceria como o terceiro filho do casal.*

*Tudo aconteceu conforme o Senhor dissera. Devagiramma concebeu pela terceira vez. Porém, naquela época, seu marido estava tão imerso na prática de austeridades que foi para a floresta. A esposa também insistiu em acompanhá-lo, e a criança nasceu sob uma árvore, com os passarinhos dando as boas-vindas e as nuvens construindo um arco de sete cores para celebrar a ocasião. Tão imersos no espírito de renúncia estavam os pais que deixaram o recém-nascido sob a proteção dos anjos da floresta. Em seguida, passaram por aquela trilha solitária um faquir e sua esposa, um casal sem filhos que, ouvindo o choro do bebê, correu até ele e o levou consigo para ser criado.*

*Eles o chamaram simplesmente de Baba, pois não conheciam nem sua linhagem nem parentesco. A criança era esperta e inteligente, travessa e astuciosa. Um dia, quando tinha cerca de 12 anos, brincando com alguns colegas, ganhou todas as bolas de gude que pertenciam ao filho de um banqueiro. Baba desafiou o menino a trazer outras e oferecê-las como aposta. O menino correu até sua casa e trouxe o lingam arredondado que era guardado na sala de oração. Baba ganhou aquele objeto também e, quando lhe foi devidamente entregue, ele simplesmente o engoliu inteiro! Isso causou uma sensação entre as crianças, e a esposa do banqueiro soube que o lingam fora parar na barriga do filho do faquir. Ela saiu de casa correndo e ameaçou Baba com uma vara. Baba abriu a boca e ela viu lá todos os dez Avatares de Vishnu! Juntou as mãos e caiu aos pés do filho do faquir no meio da rua!*

*Isso se transformou na notícia da cidade. O menino tinha o hábito de tirar o lingam engolido e adorá-lo sentado na mesquita. Isso enraiveceu tanto os muçulmanos do lugar que excomungaram até o faquir que o criara. Quando o menino ia a um templo para reverenciar aquele lingam, os hindus o afastavam, pois temiam que fosse muçulmano de nascimento. Finalmente, o faquir, a contragosto, pediu a Baba que deixasse sua casa e o menino vagou sem rumo, fazendo o puja para o lingam com uma lamparina que continha água em lugar de óleo, mas que, mesmo assim, queimava como se tivesse óleo.*

*Caminhava ao longo das margens do rio Godavari quando foi abordado por um oficial do governo que lhe perguntou se tinha visto seu cavalo, que havia fugido. O oficial procurara pelo animal por toda a vizinhança e já havia perdido as esperanças. Baba, com Sua visão divina, viu o cavalo e disse ao homem que o animal viria até onde eles estavam. Enquanto conversavam, o cavalo se aproximou, para grande alegria do dono. O oficial se tornou Seu discípulo e se dirigia a Ele como Saii ou Mestre. Mais tarde, Baba foi para a aldeia de Shirdi e se estabeleceu na varanda<sup>152</sup> de uma mesquita em ruínas que havia lá.”*

Sathya Sai Baba invariavelmente se refere ao “meu corpo anterior” quando fala sobre Shirdi Baba, em geral descreve aos devotos como, “em Seu corpo anterior”, lidava com as pessoas e situações, que ilustrações dava para melhor esclarecer determinado ponto, que perguntas eram feitas, etc. Ele repete o que disse a Das Ganu ou Mahalaspathi<sup>153</sup> no “último nascimento”. Quando fala sobre Shirdi Baba, pode-se ouvi-Lo dizer: “Da mesma maneira como Me viram fazer agora” ou “assim como faço quando estou em transe” para esclarecer algum ponto. Hoje, quando Lhe fazem uma pergunta, algumas vezes inicia a resposta com a frase: “A mesma dúvida foi levantada por um homem que foi a Shirdi”, e continua com a resposta que deu ao homem há muito tempo, em Maharashtra<sup>154</sup>. Reconhece todos os devotos de Shirdi Baba como Seus e lhes diz: “Eu o conheço desde quando tinha dez anos” ou “embora esta seja a primeira vez que você vê este corpo, Eu o vi há vinte anos atrás quando você foi a Shirdi”. E a pessoa confirmará que esteve em Shirdi exatamente vinte anos antes! Ele já incentivou muitas pessoas a ir a Shirdi, fornecendo descrições detalhadas da rota, do local, dos métodos de irrigação existentes lá e até das imagens mantidas em torno do *samadhi*<sup>155</sup>. Para o ouvinte, parecerá que Ele morou durante muito tempo naquele lugar.

Certa vez, quando alguns devotos foram a Shirdi, Sathya Sai Baba disse: “Vão e durmam em Dwarakamayi<sup>156</sup>. Eu aparecerei em seus sonhos”, e cumpriu Sua promessa! Há casos de pessoas que foram a Shirdi e que, ao retornarem, ouviram falar, próximo a Guntakal<sup>157</sup> ou outro lugar, que havia um Avatar de Sai Baba em Puttaparthi, e elas foram para lá. Assim que vê essas pessoas, Baba lhes pergunta sobre a peregrinação a Shirdi. Durante a entrevista, que Ele invariavelmente dá a todos antes de partirem, responde às perguntas que levaram a Shirdi! Essa tem sido a experiência de muitos.

O Rajá de Chincholi era um devoto fervoroso de Shirdi Baba. Todos os anos, costumava passar alguns meses em Shirdi, Akalkot e outros lugares sagrados, na companhia de santos e aspirantes espirituais. Após o falecimento do Rajá, a Rani teve a agradável surpresa de ouvir falar da encarnação do Senhor como Sri Sathya Sai Baba em Puttaparthi e visitou o lugar. Ela também persuadiu Baba, que tinha somente 15 anos, a acompanhá-la a Chincholi e Hyderabad. Qual não foi sua surpresa quando Baba perguntou sobre uma árvore *margosa*, posteriormente arrancada, um poço que fora aterrado e um grupo de lojas recém-construído. Baba lhe disse que vira aqueles lugares

<sup>152</sup> Mantap – um tipo de cobertura que lembra uma varanda e que pode ser desde um pequeno oratório abrigando uma deidade, até um enorme salão.

<sup>153</sup> Devotos famosos de Sai Baba de Shirdi.

<sup>154</sup> Estado indiano onde se situa a vila de Shirdi.

<sup>155</sup> Túmulo. No contexto é o local onde Sai Baba de Shirdi está enterrado.

<sup>156</sup> Nome da mesquita em ruínas que Shirdi Baba transformou em sua morada.

<sup>157</sup> Cidade do Distrito de Anantapur, cerca de 120 km ao Norte de Puttaparthi.



anos atrás, enquanto estava “em Seu corpo anterior”. Sathya Sai Baba lhe indagou sobre uma pequena imagem de pedra de *Anjaneya*, dada ao Rajá, em seu corpo anterior, mas a Rani não sabia que ela existia. O próprio Baba a descobriu para ela! Disse também que seria encontrado um quadro de Sai Baba, também mais tarde descoberto na casa.

Três anos antes, a Rani dava uma minuciosa busca no enorme quarto de depósito em Chincholi, à procura de peças antigas de latão, bronze e cobre que pudesse vender para ter mais espaço. Encontrou um *kamandalu* de latão, um recipiente utilizado pelos *sadhus* para beber água, cujo formato era singular e artístico. A água tinha que ser despejada através de uma fenda na alça, e a biqueira terminava em uma figura com cabeça de vaca! Alguém sugeriu que poderia ser polida e colocada como peça decorativa na sala de visitas da casa de Hyderabad. O mistério do *kamandalu* aumentou no dia seguinte, quando encontraram uma cobra enrolada nele. “Somente Baba pode desvendar o segredo”, disse a si mesma, enquanto reverenciava a cobra com o tradicional *puja*.

Ela chegou a Puttaparthi no primeiro dia do Dasara e, assim que entrou no prédio, Baba enviou um recado pedindo-lhe para vir “com meu recipiente de bebida”. Tão logo o *kamandalu* foi colocado em Suas mãos, Ele mostrou aos devotos próximos as letras gravadas no vaso, em caracteres *devanagari*: SAA, seguidas de um par de pequenas linhas verticais, e BAA, novamente seguidas das duas linhas. SAA indicando *Sayi* e BAA para Baba! Certamente os caminhos do Senhor são misteriosos. Desde então, Baba diz que, dentro de alguns anos, trará também, da mesma maneira, o *jolige*, ou saco de esmolas de Shirdi Sai Baba, trazendo-o de onde estiver.

Os leitores poderão se perguntar como o santo de Shirdi, que, de acordo com todos os registros, jamais saiu de lá, por anos a fio, pôde ter ido a Chincholi e Hyderabad, deixando um *kamandalu* com o Rajá. Na verdade, é uma crença sincera da Rani e também de alguns servos antigos do palácio, que Sai Baba se hospedava lá, por alguns dias, de vez em quando, e costumava dirigir um carro de boi para longe da cidade, a fim de conversar com o Rajá que O acompanhava. Esse carro de bois agora está também em Puttaparthi. Mas os devotos que viram e experimentaram o *Avatar* Sri Sathya Sai Baba não têm dificuldades com isso, pois sabem como Baba pode estar em Madras, embora “esteja tomando um chá com uma família em Bangalore, como aconteceu certa vez, em um bangalô da Estação Civil!” Ele pode conversar com um homem em Bhopal, ser visto em um estábulo, em uma feira em Délhi, falar ao telefone com alguém em Madras e ainda aparecer em algum outro lugar.

Para citar apenas um exemplo entre vários, havia uma família em Hospet que Baba conhecia bem desde a infância. A irmã mais velha era professora na escola e os irmãos eram seus colegas de turma em Bukkapatnam e companheiros de brincadeiras. Ouviram falar da Manifestação e O viram em Puttaparthi. Foi um ano depois, em 1941, que um carro de boi, à noite, trouxe Sathya Sai Baba à porta da casa. A alegria deles não teve limites. Conversaram a noite inteira, Baba recostado, com um menino de cada lado, rindo e brincando das piadas que alegravam a conversa. A mãe fez preparativos para um banho com óleo e uma festa para Baba no dia seguinte. Mas qual não foi seu desapontamento quando, pela manhã, encontrou a cama vazia. Baba se fora! Investigando, descobriu que Baba nunca deixara Puttaparthi, quase duzentos quilômetros distante. Os *Avatares* não têm limites como nós, sujeitos ao tempo e ao espaço. Eles têm Suas próprias leis.

Ao discursar, ano passado, em um encontro do All Índia Sai Samaj<sup>158</sup> em Mylapore, Madras, as palavras de abertura de Baba foram: “Embora esta seja a primeira vez que este corpo vem aqui, tenho estado sempre neste *mandir!*” Essa identificação e continuidade ininterruptas são enfatizadas por Ele, em centenas de modos diferentes, em todas as ocasiões concebíveis. Há apenas alguns dias, em Coorg, em um relance Ele reconheceu um ardente devoto de Shirdi Sai Baba e até notou, com prazer, que era membro vitalício da Organização Sai Baba. Vem presenteando os devotos com medalhões e talismãs com imagens de Shirdi Baba, ou de Shirdi Baba com Seu próprio retrato incorporado ou, ainda, de Seu retrato com outro de Shirdi Baba na altura do coração. Realmente não há distinção nem se permite que seja feita entre Ele mesmo e a “manifestação anterior”, na adoração ou *puja*. Na verdade, há no salão de Prasanthi Nilayam dois retratos que demonstram essa continuidade. Ambos são encantadores e o artista parece ter captado o momento em que Sai Baba está assumindo novamente a Missão. A grandeza e o caráter histórico do momento são atraentemente representados nesses quadros.

Além disso, deve-se observar que uma imagem em prata de Shirdi Baba é o ponto central para o qual todas as orações em Prasanthi Nilayam se dirigem, com o próprio Baba supervisionando a realização do banho cerimonial para o “corpo anterior” nos dias sagrados, como Vijayadasami ou Mahashivaratri. Baba estabelece Sua identificação e continuidade através de uma série de atos significativos. Por exemplo, a imagem de Shirdi Baba é decorada com guirlandas oferecidas a Ele e não existe diferença entre o que poderia ser chamado de guirlandas “usadas” e guirlandas frescas; ambas são utilizadas para decorar a imagem. Durante os nove dias de Navarathri, as mulheres em Nilayam oferecem o *Kumkum Puja* e todo o *kumkum* ofertado é coletado e guardado para ser usado no Dia de Vijayadasami, quando tudo é reverentemente despejado sobre a figura de prata de Shirdi Sai Baba. É como se o próprio Baba tivesse aceito e realizado *abhishekam* em Si mesmo!

<sup>158</sup> Essa associação (*samaj*) é dedicada a Sai Baba de Shirdi e foi fundada em 1953 na região de Madras (hoje: Chennai).

Ele é Shirdi Baba em pessoa e é Aquele que é adorado. Já disse a várias pessoas: “Não precisam esperar até poderem estar comigo; peçam ao Velho Senhor lá embaixo”, referindo-Se a Shirdi Baba. Na plataforma elevada do salão de orações, voltadas para a congregação, estão duas pinturas a óleo, em tamanho natural, uma de Shirdi Baba e outra de Baba, ambos de pé e com as mãos cruzadas uma sobre a outra, Shirdi Baba segurando Sua mão direita com a esquerda e Parthi Baba segurando Sua mão esquerda com a direita. O nó do pano em torno da cabeça de Shirdi Baba, geralmente à esquerda, aqui está à direita da cabeça. Isso intriga algumas pessoas, pois elas não sabem que, quando o artista que pintou os dois retratos pediu fotografias para copiar e ampliar, Baba fez um gesto com a mão e dois pequenos retratos surgiram imediatamente! A foto de Shirdi Sai Baba que Ele materializou tinha as duas mãos na nova postura e o nó do pano à direita. Então o pintor, que seguiu a foto como modelo, colocou o nó voltado para a direita!

Canções e hinos cantados diariamente em Nilayam não diferenciam os dois Babas; na verdade, referem-se à identificação e à continuidade, em termos inconfundíveis. No *astotharasathanamavali*, ou a lista de 108 nomes pelos quais Baba é adorado em Pessoa ou através de alguma descrição, são incluídos nomes especificamente atribuídos a Shirdi Baba. Sathya Sai Baba é mencionado como “Aquele que nasceu na aldeia de Parthi”, “Aquele que vivia na aldeia de Shirdi”, etc. Baba também é louvado como “Aquele que é a encarnação indiferenciada da Energia de Shirdi Sai”, “Aquele que é Shirdi Sai em Pessoa” e assim por diante. A imagem de prata de Shirdi Sai está ali como representação do Baba de Puttaparthi, pois, quando se faz necessário acomodar este último no altar elevado, a imagem é afastada para a direita ou para a esquerda do *pitham*, onde Baba se senta, colocada sobre o chão abaixo ou simplesmente retirada do salão. Uma vez, Baba disse o seguinte, ao sentir que deveria haver uma procissão pela aldeia: “O Velho Senhor deve ir hoje”, e enviou a imagem em uma liteira decorada. Em outra ocasião, enquanto estava sentado dentro da “carruagem”, colocou a figura de prata na frente com um chicote nas mãos, tornando Shirdi Baba o cocheiro!

Baba era um jovem rapaz quando fez a declaração de Sua identidade, e muitas pessoas questionaram: “Como podemos acreditar que você é Ele?” A dúvida de uma dessas pessoas foi desfeita por uma notável demonstração do jovem Baba de Puttaparthi. O incrédulo ficou estupefato com a prova ocular que Ele lhe proporcionou. Parece que Baba esticou as mãos diante dele e pediu para olhar para as palmas abertas. Em uma delas, ele viu um esplêndido retrato de Shirdi Sai Baba e, na outra, um retrato igualmente maravilhoso do próprio Sri Sathya Sai Baba!

Quando a pessoa que teve essa visão há dezoito anos me narrou o incidente, veio-me à mente um milagre similar que Baba fez a um devoto em Nova Délhi. Isso revela que Baba utiliza os mesmos meios, até hoje, para convencer os que buscam a verdade de que Ele, que antes veio como Shirdi Baba, agora voltou como Sathya Sai Baba.

O devoto de Délhi escreveu o seguinte: “Uma tarde, eu andava de bicicleta por uma estrada deserta entre a Velha e a Nova Délhi, com a mente em minhas preocupações financeiras. Tinha retornado de Puttaparthi há algumas semanas e, embora tivesse sido atraído por Baba, ainda não estava convencido de que Ele era a reencarnação de Shirdi Sai ou de um *Avatar*. Anos atrás, alguém me aconselhou a realizar um *puja* para Shirdi Baba e eu havia simpatizado com este novo Baba de Puttaparthi. Remexia essas questões em minha mente enquanto pedalava, quando, de repente, ouvi uma pergunta: ‘Terminou o trabalho do dia?’, vinda de um indivíduo avantajado, que se esforçava em me alcançar, pedalando mais rápido. Quando me virei, vi um sorriso fascinante que iluminava aquele rosto. Ele olhava para mim, com um misto de pena e ternura’.

“Eu ganhava a vida na capital, ensinando música para crianças e, ocasionalmente, tocando violino em concertos. Então pensei que aquele homem idoso deveria ter me visto em algum concerto ou em alguma casa e me reconheceria na bicicleta, arrastando-me pelas ruas de Délhi. Respondi: ‘Sim, vou para casa agora’, em tâmil, minha língua materna e a língua que o estranho usara, o que a princípio foi bem inesperado. Então o homem perguntou: ‘Pode vir comigo até aquela velha tumba à frente? Não tomarei muito do seu tempo’.

“Pedalamos por uns 200 metros até a ruína indicada e, encostando as bicicletas contra a parede, sentamo-nos à sombra, no lado leste. Ele me pediu para sentar diante dele e me fez falar dos meus problemas, um por um, com perguntas astutas. Disse que o Guru que eu tinha providencialmente obtido era o próprio Deus. Então, levantando-se subitamente, disse: ‘Por que dúvida? Ele é o próprio Shirdi Sai. Veja!’ E estendeu Suas mãos para mim. Eu pude ver claramente, como se estivessem pintados em cores vivas, o retrato de Shirdi Baba resplandecente em uma delas e, na outra, a face brilhante do Baba de Puttaparthi”.

“Jamais me esquecerei daquelas dois rostos gêmeos, iluminando as palmas das mãos daquele venerado senhor. Eram uma resposta a todas as minhas dúvidas; uma âncora para uma alma flutuante, fornecendo-me uma nova vida. Desde então, sempre que me sento para meditar, a cena daquele gêmeo esplendor me vem aos olhos e me arreia em misteriosa alegria”.

“O velho homem então se levantou e ambos pedalamos de volta à estrada. Quando chegamos, ele se virou na direção da qual viéramos! Isso me intrigou, pois certamente ele não poderia ter vindo somente para me abençoar com aquela visão. Advertiu-me mais uma vez para não vacilar em minha decisão e perder um tesouro que surgira tão

facilmente. E eu o observei pedalando, admirando sua agilidade e habilidade. Mas imaginem minha surpresa e admiração no momento seguinte! Pois ele subitamente se desfez no ar!”

Assim, Baba lhe forneceu uma prova positiva da identidade dos dois Babas. Uma prova chamada na lógica sânscrita de *Karathalamalaka*, a experiência visual, a demonstração ocular, o fato inegável do fruto na palma da mão. Esse é um ponto a ser destacado na maravilhosa vida de Baba: Ele diz as mesmas palavras de consolo e encorajamento, faz o mesmo gesto de proteção em condições similares, tanto agora quanto fez na infância, há dezoito ou vinte anos, mostrando a nós, mortais incrédulos, que Ele é um *Avatar*, que nasceu com a Divina Missão de elevar e orientar. A mesma visão é proporcionada para responder a mesma dúvida, estando aquele que duvida fisicamente diante de Baba ou distante, em Délhi, pedalando por uma estrada deserta!

Ele vem dando *darshan* a muitas e muitas pessoas, onde quer que estejam, fornecendo indicações claras a devotos privilegiados de que Ele e Shirdi Baba são um só. Lembro-me de um caso em especial. Quando uma devota que aguardava na plataforma da estação em Bangalore o trem para Mysore, onde seria internada para sofrer uma cirurgia no Hospital da Missão, Sathya Sai Baba se manifestou diante dela como um homem idoso, alto e corpulento, usando uma longa túnica e um pano enrolado em volta da cabeça, portando uma vara pesada e uma trouxa de roupas. Sentando-se no mesmo banco que a senhora, o homem puxou conversa em tégulo e a dissuadiu da operação, dizendo que agora era moda entre os médicos cortar os pacientes por qualquer motivo! Contou que estava voltando de Shirdi e lhe deu tãmaras que disse serem oferendas daquele santuário! Disse que a *prasadam* lhe daria a cura, o que efetivamente aconteceu! Informou-a também de que seu *ashram* era perto de Viduraswatham (na verdade, no caminho para Puttapparathi) e que finalmente levaria todos os residentes do Seu próprio *ashram* para Shirdi!

Vemos então que Shirdi Sai Baba está indubitavelmente interligado à experiência dos devotos com a atual manifestação da mesma Divindade. Quando um devoto de Shirdi Baba faz um *puja*, Sathya Sai Baba fica sabendo. Certa vez, uma senhora em Madras, desesperada porque o filho estava muito doente, colocou a criança diante de um retrato de Shirdi Baba. Anos mais tarde, ela tomou conhecimento de Sathya Sai Baba e foi a Puttapparathi com o filho, então um jovem forte. Assim que Baba os viu, perguntou para a mãe: “Você colocou esse jovem sob meus cuidados há quinze anos, não foi?”

Todos os anos, quando o aniversário da passagem do corpo mortal de Shirdi Baba é celebrado em Shirdi, Baba “transcende” o corpo e, após algum tempo, quando retorna, geralmente diz: “Estive em Shirdi”.

Alguns anos atrás, enquanto Baba estava em Madras, aconteceu um incidente inexplicável por qualquer outra teoria que não a que proclame a identidade dos dois Babas. Baba anunciou casualmente a Seus devotos que um seguidor íntimo de Shirdi Baba passaria para a eternidade em uma determinada data, pela manhã, e que Ele teria que ir para dar o esperado *darshan*, no último momento de sua existência mortal. Todos os devotos ficaram apreensivos com o que aconteceria naquele dia. Alguns ficaram muito preocupados, outros ficaram ansiosos e até alegres, pela oportunidade de ver Baba abençoando um discípulo da Sua manifestação anterior. Por alguns dias, não houve outro assunto entre eles; olhavam para o calendário e para o relógio aguardando a chegada do momento histórico!

Finalmente, o dia amanheceu. Quando soou a hora, Baba estava, apesar de todas as precauções dos devotos, no banheiro! Ao ver que Ele não aparecia após um longo tempo, os devotos olharam pela janela e, vendo que Ele estava realmente fora do corpo, arrombaram a porta e começaram a observar o corpo à espera de sinais de movimento ou atividade do coração ou pulso. Viram *vibhuti* surgindo em grande quantidade do dedão de Seu pé direito e puderam ouvi-Lo falar em *marathi*<sup>159</sup> e citar alguns versos em Hindi. Ao voltar, Baba contou aos devotos a história do falecimento do discípulo de Seu corpo anterior e de como Ele o abençoara com uma visão de Shirdi Baba, dando-lhe a *udí* que seu Guru sempre lhe concedia.

Quatro anos atrás, quando Baba estava na cidade de Hyderabad, foi convidado a ir ao *ashram* de Godavari Matha, discípula de Upasini Baba<sup>160</sup> e Shirdi Baba, residente em Sakori. Recebido pelas discípulas com recitações védicas e as tradicionais cerimônias de *purnakumbham*<sup>161</sup>, elas ofereceram *puja*. Ele deve tê-las abençoado com um vislumbre de Sua realidade e Sua identidade, porque elas expressaram um forte desejo de ir a Prasanthi Nilayam. Mas Baba disse que está presente em Sakori como em qualquer outro lugar e que seria melhor permanecerem lá.

Os que estão habituados com as *lilas* de Shirdi Sai Baba e também com as de Sri Sathya Sai Baba podem perceber certas diferenças no estilo, na linguagem e na técnica, mas, como foi mencionado pelo *yogi* Suddhananda Bharathiar de Madras, que viu e foi inspirado pelos dois Babas, “existe uma identidade inconfundível de missão e mensagem”. O próprio Sathya Sai Baba diz que não é mais tão rigoroso ou tão zangado com a ignorância, negligência, desobediência ou arrogância como era em Sua manifestação prévia. Ele explica essa diferença através de uma parábola: “A mãe é geralmente dura quando os filhos entram na cozinha e atrapalham o serviço, mas, ao servir os alimentos, ela é toda sorrisos e paciência. Estou distribuindo agora os pratos que cozinhei então; onde estiverem, se sentirem fome e se sentarem com um prato nas mãos, Eu os servirei e alimentarei até se saciarem!”

<sup>159</sup> Língua falada no estado do Maharashtra, onde se situa Shirdi.

<sup>160</sup> Upasini Baba por sua vez, foi um contemporâneo e discípulo de Shirdi Baba.

<sup>161</sup> Tipo de oferenda constituído por um vaso de bronze cheio de água, enfeitado com fitas e folhas de mangueira, coberto com um coco.

As pessoas que leram a descrição da elaborada procissão que acontecia uma vez por semana para o *Chavadi*<sup>162</sup> de Shirdi Baba e que se empolgam com a grandiosidade do aparato, a carruagem, o cavalo paramentado, a liteira decorada e outros componentes, podem se sentir tristes porque Sai Baba não permite que os devotos utilizem tanta pompa com Ele! Os que leram a descrição da precária prancha pendurada onde Shirdi Baba dormia freqüentemente podem dizer que Sathya Sai Baba não adota esse tipo de austeridade.

Falando sobre as dificuldades que naturalmente vivemos para acreditar na identidade dos dois Babas, Sathya Sai Baba revelou o seguinte em uma reunião no All Índia Sai Samaj, em Madras, no mês de janeiro de 1959: “Os *Avatares* de Sri Rama e Sri Krishna se diferem nos vários incidentes de suas carreiras terrenas. Eles também enfatizaram aspectos diferentes de comportamento ético e crença filosófica, diferiram nos métodos de ensino e elevação, mas todas são diferenças na ênfase e não nos aspectos básicos. É difícil se convencer de que Sri Rama é Sri Krishna, porém poucos têm dúvidas sobre isso. Então, aqueles que conseguem mergulhar fundo nesses mistérios podem compreender que o mesmo Poder assumiu agora outra forma humana”.

Aqueles que possuem um conhecimento fluente das *lilas*, dos milagres, da onisciência e da onipresença de Shirdi Sai, de Seus ensinamentos, Seu amor universal, etc., podem, ficando somente alguns dias na presença sagrada de Sri Sathya Sai Baba, se convencer da identidade dos dois *Avatares*. O próprio Baba se refere constantemente ao *Avatar* anterior; todas as canções e hinos utilizados em Nilayam proclamam isso. Há uma similaridade inconfundível na fala, no estilo, na atitude, na aparência e nos ensinamentos.

Sua Santidade Gayatri Swami (discípulo de H.H. Narasimhabharathi Swami, Sankaracharya de Sringeri Pitam<sup>163</sup> e companheiro de Swami Amritananda, citado nas páginas anteriores) veio recentemente a Prasanthi Nilayam. Ele passou um ano com Shirdi Sai Baba, em 1906, e costumava visitá-lo com freqüência desde então. Contou-nos histórias que nos fizeram lembrar do milagre do “Não Atire”<sup>164</sup> ou do milagre de *Jodi Adipalli Somappa*<sup>165</sup>, acrescentando muitos episódios da Encarnação de Shirdi que bem poderiam estar relacionadas com a manifestação atual. Até algumas brincadeiras se repetiam! Na noite anterior à sua partida de Puttaparthi, parece que teve uma visão do seu Guru (ou seja, Shirdi Baba) na qual Ele lhe dizia que deixara o túmulo após oito anos e que levara consigo todas as “propriedades”, quinze anos mais tarde. Na manhã seguinte, Gayatri Swami ficou surpreso ao ouvir de nós que Sathya Sai Baba nascera em 1926, oito anos após a morte de Shirdi Baba, que assumira o nome “Baba” e manifestara todos os poderes associados a Shirdi Baba no seu décimo quinto ano de vida! O nome e os poderes, disse Gayatri Swami, devem ter sido o que o Guru chamou de “propriedades”. Então ele foi embora muito feliz, pois recebera uma “entrevista interior” e não se importava de não ter tido uma “entrevista”. Era uma alma infantil e simples que nos fazia lembrar de Swami Amritananda.

O *yogi* Suddhananda Bharathiar<sup>166</sup> conta que, quando visitou Shirdi junto com Lokamanya Balagangadhara Tilak<sup>167</sup> e Karandikar, Sai Baba lhes disse que a *Svarajya* (a Independência conquistada pelas armas) não tinha validade, porque o que é conquistado pela força será perdido pela força. Aconselhou que a *Svarajya* fosse ganha através do progresso espiritual e do amor, e para o progresso e o amor. Sathya Sai Baba também dá ênfase, em primeiro lugar, ao Amor baseado na solidariedade e na compreensão.

Mesmo antes das duas grandes guerras, uma civilização amante do prazer e socialmente irresponsável já se transformava em um pesadelo de medo e ansiedade. “Entre as duas guerras, o pesadelo aumentou. Em reação a ele, houve um afastamento generalizado do individualismo e um anseio por uma comunidade verdadeira. Isso produziu o movimento do socialismo democrático, mas também a sua perversão: o totalitarismo. Tanto o individualismo comercial quanto o tribalismo bárbaro surgidos em oposição a ele foram, de diferentes maneiras, lições objetivas do pavor de um mundo desorientado, afastado dos valores tradicionais!” Foi isso que Olaf Stapledon escreveu sobre a Europa e o Ocidente. Mas essa doença afetou a Índia e outras partes do mundo também, pois este se tornava rapidamente um só.

Houve outra razão para o *Avatar* de Shirdi Baba. Vamos deixar que Stapledon fale sobre essa necessidade. “A própria indagação científica parece estar produzindo uma evidência importante de que as suposições sobre as quais a sabedoria moderna tem se baseado são falsas! Existe uma forte evidência da telepatia e, também, da pré-cognição e da pós-cognição. Parece que os eventos futuros podem afetar a consciência enquanto ainda são futuros e, sob o

<sup>162</sup> Prédio pequeno, de dois cômodos, vizinho à Mesquita de Dwarakamayi. Shirdi Baba costumava dormir ora nesse prédio, ora na mesquita. Hoje é um local de peregrinação em Shirdi, onde se pode ver alguns pertences do Baba de Shirdi, inclusive a prancha de madeira citada no texto.

<sup>163</sup> O título significa que o Narasimhabharathi Swami era o presidente do monastério da cidade de Sringeri, no Sul da Índia, um dos quatro *Pitam* fundados por Sri Shankara para o ensino da Vedanta.

<sup>164</sup> Episódio narrado no capítulo “Do Cabo até Kilanmarg”.

<sup>165</sup> Nesse episódio, Baba surge diante de um devoto cuja filha de dois anos apresentou um quadro de asfixia aguda durante uma viagem. Ele personificou três indivíduos, um deles o curador que se oferece para salvar a menina e os outros dois, para convencer o angustiado pai! Quando este perguntou o nome do salvador de sua filha, Baba respondeu com o termo *Jodi Adipalli Somappa*, que, mais tarde Ele mesmo traduziu, e que significa: Shiva e Parvati (*Somappa*), que vivem *juntos (Jodi)* no *Paraíso (Adipalli)* – a “cidade primordial”.

<sup>166</sup> Famoso poeta indiano que viveu até a década de 1930.

<sup>167</sup> Considerado o primeiro líder popular do movimento de independência da Índia, morreu em 1920. Defendia uma postura radical de repulsa ao domínio britânico e de adoção de uma educação indiana nacionalista e clássica. *Karandikar* também foi um revolucionário, membro de uma associação pró-Índia fundada na Alemanha por outro destacado líder intelectual da *Svarajya*: *Virendranath Chattopadhyaya*.

ponto de vista ortodoxo, inexistentes! O mesmo acontece com os eventos passados. Tudo isso parece uma insensatez para nossas suposições familiares sobre o tempo e as limitações temporais da mente. Para enfrentar a pré-cognição, a pós-cognição e até a telepatia simultânea, a sabedoria moderna terá que ser transformada”. Tanto Shirdi Baba quanto Sathya Sai Baba têm feito exatamente isso, enfatizando os valores tradicionais e transformando a “sabedoria moderna” ao nos familiarizarem com o milagre da pré-cognição, telepatia simultânea, multilocação e vários outros não mencionados, para grande confusão dos eruditos da ciência. Isso prova ao homem que nele existe um Deus que lhe sussurra mistérios, o tempo todo.

O propósito dos dois *Avatares Sai* é o mesmo. Simplesmente, a necessidade de transformar a “sabedoria moderna” tornou-se agora mais iminente. A ênfase, então, que se voltava mais para a comunidade, agora é sobre o indivíduo. Antes mais voltada para a Ação, agora é para a Devoção. Antes a mensagem era passada a poucos escolhidos, agora todos são bem-vindos a ela, que é levada até mesmo às portas dos necessitados.

Uma pessoa familiarizada com detalhes das *lilas* de Sri Sathya Sai Baba, ao ler, por exemplo, o *Sai Satcharita* escrito em inglês por Sri N.V. Gunaji, baseado no livro escrito em Marathi por Hemadpant, se lembrará, a cada página, da continuidade e da semelhança da manifestação atual e da anterior. Encontrará ecos do que ouviu o próprio Baba falar e viu o próprio Baba fazer. Terá que esfregar os olhos para saber se o livro que tem à mão é sobre Sathya Sai Baba ou Shirdi Sai!

O livro lhe dirá que Shirdi Sai costumava encorajar e estimular aqueles que O procuravam, dizendo: “Estejam onde estiverem, façam o que fizerem, saibam que sei de tudo. Sou o regente interno de todos. Estou sentado em seus corações”. “Embora esteja aqui em corpo, mesmo assim sei o que fazem além dos sete mares. Onde quer que estejam neste mundo imenso, Eu estarei com vocês”. Sathya Sai Baba já disse a mesma coisa inúmeras vezes. Enquanto os devotos discutiam, em Prasanthi Nilayam, onde ficariam em Courtallam, no caminho de Trivandrum para Surandai, Baba disse: “Esperem, Eu lhes direi”. E, no momento seguinte, começou a dar uma descrição detalhada de Travancore House: o número de quartos, o tipo de plantas do jardim, a altura do muro, a localização do telefone no salão, etc. Eu anotava e Ele ditou mais alguns itens, incluindo duas buganvílias, uma de cada lado do pórtico. Via tudo aquilo ali, em Nilayam! Quando chegamos a Travancore House, a lista foi conferida e, naturalmente, estava certa, nos mínimos detalhes, até em relação a uma roseira esquecida na garagem!

Ele tem provado a Seus devotos que está sempre com eles e que sabe tudo que pensam ou falam. Quando, há alguns anos, um devoto chegou a Puttaparthi, Baba lhe disse que seus ouvidos dóiam devido aos *bhajans* em sua casa. A razão, disse Ele, era “um vizinho que chegara e participara do coro, embora sua voz não fosse afinada; ele não sabia ajustar o tom e o ritmo de sua voz ao tom e ao ritmo dos demais”. Aquela referência à dor de ouvido foi uma brincadeira, mas como Ele poderia saber sobre a voz dissonante se não a tivesse ouvido?

Baba surpreende as pessoas ao falar dos pensamentos mais íntimos que têm e dos atos mais secretos que realizam. Um Inspetor Geral de Polícia que aguardava na fila do lado de fora da sala de entrevistas falou a um amigo, em tom desafiador: “Há um incidente em minha vida que, se Ele me revelar, eu tiro meu chapéu para Ele!” Quando chegou sua vez e a entrevista terminou, ele saiu da sala cheio de alegria e satisfação anunciando: “Ele sabe tudo, de A a Z, oficial e não-oficial”. Ele lê as pessoas como se fossem livros abertos. Quando um devoto chegou à Sua presença e ofereceu artigos comprados para outra pessoa, mas que depois foram considerados valiosos o suficiente para serem levados a Puttaparthi, Ele imediatamente disse: “Não! Nada de artigos roubados”, polidamente demonstrando Seu desagrado.

Com freqüência, Baba diz às pessoas que iniciam uma viagem ou peregrinação: “Comprem três passagens para os quatro que viajam”, querendo dizer que irá com eles, embora Seu corpo físico permaneça em Puttaparthi. Uma vez Ele salvou um piloto do suicídio na Cachemira. Isso foi há doze anos e os fatos foram confirmados pelos que testemunharam o “transe”. Baba ficou fora do corpo por cerca de doze horas e disse aos que estavam reunidos em torno Dele que não somente quebrou a xícara fatal que estava na mão do piloto, como entrou na corte onde o caso contra ele estava sendo julgado, fazendo com que um dos juizes militares levantasse uma objeção que praticamente acabou com a denúncia e forçou a corte a chegar ao veredito de “inocente”. O piloto, disse Baba, era um ardente devoto de Shirdi Baba e estava sendo injustamente acusado de fraudar recursos públicos.

O Sr. Gunaji escreve o seguinte sobre Shirdi Baba: “Shirdi era Seu centro, mas Seu campo de ação estendia-se bem além: Bombaim e Calcutá, o Norte da Índia, Gujarat, Deccan e o Sul de Kanara” (p.53). O mesmo vale para a manifestação de Sathya Sai; devotos que foram para a Inglaterra, França, Canadá, Japão e Alemanha sentem Sua mão protetora nesses lugares. O casal G.V., por exemplo, foi para a Europa planejando assistir à cerimônia de coroação da Rainha Elizabeth II. Faziam compras em Paris quando descobriram, com grande pesar, que tinham perdido o talão de cheques de viagem. Não conseguiram encontrá-lo, apesar de procurarem desesperadamente, até em locais totalmente improváveis. Ficaram abatidos pela tristeza ao perceberem a vergonha e o desapontamento que os aguardava em terra estranha. Voltaram-se para Baba, como faziam sempre que estavam em aflição. E Baba ouviu seu lamento pungente, embora estivessem a quilômetros de distância. No dia seguinte, quando abriram uma bolsa, procurando outra coisa, ficaram surpresos ao descobrir dentro dela o talão intacto!

Dois dos colegas de infância de Baba entraram para o exército e ficaram presos pelas chamas de um incêndio em um tanque de petróleo. (Baba disse que o acidente ocorreu em algum ponto da fronteira noroeste, e esse fato foi confirmado alguns anos depois, quando os rapazes chegaram em casa, após o fim das hostilidades). Em Puttapparthi, Baba deixou imediatamente Seu corpo e foi até o local, evitando que o fogo se espalhasse até a tenda onde os rapazes estavam, embora as chamas envolvessem toda a área.

Sai Satcharita conta o seguinte: "Goulibhava, de 95 anos, que fez sua peregrinação a Pandharpur, viu Shirdi Baba como Vithoba<sup>168</sup> e exclamou: 'Este é Panduranga Vittal encarnado, o Senhor Misericordioso dos pobres e desvalidos'. No ano passado, uma família de devotos foi a Shirdi e dali seguiram para Pandharpur, mas, devido às pesadas chuvas e às inundações, e ao conseqüente cancelamento dos trens, não conseguiram continuar. Foram para Puttapparthi e, enquanto Baba conversava com eles antes de partirem, perguntou ao pai e mãe do grupo: "Vocês não puderam ver Panduranga, não foi? Estão muito tristes porque a peregrinação teve que ser interrompida. Bem, se desejam ter um *darshan* de Panduranga, olhem para Mim". Eles olharam e se encheram de alegria, pois o próprio Baba tinha se tornado Panduranga, para sua satisfação. Conta-se que Shirdi Sai Baba assumia a forma de Rama, Krishna, Shiva e Maruthi, Deus do Vento. O Satcharita cita o exemplo de um médico que, quando foi a Shirdi Sai Baba, "viu Rama, a sua divindade adorada, sentado diante dele". Sathya Sai Baba tem, como os devotos bem sabem, proporcionado visões Dele mesmo como Rama, Krishna e Kamakshi, uma das formas da Mãe Divina. Talvez a experiência de Swami Amritananda em Puttapparthi tenha sido um exemplo valioso desse aspecto da Divindade de Baba.

Assim que Swami Amritananda chegou a Prasanthi Nilayam, Baba o saudou: "*Amrita!*" Ele ficou realmente surpreso com a familiaridade e o afeto que havia no cumprimento e disse: "Somente Ramana Maharshi, com quem passei 17 anos, me chamava assim, e a voz e o jeito eram exatamente os mesmos de Maharshi!" Isso foi um verdadeiro milagre.

Mais tarde, Baba perguntou ao Swami de 85 anos sobre um *Ganapathi Homam*<sup>169</sup> que ele havia realizado por 41 dias, quando tinha sete anos! Ele contou ao Swami todos os detalhes daquele *Homam*, inclusive o longo e envolvente *mantra* com o qual as oferendas foram colocadas no fogo, uma de cada vez. O *mantra*, como revelado por Baba, começava assim: "*Om Srim Hrim Klim Gloum Gam*". Baba disse que ele repetira esse *mantra* mil vezes por dia, por quarenta e um dias, e fez o mesmo número de oferendas de cocos ao fogo do sagrado *homa*. Mas "qual é a recompensa prometida nos Shastras?" Baba perguntou ao velho asceta. Ele disse que os Shastras declaram que, se o *homa* é feito com total respeito ao ritual, o próprio Ganapathi aparecerá na *homakunda*, fogueira cerimonial, como o Deus dourado e brilhante, com Cabeça de Elefante e com Sua tromba receberá as oferendas e concederá bem-aventurança permanente por meio do *darshan*. Baba lhe perguntou se havia tido o *darshan*. Amritananda respondeu que não é fácil para um garoto de sete anos obter o *darshan* do Senhor, simplesmente pela quantidade de oferendas e *mantras*. Porém, Baba o interrompeu e disse: "Não, não. É devido àquele *japa* e àquele *homa* que você está aqui agora. Você terá hoje, após um intervalo de setenta e oito anos, a recompensa mencionada nos Shastras". Então, pediu ao Swami para olhar para Ele, e Amritananda viu o Elefante Dourado, o Ganapathi descrito nos textos antigos. Ele ficou fora de si por quatro dias após esse *darshan*, recusando alimento, bebida e sono, imerso nessa Bem-aventurança recebida.

Hemadpant afirmou que Shirdi Baba, "o famoso médico dos médicos, não cuidava de Seus interesses e sempre trabalhou pelo bem-estar dos outros, Ele mesmo sofrendo, várias vezes durante o processo, dor terrível e insuportável". Isso também é verdade nesta manifestação de Shirdi Sai, pois Sathya Sai Baba já assumiu para Si mesmo caxumba, tifo, febre, dores de parto e queimaduras de Seus devotos.

"De repente, Meus ouvidos começaram a sangrar profusamente, causando dor. Sofri muito o dia inteiro, mas a dor e o sangramento desapareceram milagrosamente", escreveu um médico que vivia próximo a Madurai. A carta chegou a mim no exato momento em que o próprio Baba se "livrou" de um pequeno sangramento e dor de ouvido que Ele disse "ter assumido" para Si, de um devoto que estava sofrendo.

Em 21 de junho de 1959, por volta das 13 horas, a temperatura de Baba subiu de repente para 40,2°C, mas a preocupação dos devotos diminuiu consideravelmente quando, cinco minutos depois, o termômetro registrou uma queda para 37°C! Ninguém soube a causa daquela febre súbita nem da queda igualmente repentina de temperatura até às 21h30 horas daquele dia. Durante o jantar, naquela noite, sentado no terraço sob a luz da lua, Baba perguntou a um jovem de Madras que também jantava com Ele: "Quando encontrar sua mãe amanhã, diga-lhe para ter mais cuidado com o fogo; garanta para ela que Baba estará sempre com ela e que ela nunca se machucará". Isso naturalmente despertou a curiosidade de todos e, quando Baba disse que o *sari* da senhora pegara fogo naquela

<sup>168</sup> Vithoba é o Senhor Krishna, representado de pé sobre um tijolo. Pandharpur é uma cidade que foi fundada em torno do local onde, durante sua existência terrestre, Krishna teve de aguardar para receber as reverências de um devoto, sobre o tijolo que este lhe oferecera, até que o devoto terminasse de cuidar de seus pais idosos. Krishna, em lugar de se irritar, abençoou o homem por sua dedicação filial e esse episódio é recordado até hoje por milhões de peregrinos que empreendem uma viagem anual à cidade onde está o ídolo do Senhor Panduranga Vittal.

<sup>169</sup> Ritual de oferendas ao fogo (*homam*), realizados para Ganesha ou Ganapathi, forma de Deus com rosto de elefante, capaz de remover os obstáculos.

manhã enquanto rezava, na sala de orações de sua casa, onde havia várias lamparinas no chão, alguém teve a idéia de dar um telefonema. A senhora atendeu ao telefone e deu maiores detalhes do acidente. Quando Baba falou com ela, sua primeira pergunta foi se as Mãos Dele tinham se queimado durante o processo de extinguir as chamas, pois ela conhecia esses casos de Sua misericórdia. Baba respondeu: “Oh, não. Não queimei Minhas mãos. Tive apenas uma elevação na temperatura, por pouco tempo!”

Essa tinha sido a causa da elevação e queda súbitas da temperatura – o contato com as chamas na sala de orações de uma casa em Madras, a 360 quilômetros de distância! Certa vez, Shirdi Baba teve o braço chamuscado ao salvar uma criança do fogo. O acidente aconteceu a quilômetros de distância, mas Shirdi Baba disse: “A criança escorregou e caiu na fogueira. Imediatamente estendi Minha mão e a salvei. Não me importo de ter queimado o braço; estou contente porque a vida da criança foi salva”. As *lilas* são as mesmas em ambas as manifestações.

O Sat Charita relata vários casos de doenças que foram curadas por Shirdi Baba com uma mera ordem como: “Não purgue mais”, “O vômito deve parar”, “Sua diarreia acabou”, “Não suba, oh!, veneno de cobra”, etc. Agora novamente, Sathya Sai Baba continua com os mesmos milagres e curas de doenças renitentes, somente através da Sua Vontade (*sankalpa*). Um velho negociante de Kuppam, dado como “morto”, foi velado por dois dias porque Baba não autorizou os procedimentos para o enterro do corpo. No terceiro dia, Baba ordenou que ele se levantasse (...) e ele obedeceu! Houve um jovem de Salem que estava sofrendo de diarreia aguda; Baba deu a ordem: “Não purgue mais”, e a purgação parou! Existe o caso da jovem cuja visão era tão deficiente que andava pela casa apalpando as paredes com uma das mãos. Não suportava a luz do sol, que queimava seus olhos e provocava uma grande dor de cabeça. Tinha que permanecer dentro de casa, em um quarto escuro, a maior parte do dia. Havia consultado todos os oftalmologistas conhecidos em Mysore, Madras e Bombaim. Passava seus dias em Puttaparthi orando e meditando. Finalmente, um dia Baba disse que ela podia voltar para casa e que tudo ficaria bem com seus olhos. Mas, se houvesse algum problema, “use esse remédio, só algumas gotas”, disse Ele, dando a ela um frasco com um colírio que “materializou” com um movimento da Mão. Ela foi para casa e... mal pôde acreditar; seus olhos estavam perfeitos, em todos os sentidos! Ele ordenara e a ordem foi seguida por seu sistema ocular! Aquilo que Sai Satcharita diz de Shirdi Baba também é verdade, palavra por palavra, no caso desta Manifestação atual. “Ele se tornou famoso como um *hakim*<sup>170</sup>; alguns cegos recuperam a visão sem que nenhum sumo ou remédio fosse colocado em seus olhos”.

O Sat Charita conta que Shirdi Baba costumava dizer: “Eu sou a Mãe, a origem de todos os seres, a harmonia dos três *gunas*, o propulsor de todas as cenas, o Criador, o Preservador e o Destruidor”. (p.13) “Tinha firme convicção de que era o Senhor Vasudeva<sup>171</sup>”. Baba também tem anunciado muitas vezes que Ele veio para salvar o Mundo e que é o próprio Senhor. Este autor teve o primeiro vislumbre dessa declaração, profundamente verdadeira, há cerca de nove anos. Na noite anterior, a morte tinha levado o marido de Venkamma, a “irmã” de Baba. Ele era também o irmão mais moço de Eswarama, a “mãe”. A morte fora repentina e toda a família, assim como toda a aldeia, estava mergulhada em tristeza.

Sem saber da calamidade, cheguei a Puttaparthi algumas horas após o enterro. Encontrei Baba sentado no muro baixo, no lado Norte do pórtico frontal, diante da estrada que conduz para dentro de Prasanthi Nilayam. A “irmã”, consternada, chorava pateticamente dentro de um dos quartos e seu filho pequeno estava com a avó. Havia um semicírculo de pesar defronte de Baba, o pai, a mãe, a irmã, os irmãos e outras pessoas, todos imersos em inconsolável tristeza. Caminhei lentamente na direção de Baba e as lágrimas caíram de meus olhos quando vi o desalento. Baba me cumprimentou com um sorriso e, ralhando alegremente comigo, disse: “O quê, Kasturi?! Se não houver morte nem nascimento, como passarei Meu tempo?” Ouvi aquelas palavras, as autênticas palavras de um *Avatar* (...) “Seu modo de passar o tempo, Seu Brinquedo Divino, o Divino Mestre das Marionetes, o Criador, o Preservador, o Destruidor, o próprio Senhor” (...) Não posso me permitir esquecer ou ignorar aquela Declaração, aquele sorriso, aquela brincadeira. *Samsayatma Vinasyathi*<sup>172</sup>, o Senhor, nos avisou, muito tempo atrás.

Shirdi Baba também controlava os elementos. “Certa vez, havia o iminente perigo de uma terrível tempestade. O céu estava carregado; as chuvas caíram e as águas inundaram as ruas. Os aldeões em pânico correram até Baba, em busca de ajuda. E Baba disse à tempestade: ‘Pare com sua fúria e se acalme’. E tudo ficou calmo em Shirdi”. Este relato está no Sat Charita. “Certa vez, Ele também ordenou que um incêndio diminuísse e se acalmasse, no que foi instantaneamente obedecido”.

Muitos casos como esses também estão guardados na memória dos devotos de Sathya Sai Baba, pois nada mais são do que a continuação da mesma *lila* Divina. “Temos, por exemplo, a forte chuva que foi evitada”, escreve Sri Challa Appa Rao. “Ela ocorreu quando Ele era levado em procissão na noite de Vijayadasami. Estava sentado em uma carruagem ricamente decorada. No momento em que a procissão começou, o céu estava escuro e pesado com as nuvens da tempestade. Havia trovões ensurdecedores e relâmpagos ameaçadores. Verdadeiramente, um belo espetáculo! A procissão levou mais de três horas para retornar ao *mandir*. Ainda assim, não choveu. Baba desceu da

<sup>170</sup> Médico ou sábio, em árabe.

<sup>171</sup> Manifestação Divina. Nome do pai terrestre de Krishna e usado como referência ao próprio Krishna. Também significa “indivíduo puro”.

<sup>172</sup> Palavras de Krishna, na Bhagavad Gita: “aquele que duvidar, perecerá”.

carruagem, subiu para seus aposentos e nós fomos para os nossos. Então, começou a chover! Na verdade, choveu muito. Quem mais senão o próprio Deus para reter a tempestade por tanto tempo?”

Era uma tarde nublada de junho, quando Baba falava em um encontro ao ar livre, em Mercara. O céu estava carregado e o ribombar dos trovões de uma chuva que se aproximava podiam ser ouvidos não muito distantes. Na verdade, a chuva caía sobre as colinas no horizonte e se aproximava devagar, chegando a Mahadevpet, a 800 metros de distância. Baba falou calma e mansamente, mantendo a audiência atenta por uma hora e meia. No final, disse: “Agora podem ir para casa, pois daqui a dez minutos chegará a chuva, que já deveria ter caído sobre vocês”. E, para espanto de todos, a chuva chegou, conforme anunciado, precisamente dez minutos depois!

O Rio Chithravathi, em Puttaparthi, sofre enchentes repentinas, pois nasce nas Colinas Nandi. As chuvas pesadas naquela região do Estado de Mysore fazem as águas subir ao longo de todo o percurso, de muitos quilômetros. Prasanthi Nilayam foi construída em uma elevação fora da aldeia para evitar essas enchentes periódicas que às vezes invadem o velho *mandir*, entrando no galpão das orações, cozinhas e toda área ao redor. Em várias ocasiões como essas, Baba punha Seu pé na margem onde a água chegava e dizia: “Ganga! Basta, volte!”, e as águas não subiam mais. Alguns anos atrás, durante o Navaratri, quando os pobres eram alimentados, choveu em toda a volta do Nilayam, mas nenhuma gota caiu nos recintos onde estavam as pessoas recebendo os alimentos!

Há dois anos, Baba estava no Distrito Leste de Godavari, tendo atravessado para Rajahmundry no último barco que a polícia permitiu que enfrentasse as torrentes raivosas do rio caudaloso. Tudo estava molhado e enlameado e um vento frio soprava uma garoa gelada que caía há vinte e quatro horas. Em Mirthipadu, a cerca de quinze quilômetros de Rajahmundry, Baba se dirigiu a um encontro de aldeões no terraço aberto de um bangalô. À volta, podiam-se ver os grandes lençóis de água formados pela enchente do Godavari e a cortina de chuva avançando de todas as direções para Mirthipadu. Mas a chuva não conseguiu penetrar o guarda-chuva invisível, aberto sobre a aldeia, e não perturbou o encontro, que prosseguiu sem alterações, noite adentro. Foi Baba novamente quem quis que a chuva não avançasse.

Vamos voltar a Sai Satcharita: “Baba curou Bhimaji Patel com dois sonhos”. (p.74) “Ele deu instruções a várias pessoas em sonhos. Para um alcoólatra, Ele apareceu e se sentou sobre o peito do enfermo, pressionando-o até que promettesse não mais tocar em álcool. Para outros, explicou *mantras* como Guru Brahma<sup>173</sup> em sonhos”. (p.104) Também neste corpo, Baba “operou” vários pacientes sofrendores durante seus sonhos. Thirumala Rao, de Bangalore, teve uma experiência dessas e, ao despertar, a cama estava ensopada de sangue e a dor desaparecera. Aquilo que sonhara realmente acontecera. Baba, o Cirurgião, o abençoara. Os sonhos são um meio importante de comunicação entre Baba e os devotos. Baba decide aconselhar, ensinar, instruir, tratar ou “operar” durante o sonho de um devoto que Ele próprio encena e executa, e Seu *sankalpa* se realiza. Sathya Sai Baba iniciou vários devotos em *mantras*, durante sonhos, onde concede *darshan* e transmite a fórmula sagrada ao aspirante merecedor e, mais tarde, quando vêm a Puttaparthi, Ele lhes fala sobre os processos do *japa* e as condições para uma prática espiritual bem-sucedida.

Assim como Shirdi Baba, que se sentou no peito de um alcoólatra e o forçou a prometer que não beberia mais (em sonho, naturalmente), Baba também “bateu” no genro intransigente de um de Seus devotos, enquanto ele dormia sozinho no vagão de primeira classe de um trem! O homem saltou assim que o trem parou em uma estação e uma multidão pode ver as marcas dos dedos em ambas as faces! Um paciente insano no hospital em Puttaparthi também “apanhou” *in absentia* de Baba, e os médicos reunidos em torno de sua cama testemunharam o homem gemer a cada tapa, berrar que se comportaria melhor e implorar a Baba que parasse de bater nele, encantando-se com a misteriosa maneira de Baba curar o paciente de seu vocabulário chulo. Após esse tratamento e o sofrimento da dor física real, o paciente não mais usou seu linguajar grosseiro e passou a sempre cantar *bhajans*. Aqui também podemos constatar a continuidade e a identificação.

Na página 167 do Sat Charita há o caso de um menino de Punjab que viu Baba em um sonho, ordenando-lhe que fosse a Shirdi. Ele não sabia quem era Baba e onde ficava Shirdi, mas, por sorte, viu um retrato de Baba em uma loja e conseguiu, após várias aventuras, chegar a Shirdi. Podem-se recordar vários casos, exatamente da mesma natureza, em relação a este *Avatar*. O diretor de uma universidade no sul da Índia ficou surpreso quando o filho, que sofria de um grave problema cardíaco, disse um dia que tinha sonhado com um lugar chamado Puttaparthi, onde poderia ficar curado. Ele fez perguntas, consultou a tabela dos trens de todas as regiões, conseguiu uma cópia do mapa nos correios e ficou surpreso ao descobrir que existia uma aldeia com esse nome e que lá havia uma agência postal. Indagações posteriores lhe forneceram notícias de que Sri Sathya Sai Baba estava lá e que poderia, através de Sua vontade, curar todos os males!

---

<sup>173</sup> Referência provável a um conhecido *mantra* que declara que o *Guru* ou Mestre Espiritual equivale a Deus, para o seu discípulo.



A maneira como Baba chamou a Si a grande devota de Sri Thyagarajaswami, Bangalore Nagarathnamma, é uma história interessante. Em 1951, o rajá de Venkatagiri ficou surpreso ao receber uma carta dela. Eis a carta<sup>174</sup>: “Grande Príncipe! Meu Protetor Espiritual, Sri Thyagaraja, me concedeu uma visão luminosa de si mesmo em um sonho e me mandou visitar Venkatagiri, para ser abençoada pela visão do Senhor que veio à Terra e que logo chegará a Venkatagiri, em sua viagem. Meu Senhor me disse que Deus assumiu o nome de Sri Sathya Sai. Devo ir a Venkatagiri assim que receber sua resposta”. Celebrava-se o Nascimento de Krishna quando ela encontrou Baba, atendendo ao Seu chamado. Baba lhe concedeu a oportunidade de cantar Thyagaraja krithis<sup>175</sup>, por duas horas, em Sua presença. Ele também a abençoou com uma imagem de Sri Rama, materializada para ela. Após receber a imagem, ela ficou em transe por mais de 24 horas! Ficou feliz por Baba lhe conceder duas bênçãos: uma morte pacífica e a lembrança do Nome de Rama até o último momento de sua vida!

Centenas de pessoas vêm a Puttapparthi atraídas por chamados misteriosos. Por exemplo, temos o caso de Sukumara Menon, que foi “chamado” por telefone (!), pela Voz de Baba, para encontrá-Lo! Tratava-se de uma chamada que não foi registrada na linha telefônica e que soou em seu quarto quando, na realidade, Baba estava em Bangalore, comemorando um casamento. Sukumara Menon me escreveu a respeito dessa chamada misteriosa e da conversa que teve com Baba. Quando mencionaram o caso com Baba, Ele disse: “Você soube disso agora porque ele escreveu. Mas lembre-se de que isso é apenas uma milionésima parte de Meus Jogos Divinos!”

Na verdade, o que é mencionado na página 68 do Sai Satcharita pode ser considerado um relato correto do que acontece hoje em Puttapparthi. “Os devotos jamais podem se aproximar Dele a não ser que Ele se disponha a recebê-los. Ninguém pode ir até lá sem Seu consentimento. Ninguém fica mais tempo do que Ele deseje, e todos devem partir quando Baba permite”. Uma vez, quando se aproximava de Puttapparthi uma longa fila de carros de boi, vinda de Bukkapatnam e trazendo visitantes de vários lugares, Baba cantou com júbilo: “*Aya hai! Aya hai! Babaji Ka Karavan*” (“Vem! Vem! Caravana de Baba!”). Eu afirmei o seguinte: “As pessoas que vêm aqui voltam e contam tudo aos vizinhos, amigos e parentes e, por isso, o número aumenta”. Baba se voltou para mim e respondeu: “Não, ninguém vem a Mim sem que Eu chame, mesmo que uma centena de pessoas o convença, arraste ou o empurre”. Todos os que vêm a Puttapparthi saem com um pedido: “Ajude-me a voltar”; “Por favor, deixe-me voltar outra vez a este lugar”, pois sabem que, sem o Seu desejo expresso, ninguém consegue realizar a peregrinação. E, quando Ele diz “fique”, as pessoas ficam, mesmo que tenham que voltar para o escritório. Quando Ele diz “Vá!”, elas se vão, mesmo sem querer, pois, como os devotos aprenderam em Shirdi, quando seguem escrupulosamente as ordens de Baba, algum trabalho urgente os espera na volta.

Não há necessidade de multiplicar esses casos de semelhança de atitude, estilo, aconselhamento, comportamento e *lila* entre as duas manifestações. Os devotos de Sathya Sai Baba já O ouviram assegurar várias coisas:

*“Por que temer se Eu estou aqui?”*

*“Você olha para Mim, e Eu olho para você”*

*“Todos os seus pecados são perdoados no momento que tem o Meu darshan”*

*“Eu assumirei todos os seus fardos”*

*“Tome, tome o máximo de bem-aventurança (ananda) de Mim que puder e deixe comigo todas as suas tristezas”*

*Essas declarações foram feitas a várias almas afortunadas, em termos idênticos, por Shirdi Sai Baba, como testemunham os registros da época.*

*“Não necessito nenhuma parafernália para adoração, seja em número de oito ou dezesseis”<sup>176</sup>”*

*“Eu sempre estarei lá, onde houver total devoção”*

*“Meu tesouro real está sempre cheio e transbordante; Eu digo, cavem, encham carroças e levem toda essa riqueza; esta oportunidade não voltará!”*

*“Que não haja insistência em estabelecer seu próprio ponto de vista e nenhuma tentativa de negar as opiniões do outro”*

*“Nada causará dano àquele que dirige sua atenção para Mim”*

*“Evitem a companhia dos ateístas, dos irreligiosos e dos malvados; sejam dóceis e humildes com todos”*

<sup>174</sup> “Mahaprabhu! Meu Ishtadevatha, Sri Thyagaraja, me concedeu o *darshana bhagyam* em um sonho e me mandou ir a Venkatagiri para ser abençoada pelo *darshan* de Bhagavan que veio a Bhuloka e que logo chegará a Venkatagiri, em Seu *sancharam*. Meu Senhor me disse que Bhagavan assumiu o nome de Sri Sathya Sai. Devo ir a Venkatagiri assim que receber sua resposta”.

<sup>175</sup> Poemas devocionais do santo, considerado um dos pais da música indiana.

<sup>176</sup> Provável referência a fórmulas litúrgicas em que o número e tipo de oferendas são especificados e oferecidos em determinada ordem, como, por exemplo: guirlandas, incenso, óleo, água, ervas, etc.

*“Vejam a Mim em todos os seres, todos os insetos, formigas; o mundo, visível, móvel e imóvel, é Meu corpo e forma”*

*“Meu tesouro está cheio e posso dar a qualquer um o que ele desejar, mas devo verificar se ele está qualificado para receber o que Eu dou”*

*“Olhe para Mim com sinceridade e Eu olharei para você da mesma forma”*

*“É preciso meditação para a realização do Ser; se tornar sua prática constante, os impulsos serão pacificados”*

*“Dê água aos que têm sede, pão aos que têm fome e sua varanda aos desconhecidos, para que se sentem e repousem”*

*“Se estiver inclinado a dar, dê; se não estiver, não dê; mas não deve latir como um cão”*

*“Não preciso de porta para entrar; Eu moro em todos os lugares”*

*“A predileção por coisas ou o apego desonram a vestimenta cor de ocre<sup>177</sup>”*

*“A busca por Deus não deve ser feita de estômago vazio”*

*“Deixe de lado seu orgulho e egoísmo; entregue-se a Mim que estou sentado em seu coração”.*

Essas expressões, retiradas do livro Sai Satcharita podem ser ouvidas na voz de Sathya Sai Baba todos os dias, durante Suas conversas com os devotos, pois a Missão e o mestre são os mesmos!

Novamente, o Satcharita diz que Shirdi Baba quis que certa pessoa abandonasse a fé cega em horóscopos e nas previsões de astrólogos e quiromantes, pois essa fé enfraquece o homem. Sathya Sai Baba também deu o mesmo conselho. Na verdade, existe o caso de um senhor *vaisya*<sup>178</sup> do antigo Estado de Hyderabad que sonhou que Baba tinha pedido a ele para estender a mão. Com uma faca pontuda, Baba traçou uma linha nela, a *bhagyarekha* (linha da sorte), como ele descobriu no dia seguinte, para sua surpresa e aflição. Para alguém que pode traçar uma nova linha na palma da mão, qual a necessidade de um quiromante? Para aquele que pode mudar o curso das estrelas, qual a vantagem da astrologia? Não é de se admirar que os dois Babas depreciem a fé estúpida do homem nesses absurdos, desconsiderando o Arquiteto do Destino de cada um, o próprio Baba!

Outras declarações contidas no Satcharita também podem ser totalmente aplicadas a Sri Sathya Sai Baba, como:

*“As pessoas O aborreciam ao trazer artigos caros, desnecessários e sem utilidade; toda a parafernália que compõe o complexo de Shirdi foi trazida por vários devotos ricos, atendendo a pedido ou sugestão de alguns outros”*

*“Baba jamais gostou que as pessoas assumissem dívidas para obter Seu darshan, celebrar um dia sagrado ou realizar uma peregrinação”*

*“Baba previa e aplacava os infortúnios dos Seus devotos e os afastava a tempo”*

*“Baba respeitava os sentimentos dos devotos e permitia que eles O adorassem como quisessessem”*

*“Baba era extremamente compreensivo, nunca se irritava, era direto, suave, tolerante e contente, acima de qualquer comparação”*

*“Baba lia e compreendia todos os pensamentos de Seus devotos; suprimia os maus pensamentos e encorajava os bons”.*

O Sai Satcharita afirma o seguinte: “Sai Baba conhecia todas as práticas *yogis*”. Swami Amritananda, companheiro de Bhagavan Ramana Maharshi em seu ascetismo, admitiu que Sathya Sai Baba conhecia a ciência *yogi* mais do que qualquer um com quem ele convivera, porque Ele explicou ao Swami as falhas cometidas durante seus exercícios *yogis*, realizados antes que Baba “nascesse” em Puttaparthi, que resultaram em uma asma crônica. Recentemente, Baba deu algumas lições bem práticas de ioga a um jovem francês que aderiu, com entusiasmo, à prática da Hatha Yoga, através de estudo em livros. Vários casos de prática mal direcionada da ioga chegam a Ele, todos os anos, em busca de tratamento e correção.

A frase seguinte do Sai Satcharita também poderia ter sido escrita em relação ao atual *Avatar*. “Para Ele, todos os deveres são semelhantes; Ele não conhece honra nem desonra”. Sathya Sai Baba cuida também dos mínimos detalhes das mais simples tarefas em Prasanthi Nilayam. Ele se senta ao chão, dorme sobre uma esteira, não hesita em caminhar sob sol ou chuva, escala descalço os Himalaias cobertos de neve, acomoda uma pequena multidão em Seu carro, apesar do aperto e da extensão da viagem, percorre longas distâncias sem comer nem beber e prefere os pratos dos pobres porque, como Ele diz: “Ninguém deve assumir despesas extras e problemas por Minha causa!”

<sup>177</sup> Veste típica do aspirante espiritual que assume a vida monástica na Índia.

<sup>178</sup> Pertencente à casta dos homens de negócios.

O livro diz, sobre o *Avatar* anterior:

“Baba leu o coração dele e falou abertamente”

“Baba já recebeu uma mensagem telegráfica”

“Com Seu toque, Baba converteu passas com sementes em outras sem sementes”

“Baba deu instruções a Seus devotos, tanto em assuntos espirituais quanto temporais”

“Baba não vê diferença entre castas nem entre os seres”

“Baba sempre amou aqueles que estudavam *Brahma Vidya*, ou Conhecimento sobre o Absoluto e sempre os encorajou”

“Baba detesta maledicências e diz que isso é como engolir esterco”

“Baba insistia que a remuneração pelo trabalho fosse paga prontamente e para a satisfação do trabalhador”

Todas essas frases parecem, para aqueles que conhecem, ouvem e seguem Sathya Sai Baba, como Suas e representativas de Seus próprios conselhos e atitudes.

Em 1958, quando foi interrogado por uma comissão, Sathya Sai Baba se referiu a um incidente similar em Seu nascimento anterior e deu as mesmas respostas. Quando perguntado qual o Seu nome, Ele disse: “Ele responde a qualquer um”. Disse que tudo era Ele, que vivera em todos os lugares e, com essas respostas, fez com que os eruditos da Lei o descrevessem como inescrutável, embora, para os adeptos do amor espiritual, fosse claro como cristal que eram pronunciamentos inconfundíveis de um *Avatar*.

A verdade é que é a mesma Presença, vinda novamente! Sathya Sai Baba disse uma vez que este corpo nasceu em Parthi, enquanto o anterior nascera em Pathri. Neste nascimento, também houve um muçulmano que O amou e cuidou como a um filho. Neste nascimento, ele também atraiu a atenção das pessoas para Si, ainda menino, revelando o paradeiro de um cavalo perdido em Uravakonda e existem muitas outras semelhanças. Todos encontrarão no atual *Avatar* a mesma solicitude maternal, a mesma simplicidade na exposição, a mesma profundidade de sabedoria, a mesma universalidade na aparência, o mesmo Amor que a todos conquista, a mesma onipresença e onipotência.

Sathya Sai Baba freqüentemente diz que “esteve em Shirdi” quando se encontra no que se pode chamar de “transe”. Em um dia de lua cheia, há uns quinze anos, Baba almoçava com um jovem de Madras, em Puttaparthi e a pessoa que servia os pratos não sabia que era um dia auspicioso para os devotos Sai. De repente, Baba “partiu em uma jornada” e, durante o período de inconsciência, ordenou: “Sirva-lhe *chapatis*<sup>179</sup>”, “Sirva *kheer*<sup>180</sup>” e mencionou nomes estranhos de outros doces e comidas. Quando “retornou”, a senhora reclamou: “Se Você me pede para servir a este jovem itens que não preparei, que nem conheço, o que posso fazer?” Baba se solidarizou com sua reclamação e disse que estivera em Shirdi e os nomes que mencionara eram de pratos típicos da região! Ele então “trouxe” um *chapati* e também algumas fatias de doces típicos e os deu ao jovem.

Quando voltou a Puttaparthi após a Declaração, isto é, como um menino de quinze anos, Ele “produziu” uma fruta que ninguém em Puttaparthi havia visto ou provado antes. A irmã de Peddavenkapa Raju diz que perguntou a Baba que tipo de fruta era e recebeu a resposta de que era de Shirdi! Baba se ofereceu para cortá-la e distribuir os pedaços durante os *bhajans* da noite, mas ela pediu que cada um recebesse pelo menos uma fruta inteira, para que o presente pudesse ser saboreado. Então, Baba lhe pediu para trazer uma cesta grande com tampa. Ele bateu somente uma vez na cesta e a senhora viu ela se encher de frutos. À noite, quando os *bhajans* começaram, ela viu cerca de uma centena de pessoas e teve receio novamente de não receber uma fruta inteira, pois a cesta não poderia conter mais de 30 ou 40! Disse a Baba que estava nervosa, mas Baba deu a cada uma das cem pessoas uma fruta inteira, após os *bhajans* daquele dia. E a fruta era tão desconhecida e tão doce!

Essa mesma senhora relata outro incidente milagroso. Ela aborrecia Baba para lhe conferir alguma visão que instilasse fé em seu coração, pois não queria desmerecer a história de Sai *Avatar* como se fosse uma invenção, uma atitude que vários na sua família achavam fácil admitir. Baba tinha uma predileção por essa senhora em particular porque ela era uma alma simples, banhada pelo sofrimento. Então disse a ela: “Eu lhe mostrarei Meu corpo anterior esta noite”.

Ela confessa que não conseguiu conter a alegria e orou por uma tarde mais curta e um rápido pôr-do-sol. Assim que a noite caiu, Baba a fez atravessar várias portas até chegar a um dos quartos mais internos da casa. Ao chegar ao mais afastado, Ele retirou Sua mão, que cobria os olhos dela, e pediu-lhe para olhar para um canto que apontou com o dedo. A senhora olhou. E ali estava, sentado no chão, Shirdi Sai Baba, em sua pose característica, mas, segundo ela, com olhos fechados e marcas de *vibhuti* na testa e nos braços. Varetas de incenso queimavam diante dele e a

<sup>179</sup> Pão indiano, alimento básico da culinária daquele país, semelhante ao pão árabe.

<sup>180</sup> Mingau de arroz com leite, açúcar, geralmente temperado com cardamomos ou pistache.

fumaça subia reta no ar. Seu corpo refulgia com um brilho estranho e havia uma bela fragrância no ar. Após um minuto ou mais, Baba lhe perguntou: “Você viu?” E quando ela respondeu “Que maravilha!”, Ele colocou novamente Sua palma, com firmeza, sobre os olhos dela e a conduziu de volta ao aposento externo.

Talvez a visão proporcionada aos dois professores que escreveram aquele livro, Kondappa e Subbannachar<sup>181</sup>, tivesse sido do mesmo tipo. Eles não especificaram os detalhes no livro.

Baba tem dito com frequência que a controvérsia sobre se é o mesmo Baba é sem sentido e desnecessária, pois, como Ele diz, quando existem dois pedaços de “*barfi*”<sup>182</sup>, um quadrado e outro redondo, um amarelo e outro púrpura, a menos que se coma e sinta o gosto dos dois pedaços, não se pode acreditar que são o mesmo. Sentir, vivenciar: esse é o ponto crucial para reconhecer a identidade.

---

<sup>181</sup> Episódio citado no início do capítulo “Natanamanohara”.

<sup>182</sup> Doce de leite condensado endurecido muito popular em toda a Índia.

## A NUVEM DE CHUVA

Aqueles que tiveram a boa sorte de ouvir um discurso de Baba em algum encontro público recordarão com alegria da emoção e da inspiração dessa experiência, por muitos e muitos anos. Nada do que possam ouvir depois poderá diminuir a emoção daquela ocasião. Geralmente, Baba fala em télugo, embora converse com os devotos em quase todos os idiomas: tamil, kannada, hindi, sindhi, inglês, etc. Na verdade, Sua Onisciência se expressa em qualquer meio. Sua dicção e estilo são simples e diretos, cheios de provérbios, parábolas e ilustrações populares extraídos da experiência real das pessoas diante Dele; dessa maneira, Suas palavras ficam gravadas nos corações dos ouvintes.

Ele se recusa a chamar Seus Discursos de “palestras”, porque nunca são preparados com antecedência, lançados nas cabeças das pessoas ou “dirigidos às massas”. Ele prefere o termo *sambhashana*, isto é, conversa. Seu modo de investigar os problemas pessoais e responder às dúvidas individuais torna o termo bastante adequado. O efeito de um discurso Seu é sempre como se Baba falasse para você todo o tempo, individualmente. Depois de um ou dois minutos, Ele prende sua atenção de tal forma que você se esquece de que está entre milhares de pessoas e se entrega a Seu diagnóstico e tratamento. A Face que encanta, a Voz que entenece, o Sorriso que ilumina, o Gesto que esclarece tornam-se propriedade pessoal do ouvinte. Seu conselho e Seu apelo são tão íntimos e imbuídos de amor que todo seu ser se entrega a Ele, no instante em que termina. Ele não é orador, evangelista nem professor; é a Nuvem de Chuva que veio para nutrir as secas vidas de cada um.

Baba costumava dizer, quando ainda menino, que Ele assumiria Sua Missão de Ensino Espiritual (*upadesha*) aos trinta e dois anos. Até aquela idade, Ele só discursava ocasionalmente, mesmo em Prasanthi Nilayam, nas celebrações de Navaratri ou Shivaratri, ou em certas ocasiões nas areias do Chitravathi, quando os devotos se reuniam em torno Dele buscando Suas Orientações ou, raramente, na Escola Secundária Distrital *Sathya Sai Baba*, em Bukkapatnam, quando presidia funções como o Dia da Escola.

Em Nilayam ou nas areias, o discurso geralmente começava com uma questão proposta por um devoto sobre algum problema genérico que afetasse a conduta social ou o esforço espiritual. A resposta dada por Baba esclarecia não apenas a questão principal, como também todos os tópicos a ela relacionados. Certa vez, uma pergunta casual sobre Vida após a Morte produziu, da parte de Baba, um discurso muito esclarecedor sobre *Salokya*, *Samipya*<sup>183</sup>, etc., sobre a versão do Garuda Purana<sup>184</sup> para a jornada da alma desencarnada, sobre o significado íntimo dos ritos funerários das diferentes comunidades, sobre a existência de fantasmas, as chances de comunicação com os mortos e, mesmo sobre o costume de dar aos netos os nomes dos avós. Os devotos que fazem as perguntas ou outros além dele são também estimulados por perguntas de Baba, de modo a tornar mais clara Sua exposição. Tais discussões acontecem de forma bastante informal, em quase todos os lugares e momentos, pois Baba está sempre disposto a conceder a coragem nascida da convicção. Ele é o educador por excelência.

Poucos anos atrás, alguns devotos tiveram a chance de estar com Baba nas Colinas Horsley, por cerca de uma semana. Todos os dias, de manhã e ao entardecer, Baba se sentava em meio aos devotos e lhes apresentava um novo problema relativo à disciplina espiritual. Pedia para cada um colocar suas práticas espirituais, suas idéias e ideais; pedia-lhes para revelar o Nome e a Forma de Deus que mais os atraía; o texto espiritual que mais influenciou suas vidas; a imagem que cada um havia formado da Realidade Última; a meta da disciplina espiritual de cada um. Então, por meio de análises cheias de compreensão, Ele colocava cada um no Caminho. Ele utiliza cada chance disponível para derramar luz nos cantos escuros de nossos corações.

Isso é o que Ele vem fazendo, desde criança, pois, afinal, não era chamado de “pequeno Guru” até por seu avô Kondama Raju, que o amava ainda mais por isso? Eu me lembro do velho homem, transbordando de orgulho e alegria, em 1950, quando se sentou para ouvir um discurso proferido por Baba, poucos dias antes de deixar este mundo.

Mesmo quando ainda era criança, na escola, Ele convencia seus colegas a deixar de fumar *bidis*<sup>185</sup> e cigarros; demonstrava seu desgosto por comidas picantes e pesadas em geral; aconselhava os amigos a se afastar dos cinemas; encorajava-os a cantar canções de louvor a Deus, a usar o sagrado *vibhuti* e a observar hábitos de higiene pessoal.

Na escola, em Kamalapuram, Ele compôs algumas canções sobre os males da bebida, as perigosas conseqüências do analfabetismo, a abjeta condição dos “intocáveis” e a degradação das facções existentes nos vilarejos. Anos mais tarde, Ele escreveu uma peça de teatro chamada Kalamarpu, os Tempos Mudados. Essa peça contém um grande número de canções folclóricas sobre os truques usados para atrair a atenção das pessoas, por parte dos que têm sede de poder. Ela gira em torno do lamentável destino de um grande poeta e visionário cujas advertências não são ouvidas; ele é negligenciado por todos, exceto pelos pobres camponeses. Seus filhos tornam-se indigentes; homens

<sup>183</sup> Esferas ou mundos e também estágios da evolução espiritual do indivíduo.

<sup>184</sup> O Garuda Purana faz parte dos Vishnu Puranas e é um diálogo entre Vishnu e Garuda, o Rei das Aves. A segunda seção desse Purana fala sobre a morte, sobre os ritos funerários e sobre a metafísica da reencarnação. Partes do Garuda Purana são empregadas como liturgia fúnebre e algumas consideram que traz má sorte ler esse texto em ocasiões que não sejam em funerais.

<sup>185</sup> Equivalente indiano do cigarro de palha.

mesquinhos vingam-se deles por conta das palavras de sabedoria que seu pai ousava proferir. Porém, os tempos mudam. Os filhos conquistam o poder e restabelecem a Era de Ouro, onde as palavras imortais do Poeta são novamente cantadas e postas em prática.

Mesmo quando ainda era menino, Baba era procurado por atores do vilarejo que lhe pediam para escrever diálogos para seus papéis e, sempre que Ele representava, compunha canções e falas para Si mesmo. Invariavelmente, essas canções transmitiam um aspecto moral elevado e se destacavam do resto da dramatização, atraindo a atenção pelo estilo superior, pela dicção e pelo encanto. Ele também escreveu peças sobre “Parikshit”<sup>186</sup> e “Markandeya”<sup>187</sup> – ambas revelando novas facetas da Verdade.

Esse papel de Professor é certamente fundamental para o *Avatar* Sai. “Jamais pronuncio uma palavra sem significado ou realizo algum ato que não possua conseqüências benéficas”, declarou Ele certa vez. Mesmo a observação mais casual que Ele possa fazer está repleta de ensinamentos espirituais. Ao se dirigir a uma senhora que lutava para manter o filho quieto, Ele disse: “Veja! Sentado em seu quadril, ele chora ‘mãe, mãe’, sem perceber que é a própria mãe quem o está abraçando. Isso é o que cada um aqui está fazendo. Não sabem que o Senhor é a Mãe que os abraça e simplesmente choram – Mãe, Mãe!”. Ao ver o item “Discurso de Boas-Vindas” no programa de um Encontro em que participou, Ele disse: “Eu estou em vocês e, por isso, não precisam Me dar boas-vindas. Eu não venho porque me chamam nem vou embora porque Me negam”. Ele é, sempre e em toda parte, o Verdadeiro Mestre, Amigo, Filósofo e Guia. Ele modifica, de forma lenta e firme, o caráter e a aparência de cada um que se oferece à Sua condução ou que Ele seleciona para tal treinamento.

Quando, em Prasanthi Nilayam ou em outro lugar qualquer, alguém está recitando ou explicando a Gita, o Ramayana, o Bhagavata ou alguma Upanishad, Ele observa a audiência por algum tempo e, aproveitando alguma palavra ou frase, explica, para o deleite tanto dos eruditos quanto dos iletrados, a obscuridade que os incomoda. Desse modo, Ele tem revelado muitos mistérios dos Shastras e das escrituras sagradas. A devoção das *Gopis*, o desafio de Vali, o rapto de Sita, o caráter de Ravana, a natureza de Durvasa, o papel de Narada, as manobras de Krishna, o significado do *Avatar*, a importância da Cerimônia *Sraddha*<sup>188</sup> e muitos outros tópicos como esses têm sido, como é de meu conhecimento, iluminados pela Onisciência de Baba.

Nos discursos que Baba pronuncia em Prasanthi Nilayam, durante o Dasara, Shivaratri ou em Seu Aniversário, Ele trata freqüentemente de assuntos filosóficos elevados, pois, como já disse certa vez, “Vocês já não são ‘jovens’; devem progredir de uma classe inferior para outra, mais elevada”. Porém, por meio de histórias e parábolas, provérbios e metáforas, Ele converte até as idéias filosóficas mais difíceis, como *maya*, *karma*, *adhyasa*, *vasana*, *samskara*, *samsara*, *nirguna* ou *saguna*<sup>189</sup>, em idéias claras e simples como a palma da mão. Certo dia, Ele falou sobre as Upanishads Katha, Kena e Mundaka em três dias consecutivos, oferecendo análises bastante lúcidas da dialética de cada uma delas. Certamente, Ele encerra todas as falas enfatizando o lado prático das disciplinas espirituais, fazendo o discurso descer ao nível prático da rotina e conduta diárias. No Dasara passado, Ele falou sobre os Caminhos da Ação, da Devoção e do Conhecimento em três dias consecutivos, encerrando a série com a observação de que “O Caminho da Ação leva à intensificação da Devoção e o Caminho da Devoção conduz, afinal, à Sabedoria”.

Às vezes, Ele pega o tema sobre o qual alguém tenha discursado anteriormente em Sua Presença e o amplia, para satisfação dos milhares que O escutam. Recordo-me de um dia em que Ele tomou o tema *satsang* e descreveu como, gradualmente, conduz o homem a *Nissanga*, ou seja, como a companhia das boas pessoas leva o indivíduo a abandonar o próprio apego. Em outro dia, Seu assunto foi *Paropakara*<sup>190</sup> e sobre a forma como as pessoas inteligentes devem praticá-la, porque alguém havia discursado mais cedo sobre Serviço Social. Certa tarde, Ele falou sobre a Trindade e as Funções de Brahma, Vishnu e Mahesvara, uma vez que a referência do dia era Dattatreya.

Em ocasiões especiais, nos festivais como Vijayadasami Shivaratri, Uttarayanam, Gurupurnima, etc., Ele fala sobre o significado desses dias e sobre a maneira mais benéfica de celebrá-los. “A mente é governada pela lua e, todos os meses, a lua quase desaparece na décima quarta noite após a lua cheia. Então, o aspirante espiritual cuja ambição seja destruir a mente, com todos os seus caprichos, desejos e divagações, deve se esforçar ao máximo nessa noite para maximizar suas práticas espirituais, a fim de alcançar a vitória. Essa noite ou *Rathri*, deve ser dedicada a Shiva, por assim dizer. Shivaratri ocorre todos os meses e existe uma Mahashivaratri uma vez por ano para lembrar ao homem o propósito de sua existência”. Vijayadasami é “o dia da Vitória das forças do Bem, do Puro Ser sobre as

<sup>186</sup> Imperador menino que morreu jovem por conta de uma maldição. Atingiu a Iluminação nos seus últimos dias de vida por haver escutado a história da vida do Senhor Krishna. Sua história pode ser lido no épico Bhagavata.

<sup>187</sup> Jovem sábio destinado a morrer aos dezesseis anos, que foi salvo da morte pelo próprio Shiva, como recompensa pela sua devoção, recebendo também o dom da vida eterna.

<sup>188</sup> Cerimônia em honra a um ancestral.

<sup>189</sup> Respectivamente, a Ilusão Cósmica, a Lei de Causa e Efeito, a Superposição do Ilusório sobre o Real, as Tendências Inatas, os Hábitos Enraizados no Indivíduo, o Oceano da Vida e da Morte e, finalmente, a Visão de Deus Sem Forma ou com Forma.

<sup>190</sup> Filantropia; serviço humanitário.

tendências e impulsos que o arrastam para baixo”. *Uttarayanam* é *Uttamayanam*<sup>191</sup>, a aurora do *Daiviyanam* (o Caminho para a Divindade), o semestre divino onde o sol, que governa *buddhi* (o intelecto do homem) está se dirigindo para o Caminho Divino. “Nadem a favor da correnteza”, diz Baba. “O próprio Sol viaja para o Norte, em direção a *Kailasa* – ao Paraíso da Realização do Ser. Esse é o melhor período para a iniciação e para a prática das disciplinas espirituais”. Para Baba, Gurupurnima é ocasião para recordar aos Seus devotos e a todos os aspirantes, a reverência aos Gurus e à Sabedoria que eles personificam. Ele descreve as características essenciais dos Gurus, ensinando a cada um os testes pelos quais se pode distinguir o verdadeiro do falso guru. Cada discurso de Baba tem uma novidade característica, uma emoção e uma alegria que é sua marca individual!

Ele chama Seus discursos, em télugo, de *Mandubhojanam*, em oposição ao *Vindubhojanam* que outros oferecem. Com isso, quer dizer que o que Ele oferece é “alimento medicinal” e não “guloseimas”. Por essa razão, Ele conclama os ouvintes a não perder um fragmento sequer da refeição ou a não descartar, de forma descuidada, sequer uma porção de alguma palavra. Ele é o Grande Médico que veio para curar e, por isso, não há dois discursos similares na entonação ou no conteúdo. “Meus discursos não são *palestras* e, sim, *fórmulas medicinais*<sup>192</sup>”, afirma Ele! Baba não emprega a mesma receita para todos!

Ao falar aos estudantes de uma escola secundária em Chittur, Ele deu instruções detalhadas a respeito dos preparativos para as provas e sobre a sistemática pela qual a folha de questões deve ser preenchida na sala de exames! “Assinalem todas as questões que sentem que podem dar respostas certas; resolvam-nas até o fim; em seguida, ataquem as demais. Assim, ficarão mais confiantes”, disse. Ele lidava com problemas de sala de aula e também do campo de futebol com uma intimidade notável.

Presidindo a Cerimônia de Premiação Esportiva do Distrito de Penukonda, Baba falou sobre a ênfase incorreta dada à competição e à vitória, opondo escola contra escola e menino contra menino. Mostrou que o espírito no qual a vitória ou a derrota é aceito é muito mais importante do que o próprio resultado dos eventos. Em Madakasira, em uma ocasião semelhante, Ele discorreu sobre a palavra *bahumathi*, que tanto pode significar “prêmio” como “mente multidirecionada!” E declarou: “Eu sempre distribuo mente unidirecionada, focada; jamais *bahumathi*, ou mente multidirecionada!” Em seguida, pediu aos vencedores para agradecer aos perdedores, pois, se esses últimos tivessem se esforçado um pouco mais, poderiam ter vencido e privado os primeiros de levar os prêmios!

Ao inaugurar a Escola Secundária Feminina na cidade de Venkatagiri, Baba falou sobre os bons hábitos que os estudantes devem desenvolver. “Tenham sempre cuidado com os livros, pois seus pais se sacrificaram muito para comprá-los. Não discutam com seus irmãos e irmãs, convertendo o lar em um ninho de dissabores. Não invejem os colegas mais ricos. Vivam satisfeitos. Não fiquem se exibindo. Falem sempre a verdade, pois a falsidade é produto da covardia. Levantem-se pela manhã bem cedo, às 5 horas e, após se lavarem, sentem-se em silêncio para meditar frente ao Senhor. Vão para a cama às 9 da noite e, antes de se deitarem, orem ao Senhor. Peçam para que Ele aceite tudo que vocês fizeram durante o dia, uma vez que agiram com sinceridade e diligência; peçam-Lhe para que tenham forças para servi-Lo e aos Seus filhos, seus irmãos e irmãs. Pela manhã, agradeçam a Deus pelo dia que nasce e peçam para que lhes permita vivê-lo de forma útil a vocês mesmos e aos demais”.

Dirigindo-se aos moradores da vila de Mirthipadu, próximo de Rajahmundry, Baba falou sobre assuntos que pudessem compreender. “Com o suor de seus rostos, vocês transformam sujeira e pó em alimentos nutritivos e saborosos para homens e animais. Que sagrada tarefa é essa que executam diariamente! Eu fico muito feliz de estar entre vocês no dia de hoje. Vocês suportam inumeráveis problemas e dificuldades e têm plena confiança em si mesmos. Caminham por esses campos verdejantes, banhados pela brisa fresca, sob o céu azul. Como seria bom se, enquanto caminhassem pelos campos, vocês cantassem a glória do Senhor, que é imanente em toda essa Beleza, Plenitude e Grandiosidade! Não contaminem a atmosfera com palavras de ira dirigidas ao seu próximo; purifiquem-na pela repetição do Nome do Senhor”.

Da mesma forma, na vila de Budili, às margens do Chithravathi, Baba falou sobre a doçura e a pureza da vida dos camponeses e sobre o fato de as aldeias serem as bases da cultura de um país. Ali, Ele discorreu sobre a necessidade de gratidão pelos benefícios recebidos, sobre os perigos do partidarismo e sobre o valor dos ritos religiosos tradicionais, como os cânticos devocionais e a adoração nos templos. Ele disse ter observado que alguém havia jogado fora um bastão quebrado na varanda de um templo, um ato que demonstrava desrespeito pelo recinto sagrado. Ele também exortou os jovens do vilarejo a servir ali, com toda sua inteligência e devoção.

Se o evento for ligado a um hospital, Baba tem conselhos valiosos para os organizadores, bem como para a audiência ali reunida. No Hospital Sathya Sai, certa vez Ele lamentou que os médicos tenham escrito em seu relatório sobre o “progresso” alcançado, quando, na verdade, o número de pacientes internos e no ambulatório havia aumentado. Disse que Ele só ficaria feliz quando todos tivessem saúde perfeita. Isso pode ser alcançado

<sup>191</sup> Trocadilho com os dois termos semelhantes: *ayanam* significa caminho, percurso; *uttara* significa *mais alto* (comparativo de *ut* = alto). *Uttarayanam* é o dia do Solstício de Inverno, quando o Sol se eleva mais alto no horizonte, “caminhando para o alto” ou “para o Norte”. O segundo termo, *uttama* é o superlativo de *ut*, que o autor empregou referindo-se a Deus, o Altíssimo.

<sup>192</sup> Trocadilho em inglês: *lectures x mixtures*.

principalmente pela conquista da paz. “Preocupação, ambição, agitação desnecessária e ansiedade causam doenças físicas. A debilidade mental é a maior causa de doenças. *Doença é falta de tranqüilidade*<sup>193</sup>; a mente contente é o melhor remédio. O corpo deve receber bons cuidados, pois é o barco que nos ajuda a cruzar o oceano da Vida e da Morte. Então, não devem enfraquecê-lo com hábitos que minem sua vitalidade ou pelo exagero em disciplinas como o jejum e outras. O aprendizado de práticas de Yoga através de livros, com a ajuda de folhetos e diagramas, também é uma fonte fértil de doenças físicas e mentais. Sejam bons, alegres, corajosos, honestos, equilibrados e pacientes. Essas são todas as regras para preservação da saúde. A virtude é a mais valiosa fonte de saúde”.

Em muitos lugares, os devotos cantam *bhajans* regularmente, no formato adotado em Prasanthi Nilayam e, uma vez por ano, em uma data selecionada, realizam sessões ininterruptas com vinte e quatro horas de duração. Na conclusão de um desses *Akhanda Bhajan*, em Bangalore, Baba deu um discurso no qual declarou que a própria vida de cada um deveria se tornar uma sessão contínua de *Akhanda Bhajan*.

Certamente, para os devotos de Sathya Sai Baba, a prática da presença constante do Senhor é uma disciplina espiritual relativamente fácil, pois eles sabem, por experiência própria, que Baba está sempre por detrás deles, a seu lado, com eles e dentro de cada um. O próprio Baba os aborda com questões sobre seu comportamento ou modo de pensar, que eles consideram os mais secretos, conhecidos apenas por eles mesmos. Certa vez, por exemplo, quando um estudante de Rajahmundry disse a Ele que havia se preparado com total dedicação para os exames, abandonando todas as outras atividades, Baba se virou para ele e perguntou: “O quê? Por acaso você não saiu para jantar no alojamento certa noite e voltou bem tarde para casa? Não saiu com alguns parentes que vieram à sua vila, indo até o bazar para comprar roupas para eles?”

Naquele dia do *Akhanda Bhajan*, Baba disse que cada um deveria tentar descobrir porque, apesar da multiplicidade de Associações e Sociedades que organizam cânticos e discursos religiosos, não há um aumento correspondente no nível moral da população. “Os *bhajans* se tornaram um ritual, uma rotina, uma coisa sem sentido. O que se fala com a boca não se pratica com as mãos. Não há devoção, não há reverência, não há fé”.

Por fé, Baba não quer dizer fé cega. Na verdade, Ele insiste no discernimento como requisito essencial para o progresso espiritual. Siga a disciplina das Escrituras e comprove por si mesmo, afirma Ele. “Venha e fique em Prasanthi Nilayam, caminhe Comigo e experimente Minha companhia e Minha conversa. Escute e observe para, só então, tirar sua conclusão. Mergulhe e conheça a profundidade. Coma e conheça o sabor”: este é o Seu conselho. “A disciplina espiritual, sincera e paciente, é necessária para se conhecer a Deus; se a fagulha da fé precisa crescer até se tornar um fogo devastador, alimente-a com folhas, gravetos e ramos, lenta e cuidadosamente”. “De vez em quando, refugie-se nas profundezas de sua própria mente, em silêncio e isolamento”.

Em Trivandrum, Baba apresentou a questão: “Como é que, apesar dos avanços da educação e da alfabetização, do entusiasmo demonstrado pelos pais, professores e crianças na transmissão e aquisição de conhecimentos, as pessoas não têm paz mental?” Então Ele falou sobre a Mente (*manas*), que tem a dupla natureza do vento, o vento que junta as nuvens de chuva e as espalha para além do horizonte. Discorreu sobre os meios e métodos de controle das divagações mentais. “Eu me recuso a considerar qualquer um ateu ou descrente, pois todos são Criações do Senhor e recipientes de Sua Graça”, afirma ele. “No coração de todos, há uma fonte de Amor e uma rocha da Verdade. Esse Amor é Deus”. “A Divindade está nas profundezas do Ser Interior de cada indivíduo”. “Pela perfuração sistemática e constante, pelo escavar contínuo da repetição do Nome, a fonte pode ser alcançada, fazendo brotar, em jatos, as águas da Divindade”.

Em Nuzvid, Baba falou sobre as facções religiosas e o partidarismo crescentes no país. Ele disse que o Senhor está acima e além de todos os limites de casta e cor, de riqueza e pobreza; que é tolice acreditar que Deus deseje oferendas e que fica zangado quando não as recebe. Ele advertiu seus ouvintes contra *sanyasis* que perambulam com listas de doações e subscrições, *gurus* que ficam de olho em sua bolsa e *munis*<sup>194</sup> que mantêm o voto de silêncio recorrendo a todos os outros meios de comunicação com exceção do recurso fácil, natural e conveniente da conversa! Em Arkonam, quando o secretário da *Divine Life Society* (Sociedade da Vida Divina) leu em seu relatório que aqueles que pagassem a taxa anual de quatro centavos poderiam se tornar membros, Baba disse que Ele permitiria que qualquer um que tivesse não quatro centavos, mas quatro atributos – Verdade, Retidão, Paz e Amor –, poderia se tornar membro da Sociedade da Vida Divina!

Em Madras, enquanto se dirigia aos membros da Associação de Jovens Indianos, Ele suplicou aos anciãos ali presentes que se tornassem, para os jovens de hoje, exemplos melhores de integridade, eficiência e serviço altruísta. “Grandes personalidades pretendem ser grandes, declamando os Vedas, os Shastras e o *Atma*, citando livremente as alegorias e metáforas encontradas nas Sagradas Escrituras. Entretanto, por sua conduta, sua vaidade e seus

<sup>193</sup> Trocadilho em inglês: *dis-ease is want of ease, doença é desejo por tranqüilidade*.

<sup>194</sup> Qualquer pessoa que adote o voto de silêncio como disciplina espiritual e, mais especificamente, os monges andarilhos que adotam essa prática.



conflitos, só fazem diminuir o brilho daqueles tesouros”, afirmou. “Não há coordenação entre o orador, o assunto e a conduta subsequente. Por essa razão, em lugar de *imortais*, suas palavras se tornam *imorais*<sup>195</sup>”, declarou Ele.

No Salão Gokhale, Baba disse que o Homem deve buscar respostas para quatro questões fundamentais: Quem sou eu? De onde vim? Para onde vou? Por quanto tempo permanecerei aqui? Disse que os quatro Vedas dedicam-se à descoberta das respostas a essas mesmas questões. Depois, Ele começou a demonstrar como as respostas podem ser obtidas através da Sabedoria, da Devoção ou da Ação, mas disse que a Graça do Senhor, se obtida através da disciplina da Repetição de Seu Nome, revelará as respostas instantaneamente ao aspirante espiritual.

Ao analisar as causas da atual crise moral na sociedade, Ele mostrou que o cinismo e a necessidade de satirizar são os dois grandes males dessa era, produzindo irreverência e disseminando a descrença. Uma vida vivida na constante presença de Deus é a mais segura e feliz, pois os dardos da crítica social não podem penetrá-la e causar dor. Atualmente, a religião e a crença em Deus estão sendo desafiadas de todos os lados. Por isso, é dever de todos os *crédulos*<sup>196</sup> enfrentar esse desafio pela demonstração aos críticos de que suas vidas se tornaram mais doces por conta da religião, de que a percepção da constante presença do Senhor os tornou mais eficientes, mais dedicados e mais corajosos para a missão de viver.

Na All India Sai Samaj, Baba declarou: “Vocês lançam mão do dicionário para encontrar o significado de uma certa palavra, mas, ao virarem as páginas para encontrá-la, outras palavras chamam sua atenção e vocês são atraídos por elas e seus significados. Do mesmo modo, vocês podem vir a Mim com algum propósito imediato, mas, ao agirem assim, acabam percebendo que podem Me usar para resolver dilemas mais profundos, acalmar dores mais pungentes e garantir uma paz espiritual maior”. Ele usa cada oportunidade para deixar claro aos ouvintes que somente seus esforços, seu discernimento, seu sacrifício e suas práticas espirituais podem lhes dar aquilo de que mais necessitam: Paz!

No Santhi Kutiram, em Royapuram, Baba falou certa vez sobre Sri Krishna e, em outra oportunidade, sobre a Bhagavad Gita. Mencionou vários incidentes da vida de Sri Krishna que não são encontrados em livros e tornou Seu discurso mais instrutivo e esclarecedor. Fez um trocadilho com a palavra Gita, que lida de trás para frente, torna-se *Tagi*, que em télugo significa “beber”, e disse que, a menos que o néctar da Gita seja bebido e assimilado, não se pode obter nenhum resultado. A simples erudição ou exibição de conhecimentos, ou o estudo da Gita com todos os seus milhares de comentários, são todos uma perda de tempo precioso.

Há dois caminhos, disse Ele a uma platéia em Puttaparthi, que todos devem trilhar: o caminho do *dharma*, relativo ao mundo material, social e à comunidade à qual cada um pertence, e o caminho de Brahma, relativo ao indivíduo sozinho, à alma e a todas as disciplinas relativas à sua realização. O homem deve se prender a Deus com a mão direita e ao mundo com a esquerda. Gradualmente, a mão esquerda perderá sua força. “Não se preocupem com isso; é assim que deve ser. É por isso que essa mão se chama *esquerda*<sup>197</sup>! No entanto, não se deve permitir que a mão direita se solte um pouco, pois é correto mantê-la assim; essa é a razão de ser chamada *direita*<sup>198</sup>!” Declarações como essas permanecem na memória e os ouvintes refletirão longamente sobre elas, obtendo consolo e alegria.

Em Venkatagiri, inaugurando as *Palestras Adiátmicas*<sup>199</sup>, Baba declarou que a ruína da vida indiana é a ausência de cordialidade e irmandade. Em Nalore, mantendo encantada uma multidão de cinquenta mil ouvintes por mais de uma hora, Ele falou sobre Discernimento e sobre a necessidade da Fé baseada na investigação e na razão. Em Gudur, discursou sobre a mágica influência do Amor entre todas as classes e níveis de pessoas. “O Amor proporcionará a Paz; ele se baseia na Verdade; esta é a Lei para todos”. “Não estarão errados se Me chamarem de *Encarnação do Amor*<sup>200</sup>”, declarou.

Em Peddapuram, Ele conclamou todos a ter músculos de ferro e nervos de aço, para se tornarem heróis sem traços de fraqueza ou covardia nem sentimento de inferioridade. “Não chamem a si mesmos de filhos do pecado. Não há pecado pior do que esse. Vocês são Filhos da Imortalidade, cada um de vocês. O Senhor governa seus corações. Ele é o Residente Interno em tudo o que há na Criação. Como, então, podem ser filhos do pecado?”

Em Aukiripalli, no Distrito Krishna, onde falou para uma assembléia de eruditos e estudiosos de sânscrito, Baba declarou que Kali é a Era do *Tantra*<sup>201</sup> e, homenageando Sir John Woodroffe por haver revelado a ciência do *Tantra*

<sup>195</sup> No original, o trocadilho *imortal x imoral* ficou por conta dos termos sânscritos *amrita* e *anrita*, com significados muito próximos dos empregados aqui.

<sup>196</sup> O termo original, *astikas* = “aqueles que enxergam”, refere-se aos seguidores de filosofias e doutrinas que aceitam a autoridade dos Vedas, mas, conhecendo-se a posição de Baba com respeito à validade de todas as Fés, pode ser aplicado indistintamente.

<sup>197</sup> Trocadilho em inglês: *left* significa esquerda e também é o participio do verbo *to leave* – abandonar, deixar.

<sup>198</sup> Continuação do trocadilho acima: *right* também significa *correto*.

<sup>199</sup> O termo significa: espiritual, pertencente ou proveniente do Eu interior. A grafia correta é *Adhyatmika*.

<sup>200</sup> Aqui, Baba usou o famoso termo *Prema Svarupa*, com o qual costuma se dirigir aos seus ouvintes, quando discursa.

<sup>201</sup> Sistema Místico de Yoga centrado no culto a Shiva e Shakti – Espírito e Energia. Busca a Iluminação, não através da negação da matéria, mas pelo encontro da Essência Divina em tudo que há, pois toda a Criação é, segundo essa linha de investigação espiritual, um perfeito “casamento” entre o Criador e a sua Criação. Sua prática, mal entendida, busca o desenvolvimento de poderes ocultos para benefício pessoal, mas bem aplicada conduz ao benefício total.

em seus livros, Baba explicou o papel do *Tantra* na adoração de Shakti. Ele explicou o papel de *Mahashakti*, *Yogashakti* e *Mayashakti*<sup>202</sup> nas carreiras dos *Avatares*.

É comum, durante Seus discursos, Baba ilustrar Seus ensinamentos com histórias de Narada, Ambarisha, Sabari, Prahlada, Bhishma, Bharata, Guha, Anjaneya, Chaitanya, Mira, Purandaradas, Kabir, Pattinathar, Manikkavasagar, Surdas, Tulsidas, Bhadrachalam Ramdas, Ramakrishna, Vivekananda<sup>203</sup> e outros. Às vezes, fala em tom de recordação sobre os dias passados em Ayodhya e Brindavan e relata eventos que não são encontrados no Ramayana, no Mahabharata ou no Bhagavata, mas que possuem a marca da autenticidade. Baba conhece os detalhes das vidas dos santos da Índia, dos países do Ocidente e do Oriente Médio, pois Ele também cita incidentes ilustrativos das vidas dos santos cristãos, muçulmanos e parsis. Hassan e Hussein, Moisés, Jerônimo e Paulo são, para Ele, tão úteis quanto Thyagaraja ou Pavharibaba para exemplificar ou ampliar o significado de um ponto que deseja enfatizar. Pois Baba é, tem sido e sempre será a Eterna Testemunha.

De fato, Sai Baba revela esse aspecto de Sua Realidade com muita freqüência em Seus discursos, em declarações mais ou menos diretas. Como o lampejo de um raio, elas trazem à nossa consciência, de forma repentina e emocionante, o esplendor de Sua Personalidade.

*“Não tentem medir a Mim, pois falharão; tentem, em lugar disso, descobrir sua própria medida. Então, serão mais bem-sucedidos em descobrir a Minha medida.”*

*“Eu não pratico austeridades, não medito, não estudo. Não sou iogue, santo nem aspirante espiritual. Vim para guiar e abençoar todos os aspirantes espirituais.”*

*“Não sou homem nem mulher, velho nem jovem: Eu sou tudo isso.”*

*“Não Me elogiem. Gosto que se aproximem de Mim sem medo, como é seu direito. Vocês não louvam seus pais. Pedem a eles alguma coisa por que é direito seu; não é mesmo?”*

*“Não cheguei a este mundo sem ser convidado; os renunciantes, santos, profetas e homens bons de todos os credos e regiões chamaram e suplicaram. Por isso Eu vim.”*

*“Vocês podem estar Me vendo hoje pela primeira vez, mas todos são Meus velhos conhecidos. Eu os conheço por inteiro.”*

*“Não tenho atributos nem causa. Então, como a ilusão poderia Me afetar?”*

*“Se Eu descesse com a Concha, o Disco, a Clava e a Flor de Lótus<sup>204</sup>, vocês fugiriam correndo ou Me colocariam em uma exibição. Se Eu fosse simplesmente como qualquer um de vocês, não Me dariam nenhuma importância. É por isso que assumi esta forma humana e demonstro, ocasionalmente, esses milagres.”*

*“Minha tarefa é a regeneração espiritual da Humanidade por meio da Verdade e do Amor.”*

*“Eu vim para mostrar a vocês o Caminho da Retidão e o Caminho para Deus.”*

*“Se derem um passo em Minha direção, Eu darei três na direção de vocês.”*

*“Fico muito feliz quando vem a Mim uma pessoa com uma pesada carga de misérias, porque ela é quem mais necessita daquilo que Eu possuo.”*

*“Todos são Meus, através do relacionamento Átmico. Por isso, aqueles que Me oferecem adoração não estão mais próximos de Mim do que os que não o fazem”.*

Esses são alguns dos lampejos iluminadores que Baba concede em Seus discursos. “Foi a Minha Vontade que trouxe cada um de vocês a este lugar para Me escutar”, disse Ele certa vez. Essa é a medida da Sua Graça e Poder.

Essas declarações realçam o valor intrínseco e o encanto que a Mensagem de Baba traz às almas perturbadas, reunidas diante Dele. Baba envolve a todos com seu Amor irresistível e, quando Ele anuncia aos ouvintes que “Eu não descarto ninguém. Não posso fazer isso, pois não é de Minha Natureza agir assim. Não temam. Eu sou de vocês, vocês são Meus”, estabelece-se imediatamente, entre Ele e nós, uma intimidade que não é deste mundo. Dessa maneira, Suas Palavras mergulham profundamente nas consciências, ali deitando raízes, que crescem lentamente na forma de boa conduta e caráter divino. Ele se refere às assembléias como *Atma Svarupalaara* – Encarnações do *Atma*! Seu propósito principal é despertar o homem do sono da ignorância e lhe indicar sua real natureza, o imperecível e imortal Ser Divino. “Vocês são o invencível *Atma*, indiferente aos altos e baixos da vida. A sombra que projetam enquanto caminham pela estrada cai sobre sujeira e pó, arbusto e espinheiro, pedra e areia, mas vocês não estão nem um pouco preocupados, porque caminham intocados. Da mesma maneira, sendo vocês a

<sup>202</sup> Três conceitos ligados ao Tantra: Energia ou Poder Supremo, Poder de União com Deus e Poder de Criar Ilusão, respectivamente.

<sup>203</sup> A lista é composta de grandes santos e devotos de Deus, cujas histórias podem ser encontradas nas escrituras antigas, mas que também inclui personagens importantes da Índia medieval ou moderna.

<sup>204</sup> Referência à representação de Vishnu com quatro braços, segurando os objetos citados, símbolos de Seu Poder Divino.

substância do *Atma*, não têm razão para se preocupar com o destino dessa sombra que é o corpo”. Baba esclarece esse ponto com inúmeros exemplos, infundindo-nos uma coragem inabalável.

“Minha Missão é lhes dar coragem e alegria, afastando a fraqueza e o medo”, já afirmou Ele em várias ocasiões. “Não condenem a si mesmos como pecadores. Pecado é uma denominação imprópria para o que, em verdade, são erros. Eu perdoo todos os seus erros, desde que se arrependam sinceramente e resolvam não seguir o mal novamente.” “Orem ao Senhor para que lhes conceda a força para superar os hábitos que os têm seduzido, por serem ignorantes”. Desse modo, Ele alimenta a chama da esperança e da saúde em cada coração.

Com Sua Doçura, Sua Misericórdia invencível e Suas Palavras de Sabedoria, Ele vem corrigindo os passos de centenas de pessoas, dirigindo-as ao caminho da *Solidariedade* e da *Auto-Regeneração - Lokasangraha e Atmoddhara*. Recordo-me de um incidente muito comovente que aconteceu na manhã seguinte a um discurso que Ele deu em Nalore. Um homem de meia idade correu até Seu quarto e se jogou a Seus Pés, rolando sobre o chão e chorando como uma criança. Baba sabia a razão daquilo, pois para Ele não há necessidade de perguntas e respostas. Ele se voltou para nós e disse: “Foi a história de Ramu que contei ontem”, e pediu que nos retirássemos do aposento. Baba havia relatado, na noite anterior, a história de um menino, Ramu, que mendigava comida, de porta em porta, com a mãe muito doente. Ele chamou em uma casa e irritou o dono, que correu em sua direção e lhe bateu na cabeça. O menino caiu e derramou o pote que continha o que havia conseguido. O golpe matou o garoto, que morreu com as seguintes palavras nos lábios: “Mãe, mãe! Quem a alimentará agora?”. Aquela história e o conselho de Baba para que todos fossem primeiramente gratos a seu pai e sua mãe, a quem deviam sua própria existência, despertou o remorso no coração daquele homem, pois ele havia, por alguma razão estúpida, brigado com sua mãe e se afastado dela.

Agora ele viera para implorar o perdão de Baba, buscando se reabilitar sob Sua proteção e Suas bênçãos. Baba sabia de tudo sem que lhe dissessem. Ele afagou as costas do homem amorosamente. Os soluços continuaram, e Baba disse: “O arrependimento em si mesmo é a expiação da culpa. Venha, venha. Pare de chorar. Eu visitarei sua vila. Leve sua mãe para lá e vocês terão o *darshan* juntos. Vá procurá-la antes que Eu chegue lá”.

Podem-se mencionar muitos incidentes dramáticos como esse, em consequência dos Discursos de Baba, repletos de Graça: dívidas sendo pagas, pais idosos recebendo auxílio, esposas negligenciadas sendo bem recebidas novamente ou hábitos enraizados como o jogo ou a bebida sendo abandonados para o bem de cada um. A campanha educativa de Baba só começou, e qualquer um que escute Sua Mensagem pode perceber claramente o significado da Declaração que Ele fez na primeira página da *Sanathana Sarathi*, a revista mensal que Ele inaugurou no Dia do Shivaratri de 1958, trigésimo segundo ano de Sua Carreira na Terra. “Neste dia, a *Sanathana Sarathi*, o Eterno Condutor, começa sua campanha contra a Falsidade, a Injustiça, a Perversidade e a Maldade – os lacaios do Espírito do Egoísmo. Os Vedas, as Upanishades e os Sastras são os regimentos do exército. A Vitória a ser conquistada é o bem-estar do mundo inteiro. Quando os tambores triunfantes forem tocados, na alegria do sucesso, a Humanidade terá conquistado Felicidade e Paz, Beatitude e Tranqüilidade, Perdão e Bem-aventurança<sup>205</sup>”.

O esboço daquele plano de batalha já está claro no horizonte. O clarim que conclama para a Grande Tarefa é o Programa de Baba em quatro etapas, de *Sathya, Dharma, Santhi e Prema*<sup>206</sup>. Seu Plano é para toda a humanidade, pois Ele afirma: “Não está escrito em lugar algum que a Graça de Deus só está disponível para pessoas de certas classes, raças ou níveis. Do menor ao maior, do átomo ao infinito, todos são merecedores dela. O Senhor está em toda parte e é tudo. Ele pode ser percebido pela disciplina espiritual, pela prática da Verdade e do Amor. Verdade é a mais elevada Virtude e o Amor é a única estrada para a Paz”.

Baba também assumiu a tarefa de educar os aspirantes espirituais e corrigir os professores e guias que estão se perdendo, em grande medida, pela ganância por fama e notoriedade, pelo sucesso na competição por apoio público e pela glória evanescente da “fama internacional” ou renome nos jornais. “Testem cada um deles no fundamento da sinceridade. Vejam até que ponto renunciaram, não apenas em palavras, mas em atos concretos. Então aceitem seus conselhos e apliquem-nos em sua conduta e comportamento diários. A prática é o que importa, não a erudição”, insiste Ele. A Era de Sathya Sai, que acaba de nascer, tende a ser, de fato, a Era de Ouro da Humanidade.

---

<sup>205</sup> No original, os termos eram: *Sukha e Santhi, Kshema e Ananda*, sendo que os termos “felicidade e paz”, que abrem a lista, também podem ser traduzidos como *sukha e santhi*, respectivamente.

<sup>206</sup> *Verdade, Retidão, Paz e Amor*: quatro Valores Humanos básicos aos quais Baba acrescentou *Ahimsa* - Não-Violência para formar os fundamentos de Sua Educação em Valores Humanos, um revolucionário método educativo baseado na construção do caráter.

## SAI, O MESTRE VERDADEIRO

### (SAI SADGURU)

Alguns devotos conseguiram persuadir Baba a lhes conceder o prazer de recebê-Lo e adorá-Lo em suas cidades e em seus lares. Nessas ocasiões, nada mais natural desejarem que um número cada vez maior de pessoas possam ter o benefício do Seu *darshan* e do Seu Discurso. Várias vezes, Baba concordou com esses pedidos e, assim, em Chittur, Trivandrum, Bombaim e outros lugares, muitos tiveram a chance de homenageá-Lo pessoalmente. Ele também falou em encontros públicos realizados em vários locais, dando a milhares de pessoas o prazer único e inesquecível de escutar Sua voz cativante e Seu ensinamento revigorante.

O amor de Baba é o mesmo para todos. Ele não faz distinção entre um vilarejo e uma cidade. Na verdade, responde até mais rápido quando os devotos de alguma vila remota desejam Sua presença. Ele se sente em casa em um Palácio Governamental ou em uma cabana de palha. Quando visita os lares de seus devotos, leva consigo poucas pessoas, pois não gosta de dar trabalho nem despesas excessivas aos anfitriões. Ele é perfeitamente capaz de cuidar de Si mesmo e, por isso, pode dispensar a presença de uma comitiva. Para falar a verdade, Sua gentileza e consideração para com as pessoas que O acompanham em viagens fazem com que elas se sintam mais um fardo que demanda Sua atenção do que uma ajuda para tornar a viagem e a estadia mais confortáveis!

Até agora, Baba já viajou diversas vezes pelo Estado de Tamil Nadul, visitando Coimbatore, Trichinopoly, Tanjore, Salem e várias outras cidades, como Tinnevely. Esteve no Estado de Hyderabad muitas vezes e percorreu as cidades e vilarejos de Telingana. Ele já esteve em Ellora e Ajanta para mostrar esses lugares aos devotos, pois não tem necessidade de visitar esses locais para vê-los! Ele pode descrever qualquer lugar até os mínimos detalhes sem ter estado lá fisicamente. Como relatei antes, Ele já viajou até Délhi, Rishikesh, Cachemira, Mathura e Brindavan. Baba também fez uma rápida visita a Bombaim. Já viajou muitas vezes pela estrada da Costa Leste, de Madras até os deltas dos rios Krishna e Godavari, parando em Nelore, Ongole, Guntur, Nuzvid, Chebrole, Rajahmundry, Peddapuram, Samalkot e Masulipatam, para encontros com devotos e outras pessoas em cada um desses locais. Ele até mesmo já visitou lugares mais distantes e rurais, como Bhadrachalam e Aukiripalli. No Estado de Karnataka, Baba já esteve em Bellary, Hospet, Mercara, Mysore e Mandya, e já passou muitas semanas, de quando em quando, em Madras, Kodaikanal, Ootacamund e Nandanavanam, em Whitefield, próximo a Bangalore.

Baba tem um olho afiado para lugares bonitos. Quando viaja de carro, pára em locais calmos e sombreados, onde a natureza é mais agradável, ou ao lado de riachos que correm murmurantes pelas rochas, ou ainda nas alturas, de onde o panorama dos montes e vales se descortina ante os olhos cansados. Ele prefere caminhar pelas praias, por entre as árvores das florestas ou ao longo das cercas das plantações.

Ele usa cada oportunidade possível para esclarecer as dúvidas das mentes dos devotos, pois fé e firmeza só podem crescer sobre o solo da convicção. Por isso, as viagens de Baba se tornam escolas em movimento para aqueles que têm a chance de estar na comitiva. Quando um devoto disse a Baba “Ouvi dizer que sua viagem a Kerala foi a mais agradável e maravilhosa. Fiquei triste de não poder estar no grupo”, Baba respondeu: “Tenha confiança e esperança de que, quando surgir outra oportunidade como essa, você possa se juntar ao grupo. Enquanto isso, escute as narrativas daqueles que foram e fique contente”.

Uma palavra a respeito do adjetivo “maravilhosa”: o devoto se referia a um milagre bastante dramático, na verdade, espantoso, acontecido em Kanyakumari. Ao entardecer, quando o céu se tornou um carnaval de tons rosa e púrpura, com nuvens decoradas com franjas douradas, Baba caminhou até a praia com os devotos em volta. Brincou com as ondas que quebravam ali. Cada onda que vinha parecia estar mais ansiosa do que sua antecessora para tocar Seus Pés de Lótus e Lhe oferecer sua homenagem especial. De repente, como se percebesse o anseio do mar, Baba olhou para as águas e disse aos que estavam ao Seu lado: “Vejam! O Oceano Me dá as boas-vindas, com uma guirlanda!”

Naquele mesmo instante, viu-se uma onda imponente, a alguns metros de distância, avançando majestosa para a praia, onde rapidamente varreu os Pés de Baba e se retirou. Imaginem a surpresa e o assombro de todos quando viram, em torno dos Pés de Baba, uma encantadora guirlanda de pérolas, oscilando para cima e para baixo ao sabor das águas que a embalavam! Cento e oito pérolas translúcidas, cada uma sendo uma jóia sem preço, unidas por um cordão de ouro! Oh, como Baba estava encantador! O *Avatar* do Senhor recebendo, novamente, a homenagem de Varuna<sup>207</sup>!

Lembrando agora as discussões que constituem os principais itens do programa diário de Baba, quando está em Prasanthi Nilayam ou em qualquer outro lugar, seria bom examinar a lista de questões apresentadas naquele grande dia no qual o Mar prestou suas homenagens a Baba.

**“Toda essa Criação é pura Ilusão, ou *maya*?”**

---

<sup>207</sup> O Deus do Mar. Referência ao episódio do épico Ramayana, no qual Sri Rama, o *Avatar* é homenageado pelo Oceano.

Não. Ilusão é ser tomada como Criação. A ignorância da própria natureza é *maya*.

**“Os épicos, como o Ramayana e o Mahabharata, são verdadeiros?”** Verdadeiros? Eles só dão uma parte da verdade. Por exemplo, quando vocês falam aos outros sobre Mim, não são capazes de Me descrever totalmente, não é mesmo?

**“Por que Deus deve descer como Homem para reinstalar o *dharma*? A simples Vontade Divina não seria suficiente?”**

É claro que isso pode ser feito pela simples vontade, mas como vocês teriam toda essa felicidade, se Deus não viesse em forma humana? Quando acontece algum distúrbio local, basta um policial para acabar com ele. Quando o problema ameaça assumir proporções maiores, é enviado um oficial. Quando cresce até se tornar uma revolta, o próprio Superintendente de Polícia precisa vir para acalmar as coisas. Porém, uma vez que agora a humanidade inteira está ameaçada pela ruína moral, vem o Inspetor Geral, o Senhor com Seu exército de santos e aspirantes espirituais.

**“Onde nasce um *Avatar*?”**

No lugar em que as práticas espirituais são mais bem praticadas.

**“Como podemos saber que Você é Shirdi Sai Baba?”**

É difícil para vocês. Quando “vim”, outro dia, como um velho, para salvar a filha de Venkataraman na estrada, próximo a Bagepalli, ele não Me reconheceu, agradeceu profusamente e Me ofereceu uma moeda de uma rúpia. Ele acreditou que Eu era um aldeão chamado “Jodi Adipalli Somappa<sup>208</sup>”, quando lhe dei esse nome! Rama e Krishna são *Avatares* do mesmo Senhor, mas suas características são diferentes. Então, como vocês poderiam reconhecer a identidade entre este corpo e o corpo de Shirdi? Aqueles que adoram Shirdi Sai não O compreendem e vocês também não Me compreendem. Somente aqueles que compreendem os dois podem pronunciar um julgamento, não é mesmo?

Assim seguiu a conversa na praia, depois da oferenda da guirlanda de pérolas!

No dia seguinte, quando a comitiva chegou a Courtallam, a caminho de Surandai, todos se sentaram do lado de fora da Travancore House para os *bhajans* da tarde. Baba convidou os que estavam à Sua volta a fazer perguntas. Essas são as respostas:

“Estou por trás de cada aspirante espiritual. Eles se voltam para Me ver, mas como vocês podem fazer isso? Eu continuo às suas costas! Às vezes, em um lampejo, Eu lhes dou Meu *darshan*, por Minha própria Vontade (...)”

“Deus é *sem princípio (anadi)*, mas agora as pessoas começaram a brigar, porque dizem que ‘Deus é meu’ – *nadi*, em télugo<sup>209</sup>.”

“Em *Jivaloka* existe tanto o bem quanto o mal. Em *Pranaloka*, só existe o bem. Em *Atmaloka*, ambos são iguais. Em *Paramatmaloka*, não há bem ou mal<sup>210</sup>”

“Não existem *descrentes* nem *perversos*<sup>211</sup>: todos realizarão Deus mais cedo ou mais tarde (...)”

“Eu perdooarei uma centena de faltas suas. Primeiro examinem se seguiram Meu conselho e então avaliem se Minhas palavras se tornaram verdade (...)”

“Existem testes semanais, mensais, quadrimestrais e semestrais, nas escolas. Mas é apenas depois que são realizados os exames finais e os testes são corrigidos que os resultados são divulgados, e vocês podem ser “aprovados” ou “reprovados”. Tenham um bom desempenho em cada teste e conquistem a graça do Examinador (...)”

“Vocês podem tanto destruir quanto desenvolver *karma*. A disciplina espiritual que praticam pode tanto incinerá-los quanto cultivá-los (...) Os indianos têm muito a aprender com os ocidentais. As pessoas deste país enchem de temor até mesmo as mentes das criancinhas: ‘Você vai cair; vai se machucar’, dizem a elas. Elas não são treinadas para subir em árvores, nadar nem realizar uma centena de outras ações úteis. São advertidas contra fantasmas e ladrões e crescem com um medo mortal. As crianças deveriam aprender autoconfiança, coragem e entusiasmo (...)”

“Há três estágios nas práticas espirituais: quando o praticante é um *sahajamanava*, quando ele se torna um *sadhanamanava* e quando ele alcança o estágio de *sarvesvaramanava* - homem divinizado. Primeiramente, existem

<sup>208</sup> Ver nota de rodapé no capítulo “O Mesmo Baba”.

<sup>209</sup> Um trocadilho. *Anadi* é uma palavra em outro idioma, o sânscrito.

<sup>210</sup> *Jivaloka* – mundo das almas individualizadas; *Pranaloka* – mundo das energias vitais; *Atmaloka* – mundo do *Atma*; *Paramatmaloka* – mundo do Divino ou Alma Suprema.

<sup>211</sup> *Nasthika* – descrentes; mais especificamente, aqueles que não aceitam a autoridade dos Vedas ou, por extensão, a existência de um Ser Supremo. *Dushta* – corruptos, demônios, perversos.

três entidades: o Mundo, a Alma e Deus (*Loka*, *Jiva* e *Ishvara*). Depois, as três se reduzem a duas: Alma e Deus. Finalmente, das três, somente Deus permanece (...)

“Toda essa Criação se tornou possível graças a esse par de entidades: *Jadam* e *Chaitanya*, *Prakriti* e *Purusha* (Matéria e Consciência, Natureza e Espírito) Vidwan Chowdiah, o violinista, toca quatrocentas *ragas*<sup>212</sup>, não com um violino de quatrocentas cordas, mas com um violino de apenas quatro cordas, não é mesmo? Lama e água fazem um pote; Shiva e Shakti fazem esse Universo (...)

“Todos aqui são Brahmas; um Brahma pergunta, dez Brahmas escutam. Um Brahma responde e todos os Brahmas ficam satisfeitos...”

“Quando os raios do Sol são capturados e concentrados em um ponto por uma lente, eles produzem fogo. Quando os raios da Graça do Senhor são concentrados de forma similar, eles acendem o Discernimento, queimam e destroem a mente (...)

“O Senhor ordenou o sofrimento porque sem ele o homem não se apegava a Deus. É como a dieta e outras restrições que o médico prescreve de modo a suplementar o efeito do seu remédio (...)

“A fé só virá se você desenvolver fome por Deus. Um homem que não sente fome não aproveita o banquete (...)

“Para a Meditação e a Repetição do Nome de Deus, há certos passos a serem seguidos. A prática aleatória de ideais espirituais não é uma coisa boa (...)

“Se vocês Me perguntarem o que é mais útil, a Repetição do Nome ou a Meditação, Eu direi: ‘Aquilo que despertar em vocês uma fé maior’. Na Repetição do Nome, os lábios e a língua não devem se mover. A disciplina deve ser mental.”

“Radha<sup>213</sup> é *Dhara*, a Terra, *Prakriti* (Natureza), a contraparte de *Purusha* (Espírito). Radha é Devoção, a base – *adhar*, que deve fluir como uma correnteza ininterrupta – *dhara* (...)

“Se vocês aderirem ao caminho da Verdade, as falhas não parecerão falhas, a miséria não parecerá miserável (...)

Essas são algumas das preciosas declarações de Baba, que transformam a peregrinação em Sua companhia em uma verdadeira *viagem de sabedoria*, ou *yatra* e *jñanayatra* - para cada um.

Onde quer que Baba esteja, Ele concede entrevistas pessoais como em Prasanthi Nilayam e confere as dádivas do consolo, da coragem e da fé a todos que as procuram. Ele também incentiva os devotos a organizar *bhajans* e o cântico, em coro, do Nome do Senhor. É comum que Ele os ensine a cantar. Assim, Baba viaja por toda parte, fazendo todos os corações florescerem de alegria, derramando Suas bênçãos sobre todos os que estão aflitos e sequiosos, provando por meio de milagres, a cada momento, que Ele assumiu a Forma Humana para você e para mim.

---

<sup>212</sup> Melodias; composições melódicas específicas, características dos estilos indianos de música.

<sup>213</sup> Namorada de infância de Krishna e Sua devota mais dedicada. Seu nome se presta às inversões cheias de significado que se seguem, no texto.

## “EU ESTOU AQUI”

Ao anoitecer do dia 8 de setembro de 1958, Baba discursava para uma enorme assembléia formada pelo povo de Nuzvid e dos vilarejos vizinhos, no espaçoso recinto do Palácio Elamarru. Ele começou dizendo que os homens haviam perdido a estrada e pegavam tortuosos desvios que os levam para longe da meta. Porém, só o homem tem a capacidade de reconhecer o caminho certo e retrair seus passos, corrigindo-se constantemente. Ele deve usar essa capacidade de introspecção e reconhecer que só na contemplação do Princípio Divino encontrará Paz e Contentamento. Baba mencionou que o sofrimento e a intranqüilidade podem ser atribuídos à falta de coragem mental.

Então, a frase parou no meio, pois Baba caiu da cadeira em que se sentava, ficando rígido e sem movimentos. “Deixara o corpo” para levar a algum devoto em extrema agonia a mensagem consoladora: “Eu estou aqui!” O relógio marcava 19h25! Havia uma quietude sobrenatural no ar. A platéia se esquecera até de respirar. Podia-se ouvir o tique-taque do relógio sobre a mesa, no silêncio que dominava a todos. Às 19h30, Ele voltou e, reassumindo o discurso, afirmou: “Este é o Meu Dever! Onde quer que Eu esteja, fazendo não importa o quê, quando o devoto chama, devo ir para lhe prestar socorro”. Então, Ele continuou falando por mais uma hora sobre o relacionamento entre o Guru e o discípulo, sobre o corpo como o Templo do Senhor e sobre as disciplinas necessárias à sublimação das paixões humanas!

Em 24 de novembro de 1958, acontecia uma cerimônia em Puttaparthi, como parte das Celebrações do Aniversário de Bhagavan Sri Sathya Sai Baba. O balanço situado na extremidade Leste do Salão estava lindamente decorado com flores, e Baba se sentara nele por insistência dos devotos. Foram cantadas canções devocionais, e também houve música. Os devotos se dirigiram à congregação falando sobre assuntos religiosos. Subitamente, Baba ouviu um “chamado”, caiu sobre os travesseiros e ficou “inconsciente” do que ocorria em Puttaparthi. Ele tomara conhecimento, como contou mais tarde, da situação do pai de um devoto em Hyderabad, um paciente que sofria de hidropisia<sup>214</sup> subitamente acometido de um ataque do coração, que estava sendo embarcado em uma ambulância. Baba deu *darshan* e *vibhuti* ao homem e retornou ao balanço, no salão. Isso não levou mais que um ou dois minutos, mas, como Ele disse em Nuzvid, “teve que ir”; “Seu dever”, como Ele o chama, “convocou-O”. Oh! Como alguém poderia descrever a Infinita Misericórdia do Senhor! Ou Seus Infinitos Poderes!

Essa misericórdia vem sendo evidenciada de muitas formas durante esses anos, mas a mais dramática é essa “viagem extra corpórea” que Ele empreende. Já mesmo em 1940, ou seja, quando tinha não mais do que 14 anos de idade, costumava despertar a consternação de todos, “saindo” sem avisar. Na primeira ocasião em que isso ocorreu, achou-se que foi a picada de um escorpião que causou a inconsciência.

Não é comum que Ele revele o local para onde se deslocou e mencione a pessoa que recebeu Sua Graça, mas os casos sobre os quais contou esses detalhes são tantos que se pode dizer que essas jornadas O levaram até a Fronteira de Assam e da Cachemira, ao Vale Suíço, à Floresta Nallamalai, à costa de Bombaim, além de inúmeros outros locais na Índia e no exterior. Às vezes, pode-se ver o corpo de Baba fazendo gestos e movimentos como o de arrastar, puxar, levantar, fazer curativos ou extrações e, mais tarde, Ele explica que os gestos significavam que Ele salvara alguém de se afogar, de ser queimado, atropelado, esmagado ou agredido. Baba disse, certa vez, que havia estado em Bolarum (enquanto caminhava com um grupo de devotos pelo terraço de uma casa em Muthukur), porque um jipe havia capotado e um devoto estava preso sob o carro. Baba correu até ele com a mensagem “Por que temer quando Eu estou aqui?”, retirou-o de debaixo do veículo e, como contou depois ao retornar, permaneceu a seu lado até que “um ônibus passasse e levasse o ferido ao hospital”.

Durante os distúrbios e ataques dos *Razakar*<sup>215</sup> em Hyderabad, quando a vida de um devoto estava em perigo iminente, Baba “partiu” em seu socorro. Ele até mesmo agrediu algumas pessoas que estavam à Sua volta no terraço, em Nilayam, explicando mais tarde que aquele fora o “tratamento” administrado aos assaltantes em Hyderabad, com um efeito cem vezes maior. O devoto socorrido disse que seus atacantes saíram correndo desordenadamente, tomados de pânico súbito!

Um aldeão brigou com seu irmão sobre uma partilha de rendimentos e acabou vindo a Puttaparthi, esperando se manter ali às custas da caridade dos peregrinos. Baba o repreendeu por se tornar um fardo para outras pessoas, quando bastava um pouco de paciência e amor para que vivesse feliz com seu irmão, em seu próprio vilarejo. Ele assegurou ao homem que Sua Graça o acompanharia onde quer que fosse e mandou-o de volta a seu lugar de origem. O homem se ofendeu com isso, sentindo que Baba o havia expulsado, e, por isso, deitou-se sobre os trilhos da via férrea, em uma noite escura, esperando que as rodas de um trem pusessem fim ao seu sofrimento.

No entanto, a Graça de Baba a tudo permeia. Ele “correu” em socorro do homem sobre os trilhos, puxando-o para longe do trem, bem em cima da hora. As pessoas próximas a Baba, em Puttaparthi, perceberam que Ele arrastava

<sup>214</sup> Acumulação anormal de líquidos em tecidos ou cavidades do corpo.

<sup>215</sup> Movimento minoritário muçulmano pela independência do então estado de Hyderabad, que recorria a atos terroristas contra a população de maioria hindu.

algo pesado, através dos gestos que fazia! E Baba voltou reclamando do aldeão que interpretara Seu conselho de forma tão estúpida! O homem, chamado Bhimaiah, conforme me contou mais tarde, sentiu Baba agarrar sua mão e o arrastar para a vala ao lado do dormente sobre o qual se deitara. Chorando de arrependimento e tristeza, ele voltou imediatamente para Puttapparthi, antes de partir para a sua aldeia, em busca do irmão! Bhimaiah deve ter sentido que é absolutamente correta a Descrição de Dattatreya contida no seguinte verso: Dattatreya é *Aquele que vai a qualquer parte, imediatamente, por compaixão, para socorrer o renunciante, o mundano, o santo e o yogi*<sup>216</sup>, no que diz respeito a Sri Sathya Sai como *Avatar* de Dattatreya. Até hoje, quando os devotos perguntam a Bhimaiah porque submeteu Baba ao esforço de uma viagem fora do corpo, por sua tolice, ele abaixa a cabeça, envergonhado, e implora para não tocarem em um assunto que lhe é tão doloroso.

Ainda com respeito a esse aspecto de Baba como Dattatreya, fico tentado a citar aqui a experiência de um amigo, professor de filosofia. Ele tinha contato com um certo senhor Dattatreya Upasaka, discípulo de Gondhaval Brahman Chaitanya Maharaj, sob cujas orientações estudava textos antigos. Certa vez, Upasaka lhe falou a respeito de Sathya Sai Baba como uma encarnação de Dattatreya e pediu que ele fosse a Puttapparthi para receber Suas Bênçãos. “Não posso ir porque estou muito velho para fazer a viagem, mas você deve ir para ter Seu *darshan*”, insistiu ele. Meu amigo veio a Puttapparthi e, quando foi chamado para uma entrevista, as primeiras palavras que Baba empregou para dar início à conversa foram: “*Venha! Faça o seu Namaskaram. Aqui é Dattatreya Pitham para você!*” Dattatreya é louvado nos Puranas como “Aquele que vai a qualquer lugar instantaneamente”, em resposta a chamados, orações e súplicas de toda parte, para intercessão, consolo, força e alívio!

Baba “deixa” o corpo e vai para perto do devoto durante os últimos momentos de sua passagem na Terra para lhe dar *darshan*. Certa noite, Baba “partiu” para dar *darshan* a alguém cujo nome revelou quando retornou ao corpo. Quando eu lhe disse “Então isso aconteceu em Muddanur”, Ele me corrigiu: “Não. A morte aconteceu por colapso cardíaco; a pessoa estava sendo levada para outro lugar e a morte sobreveio na estrada”. Mais tarde, a carta do viúvo enlutado revelou que, por falta de balão de oxigênio no hospital local, a paciente foi levada de táxi até uma cidade quase 40 quilômetros distante e faleceu no caminho, com as palavras “Sai Ram, Sai Ram” nos lábios.

Em Horsley Hills, enquanto caminhava pelo refeitório certa noite, Ele parecia a ponto de empreender uma “jornada”, mas murmurava para si mesmo “Ainda há tempo”, caminhando em direção à mesa. Então, em meio ao jantar, Ele “partiu” para conceder *darshan* a um moribundo!” Alguns meses atrás, enquanto estava em uma dessas jornadas de misericórdia, Ele repetiu “água, água” algumas vezes e, assim, aqueles que estavam à Sua volta em Puttapparthi trouxeram um copo d’água que foi mantido diante de Seus lábios. No entanto, Ele nada percebia. Quando retornou e olhou à volta e viu o copo cheio d’água, perguntou quem havia trazido e por quê. Quando responderam que Ele mesmo havia pedido, Baba sorriu e disse: “Se eu peço água para dar a um moribundo em outro lugar, vocês Me trazem água aqui também?!”.

Estranhos são os caminhos de Deus. Talvez seja por isso que Baba diz com freqüência: “Não gastem tempo e energia tentando encontrar explicações para Meus atos. Compreendam a si mesmos e à sua própria natureza, em primeiro lugar. Isso lhes dará uma pista a Meu respeito”.

Baba não precisa “transcender” o corpo físico para aparecer em outro lugar e oferecer auxílio. Às vezes, Ele simplesmente se senta em uma postura rígida ou olha firme em uma direção qualquer, retornando após alguns segundos; enquanto isso, a viagem e a comunicação da Graça se encerram! Um dia, enquanto estava no meio de uma história que relatava para ilustrar um ponto sobre um dos ministros de Manu Chakravarthi, Baba “deu uma saída” por cerca de 10 segundos e, ao voltar, retomou a história! Só alguns dentre os mais atentos ouvintes perceberam algo fora do normal. Naquele momento, alguém entrou na sala e Baba perguntou: “Recebeu o telegrama?” Parecia que a pessoa, de fato, havia recebido! “O que diz? Prasad está com febre alta, não é?” Ele não fora ainda aberto e então foi passado a Baba, que rasgou o selo e leu que Prasad tinha febre alta, de 40 graus. Mas Baba disse: “Não se preocupe, acabei de voltar de lá. O menino está fora de perigo”. Prasad, conforme nos disseram, estava na casa do homem que entrara na sala, cerca de 400 quilômetros distante dali!

Geralmente, não temos sequer a menor idéia da misteriosa missão de Graça exercida por Baba. Ele salva, protege, direciona e orienta, mesmo enquanto conversa, canta ou caminha. Lembro-me de uma experiência espantosa e única: Baba estava em Prasanthi Nilayam, em Seu quarto. Havia aproximadamente doze pessoas no local, ocupados em dividir ao meio os cortes de tecido para os *dhotis*, dobrando-os em seguida, para, em princípio, distribuí-los aos pobres durante o Navaratri. Subitamente, Baba disse: “Parthasarathi! Você pensa que Eu estou aqui, agora, com você, com essa tesoura na mão, cortando esse pano, não é? Saiba que estive agora mesmo em Madras para ver o seu Kusa! O pequenino teve difteria e seu irmão o levou para o hospital. Não se preocupe, querido amigo. Eu lhe dei *darshan* e ele vai melhorar rapidamente”. Todos ficamos atônitos com o anúncio e Parthasarathi caiu aos Pés de Baba, tomado de emoção por aquela evidência do Seu Poder e Graça.

---

<sup>216</sup> Dattatreya tatkshanath sarvagami, Thyagi bhogi divya yogi dayaluh é a forma original do verso. A tradução acima é aproximada, baseada na similaridade dos termos e no contexto.



Com Seu característico senso de humor, Baba fala de Seus milagres como “Meu cartão de visitas!”. Com isso, Ele quer dizer que está anunciando a nós, por esses meios, que Ele é o Senhor em Pessoa, o mesmo que veio instantaneamente em socorro de muitos devotos, o mesmo Senhor que se apresentou diante daqueles que O invocaram. Em Sua Graça, Ele aceita apresentar Seu “cartão de visitas”, credencial simbólica de Sua Divindade, até mesmo a visitantes passageiros, que vêm bisbilhotar por mera curiosidade. Está em nossas mãos agarrar a chance e procurar obter Dele a chave para a auto-realização, valorizando a oportunidade.

## “O CONDUTOR DA CARRUAGEM”

O Senhor Krishna, por Sua Misericórdia, concordou em ser o condutor da carruagem – o *Sarathi* de Arjuna, durante a batalha de Kurukshetra. Narayana tornou-se o *Sarathi* de Nara. Deus guiava as ações do *Homem*<sup>217</sup>.

Arjuna foi aprisionado nas malhas do apego, exatamente no instante em que o Dever o conclamou a agir. “Meus membros estão inertes, minha língua está seca. O arco escorrega de minhas mãos. Sou incapaz de permanecer de pé, Meu cérebro está um turbilhão”, disse ele em prantos. Sri Krishna o repreendeu por se deixar abater por uma fraqueza indigna, uma inconveniente falta de masculinidade. O discernimento de Arjuna fora dominado pela tristeza e ilusão, pelo orgulho e ignorância, por um sentimento de ego e de posse. Então, Krishna, que é o Residente Interno de todo ser, removeu o véu do apego e ensinou a Arjuna o segredo do sucesso na vida, a Yoga da *Entrega Incondicional à Vontade Divina (Saranagathi)*, da *Ação Desinteressada*<sup>218</sup>.

É significativo o fato de que Baba denominou *Sanathana Sarathi* (O Eterno Condutor), a revista mensal lançada em 1958, em Prasanthi Nilayam, pois, como Sri Krishna, Ele também veio para nos libertar da tristeza e da ilusão, do orgulho e da ignorância, restabelecendo a Retidão no mundo. A palavra “*Sarathi*” é uma garantia, da parte de Baba, de que Ele nos guiará no caminho certo, bastando para isso darmos o primeiro passo e convidando-o a assumir as rédeas de nossas vidas. A palavra “*Sanathana*” é um lembrete de que esse tem sido o papel de Baba desde a aurora da Criação.

Baba escreveu cinco séries de artigos intitulados: Prema Vahini, Dhyana Vahini, Prasanthi Vahini, Jñana Vahini e Sandeha Nivarini<sup>219</sup>. Ele usou o tégulo coloquial, simples e direto, e, quando alguém lê os artigos, é capaz de imaginar o próprio Baba conversando com o leitor em Seu modo peculiar e inspirador. Com várias perguntas entremeando os conceitos, Ele estimula o leitor a pensar por si mesmo nos problemas abordados. Usando termos carinhosos como “Nayini”, “Babu”, “Abbayi”, “Bangaru”<sup>220</sup>, Ele se faz mais próximo de nós para nos instruir na arte da peregrinação em direção a Deus.

Baba escreveu o seguinte: “Quão desolado ficará o agricultor se as sementes que plantou não brotarem, não crescerem, não se transformarem em colheita! Do mesmo modo, se as sementes das Palavras de Verdade que Eu semeio não brotarem em seus corações, desenvolvendo-se em plantas e árvores frutíferas, Eu também não ficarei feliz. A colheita de bem-aventurança é Meu sustento, Meu alimento. Esse é o único serviço que precisam prestar a Mim. Nada há que seja superior a isso. Se, em lugar de desprezar essas palavras boas e verdadeiras, escritas para o seu bem, vocês as colocarem em prática, experimentando a alegria que elas proporcionam, essa felicidade será o alimento que Me sustentará. Se agirem assim, conforme Minhas palavras, levando-as à prática diária, Eu, de bom grado, lhes direi muito mais coisas, pois esta é a razão pela qual Eu vim”.

Baba afirma com freqüência que Ele demonstra Sua Divindade por meio de Milagres e Brincadeiras, apenas para estimular nos homens a necessária fé, para que O escutem e sigam Suas sugestões, em prol de sua própria realização espiritual. Ele declara que é direito de cada um conhecer essa Mensagem Dele e, portanto, qualquer um pode se aproximar sem medo ou hesitação. Sua ansiedade por remover todas as dúvidas que se insinuam nas mentes das pessoas que buscam Sua orientação e Sua boa vontade em lhes conceder quantas entrevistas queiram, a fim de discutir problemas pessoais e específicos das disciplinas espirituais, são evidências de Sua Graça e Misericórdia.

Uma consulta às páginas da *Sanathana Sarathi* revelará a qualquer leitor o Poder, a Sabedoria e a Graça de Bhagavan Sri Sathya Sai Baba. Ele nos adverte contra o ato de negligenciar os centavos na busca pelo dinheiro de maior valor.

“Estejam vigilantes em relação às pequenas coisas, às centenas de coisinhas que se permitem fazer a cada momento e que se solidificam em hábitos que adulteram o caráter e a personalidade. Elas dão forma à inteligência, à aparência, aos ideais e às aspirações do indivíduo. Enfrentem suas tendências malévolas antes que elas os escravizem. Se fizerem um esforço sincero, terão sucesso com certeza...”

“Se alguém lhes apontar suas faltas, não discutam, tentando provar que o outro está enganando, nem desenvolvam animosidade contra ele por essa razão. Raciocinem com vocês mesmos, examinem sua própria conduta com calma e, com espírito de gratidão, corrijam a si mesmos (...)”

<sup>217</sup> Referência ao episódio do épico Mahabharata, no qual o príncipe Arjuna, líder dos exércitos do bem, trava uma batalha com os usurpadores de seu trono para recuperar seu reino, tendo o *Avatar* Krishna como condutor de seu carro de guerra. É uma metáfora para a situação em que o devoto perfeito (Arjuna) deixa-se conduzir pelo Senhor (Krishna), que assume o controle do seu corpo (a carruagem) e de seus sentidos (os cavalos), levando-o à Vitória Final – a Liberação.

<sup>218</sup> Anashakti Yoga – o mesmo que Nishkama Karma – Ação sem desejo pelos resultados.

<sup>219</sup> Ensaio denominado “fluxos, torrentes” (*vahini*), versando sobre amor (*prema*), meditação (*dhyana*), Paz Suprema (*prashanti*), Sabedoria (*jñana*) e esclarecimento de dúvidas (*sandeha nivarini*).

<sup>220</sup> Apelidos carinhosos cujas traduções aproximadas são: “Querida” (deve ser uma forma curta de *pranayini* = mulher amada, em tégulo), “Príncipezinho”, “Neném”, “Menino de Ouro”.

“Quando alguém lhes atormentar, não dêem espaço à raiva, que é o inimigo número um do *discernimento* (*viveka*) e da *inteligência* (*vichakshana*). Pratiquem a Repetição do Nome de Deus durante algum tempo, sentados em algum local solitário ou cantem algumas canções devocionais em voz alta, ou ainda, se não puderem fazer nenhuma dessas coisas, deitem-se para dormir.”

“Sua própria experiência é a melhor garantia da verdade para vocês (...) Desenvolvam coragem, confiança, esperança e entusiasmo. Isso os manterá em boa forma tanto no campo secular quanto no campo espiritual.”

“O homem, em toda parte, está imerso em preocupações e tribulações. Está certo aumentar ainda mais sua agonia? O mar já está revolto. Como podem pensar em soprar um tufão sobre ele? Aprendam, em seu lugar, a provocar sorrisos em todas as faces. Para que tornar o mundo ainda mais triste, com suas lamentações e histórias de seus próprios infortúnios?”

“Adotem a prática da Repetição do Nome de Deus e da Meditação para aliviar seu próprio sofrimento. Superem sua própria tristeza e sejam exemplos para os demais.”

Esses são alguns conselhos que Ele nos tem dado, em Sua generosidade.

A eliminação das tendências, dos impulsos e dos hábitos danosos, junto com a construção do caráter, são, entretanto, meras preliminares na prática da Disciplina Espiritual. Então, Baba vem dedicando uma parte considerável de Suas contribuições à Meditação, à Repetição do Nome de Deus e às Orações. Por cerca de treze meses, Seus artigos versaram sobre Meditação e seu *modus operandi*, que Ele chama de “rotina planejada”.

“Pratiquem Meditação até que sua mente esteja firmemente sob seu controle. Quando a mente começar a escapar, tenha cuidado. Não a acompanhe em suas divagações, procurando descobri-la e puni-la. Fique calmo e não a persiga. Então, ela retornará por si mesma, quando estiver cansada e exausta, por ter sido negligenciada por você. A mente é como uma criancinha. Quando a mãe vai atrás dela chamando pelo seu nome, interessada em seus movimentos, a criança se sente confiante para perambular um pouco mais; porém, se a mãe fica firme e volta para seu lugar, afastando-se, a criança se intimida com esse sinal de desprezo e corre de volta para os braços maternos. Por isso, não se preocupem com as divagações da mente. Continuem com a Repetição e a Meditação no Nome e na Forma que mais gostam, da maneira que acharem mais fácil. Vocês realizarão o desejo de seu coração...”

Palavras de consolo e estímulo como essas existem em abundância nos artigos escritos por este Dakshinamurthi<sup>221</sup> da nossa era, pois, como Ele diz, “em épocas anteriores, um grupo de pessoas em particular ou um indivíduo que possuía o monopólio dos meios de explorar e escravizar e o poder necessário para tal, era o responsável pelo declínio do *dharma*. Por essa razão, o *dharma* pode ser reinstalado pelos *Avatares* prévios através da destruição daquele grupo ou indivíduo. Mas, agora, a natureza demoníaca é uma característica universal e, por isso, este *Avatar* precisa produzir uma revolução no caráter, na atitude e no comportamento humanos, sendo necessário ensinar certas disciplinas às pessoas”.

“As pessoas devem ser colocadas no caminho que leva à unidade, à harmonia e à paz. É direito de cada indivíduo, qualquer que seja sua raça, credo, casta ou classe social, reconhecer que tudo no Universo é manifestação do Senhor, que constitui sua verdadeira base, todo seu conteúdo, o fio e o tecido, a fibra e o pano de tudo que há. Vocês, da atual geração, têm muita sorte de poder ter contato com o *Avatar* do Senhor e ter a chance de receber a orientação que Ele veio dar”.

Baba escreve palavras duras contra os Mestres ou Gurus que comprometem seus ideais para alcançar renome e fama. Afinal, um dos propósitos de Seu Advento é conduzi-los de volta à retidão. Ele condena o partidarismo e as facções criadas em nome de Deus. Na verdade, Ele não admite sequer que Deus possa ficar zangado ou ciumento. “Não acreditem nas descrições do Senhor em que Ele é representado como alguém ganancioso, interessado em negócios, irado, ciumento ou vingativo. Ele está acima de toda essa baixaza e barganhas. Deus é Amor, Compaixão e Paz. Quando um pote de néctar é atingido por uma pedra, ele vaza, mas por acaso o néctar se torna amargo? Não. Ele jamais poderá alterar sua doçura”. A Mensagem de Baba é de Harmonia. “Quando se descreve a Pura Existência, que a tudo permeia e inclui, a forma e o método dependem da postura do palestrante e da compreensão do ouvinte. Quando é descrita por meio de atributos, assume vários nomes e formas; quando o aspirante espiritual descobre que Ela está além de todos os atributos que a mente pode conceber, então Ela recebe o nome de Brahman”. Por essa razão, toda a discussão que ocorre entre seitas é pura rivalidade secular, aceita pelo prazer vulgar que confere às mentes inferiores, diz Baba.

Baba também indica que os *sanyasi* só merecem respeito caso tenham aberto mão de todos os desejos, mesmo o desejo de desenvolverem seus *ashrams*. O apego ao *ashram*, por si só, transforma-se em um fardo – em um *sramam* (conflito) - para eles. Em lugar de abandonar todos os laços, esses Gurus atam-se com mais força ainda à cangalha do arado de *samsara*. Eles se degradam ao nível das bestas de carga. Baba diz que as pessoas perderam a fé na *Sanathana Dharma* e na própria instituição dos *Sanyas* devido às atividades desses homens que exercem uma

---

<sup>221</sup> Shiva exercendo o papel de *Guru*.

pressão contínua sobre a sociedade em busca de nome e fama. Gurus como esses, diz Baba, treinam muitos discípulos e, por isso, devem fazer um esforço especial para ajudar os alunos a adquirir a postura correta e se manterem completamente imersos na contemplação do Senhor.

Baba também aponta o equívoco de se atribuir ao *Guru* um *status* mais elevado do que lhe é devido. Respeitem o *Guru* como a pessoa que lhes mostra o caminho, que cuida de seu progresso, interessada em seu bem-estar: isso é tudo. Não o considerem alguém onipresente e onipotente. Só o Senhor pode ser considerado e tratado como Universal.

Baba sempre enfatiza a moderação. Ele não advoga o ascetismo para todos. Fala do corpo como um acessório ofertado por Deus.

“Compreendam bem o corpo, façam-no obedecer à sua vontade. Jamais cedam a ele, seguindo suas demandas extravagantes. Treinem o corpo com cuidado para que sirva ao bem-estar de vocês mesmos”.

“Estejam atentos aos primeiros sinais de danos ou de deterioração. Mantenham o corpo em boa forma por meio de atividades disciplinadas. Alimentação moderada, sono moderado, uma atitude de amor por todos, uma postura de firmeza frente à dor e à ansiedade, bem como na hora do sucesso e da boa sorte, são mais importantes do que remédios para curar as doenças do corpo. Até mesmo a capacidade de discernir, aplicada à própria condição física individual, os ajudará a superar doenças”. Frequentemente Baba condena o entusiasmo excessivo do aspirante espiritual em submeter o corpo a jejuns e também os tolos gastrônomos que abastecem o paladar em sua demanda por comida picante e pesada.

Longe de condenar a vida em família, Baba chama essa vida de “Guru”, pois somente através das dificuldades e turbulências da família as pessoas adquirem a ânsia pela vida mais elevada do espírito. Ele diz que, se não fosse por esses problemas, muitos não haveriam chegado até Ele. No entanto, uma vez que O alcançam e conhecem, passam a aceitar a Vontade de Deus, quer seus problemas se resolvam, quer não. Gradualmente, percebem que essas tribulações não merecem a importância que lhes atribuíam, encarando-as com maior coragem, confiança e até mesmo maior compreensão. Baba escreveu que a cana-de-açúcar deve aceitar bem o corte, a colheita, a moagem, a fervura e a compactação que lhes são impostos, pois, sem todos esses sacrifícios, secaria sem haver produzido sua doçura. Da mesma maneira, o homem deve receber bem os problemas, pois só eles fazem vir à tona a doçura do espírito que está em seu interior. “Quando querem um ornamento, vocês procuram um ourives e lhe entregam a quantidade de ouro requisitada. Entretanto, por acaso passam noites em claro, preocupando-se com a fundição, a forja, o molde, o corte, o estiramento e o entalhe aos quais o ourives submete o ouro? Por que, então, se preocupam quando o Senhor, a fim de fazer belas jóias de vocês, aquece, derrete, corta e entalha, removendo suas impurezas no cadinho do sofrimento?”

Baba é o Grande Curador, o Restaurador dos Espíritos Desalentados, o Ressuscitador exclusivo. Ele insiste na Verdade porque a falsidade tem a covardia como raiz, e você só esconde um fato de alguém quando sente medo ou ódio por essa pessoa. A Verdade se fundamenta na força. Segundo Baba, é contra a natureza essencial do homem alegar fraqueza ou falta de resistência. Ele não permite que ninguém diga “eu sou pecador, nascido no pecado, uma alma pecadora”. Quando qualquer devoto, por ato de contrição, insulta a si mesmo, Baba imediatamente o interrompe: “Uma vez que Eu vim por sua causa, não deve se sentir assim”, diz Ele.

Baba iguala a força à virtude e a fraqueza ao vício, quer dizer, “fraqueza é pecado, força é santidade”. As forças física, mental e espiritual são essenciais, mas a maior de todas é a Fé em Si Mesmo, na Alma Suprema que há em seu interior. “Lembrem-se e extraíam força disso. Minha missão é lhes dar confiança em si mesmos, ofertar-lhes a força que vem dessa confiança”. O desânimo, segundo Baba, é a principal causa da decadência e, por isso, todos devem cultivar a qualidade da alegria. “Para quem é contente, a vida é um longo festival”. “A inveja corrói os órgãos vitais e se espalha como veneno por toda a nação. Dedique tudo ao Senhor, tanto a alegria quanto a tristeza: este é o segredo para conquistar contentamento, o mais valioso de todos os tesouros”.

Baba instila o espírito de serviço entre Seus devotos e, durante o Dasara, geralmente há um dia dedicado ao serviço social, às suas aplicações práticas e à atitude de adoração com que se deve prestá-lo. Ele escreve e fala sobre a ajuda ao próximo ser, em última instância, ajuda a si mesmo, e a agressão aos outros, uma violência contra si mesmo. “Se o próprio Deus vem em forma humana para servir à humanidade”, pergunta Baba, “que felicidade Ele não sentirá se o homem também se envolver nesse serviço?” “Dediquem seu tempo a prestar serviço ao mundo, sem se importarem com os resultados”. Entretanto, Baba é muito específico a respeito da visão que deve inspirar o aspirante espiritual que escolhe o caminho do Serviço. “Embora o serviço à humanidade seja sagrado, a menos que se misture com o ideal mais elevado do Serviço a Deus, reconhecendo o Senhor imanente em cada um, adorando o Senhor na forma de cada pessoa, não haverá proveito. Deve-se ter completa fé na Divindade do Homem e oferecer serviço mantendo uma ininterrupta contemplação do Senhor”. “Use o poder, o conhecimento e as conquistas com que o Senhor os recompensou para aumentar a glória do Senhor, com sinceridade e sem preguiça. Este é o Serviço ao Senhor, qualquer que seja o campo de atividade ou de dever para os quais forem convocados a prestar serviço”.

É comum que Baba dedique um discurso inteiro à elucidação da necessidade da investigação em lugar de uma fé cega e desprovida de raciocínio. “Podem Me fazer qualquer pergunta, sem hesitação. Estou sempre pronto a responder, mas só aceito pessoas que questionem com sinceridade, com desejo de saber”. Sem análise e raciocínio, o verdadeiro valor das coisas não pode ser percebido, e a renúncia não será possível. Às vezes, é necessário até mesmo investigar seu próprio processo investigativo, pois você pode estar se enganando com o argumento de que todas as suas ações são morais e puras, quando uma mente sem pré-julgamentos poderia condená-las frontalmente. Como Sri Krishna, Ele também diz às pessoas: “Pensem em todos os prós e contras, pensem também em sua própria experiência e, então, cheguem ao seu próprio julgamento. Não se deixem levar pelo que os outros possam dizer, até mesmo pelo que Eu possa dizer!” “Nos portões da Libertação ou da Realização, há três sentinelas”, diz Baba, “que os deixarão entrar somente se forem convencidos da validade de suas credenciais. Chamam-se Contentamento, Paz e Raciocínio. Se um dos guardas ficar satisfeito, os outros dois podem não ser tão rigorosos. Por isso, cultivem contentamento, paz ou raciocínio. Basicamente, todos estão inter-relacionados”. O Raciocínio trazido à esfera da Percepção de Deus resulta em Paz, ou seja, em um Contentamento imperturbável ou Bem-aventurança. “Perguntem-Me sobre alguma disciplina espiritual que estejam ansiosos para empreender ou sobre algum ensinamento que possam colocar em prática imediatamente. Busquem algo que valha à pena.” É isso o que Baba requer de nós.

Existe um sentimento de urgência nas ordens que emanam de Baba, pois, como Ele diz, o momento para começar uma disciplina espiritual é *agora*. “Comecem hoje mesmo a prática espiritual que deveria ser feita amanhã. Comecem agora mesmo a prática espiritual que deveria ser feita hoje”. Da mesma maneira que uma criança deve começar a se alfabetizar desde muito pequena, para que possa ser proficiente em artes e ciências quando tiver que viver sua própria vida, mais tarde, assim também a criança espiritual precisa se alfabetizar imediatamente e prosseguir com seus estudos. Ninguém poderá aprender o alfabeto na velhice ou no leito de morte. “A cada segundo, seu período de vida está encurtando. O instante que se foi já não é mais seu, o momento que virá também poderá não ser. Portanto, concentre todos os seus esforços no agora, nesse mesmo instante, para conquistar a alegria eterna”.

Entre os meios para conquistar essa alegria interminável, Baba coloca a Repetição do Nome de Deus em primeiro lugar, embora Ele fale e escreva também sobre as três Yogas e sobre os três sistemas filosóficos tradicionais<sup>222</sup>. Baba veio para pôr fim a todas as facções e enfatizar a harmonia dessas escolas e sistemas. “Não direi que os caminhos da Ação, da Sabedoria e da Devoção estão separados, nem os classificarei como primeiro, segundo ou terceiro, nessa ordem, tampouco aceitarei uma mistura dos três. Ação é Devoção; Devoção é Sabedoria. Um torrão de açúcar tem doçura, forma e peso, todos os três. Do mesmo modo, cada ato individual de um homem que caminha para Deus deve ter a doçura da Devoção, a forma da Ação e o peso da Sabedoria”. “Sabedoria é o produto da Devoção, e esta é promovida pela Ação, sendo que a ação mais nobre é a Repetição do Nome do Senhor e a Meditação”. “Uma devoção intensa e incondicional leva o indivíduo, progressivamente, a viver livre no mundo, a viver a liberdade de uma relação pessoal com Deus e a viver livre, assumindo a própria forma de Deus<sup>223</sup>. Esse é o resultado final da prática da devoção. No entanto, a Meta do Monismo não admitirá este último estágio como o mais elevado. Simplesmente porque alguém tem *Sarupya* (a mesma forma que o Senhor), não se pode dizer que tem os poderes da Criação, da Sustentação e da Destruição que o Senhor possui. Só quando desaparecem todos os traços de diferenciação é que a unidade é alcançada; então, tem lugar o estágio de *Sayujya* (Estado de Unidade com Deus). Isso só pode ocorrer por Graça Divina; não pode ser reclamado como recompensa pelo esforço”.

“O Senhor também pode conceder o Conhecimento do Absoluto ao devoto, uma vez que o Espírito Supremo e a Natureza não são duas entidades separadas. Ele pode remover o véu que Ele mesmo fez descer.” “Uma coisa e sua natureza são idênticas, não distintas. É possível se ver a natureza separada de um objeto, a doçura separada do açúcar, a luz separada do Sol? Da mesma maneira, Deus tem duas características: quando falamos Dele como duas entidades, elas são conhecidas como Espírito e Matéria, que, em realidade, são um só. A Matéria, no Senhor, não se manifesta, não está separada e só pode ser percebida pela experiência, como a doçura no açúcar. Por um simples ato de vontade, essa Matéria envolve o Senhor e o Cosmos é o resultado. Essa Existência única é a base ou o fundamento do Universal e também do Individual, a totalidade e suas partes aparentes. Esse cosmos total, manifestado, ou *Plenitude (Purna)*, surgiu da Realidade Imanifesta Indivisível, que também é Plenitude, mas, ainda assim, não houve redução da Plenitude”.

Baba explica os problemas filosóficos mais complicados de forma facilmente compreensível, e o ouvinte ou o leitor vêem a solução em um lampejo iluminador, provocado por um sorriso, metáfora, parábola ou anedota que resume uma hora de elaborações. Em suma, Sua vinda é para o seu e para o meu benefício, para nos transformar em aspirantes espirituais disciplinados, pois, como Ele declara, “o Mundo só poderá alcançar prosperidade e paz por

<sup>222</sup> O autor se refere às Yogas ou Caminhos da Ação (*karma*), da Devoção (*bhakti*) e do Conhecimento (*jñana*), bem como às Filosofias Dualista (*dvaita*), Dualista Qualificada (*Vishishtadvaita*) e monista (*Advaita*) – essas últimas, formas diferentes de explicar a relação entre Deus, o Universo e o Homem.

<sup>223</sup> A tradução é uma interpretação do texto original: “uma devoção intensa e incondicional leva o indivíduo de *Salokyamukthi* a *Samipyamukthi* e, daí a *Sarupyamukthi*”. *Mukthi* = liberação; *Salokya* = o mundo, o planeta; *Samipya* = associação direta com o Senhor; *Sarupya* = ter a mesma forma que o Senhor.

intermédio de pessoas cujos corações sejam puros e cujas mentes sejam livres de preconceitos e paixões, de luxúria e ganância, de ódio e inveja”. Que seja nossa a sorte de receber a benção de Sua Graça para que também possamos nos juntar ao exército dessas almas disciplinadas.

## A MISSÃO COMEÇOU

Os milhares de participantes que compareceram às Celebrações do Dasara de 1960 devem lembrar até hoje as emocionantes declarações que Baba fez em Seus Discursos, sobre Si mesmo e Sua Missão. Logo no primeiro dia, durante as comemorações do Dia do Hospital, Baba disse que é uma perda de tempo e de energia fazer as pessoas iletradas compreenderem, à força, algumas doutrinas obscuras de Vedanta; é tolice recomendar que pratiquem vigílias e jejuns exaustivos. Os professores e gurus devem estimulá-las a progredir lentamente, a partir do ponto em que estão, incentivando-as a dar um passo de cada vez, abandonando um mau hábito depois do outro e aumentando a duração dos períodos de repetição do Nome de Deus e de meditação.

Baba falou, por três dias seguidos, sobre Si mesmo e Sua Missão, a partir da recitação do poema “Sri Sathya Sai Gita”, composto em télugo por Vidwan Dupati Thirumalacharlu, que Lhe forneceu a necessária inspiração. Ele declarou que havia retornado para proclamar a mesma doutrina do *Desapego aos Frutos da Ação* e da *Rendição à Vontade Divina* (*Karmasanyasa* e *Saranagathi*). Do mesmo modo que as nuvens escondem a glória do Sol, as nuvens da dúvida e da ilusão escondem Minha Glória de sua compreensão”, disse Ele. Baba quer que, como Arjuna, todos os homens desistam do apego nascido da ignorância e se libertem das cadeias do “eu” e do “meu”. “O Amor é a semente, a Devoção é o broto, a Fé é o adubo, a Associação com Boas Pessoas é a chuva, a Entrega é a flor e a Fusão com o Senhor é o fruto”, declarou Ele.

“Vocês todos são mais afortunados”, disse Ele, “do que os homens das gerações anteriores, pois têm a Mim como guia e guardião, vigiando-os e advertindo-os quando seus passos resvalam para o erro. Façam o melhor uso possível dessa chance rara. Não fiquem saltando como sapos, ignorando o lótus que floresce a seu lado, mas sejam como as abelhas, que voam em enxames, vindas de longe e de perto, para beber do néctar em plenitude”. Palavras como essas, ressoando com a autoridade do Senhor, convocando a todos para se refugiarem Nele, fluem profusamente de Baba em cada discurso. “A Fé é sua própria recompensa: ela revelará a Verdade. Se vocês pensam que Krishna foi um vaqueiro, estão reduzindo não apenas Krishna, mas vocês mesmos ao nível de um menino pastor de vacas. Considerem-No o Senhor que reside no altar de seus corações e Ele agirá como o Condutor de sua carruagem”. “Não neguem, duvidem nem hesitem em reconhecer o Senhor, já que Ele, com tanta facilidade, se dispõe a atender a suas orações”, disse Ele.

“Não conseguirão perceber o significado completo do *Avatar* nem suportar todo o Seu esplendor, sem um período de preparação. Por isso, Eu só revelo a vocês pequenos relances de Glória, como a criação de *vibhuti*, etc.”, afirmou Ele certo dia. “Não! Não é de Minha Natureza exibir atrações para chamar as pessoas a Mim. Eu distribuo alegria sem nenhuma outra intenção. Por essa razão, Me divirto fazendo milagres”.

Afastando a cortina que esconde de nós Sua Divindade, baba declarou outro dia: “Algumas pessoas ignorantes, falando sobre Mim, dizem que tenho dupla personalidade. Divindade na maior parte do tempo e Humanidade no resto. Entretanto, acreditem-Me, Eu sou, sempre, a essência de ambas. Deus não muda nem se transforma. Estou lhes dizendo isso porque há uma ligação espiritual superior entre nós, não apenas um mero relacionamento entre visitante e anfitrião”.

Em outro dia, Baba falou em um tom mais ameaçador. “Preciso advertir todos vocês contra os falsos mestres e os gurus enganadores. Há muitos desse tipo, que fingem estar em *samadhi*<sup>224</sup>, passando a idéia de que caíram em êxtase divino e prometendo transmitir esse êxtase a todos que estejam à sua volta. Eles dão palestras durante o *samadhi*, dançam e cantam, no estado que chamam de *Rasakrida*<sup>225</sup>. Tudo que merecem são severos castigos por todo o mal que causam. Afastem-se deles”, afirmou. “Muito em breve, Eu me encarregarei de expor esses impostores e garantir que recebam a punição que merecem”, anunciou.

No Dia do *Gurupurnima*, em 1961, realizado na Cidade de Mysore, Baba chamou os devotos e seguidores para dar uma boa olhada nessa aula de Gurus e advertiu-os sobre o mais leve sinal de avareza, egoísmo, orgulho, inveja e hipocrisia. “Chegou a hora de acabar com os gurus que estão dando maus exemplos aos *sishyas*, com os *sanyasi* que competem pelo acúmulo de confortos e a aquisição de fama”, afirmou. “Logo Me ocuparei desta tarefa. É um dos objetivos pelos quais Eu vim”, declarou. “Os *sanyasi* que desistiram de todos os laços com o mundo e decidiram destruir seus barcos não devem festejar o aniversário; não devem amolar os riscos com sua impertinência por doações e recursos. Não devem satisfazer ao egoísmo dos seguidores concedendo-lhes títulos pomposos, elogiando suas realizações espirituais. Uma vez que você começa a diluir a rígida disciplina prescrita pelos monges, não há como interromper a queda inevitável. O Dharmasthapanana exige que o *dharma* de *sanyasi* seja primeiro corrigido, pois é ele que comanda o respeito de todos e é ele que se mantém aferrado ao ideal espiritual. Se ele começar a comprometer e se desviar do caminho, então a religião vai se tornar o motivo de riso de todos.”

<sup>224</sup> Estado em que a Alma liberta, mesmo no corpo, tem acesso à sua Divindade. É a meta da Ashtanga Yoga, ou Yoga de oito passos, do Sábio Patânjali.

<sup>225</sup> Dança realizada pelas *gopis* com o jovem Krishna, na qual cada uma delas sentia que bailava com Ele, exclusivamente, e ao mesmo tempo. Sinônimo de um estado de êxtase devocional em que o devoto vivencia a união com o Senhor.

O mesmo *sankalpa* estava anunciado nos discursos que Baba deu durante as Celebrações de Aniversário, em novembro. Dirigindo-se ao grande público de Puttapparthi, Baba afirmou: “Por mais de 20 anos, vocês estão vendo apenas a luz e não estão aproveitando seu calor, pois não se preocuparam em se aproximar. Mas Eu sabia que chegaria este dia e que vocês todos, mais cedo ou mais tarde, abandonariam as dúvidas e a ilusão e reconheceriam o caminho para a paz e a felicidade. Acreditem-Me, logo Puttapparthi vai se tornar Tirupathi. Milhares de *yogis*, *sadhus* e aspirantes virão até aqui nos próximos anos e vão receber Consolo e Salvação. O restabelecimento do *Sanathana Dharma* emanará daqui.”

No dia de Mahashivaratri, Baba enfatizou o Aspecto Universal de Sua Mensagem e declarou que era por toda a humanidade que Ele tinha vindo. “Não há ninguém neste Mundo que não pertença a Mim. Todos são Meus. As pessoas podem não chamar Meu nome nem qualquer outro nome; ainda assim, elas são Minhas.”

O significado e a importância dessas profundas declarações ficaram evidentes apenas em Coimbatore, onde Baba instalou a imagem em mármore do Sariram anterior, o antigo *Avatar* Shirdi Sai Baba, no famoso Mandir de Naga Sai. Em realidade, foi uma ocasião histórica o dia 26 de fevereiro de 1961. O *mandir* de Naga Sai é assim chamado porque Shirdi Sai Baba havia dado *darshan* a inúmeros devotos lá como Naga ou Cobra, que surgiam dos montes de flores, ouviam os *bhajans* por horas e até mesmo pousavam para uma fotografia, antes de desaparecer. Esse milagre aconteceu dezessete anos atrás, e o *mandir* serve, desde então, às necessidades espirituais de milhares de pessoas da cidade de Coimbatore e das áreas ao redor. Esta foi a primeira ocasião em que Baba estava formalmente instalando, para a adoração diária, um ídolo de Sua Manifestação Anterior, e por isso os devotos aguardavam ansiosamente algum pronunciamento importante de Baba naquele dia.

Nem ficaram desapontados! “É realmente engraçado, não é”, perguntou Baba, “que Eu tenha instalado este ídolo de Mim mesmo em outra manifestação. Estou fazendo isso por uma razão muito válida. Este dia merece ser inscrito em letras de ouro, pois esta cerimônia é o começo de uma nova era, a Era Sathya Sai, quando Saayi vai se tornar o Hrudayasthayi, a Força-Motivadora Interna, de todos. A única outra instância em que isso ocorreu, de um *Avatar* instalar um ídolo do Senhor, é a de Rama instalando o Ishvaralinga em Ramesvaram. Isso foi feito como um requisito à Destruição de Ravana e das *rakshasas*, à tarefa divina de Dushtanigraha. Hoje, estou fazendo isso como requisito para a outra tarefa de todos os *Avatares*, Dharmasthapana, o Estabelecimento do *dharma* no mundo.”

Declaração de uma Era, na verdade! São palavras que abrem a Nova Era de Amor e Justiça, de Paz e Unidade! Trombetas que chamam a Humanidade para se unir sob o estandarte de Sathya Sai!

Não admira que a Recepção em Udumalpet, que Baba visitou no dia seguinte, depois dessa declaração importantíssima, tenha sido magnífica. Lá também Baba convidou as pessoas a tomar parte na grande ressurreição do *dharma*, que era iminente.

Baba tem dito, com frequência, que a santidade de um local de peregrinação é proporcional à devoção que os devotos trazem consigo e à sinceridade das orações que fazem diante do altar. Entretanto, quando o próprio Baba visita um templo ou local de peregrinação, o efeito é mais profundo, como se fosse uma bateria exaurida recebendo uma recarga da fonte de toda Santidade. Baba tem declarado que isso é o que ocorre e que o propósito de Sua visita a certos templos é ampliar sua eficácia espiritual. Por essa razão, foi uma satisfação ouvir dizer que Baba planejava uma viagem a Ayodhya e Benares, depois de uma breve estadia em Madras. Em 23 de março, Baba se dirigiu a uma multidão reunida no Railway Stadium, em Perambur, e foi com silenciosa admiração que a assembléia ouviu o pronunciamento do Doutor B. Ramakrishna Rao, Governador do Estado de Uttar Pradesh, que presidia o evento. “Todo esse tempo me senti triste pelo fato de que, apesar do notável progresso econômico e cultural observado após a Independência, não vi muita alegria, satisfação, paz, cortesia e amor nesta terra, por falta, na vida das pessoas, de uma ênfase na moralidade e na disciplina espiritual. Hoje, porém, recuperei a esperança. Esta grande assembléia, a boa recepção que ofereceram a Baba e a atenção com que escutaram Suas Palavras me mostraram que o progresso moral da nação está garantido”.

O Dr. Ramakrishna Rao convidou Baba a ir a Lucknow. Quando Ele esteve lá, foi permitido aos cidadãos de Lucknow participar das sessões de *bhajans* realizadas no *Raj Bhavan*, possibilitando que muitos fossem abençoados por Ele e iniciados nos primeiros passos rumo a uma vida superior. Uns poucos afortunados foram avisados de Sua Presença por acontecimentos milagrosos, que atraíram ainda mais seguidores. Ele também falou em um encontro realizado no *Town Hall*, sob o patrocínio da Andhra Association, Tamil Sangha, Kerala Association e Mysore Association, que sentiram que deveriam homenageá-lo, presumivelmente porque Baba veio do Sul da Índia<sup>226</sup>! Mas, como Baba disse uma vez, *Deus não pertence ao lugar onde nasceu*<sup>227</sup>! Assim, Baba recomendou àquelas associações que abandonassem as lealdades compartimentadas e fundassem, no lugar das várias sociedades, um *satsang* – (Associação de Boas Pessoas), que se esforcem para serem melhores pela prática sistemática da Repetição do Nome de Deus, da Meditação e do Serviço Social. Como a sugestão continha a Divina Vontade de Baba por detrás

<sup>226</sup> Todas as sociedades citadas trazem em sua denominação, os nomes de Estados do Sul da Índia.

<sup>227</sup> Dakshinamurthi não pertence a *Dakshinapatha*, foi a expressão empregada pelo autor, numa referência a Deus – Shiva – como o Divino Mestre. *Dakshinapatha* é uma referência ao Sul da Índia encontrada nos Vedas; algo como “Os Caminhos do Sul”.



dela, a *satsang* foi formada sem demora e o próprio Baba em pessoa inaugurou um novo capítulo de harmonia, unidade e irmandade espiritual em Lucknow.

Partindo de Lucknow, Baba seguiu para Ayodhya com um pequeno grupo de devotos. Ele mostrou vários locais associados com o Ramayana e pontos santificados por eventos Divinos. Disse que a devoção ainda estava profundamente implantada nos corações das pessoas daquela área, pois podia ouvir a incessante repetição do Nome de Rama emergindo de seus corações. Ele visitou o templo de Rama e disse que o que se encontra no Universo se encontra também, sem alteração ou distorção, na forma limitada; apenas o Poder precisa ser constantemente nutrido pelos rituais prescritos, pela sinceridade das orações, pela pureza dos devotos ali reunidos, dos sacerdotes e seus auxiliares, e da própria atmosfera. “As pessoas adoram o Senhor como se residisse em Ayodhya ou Dvaraka e em nenhuma outra parte. Isso está errado. Ele está em toda parte; limitá-lo é negar Sua Glória. Tudo isso reduz gradualmente a eficácia do local sagrado, que só pode ser amplificada pela sinceridade cada vez maior dos devotos, ou então pelo próprio Senhor, por Sua Graça”.

Baba abençoou os devotos na margem do rio Sarayu e, mais tarde, levou-os ao templo de Hanuman, construído no território que, segundo a lenda, foi dado a ele pelo próprio Rama a fim de que pudesse estabelecer um reino no qual ecoasse para sempre o Nome de Rama. Baba distribuiu a *prasada* do templo para os devotos, acrescentando, no processo, conforme disse, a *prasada* de Sai Rama à de *Saketharama*<sup>228</sup>!

Saindo de Ayodhya, Baba chegou a Sarnath de carro, na mesma noite e, no dia 2 de abril, Baba e Sua comitiva visitaram o antigo Templo de Vishwanatha em Benares, imortalizado em história e lenda, música e poesia, pelos épicos e Puranas, pelos bardos e santos, o Grande Altar do Senhor do Universo. O *lingam* que há nesse templo tem sido reverentemente banhado por milhões de peregrinos, ao longo de milhares de anos, com as sagradas águas do Ganges. A própria Benares é considerada uma região sagrada em cada centímetro de sua extensão, e morrer ali supostamente conduz ao fim de todas as misérias de nascimentos e mortes.

Estar com Baba dentro do templo foi, de fato, uma experiência rara e inspiradora, pois Ele é o Próprio Menino Shiva, como sabem aqueles que já tiveram um vislumbre de Sua Glória. Ademais, todos nós esperávamos que Baba fizesse alguma coisa, algum milagre para aumentar ainda mais a santidade do templo, para contrabalançar o declínio provocado pelo egoísmo e pela dúvida.

Baba assistiu à cerimoniosa atividade de derramar água do Ganges no *lingam* e a recitação dos *mantras* tradicionais. Então, como se impelido por uma súbita decisão, Ele caminhou à frente e, materializando *vibhuti* de Kailasa na palma da mão, aplicou-o em três grossas linhas, cobrindo cerca de três quartos da imagem arredondada e fazendo-a reluzir com um esplendor peculiar. Outro milagre estava a caminho, pois Ele criou um tipo de pasta de sândalo, de consistência e perfume que não eram deste mundo. Moldando-a em uma forma redonda, aproximou-se novamente do *lingam* para aplicá-la ao centro das três linhas de *vibhuti*. Os templários e os demais ali presentes estavam estupefatos e maravilhados com tudo aquilo, mas nós sabíamos que Baba estava realizando um ritual com significado muito mais profundo do que tudo que já havia sido feito até então. Em seguida, com outro gesto daquela Divina Mão, Baba materializou uma jóia sem preço, que espalhou seu brilho cativante por todo o altar. Era um símbolo do *pranava*<sup>229</sup> feito de pedras preciosas, com rubis formando uma circunferência, diamantes formando três linhas de *vibhuti*, coralina no centro das faixas de *vibhuti* representando a marca de sândalo, esmeraldas artisticamente desenhadas como folhas de *bilva*, formando uma moldura verde para o *pranava* e, acima de tudo, o próprio *pranava*, uma labareda de diamante sobre uma base de ouro. Os devotos começaram a cantar e o coro de *Om Shivaya* ecoou e reverberou pelas alamedas do templo. Baba colocou o *pranava* sobre a pasta de sândalo que Ele já havia aplicado sobre a face do *lingam* e pediu que fosse realizado o *arathi*. Aqueles que observaram a cerimônia daquela manhã, no mais histórico dos templos indianos, jamais a esquecerão.

Então, Baba pediu para cada membro da comitiva dar um banho cerimonial no Senhor do Universo com a água do Ganges, enquanto cantavam *mantras* sagrados como o Sri Rudram. Ele também os levou ao Templo de Annapurna e ao Templo de Vishwanatha localizados no campus da Universidade de Benares. Os entalhes e as esculturas existentes naquele último local foram explicados por Baba aos devotos, pois só Ele saberia os detalhes não escritos, dos incidentes Védicos e Purânicos representados ali.

No dia três de abril, Baba estava em Allahabad abençoando a Sagrada *Triveni Sangam*<sup>230</sup> com Sua Presença e derramando com Suas próprias mãos, sobre os peregrinos, as águas sagradas da confluência. Ele também visitou o *Sarasvati Kupa*<sup>231</sup>, o Templo de Hanuman e a *Akshaya Vata*<sup>232</sup> original, mencionada até mesmo por Hiuen Tsang,

<sup>228</sup> Expressão em télugo: “Rama (que reside na cidade) de Ayodhya” (Saketha = Ayodhya).

<sup>229</sup> O Símbolo do OM (ॐ). As faixas horizontais de Vibhuti e o ponto central de sândalo são marcas representativas de Shiva.

<sup>230</sup> Local onde ocorre a confluência de três rios sagrados: o Ganges, o Yamuna e o Sarasvati (esse último, um rio subterrâneo).

<sup>231</sup> Poço de Sarasvati. Provavelmente um remanso ou mesmo um poço formado pelas águas do Rio Sarasvati.

<sup>232</sup> Figueira sagrada, denominada Árvore (Vata) Imortal (Akshaya).

dentro do Forte, ao lado da parede voltada para o rio Yamuna. Baba retornou a Puttapparthi em oito de abril, parando em Tirupathi por um dia, para presidir as Celebrações do *Thyagaraja Utsava*<sup>233</sup>.

Também em Tirupathi, Baba falou sobre ídolos e a adoração a eles, pois esse foi o tema de sua viagem pelo Norte da Índia. “O aspirante espiritual deve ver não a pedra, que não é senão a substância material do ídolo, mas a *Chaitanya*, ou *Consciência Cósmico*, inerente a ele, ali simbolizada por ele, a mesma Consciência inerente em si mesmo, que permeia, movimenta-se e transcende toda Criação. Só então a adoração aos ídolos e aos templos é significativa e benéfica”. “Muitas pessoas riem daqueles que adoram ídolos e condenam a prática como superstição cega. No entanto, a razão emudece diante do testemunho da real experiência. Todos os argumentos que a lógica pode engendrar, todos os truques que a dialética pode formular são impotentes para anular o efeito dessa evidência íntima. O ídolo não é um mero acessório, aparato ou objeto. Ele faz parte do mecanismo interno da realização. Se a adoração for realizada com a confiança de que o ídolo está saturado de consciência, ela pode conceder a mais elevada bem-aventurança”.

Após permanecer em Puttapparthi por somente uma semana, Baba partiu para Nilgiris, onde a população aguardava ansiosa para ter a honra de recebê-Lo e servi-lo. Toda Nilgiris, da menor choupana, no recanto mais afastado, até a maior fazenda, uniram-se na reverente homenagem. Baba aceitou visitar as vilas da região, e a sinceridade e simplicidade dos camponeses foram tão tocantes que até mesmo os devotos de longa data se comoveram até a admiração. O próprio Baba em pessoa expressou esse sentimento. Ele disse, no encontro público em Ootacamund: “Aqui, o povo é repleto de devoção, e essa devoção é acrescida de humildade e fé”. Em cada vilarejo, Baba convocou as pessoas a suplementar os esforços que agora faziam para ganhar seu sustento físico, com esforços para conquistar também o sustento espiritual.

As Nilgiris, que Baba rebatizou como Colinas Sagradas, caíram a Seus Pés, e o espírito de entrega está bem resumido na canção composta e cantada por um velho camponês de Achanakal: “Venham, meus irmãos. Esse não é o nosso lar, esse abrigo cheio de goteiras, apertado e prestes a desabar. Nossa casa é eterna e do tamanho do mundo; ela fica nas margens do Chitravathi; seu nome é Prasanthi Nilayam, a Morada da Paz”. Poderíamos também citar uma canção no estilo *Badaga*<sup>234</sup>, cujos versos folclóricos os habitantes de Ithalar cantavam com prazer: “Ele chegou, o Senhor, para nos abençoar, com um Halo Dourado, como o Sol. Ele está aqui entre as colinas, com uma coroa de Lua prateada. Ele percorre as estradas e ladeiras tortuosas para tocar cada um dos corações sofredores, nas cidades, vilas e ermidas, e assegurar: Não tenha medo’.”

Mesmo enquanto Baba estava nas Nilgiris, Ele já planejava uma viagem aos Himalaias e informava isso aos devotos selecionados por Ele para fazer parte da afortunada comitiva. Ele voltou a Puttapparthi por Madras e Hyderabad, na primeira semana de maio.

A visita a Badrinath foi planejada por Baba três anos atrás, durante uma sessão de *bhajans* nas areias do Chitravathi. Ele disse, então, que levaria os devotos ao local onde Ele praticava austeridades, e ficamos espantados pois aquela fora a primeira vez que ouvíamos falar sobre austeridades, associadas com Sua carreira na Terra. Pelo menos eu fiquei um pouco confuso, pois até então estava convencido de que Baba não praticava nenhuma penitência, nem aqui nem em outro lugar, no corpo ou em forma extra corpórea! Contudo, não investiguei o assunto nem tentei obter uma resposta.

A visita se tornou uma certeza, o planejamento ficou pronto e a comitiva foi definida antes do fim de maio. Baba saudou a todos com Seu *darshan* no Ethiraja Kalyana Mantapam, em Alwarpet, Madras, no dia 7 de junho, e os enviou de trem até Délhi, onde prometeu abençoar cada um, pessoalmente, pois pegaria um avião até a capital no dia seguinte.

O trem chegou a Délhi com cerca de seis horas de atraso. Quando os famintos, cansados e irritados devotos afinal chegaram, encontraram Baba distribuindo conforto, consolo e força com Seu sorriso e Sua atenção maternal. No dia seguinte, em Haridwar, o Governador de Uttar Pradesh, Dr. B. Ramakrishna Rao, juntou-se a Baba porque ele também planejava visitar Badrinath.

Em 11 de junho, Baba e Sua Excelência participaram do *arathi* oferecido à Mãe Ganga ao entardecer, em Brahmakund. A grande assembléia de peregrinos teve o *darshan* de Baba naquele local sagrado. Baba abençoou os sacerdotes e outros com o *vibhuti* que materializou e também espargiu água do Ganges naqueles à Sua volta.

Naquela noite, Baba reuniu os devotos que O acompanhariam até Badri e recordou o raro privilégio que haviam conquistado. “Vocês têm a boa sorte de seguir ao lado da Forma Manifesta até a Forma Imanifesta, enquanto, normalmente, as pessoas oram diante da Forma Imanifesta, imanente no ídolo, para que se manifeste diante de seus olhos, a fim de que recebam o fruto de sua disciplina espiritual”, declarou Ele. Nós tremíamos de alegria com a revelação que Ele fez, descrevendo em grandes detalhes o altar sagrado aonde nos levaria, como se conhecesse

<sup>233</sup> Festival em homenagem ao Santo Thyagaraja, famoso devoto de Rama e músico incomparável.

<sup>234</sup> Grupo lingüístico do Sul da Índia, aparentado ao Tamil e ao Kannada.

cada canto daquele santo local. Quando revelou que Narayana estava representado ali fazendo *tapomudra*<sup>235</sup>, como se estivesse praticando penitência, explicando que o local se chamava *Badarikasram*<sup>236</sup> por causa disso, comecei a ver a luz e a dúvida que me assaltou nas areias do Chitravathi três anos atrás, sobre Sathya Sai Baba fazer penitências, dissolverem-se em um lampejo de alegria. Baba também falou sobre os altares secundários que ficam dentro e em torno de Badrinath, mencionando certos aspectos desconhecidos de sua santidade. Por exemplo, nenhum guia turístico publicou a informação de que Sankaracharya trouxe cinco *lingans* de Kailasa e instalou cada um deles em Badri, Puri, Sringeri, Dvaraka e Chidambaram, mas Baba revelou esse fato naquela noite. Baba implantou em cada coração o ânimo do peregrino pela oração, irmandade e serviço amoroso.

De Haridwar a Badrinath, uma distância aproximada de 290 quilômetros, cada centímetro da estrada está saturado de penitência e oração, ascetismo e inspiração. Mito, lenda e história estão entrelaçados em cada narrativa local sobre santos e profetas, sacrifícios e práticas espirituais, renúncia e rigorosas provações. O peregrino se depara com lugares onde Shiva, Parvati, Rama e outros seres divinos praticaram penitências, onde Parasurama<sup>237</sup> realizou ritos expiatórios, onde Narasimha<sup>238</sup> aplacou Sua ferocidade, onde Arjuna conquistou Suas armas e Karna (irmão de Arjuna) adquiriu sua coragem, onde Narada obteve sua Vina<sup>239</sup>; lugares onde Kanva nutriu Sakunthala<sup>240</sup> e Narada recebeu o Ashtakshari<sup>241</sup>. É uma via estreita e tortuosa, cortada na face do rochedo, acima das trovejantes águas do Ganges ou do Alakananda, fluindo na ravina abaixo.

A comitiva acompanhou Baba com total fé e confiança, sem se importar com as calamidades que espreitavam cada curva da estrada, os desmoronamentos e quedas de barreiras que aconteciam, mas que não conseguiam atrasar seu progresso. Baba anunciou que as chuvas dariam uma trégua até que o grupo retornasse a Rishikesh, e as nuvens obedeceram. Ele desejou e o grupo retornou sem um arranhão ou picada em qualquer um dos integrantes!

A linha de carros, jipes e ônibus, serpenteou pelas curvas da estrada e alcançou Devaprayag, a confluência dos rios Bhagirathi e Alakananda, próximo do meio-dia. Um dos propósitos da visita que Baba planejara foi instilar nas mentes dos devotos e, através deles, a todos, a fé nas escrituras que falam da santidade de determinados locais. Ele sempre enfatiza Shastravisvasa e Devavisvasa, fé nas escrituras (Shastras) como algo tão importante como a fé em Deus. Assim, Ele mandou que todos dessem um mergulho nas águas sagradas antes de prosseguir para Srinagar, a antiga capital do Reino Garhwal. Ali, a comitiva parou para descansar por uma noite.

O povo de Srinagar que sabia da chegada de Baba reuniu-se aos milhares para Lhe dar boas-vindas e, à noite, organizou um programa de Danças Tibeitanas e *Pahadi* (estilo musical), representando a alegria simples dos corajosos habitantes das montanhas e das tribos. Baba os abençoou e deu a cada um a oportunidade única de Seu *darshan*.

No dia treze, os veículos se dirigiram para Joshimath, onde a rodovia termina. A comitiva teve de caminhar quase trinta quilômetros até Badrinath. Naquele dia, Baba parou em Nandaprayag, o famoso Kanvasram, orientando os devotos a tomar banho na confluência do rio Alakananda com o rio Nandakini. Joshimath é o local onde Sankaracharya escreveu seus famosos comentários sobre as Upanishads, a Bhagavad Gita e os Brahma Sutras. Também é o quartel-general de inverno da escola (*mutt*) que ele estabeleceu em Badrinath, a fim de contrapor as influências budistas que ameaçavam se infiltrar através da Passagem Mala, dos Himalaias, situada a apenas 11 quilômetros de Badri. Quem sabe se a própria viagem de Baba até Badri não está ligada à sinistra ameaça à *Sanathana Dharma*, que, agora, vem da mesma direção, pela mesma estrada<sup>242</sup>?

No dia quatorze de junho, bem cedo pela manhã, as mulas e cavalos estavam carregados com a bagagem, as padiolas<sup>243</sup> para os anciãos estavam contratadas e a comitiva partiu animada, seguindo Baba, que os conduziu pela sagrada rota. Trinta quilômetros... em trecho estreito e congestionado, de pedras e pedregulhos aplainados por milhões de pés piedosos, com subidas de tirar o fôlego e ladeiras vertiginosas, com pedras ameaçadoras prestes a cair, anunciadas com destaque por cartazes freqüentes pelo caminho! O encanto dos picos nevados sempre no horizonte, a alegria da refrescante corredeira do rio, sempre nos ouvidos! Extensas geleiras descendo temerárias pelos vales, chegando até o próprio Alakananda, com a neve cobrindo a passagem do peregrino. Também havia filas de peregrinos de toda parte, saudando-se na língua da irmandade, embora as palavras pudessem soar um pouco estranhas. Peregrinos resolutos, escalando a pé, os mais velhos e até os decrepitos apoiados unicamente em seus cajados, alguns sentados, patéticos e solitários nas padiolas carregadas por homens suados das montanhas, alguns

<sup>235</sup> “Gesto de penitência”. Trata-se de uma imagem de Vishnu sentado em meditação, uma rara representação dessa Divindade.

<sup>236</sup> “Ashram da Tamareira” e, também, *ashram de Badari ou Badri* – nome da cidade. É o retiro (*ashram*) onde está a citada imagem de Vishnu.

<sup>237</sup> Avatar menor de Vishnu, anterior a Rama.

<sup>238</sup> Avatar de Vishnu em forma híbrida de homem e leão.

<sup>239</sup> Narada: semideus, filho de Brahma e grande devoto de Narayana (Vishnu). Considerado o menestrel dos Deuses, seu instrumento musical era a *Vina* (instrumento de cordas parecido com a popular *Sitar*).

<sup>240</sup> Princesa, filha de um rei e de uma ninfa celestial, criada pelo sábio Kanva.

<sup>241</sup> Ashtakshari: *mantra* de oito sílabas *Om Namō Narayanaya*.

<sup>242</sup> Provável referência à possibilidade de invasão da Índia pela China, que expandia suas fronteiras com a anexação do Tibet.

<sup>243</sup> No original: *dandī*. Cama ou cesto preso a toras, onde o passageiro viaja carregado por quatro homens.

balançando impotentes, dentro dos cestos<sup>244</sup> atados às costas dos carregadores, outros montados em pôneis que trotam pela perigosa borda do precipício como se determinados a provocar desastres.

Baba caminhou a distância de 18 quilômetros até Lam Bagar no primeiro dia e parou para passar a noite lá. No dia quinze, a distância remanescente foi percorrida antes do meio-dia, apesar do grande esforço envolvido. Os devotos persuadiram Baba a montar um cavalo, mas, para grande desapontamento de todos, Ele desmontou logo e retomou a caminhada. Baba encorajava a todos durante a árdua trilha, observando seus sinais de exaustão. Mandava que alguns subissem nas padiolas, que outros montassem nos pôneis, que outros mais esfriassem um pouco seu entusiasmo excessivo e que alguns bebessem um pouco d'água e ainda, para certas pessoas, Ele até mesmo materializou o remédio infalível: *vibhuti!* E isso não ocorreu apenas com os membros de Seu grupo. Não! Longe disso. Havia muitas pessoas sentadas, exaustas, na beira da estrada, e Baba foi até elas, revigorando-as com Seu doce olhar, Suas palavras e Seu *vibhuti*.

Uma imagem ficará sempre viva em minha memória. Um quilômetro e meio antes de Lam Bagar, Baba estava sentado sobre uma pedra com os devotos em torno Dele escutando alguma história dos Puranas, com a qual Ele nos revigorava para a subida à frente. Peregrinos caminhavam ao longo da estrada adiante, alguns deles muito envolvidos em suas próprias dores para reconhecer o Senhor, ao alcance de suas vistas. No entanto, uma mulher se aproximou, viu e foi conquistada. Ela se virou e caiu aos Pés Sagrados. Tinha o sexto sentido para reconhecer que aqueles Pés eram santos. Era uma alma intrépida e descobrira que Baba estava a caminho de Badrinath. Assim, apesar da exaustão a que havia sido reduzida pela longa trilha, ela implorou para ser aceita na comitiva de Baba! E o que você acha que Baba respondeu? “Você teve seu *darshan* aqui. Eu aguardava por você para lhe dar *darshan*; o que mais espera obter, vindo junto comigo? Vá! Seja feliz. Leve esta *prasada* com você”. Na verdade, ninguém pode se aproximar Dele sem Sua Graça, sem Sua Vontade.

Os dias quinze e dezesseis de junho foram relativamente calmos. Baba permitiu que os devotos realizassem os *pujas* que preferissem, no templo de Badrinath, enquanto Ele mesmo esteve ocupado em entrevistas com as muitas autoridades, civis e militares, e com membros do *Comitê do Templo*<sup>245</sup>, que ouviram falar de Sua Divindade e vieram para receber *darshan*. Na noite do dia dezessete, Baba participou do *arathi* no Templo. Dali, Ele foi para o Hospital de Badrinath, onde inaugurou uma unidade de raios X recém-instalada. O *Avatar* do Senhor, cujos olhos de raios X penetram até os mais escuros recessos de nossos corações, de quem nada pode ser ocultado, pressionou um botão para tirar a primeira radiografia (do interior do corpo do médico encarregado, que insistiu em ser o primeiro paciente).

O dia dezessete foi, na verdade, o melhor de todos, aquele selecionado por Baba para reforçar a eficácia espiritual, para recarregar a bateria desgastada. Durante o banho cerimonial da manhã<sup>246</sup>, no altar, Baba, que se sentava diante do ídolo, materializou outro belo ídolo de Narayana com quatro braços, portando a Concha, o Disco, a Clava e a Flor de Lótus, ou *sankha, chakra, gada e padma* - símbolos dos Poderes Divinos. Era um trabalho artístico de suprema qualidade, talvez sublimando, naquela forma, a Glória ou o Poder (*tejas* ou *shakti*) de Narayana, diante Dele. Então, em um piscar de olhos, Ele criou um Lótus de Ouro, com mil pétalas, adorável, inimaginável. Todos nós nos perguntamos porque o Lótus aparecera, mas, antes que pudéssemos expressar nosso espanto em um suspiro, Baba ondulou Sua mão novamente. Dessa vez, havia um *lingam* em Sua palma, evidentemente o mesmo que Sankaracharya havia instalado dentro do Altar de Badri. Esse último, Ele colocou no centro do Lótus e, com ambos, Lótus e Ídolo colocados sobre uma bandeja de prata, Baba saiu em direção à *dharmasala*, abrigo, onde todos nós estávamos hospedados.

Ali, Baba ordenou que fossem cantados *bhajans* e, enquanto se cantavam louvores a Narayana, Ele se levantou do chão, dizendo: “Agora, vamos consagrar novamente este *lingam*”. Mostrou o *lingam* a todos, aproximando o objeto de cada pessoa e indicando o aspecto translúcido do material e a forma de um Olho que estavam misteriosamente incorporadas em seu interior! Ele o chamou de *Nethralingam* (*lingam* do olho) de *Kailasa*. Materializando um jarro de prata cheio de água sagrada (do própria *Gangothri*<sup>247</sup>, como Ele anunciou), Baba em pessoa realizou o *abhisheka* do Ídolo, com os devotos recitando o *Sri Rudram*, o *Narayana Suktham* e o *Purusha Suktham*<sup>248</sup> todo o tempo.

Depois do banho cerimonial, o *puja*. Baba materializou para o *puja* 108 folhas de bilva feitas de ouro. Elas caíram de Sua Divina Mão em uma chuva cintilante sobre a bandeja de prata! Novamente, a Mão se moveu! Desta vez, a chuva consistiu em um punhado de flores *thumme*, com orvalho ainda fresco sobre elas, tufo perfumados em pedacinhos, colhidos com cuidado de uma centena de pequenas plantas tropicais! O *puja* foi executado, em nome de todos os presentes, pelo Dr. B. Ramakrishna Rao, com os *mantras* apropriados sendo recitados pelos devotos. O *Nethralingam* foi devolvido ao nicho secreto onde havia sido instalado por Sankaracharya há 1200 anos, como Baba nos explicou, quando o objeto subitamente desapareceu. Com o encerramento do ritual acima descrito, o propósito para o qual havia sido retirado foi cumprido. O *lingam* foi carregado com imenso poder e o Templo novamente consagrado pela Forma Manifesta em Pessoa. Na realização da Sua Missão de Restauração da Virtude,

<sup>244</sup> No original, *kandi* – cestos de vime geralmente feitos para carregar crianças; por necessidade de sobrevivência, muitos carregadores levam adultos. A viagem de 30 km num *kandi* custa cerca de 250 rúpias, ou aproximadamente 12 Reais! (ao câmbio de 2007).

<sup>245</sup> *Temple Committee*: um órgão local de controle dos templos, responsável por manter os padrões rituais e comportamentais, coibir abusos, etc.

<sup>246</sup> Lavagem do ídolo.

<sup>247</sup> Geleira de onde se origina o Rio Ganges (também denominada *Gangothri*).

<sup>248</sup> Coletâneas de *mantras* recitados em seqüência.

*dharmasthapana* - restabelecimento do dharma, da qual a promoção da fé nos Sastras é um item importante, Baba mandou que cada membro de Sua comitiva fizesse oferendas aos mortos, ao meio dia, em Brahmakapal.

Baba sempre insiste na necessidade de nos lembrarmos com gratidão de nossos pais, que são os responsáveis pela própria existência de cada um, por todas as oportunidades que o indivíduo obteve de lutar pela sua elevação e salvação, por toda essa alegria de praticar uma *disciplina espiritual* e estar *reunido com boas pessoas (sadhana e satsang)*. “Embora as almas dos que partiram possam não estar realmente nos *lokas*, mundos ou espera espiritual, que vocês imaginam, ou esperando ansiosamente as oferendas que fazem, é seu dever reverenciá-los, lembrando-se deles sempre que vocês estiverem felizes ou em um estado de espírito elevado, oferecendo-lhes uma reverente homenagem”, Baba afirma com frequência. Assim, quando os devotos chegaram a Brahmakapal, o local sagrado onde a oferenda de *alimento* feita a *Badri Narayana*<sup>249</sup> é ofertada às almas dos antepassados, Baba caminhava de um lado para o outro, abençoando cada um, enquanto a cerimônia era realizada!

Havia pessoas na comitiva que, conforme as estritas regras dos Shastras, eram impedidas, por serem deficientes físicas, de apresentar oferendas aos mortos, e Baba, muito graciosamente, as reuniu e levou até o rio Alakananda para um ritual que Ele organizou para elas. Ele colheu um copo d'água da forte correnteza, mas a Divina Alquimia daquela Mão produziu, dentro do copo, assim que saiu do rio, um grande cubo de *vibhuti*, com o símbolo místico do OM entalhado em uma das faces. Baba bateu no lado do copo e, oh!, apareceram, flutuando na água, vários grãos de sésamo, uma semente considerada essencial em todas as cerimônias para as almas dos desencarnados. Ele convocou individualmente os deficientes, derramou, Ele mesmo, a água do Alakananda na palma de cada um e pediu que a pessoa a oferecesse aos antepassados, lembrando-se deles com respeito e gratidão.

O Comitê do Templo de Badrinath ofereceu boas-vindas a Baba em um encontro especial nas dependências do Templo, naquela noite. Sua excelência, o Dr. B. Ramakrishna Rao, presidiu e traduziu para o hindi o discurso de Baba. A audiência de três mil pessoas consistia principalmente em peregrinos, juntamente com os comerciantes e cidadãos de Badrinath. Baba lhes falou sobre os cinco *lingans* trazidos por Sankaracharya e sobre a santidade da própria cidade de Badri. Ele disse que o Senhor é a Encarnação do Amor e só pode ser reconhecido por intermédio do cultivo do Amor. Assim como todas as partes de um bonequinho de açúcar são uniformemente doces, todos aqueles que, de acordo com os Vedas, se originaram da “face, braços, coxa e pés do *Purusha* de mil faces<sup>250</sup>”, são igualmente saturados com Sua Presença e com o Amor que é a Sua Natureza. Baba descreveu os esforços e as dificuldades dos peregrinos, os gastos e a exaustão da peregrinação, pedindo aos cidadãos de Badrinath que aprendessem, observando o fluxo contínuo de homens e mulheres, um pouco da fé em Badri Narayana, que os estimula a realizar todos aqueles sacrifícios. Ele pediu que, em lugar de serem espoliados ou forçados a comprar coisas, os peregrinos fossem tratados com mais fraternidade e gentileza.

À noite, Baba providenciou para que os mendigos em torno do Templo fossem alimentados, em uma escala realmente generosa. A cena nos lembrava as refeições servidas durante o Dasara em Prasanthi Nilayam, pois o próprio Baba serviu doces a cada uma das pessoas agachadas às margens da rua, distribuindo a cada uma, depois da refeição, um cobertor ou o seu equivalente em dinheiro, pois o estoque de cobertores das lojas de Badrinath se esgotou rapidamente.

Assim, Baba se tornou, no curto espaço de três dias, o colírio dos olhos de todos e, quando partiu na manhã do dia dezoito, as pessoas O lembraram da promessa que Ele fez na noite anterior, de que visitaria o local frequentemente nos anos vindouros, e acompanharam Baba e à Sua comitiva, por uma longa distância, pela estrada até Hanuman Chatti<sup>251</sup>. Baba chegou a Joshi Math no dia dezanove e retornou de carro a Haridwar no dia vinte e um, visitando o Andhra Ashram em Rishikesh, no caminho.

Deve-se mencionar aqui que a comitiva de quase uma centena de devotos, muitos idosos e com pouco vigor físico, conseguiu suportar todo aquele chacoalhar nos ônibus, todos os tropeços e escaladas entre as alturas dos Himalaias, passando por climas estranhos, comendo comida à qual não estavam habituados, e todos regressaram saudáveis e contentes, como de costume, e mais dispostos do que quando partiram – tudo isso somente pela sempre presente e toda-poderosa Graça de Baba.

Saindo de Haridwar, Baba foi a Nainital, onde muitas pessoas aguardavam Sua chegada. Ele lhes ofereceu coragem, consolo e orientação espiritual durante as entrevistas que concedeu. Ele também visitou a *Githa Satsang*, estabelecida por Swami Vidyanandaji. Em uma acolhida a Ele, fizeram um Discurso em Sua homenagem, em hindi. Baba falou aos aspirantes espirituais de Nainital sobre o valor da concentração, citando o verso do décimo oitavo capítulo da Gita, em que Krishna pergunta a Arjuna: “Ouviste tudo isto, ó Partha, com atenção concentrada?” (Bhagavad Gita, Capítulo 18, Verso 72). Partindo desse verso, Ele concluiu que a Gita, no seu tempo como agora, tem o propósito de remover o apego e a ilusão nascidos da ignorância, *moha* e *ajñana sammoha*, que fazem o

<sup>249</sup> O Senhor (Narayana) das Colinas das Tamareiras (Badri). O alimento em questão é denominado *bhog* no original: o termo significa agrado, prazer, que é o que o praticante deseja proporcionar a Deus ou aos antepassados ao lhes ofertar comida. No contexto, o autor refere-se a Baba como o próprio Narayana.

<sup>250</sup> Referência ao Mito Védico da Criação – as partes do corpo de Deus citadas são, respectivamente, a origem (divina) das quatro castas ou *varnas*: *brâmanes* (sacerdotes, sábios, professores), *khsatrias* (governantes, nobres, guerreiros), *vaisyas* (comerciantes, artesãos, latifundiários) e *sudras* (trabalhadores) que, em conjunto, formam a harmonia da sociedade védica, com cada casta complementando as demais, com seu próprio código de conduta, no qual as mais elevadas têm mais obrigações que as menos elevadas.

<sup>251</sup> Um povoado que serve de pousada noturna para os peregrinos.

homem confundir o irreal com o real, o falso com o verdadeiro, o transitório com o permanente, a fonte do sofrimento com a fonte da felicidade.

Retornando a Prasanthi Nilayam no dia quatro de julho, Baba pessoalmente descreveu para os devotos o ritual realizado em Badri, bem como os incidentes da viagem. Ele lhes deu também as águas sagradas de Gangothri, que materializou para o benefício daquelas pessoas, uma segunda vez, em Puttaparthi. Ele quer que aqueles que peregrinam a locais sagrados demonstrem, em sua conduta diária, que a santidade invadiu seus corações e transformou suas palavras em atos. “Sankaracharya”, disse Ele, “instalou Narayana em Badri. Cada um de vocês deve, agora, instalar Narayana em seus corações”.

Enquanto estava em Badri, Baba escreveu uma carta aos devotos que estavam em Prasanthi Nilayam: “Recordem-se sempre do Senhor. Recitem Seu Nome, escrevendo-O, pronunciando-O ou meditando Nele, girando as contas de um rosário, ou ainda adorando um ídolo ou imagem com o Seu Nome. Essa constante intimidade com o Nome de Deus é, por si mesma, ‘todos os lugares sagrados’, ‘todas as águas sagradas’, ‘todos os templos famosos’. Quando a mente é sublimada desta maneira, toda a glória de Badri resplandece nela. A peregrinação a Badri é uma perda de tempo e energia se a mente não estiver adequadamente dominada. Portanto, não se preocupem por estarem aí e outras pessoas estarem aqui. Narayana está ao seu lado, em sua companhia. Por que, então, iludirem a si mesmos com a procura do Narayana não visto? Sejam firmes, cheios de entusiasmo, sempre contentes”. Na verdade, Puttaparthi é a própria Badrinath para aqueles que têm olhos para ver e sabedoria para reconhecer.

Vamos, portanto, instalar Deus em nossos corações. Ou melhor, reconhecer que Ele já está lá, dirigindo, segundo Seu Plano, cada pensamento, palavra e ato. E, com a total consciência de nossa boa sorte, vamos permanecer repletos de sereno contentamento.

## PARA VOCÊ E PARA MIM

E assim chegamos às últimas páginas deste livro, querido leitor, juntos, você e eu. Espero que você tenha ficado mais interessado na peregrinação até o trono de Deus, que todos nós, forçosamente, devemos empreender. Baba viveu na forma humana, até este momento, somente trinta e cinco anos, e Ele já nos assegurou que permanecerá nela por mais sessenta anos, ainda. Durante o Dasara de 1961, Ele disse que apenas começou o trabalho para o qual veio. Por isso, os capítulos subseqüentes da vida de Bhagavan Sri Sathya Sai Baba têm tudo para ser ainda mais inspiradores. Que números cada vez maiores de irmãos e irmãs se reúnam para obter essa inspiração e praticar esses ensinamentos.

A Era de Ouro da Redenção Humana está aqui. O esplendor de seu alvorecer já preencheu as nuvens do horizonte oriental com uma glória dourada. A humanidade acorda. O Sol circundará todo o mundo. “Eu vim”, diz Baba, “porque os homens bons do mundo, os santos, os sábios, os renunciantes e os aspirantes espirituais, os gurus e os devotos ansiaram por Mim”. Alegrem-se, portanto, os puros e os corretos!

Os perversos e os falsos, os covardes e cruéis também podem se alegrar, pois Ele, em Sua Misericórdia, cuidará para que retornem ao caminho sagrado. Baba disse um dia: “Se Eu fechar a porta na cara do pecador, do decaído, do renegado, para onde mais poderão ir?”

Você e eu não temos mais desculpas para nos contentar somente com mapas e manuais, consultas a casos de inválidos famosos que se curaram, devorando volumes literários que confundem o cérebro. Ele chegou: o Todo-Poderoso, o Mestre, o Médico Divino<sup>252</sup>, todos em Um só, tão amoroso quanto a Mãe, tão poderoso quanto o Pai, tão sábio quanto o Guru, tão Onisciente quanto Deus.

E o que Ele quer de nós? Que comecemos neste mesmo instante a disciplina necessária à Boa Vida. A prática espiritual que sublimará os impulsos e os instintos.

Que oferenda devemos levar ao nos aproximarmos Dele? Nem sequer a Folha, a Flor, a Fruta ou a Água - *pathram*, *pushpam*, *phalam* e *thoyam*, que constituem as oferendas mínimas que se faz a uma Deidade, em um ritual, segundo a tradição Védica., até então prescritas como o mínimo. Não! Ofereçam-Lhe Verdade, Retidão, Paz e Amor ou, pelo menos, o esforço para alcançar esses quatro ideais ou qualquer um deles. Sinceridade no esforço para melhorar a si mesmo é o suficiente. “Ofereçam-Me a folha do corpo, a flor da mente, perfumada de humildade, o fruto do coração, amadurecido na austeridade e adocicado com o sabor da compaixão, da caridade e do controle dos sentidos e, finalmente, a água das lágrimas que brotam da bem-aventurança. Isso basta”, diz Baba.

Que Ele, a Fonte, o Rio e o Mar, o Todo-penetrante, Todo-inclusivo, Todo-vivificante *SATHYAM*, *SIVAM*, *SUNDARAM* conceda a todos nós a força e a constância para a jornada que leva até Ele.

## AGRADECIMENTO

O autor deseja oferecer seus respeitosos agradecimentos aos membros da família Ratnakaram Raju, de Puttaparthi, especialmente a Sri Pedda Venkapa Raju e Sri Seshama Raju, por lhe revelarem muitos detalhes significativos dos primeiros anos de Baba. Ele também tem uma grande dívida para com os professores das escolas de Bukkapatnam e Uravakonda e para com os devotos de Kamalapuram e grande parte dos devotos de Bangalore, Madras e outros locais que prontamente responderam aos seus pedidos de informação.

---

<sup>252</sup> No original, o autor citou, respectivamente: Dattatreya, Dakshinamurthi e Dhanvantari, que são personificações de Deus, substituídas, na tradução para o português, por seus atributos principais.